

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Gabriela da Silva Pires

**ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO  
CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA SIMPLES “*PARA X, Y*”  
E CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA  
ENFÁTICA “*ATÉ QUE PARA X, Y*”**

Juiz de Fora  
2016

Gabriela da Silva Pires

**ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO  
CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA SIMPLES “PARA X, Y”  
E CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA  
ENFÁTICA “ATÉ QUE PARA X, Y”**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Juiz de Fora  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pires, Gabriela da Silva.

Abordagem semântico-pragmática da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples “PARA X, Y” e Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática “ATÉ QUE PARA X, Y” / Gabriela da Silva Pires. -- 2016.  
277 f. : il.

Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

1. Gramática das Construções. 2. Semântica de Frames. 3. Espaços Mentais. 4. Concessividade. 5. Comparação. I. Rocha, Luiz Fernando Matos, orient. II. Título.

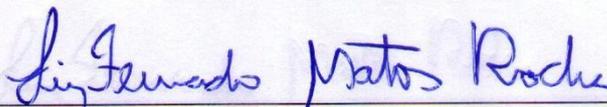
Gabriela da Silva Pires

**ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO  
CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA SIMPLES “PARA X, Y”  
E CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA  
ENFÁTICA “ATÉ QUE PARA X, Y”**

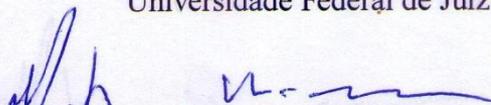
Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Aprovada em: 20/06/2016

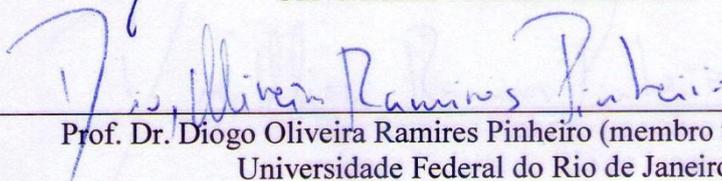
BANCA EXAMINADORA



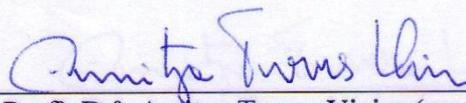
Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha (orientador e presidente da banca)  
Universidade Federal de Juiz de Fora



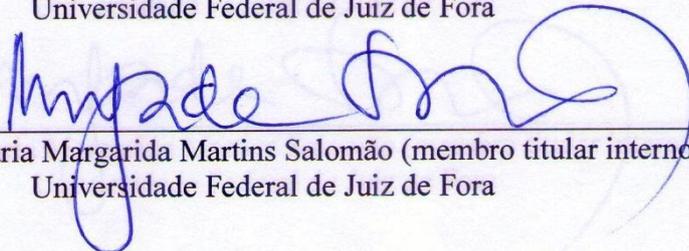
Prof.ª Dr.ª Mariangela Rios de Oliveira (membro titular externo)  
Universidade Federal Fluminense



Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro (membro titular externo)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.ª Dr.ª Amitza Torres Vieira (membro titular interno)  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof.ª Dr.ª Maria Margarida Martins Salomão (membro titular interno)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

*À minha mãe, Lourdes.  
Sempre.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus – força criadora de amor e justiça, que, por suas linhas certas, tem me permitido encontros e reencontros enriquecedores – agradeço pela presença constante.*

*Ao meu orientador, Luiz Fernando, agradeço por me acolher de braços abertos (literalmente) na empreitada de tentar conhecer um pouco mais esse objeto que me perseguia havia tempos. Aprendi lições que vão muito (mas muito mesmo) além da vida acadêmica. Obrigada por cada reunião, cada conselho, cada oportunidade dada, e obrigada pela amizade que, tenho certeza, se firmou nesses anos de orientação.*

*À minha mãe, a quem dedico carinhosamente esta tese, agradeço por todo o amparo, que só poderia vir de um amor tão visceral e incondicional como o seu. Agradeço por ter vindo das terras lusitanas para as juiz-foranas, só para abraçar seu “fiote” e ajudá-lo a concretizar este sonho – impossível sem sua presença. E ao meu padrasto Carlos, por topar esse desafio de se juntar a nós. Seu companheirismo com minha mãe tem sido fundamental para que ela seja o meu porto seguro.*

*Às minhas mães-pelo-corção, Tia Tê e mãe Ida, essenciais na minha formação pessoal, minha eterna gratidão por todo o amor e ensinamentos recebidos. Minhas grandes torcedoras continuam na torcida em outro plano, mas se mantêm tão presentes quanto antes no meu coração.*

*À Wanessa, com quem quero construir e concretizar muitos projetos, obrigada pela parceria e companheirismo, compreensão e carinho. Você, seja de perto, de longe, de perto de novo, está e esteve presente em cada passo, tornando tudo mais doce.*

*À Patrícia, amiga querida com quem tenho a oportunidade de dividir histórias e com quem sempre aprendo, obrigada por construir comigo, desde 2008, o melhor grupo de JF.*

*Às amigas Aline Dornelas e Julia Gonçalves, agradeço pelo companheirismo nesta caminhada e pelas inúmeras conversas inspiradoras.*

*Aos sempre-amigos-irmãos: Fabiano, Luciene e Tiago, obrigada pelo carinho sincero, pelas vibrações sempre positivas, pelos abraços, risadas e amparo, em todas as horas.*

*À minha família (que não se limita aos laços consanguíneos), pela torcida sincera e por todos os abraços apertados que me fortaleceram.*

*Aos professores do PPG – Linguística da UFJF, pelos valiosos e constantes ensinamentos, desde minha acolhida em 2008; e à secretária Rosângela, pela atenção e auxílio.*

*À UFJF, pelo auxílio financeiro por meio da bolsa Monitoria.*

*Aos professores da banca, por aceitarem o convite à leitura da tese, e pelas contribuições imprescindíveis ao aprimoramento deste trabalho.*

*Enfim, agradeço a todas as mãos generosas que, direta ou indiretamente, me auxiliaram para que este sonho se concretizasse!*

## RESUMO

Enunciados como (1) “*até que para um carro 1.0 ele anda bem na estrada*” e (2) “*PRA QUEM JÁ MORDEU UM CACHORRO POR COMIDA, ATÉ QUE EU CHEGUEI LONGE*” têm nos chamado a atenção pelo fato de expressarem um tipo de concessividade (frustração de expectativas) ao passo que um elemento é colocado em evidência em comparação ao *frame* ao qual é vinculado. Ancorados nos pressupostos da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE; LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002) e igualmente norteados pelas abordagens sobre concessividade (KÖNIG & SIEMUND, 2000) e comparação linguística (HASEGAWA et al, 2010), buscamos legitimar esses tipos de ocorrências como instâncias do que chamamos de **Construção Concessivo-comparativa Anteposta Enfática (CCCAE)**, em (1), esquematizada por “ATÉ QUE PARA X, Y”; e **Construção Concessivo-comparativa Anteposta Simples (CCCAS)**, em (2), esquematizada por “PARA X, Y”. Nesses esquemas, “X” é marcado como um Sintagma Nominal preferencialmente Indefinido, que gera certas expectativas sobre *frames*; e “Y” contém um comentário avaliativo contrário às expectativas. Nesse sentido, contribuem para a pesquisa os estudos sobre Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982) e estudos complementares sobre Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005). Seguindo uma metodologia empírica, constituímos um banco de dados, por meio de busca em três domínios da internet: “*abril.com.br*”, “*blogspot.com.br*” e “*br.answers.yahoo.com*”, com as seguintes expressões de busca: “(até que) para/prá alguém”; “(até que) para/prá quem”; “(até que) para/prá um”; “(até que) para/prá uma”. Ao final, obtivemos 19 ocorrências válidas em CCCAS e 385 ocorrências válidas em CCCAE. A partir das análises dos dados, podemos considerar alguns aspectos das construções. Foi verificado que, quando configuradas com correferencialidade (direta ou indireta) entre X e o elemento comentado em Y, essas construções atuam tipicamente para estabelecer uma relação concessivo-comparativa entre a expectativa gerada a partir de X e a quebra de expectativa feita no comentário em Y, sobre um elemento que atua como membro menos prototípico da categoria acionada pelo *frame* evocado em X. Quanto à CCCAE, os *frames* mais evocados nos comentários feitos em Y – *Desirability*, *Success\_or\_failure* e *Aesthetics* – são esquemas conceptuais ligados à avaliação, o que é um forte indício de que esta construção tenha caráter avaliativo. Como recurso avaliativo, a CCCAE é mais comumente usada para apreciar a qualidade de produtos e julgar comportamento humano em relação à capacidade. Tanto CCCAE como CCCAS parecem promover um processo de mesclagem conceptual, que relaciona escalas entre os espaços mentais e promove o surgimento de categoria *ad hoc*, em que a avaliação feita é relativizada a um grupo de expectativas; podendo variar entre o elogio e a crítica. Assim, essas construções, ao promoverem um tipo de crítica velada, mostram-se fortes recursos argumentativos e avaliativos da língua.

**Palavras-chave:** Gramática das Construções. Semântica de *Frames*. Espaços Mentais. Avaliatividade. Concessividade. Comparação.

## ABSTRACT

Utterances as (1) “*até que para um carro 1.0 ele anda bem na estrada*” and (2) “*PRA QUEM JÁ MORDEU UM CACHORRO POR COMIDA, ATÉ QUE EU CHEGUEI LONGE*” call our attention to the fact that they express a kind of concessivity (frustration of expectations) whilst an element is put in evidence as compared to the frame to which it is bound. Based on the assumptions of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE; -LEE GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), Mental Space theory (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002), and also approaches to concessivity (KÖNIG & SIEMUND, 2000) and linguistic comparison (HASEGAWA et al, 2010), we aim to legitimize these kinds of occurrences as instances of Emphatic Prefixed Concessive-comparative Construction (henceforth CCCAE), in (1), schematized by “ATÉ QUE PARA X, Y”; and Simple Prefixed Concessive-comparative Construction (henceforth CCCAS), in (2), schematized by “PARA X, Y”. In these schemes, “X” is marked as a Noun Phrase preferably Indefinite, which creates certain expectations of frames; and “Y” contains an evaluative comment contrary to expectations. In this sense, studies on Frame Semantics (FILLMORE, 1982) and further studies on Appraisal (MARTIN & WHITE, 2005) contribute to the research. Following an empirical methodology, we set up a database by searching in three areas of the Internet: “*abril.com.br*”, “*blogspot.com.br*” and “*br.answers.yahoo.com*” with the following search expressions: “(até que) para/prá alguém”; “(até que) para/prá quem”; “(até que) para/prá um”; “(até que) para/prá uma”. At the end, we obtained 19 valid occurrences of CCCAS and 385 valid occurrences of CCCAE. From the data analysis, we can consider some aspects of the constructions. When there is coreferentiality (directly or indirectly) between X and the element mentioned in Y, these constructions typically act to establish a concessive-comparative relationship between the expectation generated from X and the break of expectations in the comment in Y, which is about an element that acts as a less prototypical member of the category driven by the evoked frame in X. As for CCCAE, the three most mentioned frames in Y – Desirability, Success\_or\_failure and Aesthetics – are conceptual schemes linked to the evaluation, which is a strong indication that this construction has an evaluative character. As an evaluative resource, CCCAE is most commonly used to assess the quality of products and judge human behavior in relation to capacity. Both CCCAE and CCCAS seem to promote a conceptual blending process, which relates scales between mental spaces and promotes the emergence of *ad hoc* category, in which the evaluation is relativized to a group of expectations; ranging between praise and criticism. As these constructions promote a kind of veiled criticism, they act as powerful argumentative and evaluative linguistic resources.

**Keywords:** Construction Grammar. Frame Semantics. Mental Spaces. Appraisal. Concessivity. Comparison.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Estrutura simbólica de uma construção (CROFT & CRUSE, 2004, p. 258) .....	26
<b>Figura 2</b>	Diagrama da Base, Foco e Ponto de Vista .....	51
<b>Figura 3</b>	Diagrama da Mesclagem .....	58
<b>Figura 4</b>	Proposta de Verhagen (2000) para configuração de espaços mentais na sentença concessiva “ <i>João não passou nos exames embora tenha estudado muito</i> ” .....	76
<b>Figura 5</b>	Ilustração de uma escala argumentativa (VOGT, 1977, p. 95) .....	102
<b>Figura 6</b>	Julgamento e Apreciação como Afeto institucionalizado (MARTIN & WHITE, 2005, p. 45) .....	106
<b>Figura 7</b>	Exemplo da Busca Avançada do Google .....	128
<b>Figura 8</b>	Resultado de busca de “para alguém” no domínio “abril.com.br” .....	129
<b>Figura 9</b>	Demonstrativo do processo de classificação de sentenças no Excel .....	132
<b>Figura 10</b>	Resultado da classificação de sentenças no Excel .....	133
<b>Figura 11</b>	Propaganda japonesa .....	162
<b>Figura 12</b>	Concessivo-comparativa. <i>Fernando escreve bem, apesar de ser um palhaço</i> .....	167
<b>Figura 13</b>	Opinião. <i>Na opinião de um palhaço, Fernando escreve bem</i> .....	167
<b>Figura 14</b>	Direcional. <i>Fernando escreve para um palhaço ler</i> .....	168
<b>Figura 15</b>	Diagrama da rede construcional concessivo-comparativa .....	185
<b>Figura 16</b>	Brinco em formato de planta carnívora .....	198
<b>Figura 17</b>	Título de postagem com a contraparte “PARA X” .....	199
<b>Figura 18</b>	Estrutura radial de centralidade da CCCAE .....	202
<b>Figura 19</b>	<i>Mismatch</i> na contraparte (ATÉ QUE) PARA X .....	215
<b>Figura 20</b>	Gradação dos sentidos da contraexpectativa .....	247
<b>Figura 21</b>	Diagrama de “ <i>até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva</i> ” .....	249

<b>Figura 22</b>	Diagrama da relativização do comentário em Y .....	250
<b>Figura 23</b>	Mesclagem em “ <i>pra alguém que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro</i> ” .....	253
<b>Figura 24</b>	Mesclagem em “ <i>Até que para um cineasta de terceiro-mundo o filme não está nada mau</i> ” .....	255
<b>Figura 25</b>	Relativização da nota “6” .....	257

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Distribuição dos grupos no Bloco PARA X (CCCAS) .....	140
<b>Gráfico 2</b>	Distribuição dos grupos no Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE) .....	146
<b>Gráfico 3</b>	Distribuição dos domínios - Bloco PARA X (CCCAS) .....	148
<b>Gráfico 4</b>	Distribuição por Revista no domínio Abril- Bloco PARA X (CCCAS) .....	148
<b>Gráfico 5</b>	Distribuição por tipo no domínio Blog – Bloco PARA X (CCCAS) .....	149
<b>Gráfico 6</b>	Distribuição por categoria no domínio YR – Bloco PARA X (CCCAS) .....	149
<b>Gráfico 7</b>	Distribuição dos domínios- Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE) .....	150
<b>Gráfico 8</b>	Distribuição por Revista no domínio Abril – Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE) .....	151
<b>Gráfico 9</b>	Distribuição por tipo no domínio Blog – Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE) .....	152
<b>Gráfico 10</b>	Distribuição por categoria no domínio YR – Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE) .....	153
<b>Gráfico 11</b>	Distribuição de autoria- Bloco PARA X (CCCAS).....	154
<b>Gráfico 12</b>	Distribuição de autoria- Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE) .....	155
<b>Gráfico 13</b>	Distribuição (simplificada) dos <i>frames</i> na CCCAS .....	210
<b>Gráfico 14</b>	Distribuição (simplificada) dos <i>frames</i> na CCCAE .....	213
<b>Gráfico 15</b>	Direcionamento da avaliação na CCCAE .....	236

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Expressões de busca .....	22
<b>Quadro 2</b>	Adaptação do esquema construcional proposto por Goldberg (1995) .....	29
<b>Quadro 3</b>	Descrição informal da construção Proporcional .....	35
<b>Quadro 4</b>	Representação da Construção de Modificação de Grau .....	36
<b>Quadro 5</b>	Representação da Construção de Realização do Qualificador de Grau .....	37
<b>Quadro 6</b>	Definição do <i>frame</i> Evaluative_comparison (Comparação avaliativa) ....	43-44
<b>Quadro 7</b>	Subtipos de Julgamento, adaptado de Martin & White (2005, p. 53) .....	108
<b>Quadro 8</b>	Subsistema de Engajamento, adaptado de Martin & White (2005, p. 134) .....	113
<b>Quadro 9</b>	Relação das ocorrências por <i>corpus</i> – Primeiro grupo de dados .....	121
<b>Quadro 10</b>	Relação das ocorrências PARA X/ Y por <i>corpus</i> – Primeiro grupo de dados ...	121
<b>Quadro 11</b>	Expressões de busca dos dois blocos .....	128
<b>Quadro 12</b>	Sentidos para classificação das ocorrências .....	131
<b>Quadro 13</b>	Formação das expressões “(ATÉ QUE) PARA X” .....	160
<b>Quadro 14</b>	Possibilidades de realização da Oração .....	164
<b>Quadro 15</b>	Relação forma e função em “(ATÉ QUE) PARA X, Y” .....	166
<b>Quadro 16</b>	Situações que corroboram ou contrariam expectativas .....	171
<b>Quadro 17</b>	Relação quantitativa e qualitativa de ocorrências nos subtipos .....	188- 189
<b>Quadro 18</b>	Cinco tipos de nível de correferencialidade entre X e Y .....	193
<b>Quadro 19</b>	Porcentagem de configurações centrais nos subtipos das construções .....	201
<b>Quadro 20</b>	<i>Frames</i> (acionados por léxico simples) e expectativas geradas .....	204
<b>Quadro 21</b>	<i>Frames</i> (acionados por SN complexo) e expectativas geradas .....	206
<b>Quadro 22</b>	<i>Frames</i> mais frequentes em X, separados por subtipos da CCCAE .....	207
<b>Quadro 23</b>	Representação da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples... .....	219

<b>Quadro 24</b>	Representação da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática .....	220
<b>Quadro 25</b>	Os três principais alvos da avaliação – Subtipos CCCAE-ALGUÉM e CCCAE-QUEM .....	236
<b>Quadro 26</b>	Os três principais alvos da avaliação – Subtipos CCCAE-UM e CCCAE-UMA .....	237

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Abreviações das categorias atitudinais (MARTIN & WHITE, 2005, p. 71)..111
<b>Tabela 2</b>	Exemplificação da descrição atitudinal ..... 111
<b>Tabela 3</b>	Resultados totais de busca do Bloco PARA X ..... 130
<b>Tabela 4</b>	Resultados totais de busca do Bloco ATÉ QUE PARA X ..... 130
<b>Tabela 5</b>	Resultado final da busca no bloco PARA X ..... 133
<b>Tabela 6</b>	Resultado final da busca no bloco ATÉ QUE PARA X ..... 135
<b>Tabela 7</b>	Relatório de tratamento do grupo PARA ALGUÉM ..... 136
<b>Tabela 8</b>	Relatório de tratamento do grupo PARA QUEM ..... 137
<b>Tabela 9</b>	Relatório de tratamento do grupo PARA UM ..... 138
<b>Tabela 10</b>	Relatório de tratamento do grupo PARA UMA ..... 139
<b>Tabela 11</b>	Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA ALGUÉM ..... 141
<b>Tabela 12</b>	Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA QUEM ..... 142
<b>Tabela 13</b>	Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA UM ..... 143
<b>Tabela 14</b>	Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA UMA ..... 144
<b>Tabela 15</b>	Quantidade total de palavras – Banco de dados do Bloco PARA X ..... 148
<b>Tabela 16</b>	Quantidade total de palavras - Banco de dados do Bloco ATÉ QUE PARA X ....150
<b>Tabela 17</b>	Configurações de correferencialidade em CCCAS ..... 201
<b>Tabela 18</b>	Configurações de correferencialidade em CCCAE ..... 201
<b>Tabela 19</b>	<i>Frames</i> acionados nos comentários em Y – CCCAS ..... 208-209
<b>Tabela 20</b>	<i>Frames</i> acionados nos comentários em Y – CCCAE ..... 210
<b>Tabela 21</b>	Quantificação de ocorrências com adjetivo ou advérbio em Y- CCCAS ..... 217
<b>Tabela 22</b>	Quantificação de ocorrências com adjetivo ou advérbio em Y- CCCAE ..... 217
<b>Tabela 23</b>	Todas as avaliações atitudinais em CCCAE ..... 230
<b>Tabela 24</b>	Recursos de intensificação em Y- CCCAS/CCCAE ..... 233

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCCAE	Construção Concessivo-comparativa Anteposta Enfática
CCCAS	Construção Concessivo-comparativa Anteposta Simples
CCCP	Construção Concessivo-comparativa Posposta
CCCG	Construção Concessivo-comparativa Geral
CRQG	Construção de Realização do Qualificador de Grau
IND	Instanciação Nula Definida
SBCG	<i>Sign-based Construction Grammar</i> (Gramática das Construções Baseada no Signo)
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
YR	Yahoo! Respostas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2</b>	<b>BASES SOCIOCOGNITIVISTAS PARA O TRATAMENTO DO SIGNIFICADO: GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES, SEMÂNTICA DE FRAMES, ESPAÇOS MENTAIS E ESCALAS PRAGMÁTICAS</b> .....	24
<b>2.1</b>	<b>A Gramática das Construções: abordagem construcionista do significado</b> .....	25
2.1.1	A representação da construção no modelo de Goldberg .....	28
2.1.2	Plausibilidade psicológica .....	31
2.1.3	A abordagem monoestratal e o modelo baseado no uso .....	33
2.1.4	A representação da construção no modelo <i>Constructicon</i> .....	34
<b>2.2</b>	<b>Semântica de <i>Frames</i></b> .....	38
2.2.1	Relação entre <i>frames</i> , os Modelos Cognitivos Culturais (MCIs) e a perspectiva .....	41
2.2.2	A descrição de <i>frames</i> pela FrameNet e a proposta de <i>Constructicon</i> .....	42
<b>2.3</b>	<b>Espaços Mentais</b> .....	46
2.3.1	Conceitos básicos de espaços mentais .....	48
2.3.2	Tratamento de questões problemáticas nas abordagens semânticas formais .....	52
2.3.2.1	Projeção de Pressuposição .....	52
2.3.2.2	Referências transparentes e referências opacas .....	54
2.3.2.3	O escopo das descrições indefinidas .....	55
2.3.3	Mesclagem .....	56
<b>2.4</b>	<b>As Escalas Pragmáticas e inferências suscitadas</b> .....	59
2.4.1	Escalas pragmáticas .....	59
2.4.1.1	Uma palavra sobre as máximas de Paul Grice .....	62
2.4.2	Inferências .....	63
<b>2.5</b>	<b>Considerações</b> .....	64
<b>3</b>	<b>DIFERENTES OLHARES SOBRE A CONCESSIVIDADE E ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A COMPARAÇÃO</b> .....	66
<b>3.1</b>	<b>Definições basilares de concessividade</b> .....	66
<b>3.2</b>	<b>Construções concessivas e sua relação com as causais e condicionais</b> .....	72
3.2.1	Relação entre concessivas e condicionais .....	73
3.2.2	Relação entre concessivas e causais .....	75
<b>3.3</b>	<b>Relação entre concessivas e adversativas e o papel argumentativo da concessividade</b> .....	77
<b>3.4</b>	<b>Algumas discussões sobre a questão da ordem/linearidade das concessivas</b> .....	80
3.4.1	A ordem de apresentação e a argumentatividade .....	81
<b>3.5</b>	<b>Expressões da concessividade</b> .....	83
3.5.1	O uso concessivo de “ <i>for all X</i> ” e “ <i>for a/an X</i> ” do inglês .....	85
3.5.2	O uso concessivo de “ <i>por/para + infinitivo</i> ” do espanhol .....	89

<b>3.6</b>	<b>Alguns apontamentos sobre a relação de Comparação</b> .....	93
3.6.1	A Construção Comparativa e o <i>frame</i> relacionado à comparação .....	94
3.6.2	Comparação implícita e avaliação .....	96
3.6.2.1	Casos estruturalmente semelhantes às construções concessivo-comparativas .....	97
<b>3.7</b>	<b>O que levamos em conta como concessividade e comparação neste trabalho</b> .....	99
<b>4</b>	<b>ALGUNS RECURSOS ARGUMENTATIVOS E AVALIATIVOS DA LINGUAGEM</b> .....	101
<b>4.1</b>	<b>A argumentatividade vista como aspecto inerente da linguagem</b> .....	101
4.1.1	Manipulação dos pesos argumentativos dos enunciados .....	101
<b>4.2</b>	<b>Proposta funcional de abordagem da avaliação na linguagem: Teoria da Avaliatividade</b> .....	102
4.2.1	Subsistema da Atitude .....	105
4.2.1.1	Região do Afeto .....	106
4.2.1.2	Região do Julgamento .....	107
4.2.1.3	Região da Apreciação .....	108
4.2.2	Fluidez entre as categorias e as realizações indiretas .....	109
4.2.3	Proposta de análise e abreviaturas das categorias .....	110
4.2.4	Subsistema do Engajamento .....	112
4.2.5	Subsistema da Gradação .....	114
<b>4.3</b>	<b>Considerações</b> .....	115
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	116
<b>5.1</b>	<b>Delineação do objeto de pesquisa e definição dos grupos</b> .....	116
<b>5.2</b>	<b>Estabelecimento dos ambientes de busca das ocorrências</b> .....	118
5.2.1	Um empreendimento (quase) perdido .....	120
5.2.2	Abordagem da internet como Corpus (WaC- <i>Web as Corpus</i> ): limitações e vantagens .....	122
<b>5.3</b>	<b>Os três domínios escolhidos</b> .....	124
5.3.1	Grupo Abril .....	125
5.3.2	Blogs .....	126
5.3.3	O Yahoo Respostas (YR) .....	126
<b>5.4</b>	<b>O processo de compilação dos dados</b> .....	127
5.4.1	A busca no Google .....	127
5.4.2	Tratamento inicial e classificação individual das sentenças .....	130
5.4.3	Resultado total do Bloco PARA X .....	133
5.4.4	Resultado total do Bloco ATÉ QUE PARA X .....	135
<b>5.5</b>	<b>Resultados individuais do Bloco PARA X</b> .....	136
5.5.1	Grupo PARA ALGUÉM .....	136
5.5.2	Grupo PARA QUEM .....	137
5.5.3	Grupo PARA UM .....	138
5.5.4	Grupo PARA UMA .....	139
5.5.5	Distribuição por grupo no Bloco PARA X .....	140

<b>5.6</b>	<b>Resultados individuais do Bloco ATÉ QUE PARA X</b> .....	141
5.6.1	Grupo ATÉ QUE PARA ALGUÉM .....	141
5.6.2	Grupo ATÉ QUE PARA QUEM .....	142
5.6.3	Grupo ATÉ QUE PARA UM .....	143
5.6.4	Grupo ATÉ QUE PARA UMA .....	144
5.6.5	Distribuição por grupo no Bloco ATÉ QUE PARA X .....	145
<b>5.7</b>	<b>Continuação do tratamento dos dados: detalhamento dos tipos de ocorrências nos domínios</b> .....	146
5.7.1	Contribuição dos domínios do Bloco PARA X .....	148
5.7.1.1	Abril .....	148
5.7.1.2	Blog .....	149
5.7.1.3	YR .....	149
5.7.2	Contribuição dos domínios do Bloco ATÉ QUE PARA X .....	150
5.7.2.1	Abril .....	150
5.7.2.2	Blog .....	151
5.7.2.3	YR .....	153
<b>5.8</b>	<b>Relação das ocorrências quanto à autoria</b> .....	154
5.8.1	Bloco PARA X .....	154
5.8.2	Bloco ATÉ QUE PARA X .....	155
<b>5.9</b>	<b>Abordagem essencialmente sincrônica</b> .....	155
<b>5.10</b>	<b>Considerações sobre o empreendimento teórico-metodológico</b> .....	156
<b>6</b>	<b>ASPECTOS ESTRUTURAIS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DA CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA (SIMPLES OU ENFÁTICA): ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	157
<b>6.1</b>	<b>Aspectos gerais de ocorrências dos dois blocos de busca</b> .....	157
6.1.1	Dois conjuntos de manifestação da estrutura “(ATÉ QUE) PARA X” .....	157
6.1.2	Elaboração da estrutura presente na contraparte (ATÉ QUE) PARA X .....	160
<b>6.2</b>	<b>“(ATÉ QUE) PARA X, Y”: elementos holisticamente empregados para expressar concessividade e comparação</b> .....	163
6.2.1	“(ATÉ QUE) PARA X, Y” é um par forma/função .....	164
6.2.2	Descrições indefinidas: (restrição da) riqueza de interpretações .....	166
6.2.3	“(ATÉ QUE) PARA X, Y” é uma construção concessiva .....	169
6.2.3.1	Coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes .....	170
6.2.3.2	Coocorrência de duas situações assumidas como incompatíveis .....	174
6.2.3.3	A relação “geral ⇔ particular” no acionamento de inferências .....	176
6.2.4	“(ATÉ QUE) PARA X, Y” é também uma construção comparativa .....	177
6.2.5	As contrapartes X e Y .....	178
<b>6.3</b>	<b>Os Blocos “PARA X, Y” e “ATÉ QUE PARA X, Y”: duas construções relacionadas</b> .....	179
6.3.1	CCCAS e CCCAE .....	179
6.3.1.1	O papel de partículas enfáticas em CCCAS e CCCAE .....	181
6.3.1.2	A composição <i>até</i> + <i>que</i> + PARA X, Y .....	183
6.3.2	Um panorama da rede construcional concessivo-comparativa .....	185

6.3.3	Os subtipos das CCCAS e CCCAE .....	188
6.3.4	Algumas particularidades entre os dois conjuntos de subtipos .....	190
<b>6.4</b>	<b>Plausibilidade psicológica da abordagem: Estrutura radial da construção</b> .....	<b>192</b>
6.4.1	Níveis de correferencialidade entre X e Y .....	192
6.4.2	Centralidade das configurações .....	200
<b>6.5</b>	<b>Relação entre CCCAS/CCCAE e a evocação de frames</b> .....	<b>203</b>
6.5.1	Os frames disparados por X .....	204
6.5.2	Os frames disparados por Y .....	208
6.5.2.1	O comentário Y em CCCAS .....	208
6.5.2.2	O comentário Y em CCCAE .....	210
6.5.3	A cena de comparação como uma ideia geral disparada por CCCAS/CCCAE .....	214
<b>6.6</b>	<b>Proposta de configuração das CCCAS/CCCAE inspirada no projeto Constructicon</b> .....	<b>216</b>
<b>6.7</b>	<b>CCCAS e CCCAE são construções avaliativas: contribuições da Teoria da Avaliatividade</b> .....	<b>221</b>
6.7.1	Os tipos de avaliação da atitude na CCCAS .....	221
6.7.2	Os tipos de avaliação da atitude na CCCAE .....	223
6.7.2.1	O frame Desirability .....	223
6.7.2.2	O frame Success_or_failure .....	224
6.7.2.3	O frame Aesthetics .....	225
6.7.2.4	Conjunto de sete frames (Social_interaction_evaluation; Text_creation; Mental_property; Stimulus_focus; Experiencer_focus; Expertise; Familiarity) ...	226
6.7.2.5	Conjunto de 85 frames variados que têm entre uma e seis instâncias cada .....	229
6.7.3	Panorama da realização de avaliação atitudinal na CCCAE .....	229
6.7.4	Engajamento: comprometimento do produtor textual com a fonte da avaliação das CCCAS/CCCAE .....	231
6.7.5	Gradação: avaliação graduada em escala .....	233
6.7.6	Os principais alvos da avaliação na CCCAE .....	235
<b>6.8</b>	<b>A gradação de sentido da avaliação da CCCAE</b> .....	<b>237</b>
6.8.1	Fluidez dos sentidos .....	246
<b>6.9</b>	<b>CCCAS e CCCAE acionam pressuposição: contribuições da Teoria dos Espaços Mentais (I)</b> .....	<b>247</b>
<b>6.10</b>	<b>O processo de Mesclagem ou CCCAS/CCCAE como “a certain kind of awkward compliment”:</b> contribuições da Teoria dos Espaços Mentais (II) .....	<b>251</b>
6.10.1	CCCAS/CCCAE alteram a escala pragmática .....	252
6.10.2	A relatividade de um “6” .....	256
6.10.3	“but a compliment all the same” .....	258
<b>6.11</b>	<b>Questões para desdobramentos futuros</b> .....	<b>259</b>
6.11.1	Os papéis das contrapartes X e Y .....	259
6.11.2	Estruturas formulaicas .....	261
6.11.3	Ocorrências feitas por um mesmo produtor textual .....	262
6.11.4	Coocorrência de CCCAS e CCCAE .....	263

<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>265</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>269</b>
	<b>APÊNDICE 1: Localização da CCCAS nos textos .....</b>	<b>275</b>
	<b>APÊNDICE 2: Localização da CCCAE nos textos .....</b>	<b>276</b>
	<b>ANEXO 1: As ocorrências de CCCAE e CCCAS nas páginas da internet</b>	
	<b>ANEXO 2: Definições dos <i>frames</i> elencados em CCCAE e CCCAS de acordo com a FrameNet CD <i>room</i> que acompanha esta tese</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

É consideravelmente comum nos depararmos com enunciados como os que estão destacados em negrito a seguir:

- (1) Katy Perry está acostumada a todo tipo de infantilidades. Mas, **para alguém que se apresenta ao lado de gente fantasiada de cupcakes, a cantora ficou bem constrangida com uma “surpresa” feita pela equipe do programa *Mais Você***, da Globo, em entrevista exibida nesta terça-feira e gravada na segunda, no Rio de Janeiro. (abril.com.br/2012)
- (2) **Até que pra quem não assiste vc conhece bem os comodos da casa hein!**  
Fala a verdade, vc fica assistindo só pra ver o corpão sarado do Dourado e do Cadu... Confessa!  
kkk  
Derby • 6 anos atrás (br.answers.yahoo.com/2010)
- (3) Acabei de chegar de Aparecida de Goiânia, onde fiz algo inédito na minha vida. Pela primeira vez, fiz desenho em parede. **Até que para um iniciante me saí bem.** Foi trabalho pra uma tarde inteira. (blogspot.com.br/2008)
- (4) Anônimo, vc não concorda que **pra uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação como você vir até o meu blog e basicamente dizer que eu não gosto de piercing pq SOU GORDA é, no mínimo, completamente tosco e infantil da sua parte?** E se fosse gorda mesmo, eu não poderia ter piercing se eu quisesse? Como fica o discursinho pobre supostamente contra discriminação de “cada um tem os seus gostos” que vc escreveu aí em embaixo? (blogspot.com.br/2012)

Diante dessas ocorrências, chamou a atenção o fato de exprimirem algum tipo de concessividade, no sentido de frustração anunciada de expectativa, ao mesmo tempo em que se percebe que um elemento é posto em evidência comparado aos demais membros de sua categoria. Comum a essas expressões é a estrutura “(ATÉ QUE) PARA X<sub>[CARÁTER INDEFINIDO]</sub>, Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>”, que parece evidenciar certas generalizações sobre esquemas conceptuais compartilhados (*frames*, cf. FILLMORE, 1982; MCIs, cf. LAKOFF, 1987), acionados num primeiro momento – nas contrapartes “(ATÉ QUE) PARA X” –, e quebras de expectativas, consolidadas em comentários (Y) feitos em seguida. Por exemplo, não se espera que uma cantora se sinta constrangida por ter que beijar um papagaio de pelúcia (a “*surpresa*” a que se refere o jornalista), uma vez que as expectativas acionadas a ela são de uma artista infantilizada, que se relaciona bem com fantasias de *cupcake* em suas apresentações – como é visto em (1). De igual maneira, soa estranho que uma pessoa não assista a determinado programa televisivo (*Big Brother Brasil*, da Rede Globo) e, no entanto, conheça bem seu

cenário – como é disparado em (2). Como percebemos em (3), as expectativas de desempenho de pessoas iniciantes são, geralmente, baixas, o que faz gerar surpresa diante de um resultado positivo. Por fim, conforme depreendido em (4), é esperado que se critique um argumento pouco fundamentado (pela relação superficial entre uso de *piercing* e obesidade), uma vez que tal argumento parte de uma pessoa que se considera “*cheia de possibilidades de argumentação*”.

Outro aspecto chamativo é que, em termos composicionais, não se pode atribuir a relação concessivo-comparativa a algum material específico nessas instâncias. Seguindo o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), pode-se dizer que sejam instâncias de **construções**: pareamentos entre forma e função, com restrições sintático-semânticas e especificidades de uso.

A interpretação concessiva possibilitada por essas instâncias parte do princípio de que são dispostas, em “(ATÉ QUE) PARA X<sub>[CARÁTER INDEFINIDO]</sub>, Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>”, duas situações assumidas como incompatíveis ou conflituosas, levando-se em consideração padrões normais de expectativas – o que se alinha com os postulados de König (1985) sobre as relações canônicas de concessividade. Quanto ao sentido comparativo que emerge dessas estruturas, pode-se dizer que está relacionado aos três elementos essenciais de comparação, que, segundo Huang, Shih & Chen (2008), são: itens comparativos, atributos e variações (graus). Por exemplo, em (1), é plausível reconhecer que Katy Perry é comparada a um “grupo de pessoas que se apresentam ao lado de gente fantasiada de *cupcakes*” em relação ao fator “constrangimento com surpresas feitas em programas de televisão”. O grau que situa o constrangimento de Katy Perry em comparação ao esperado de cantores irreverentes é marcado pelo intensificador “bem”, distanciando-a na escala comparativa.

Uma vez assumido que X aciona um conjunto de conceitos estruturados que geram expectativas (um *frame*), e que Y quebra as expectativas relacionadas a tal conjunto de conceitos, torna-se pertinente, neste estudo, a contribuição da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982), por ser uma abordagem do significado ancorada no uso. Ainda dentro do aporte sociocognitivista, o estudo do significado voltado para o desdobramento discursivo proposto pela Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER & TURNER, 2002) permite discutir nossos objetos como construtores de espaço mental concessivo-comparativo, fortemente ligados à relação de pressuposição. Além disso, essa relação demonstra reforçar um processo de mesclagem conceptual estabelecido discursivamente, em que escalas pragmáticas são acionadas. Por exemplo, em (3), a

informação “*me sai bem*”, que situa o resultado do desenho em parede num valor alto na escala (de sucesso), pode ser vista como relativizada ao desempenho particular de pessoas iniciantes (e não de quaisquer pessoas).

Outro aspecto em comum às instâncias apresentadas é a apreensão de teor argumentativo e avaliativo dos enunciados, que ocorrem como julgamentos de valor feitos pelos produtores textuais. Assim, o suporte complementar da Teoria da Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005) permite delinear os tipos de avaliações comumente feitas com base nos recursos linguísticos empregados nas instâncias. Em (4), por exemplo, o comportamento social do leitor “Anônimo” é avaliado negativamente como “*tosco e infantil*”.

Diante dessa breve exposição, este trabalho objetiva legitimar a existência, em Português do Brasil, de duas construções relacionadas ao domínio da concessividade e comparação, estudando seus aspectos semântico-pragmáticos: a Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples (PARA X, Y) – ilustrada em (1) e (4), e a Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática (ATÉ QUE PARA X, Y) – ilustrada em (2) e (3).

Para tanto, conduzimos uma abordagem sensível aos dados e elencamos três domínios da internet para a busca de dados: (i) abril.com.br; (ii) blogspot.com.br; e (iii) br.answers.yahoo.com. Uma vez que o esquema semipreenchido “(ATÉ QUE) PARA X [INDEFINIDO] Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” tem como contraparte estruturalmente mais estável a sequência “(ATÉ QUE) PARA X [INDEFINIDO]”, delineou-se um conjunto de oito expressões para nortear a busca de ocorrências para cada uma das construções, como consta no quadro 1:

<b>Expressões de busca</b>	
“para alguém” e “pra alguém”	Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples
“para quem” e “pra quem”	
“para um” e “pra um”	
“para uma” e “pra uma”	
“até que para alguém” e “até que pra alguém”	Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática
“até que para quem” e “até que pra quem”	
“até que para um” e “até que pra um”	
“até que para uma” e “até que pra uma”	

**Quadro 1: Expressões de busca**

O interesse em empreender este estudo se justifica por vislumbrar, nesta tarefa, uma oportunidade de descrever e analisar uma estrutura concessivo-comparativa não-canônica e contribuir, dessa forma, para corroborar a importância de abordagens sensíveis aos dados.

Especificamente, os objetivos deste trabalho são:

- legitimizar empiricamente nosso objeto como um fenômeno construcional, que licencia uma leitura de concessividade e comparação;
- a partir da plausibilidade psicológica da abordagem de Goldberg (1995, 2006), discutir questões sobre a centralidade de configurações das referidas construções;
- descrever a configuração das construções a partir da abordagem construcionista de Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux, (2012);
- aplicar a abordagem da Semântica de *Frames* para descrever os esquemas acionados em X e em Y;
- descrever os tipos de avaliações que são ativados, a partir da instrumentalização da Teoria da Avaliatividade, relacionando-os aos *frames* acionados;
- verificar a variação gradativa da avaliação marcada pelas construções;
- a partir da Teoria dos Espaços Mentais, verificar como a relação de pressuposição pode ser aplicada às construções estudadas; e (ii) descrever o processo de mesclagem conceptual envolvido nas construções.

Assim, o percurso deste trabalho se delinea da seguinte maneira:

No **capítulo 2**, apresentamos os pressupostos da Gramática das Construções, Semântica de *Frames*, Espaços Mentais e escalas pragmáticas, como abordagens da Linguística Cognitiva voltadas ao estudo do significado. No **capítulo 3**, discutimos e problematizamos alguns pressupostos sobre a concessividade e comparação, incluindo nosso objeto como um tipo de fenômeno concessivo-comparativo. No **capítulo 4**, apresentamos contribuições das abordagens sobre a argumentatividade e a Teoria da Avaliatividade.

Os procedimentos metodológicos de busca de ocorrências para a constituição do nosso banco de dados, bem como as dificuldades e limitações enfrentadas, são apresentados no **capítulo 5**. No **capítulo 6**, apresentamos a análise de dados alinhando o embasamento teórico com os dados da língua em uso, numa abordagem sensível aos dados. Por fim, no **capítulo 7**, fazemos as considerações finais do trabalho.

Passemos, pois, à primeira parte deste empreendimento analítico.

## 2 BASES SOCIOCOGNITIVISTAS PARA O TRATAMENTO DO SIGNIFICADO: GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES, SEMÂNTICA DE *FRAMES*, ESPAÇOS MENTAIS E ESCALAS PRAGMÁTICAS

Permeia todo este trabalho a concepção de linguagem como uma construção de sentido feita a partir da interação entre forma e significado, ancorada contextualmente, e para a qual concorrem os aspectos biológicos, cognitivos, culturais e sócio-históricos dos usuários da língua. Um dos pilares sustentadores dessa abordagem, já pontuado por Gilles Fauconnier desde meados da década de noventa, é o entendimento das formas linguísticas como instruções parciais e subdeterminantes, com forte potencial para produzir sentido – o que ocorre quando inseridas em contexto e no desdobrar do discurso (FAUCONNIER, 1994, pp.35-7).

Como assevera Coulson (2001, p. 9), um “significado independente de contexto é uma ilusão baseada no fato de que um usuário competente da língua irá criar um contexto quando nenhum for fornecido<sup>1</sup>”: o chamado contexto *default*. Este, muitas vezes, é tido como aquele contexto capaz de induzir ao raciocínio lógico-formal de que uma frase/sentença como “o gato está no tapete” pareça necessariamente composicional e passível de referenciar o mundo real de forma natural. Compactuamos com a visão de linguagem como realização da intersubjetividade, na proposta de que a linguagem envolve coordenar um sistema cognitivo com outro (VERHAGEN, 2005), e que o sentido é feito, portanto, na interação dos conhecimentos compartilhados.

Neste capítulo, pretendemos percorrer, no âmbito da Linguística Cognitiva, algumas das contribuições para o estudo do processo de significação que foram eleitas, dentre inúmeras possibilidades, por entendermos que se relacionam proximamente com o tipo de análise que empreendemos para nosso objeto de estudo. Partiremos da premissa de que o conceito de construções gramaticais, inserido em um modelo baseado no uso, é o ponto de partida para o estudo de um fenômeno que não seria satisfatoriamente realizado apenas em termos de composicionalidade e cuja esfera inferencial ancorada no uso é altamente saliente. Apoiamo-nos também nas noções de *frames* e espaços mentais por preconizarem, respectivamente, a relação intrínseca entre significado, experiência e a possibilidade de integração de conceitos para criação e manipulação do significado no desdobramento do discurso. Por fim, como uma das funções da língua é servir como veículo de avaliação e

---

<sup>1</sup> Nossa tradução de: “Context-independent meaning is an illusion based on the fact that a competent language user will create a context when none is provided” (COULSON, 2001, p.9).

comparação avaliativa, é importante também lançar luz sobre o papel da escala pragmática inferida em diversas estruturas linguísticas.

## 2.1 A Gramática das Construções: abordagem construcionista do significado

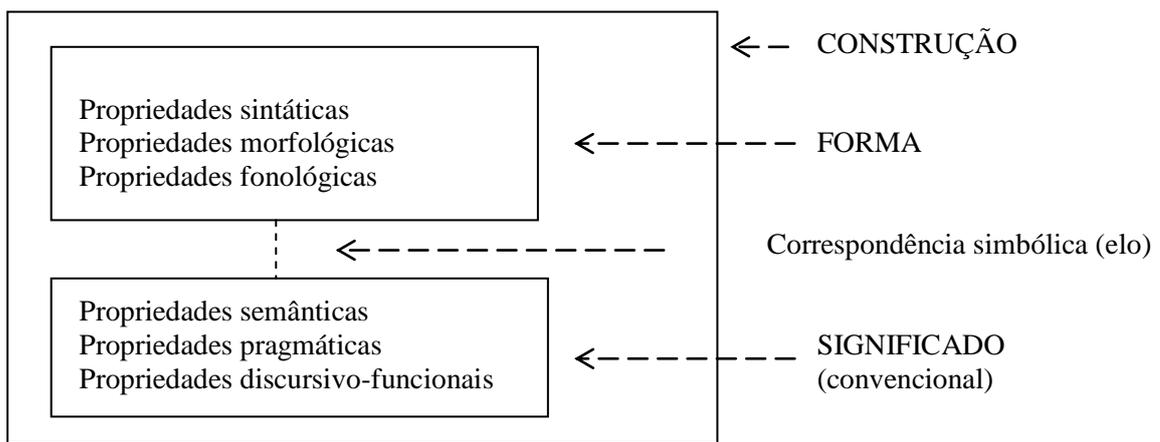
O aparato teórico reivindicado neste trabalho assume que o conhecimento gramatical do falante deva se organizar em torno de construções de sua língua, que são os emparelhamentos aprendidos entre uma forma e um significado ou uma função e que formam uma rede estruturada (GOLDBERG, 1995, 2006). Apesar de direta e simples, essa afirmação traz consigo uma série de desdobramentos, que se distribuem em torno de questões como: reivindicação da visão holística do significado, assumindo-se haver uma composicionalidade fraca (mas não inexistente!) dos enunciados; a abrangência do que é construção (compreendendo morfemas, palavras, padrões frasais); a ênfase na continuidade entre semântica e pragmática na construção do sentido; o caráter idiomático de muitas construções, o que faz com que se insiram no processo de aprendizagem da língua; e ainda a afirmação de que construções constituem um sistema organizado (e não aleatório) da gramática.

Alguns estudos iniciais foram voltados para análises de estruturas periféricas da língua: os fenômenos idiomáticos. Casos emblemáticos como *chutar o balde* ou *bater as botas* chamavam a atenção não só pelo caráter metafórico, mas também pelo fato de não ser perfeita a correspondência entre sua estrutura sintática e o seu significado. Dada essa problemática, vertentes formalistas e tradicionais limitavam-se a considerar casos atípicos como exceções às regras gerais da língua. Nitidamente, o foco era voltado para a sintaxe em detrimento da semântica; e o léxico – devido ao seu forte caráter idiossincrático que, muitas vezes, o leva naturalmente a exibir irregularidades – era tomado como uma lista aleatória de itens que precisariam ser estocados na memória. Na presença de expressões sintáticas que exibiam também irregularidade, solução cômoda seria agrupá-las ao grupo dos chamados “sem lei”, juntamente com o léxico.

Uma visão sobre construções diferente da de Goldberg, porém não conflitante em todos os aspectos, é a do linguista Charles Fillmore e seus colaboradores, para quem as construções são regras de estrutura: um signo maior e mais complexo pode ser constituído de signos menores que se estruturam para especificar informação sintática, lexical, semântico-pragmática (cf. FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988, p. 501). Essa noção, introduzida ainda numa era em que vigoravam os estudos linguísticos gerativistas, avança por admitir que as chamadas construções idiomáticas se difiram das construções regulares por terem uma

semântica distinta do que seria calculado pela soma das unidades menores. Daí a importância de trabalhos pioneiros como o estudo de construções com a expressão “*let alone*”, em que Fillmore, Kay & O’Connor (1988) enfatizam que a idiomaticidade tem muito de “produtivo, altamente estruturado e digno de investigação gramatical séria<sup>2</sup>” (FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988, p. 534). Para os autores, as construções especiais – tratadas como repositório – constituem, na verdade, um conjunto sistemático de fenômenos.

Em oposição ao modo compartimentado com que as abordagens gerativistas tratavam os módulos que compõem a gramática dos falantes, o modelo postulado pela vertente construcionista prevê um inter-relacionamento entre os módulos de representação gramatical. Croft & Cruse (2004, p.258) propõem o seguinte esquema:



**Figura 1: Estrutura simbólica de uma construção (CROFT & CRUSE, 2004, p. 258)**

Nessa representação, as partes formais e semânticas são ligadas no interior da construção; o que quer dizer que elas atuam como um todo. O significado construcional é, pois, concebido dentro da própria construção, em que os elementos se inter-relacionam.

Segundo Croft & Cruse (2004), se, por um lado, as investigações construcionistas formaram um corpo inicial para dar conta dos casos idiomáticos, seu foco passou a ambicionar uma abordagem que desse conta do conhecimento gramatical do falante como um todo. Assim, o mesmo aparato usado para analisar e responder aos fenômenos tomados como irregulares (ou periféricos) deveria ser empregado para os casos regulares (ou nucleares) dentro da gramática (cf. FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988; CROFT & CRUSE, 2004).

<sup>2</sup> Nossa tradução de: “(...) is productive, highly structured, and worthy of serious grammatical investigation” (FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988, p. 534).

Como é apontado por Croft & Cruse (2004, p. 265), há três princípios essenciais comuns às vertentes cognitivas que estudam as construções gramaticais: (i) as construções existem independentemente como unidades simbólicas, o que quer dizer que o elo entre significado global e forma linguística é estabelecido no interior da construção; (ii) todas as estruturas gramaticais podem ser representadas uniformemente, o que quer dizer que não há necessidade de separação entre padrões previsíveis e os idiomáticos – todos são passíveis de representação; (iii) as construções gramaticais são organizadas de forma taxonômica, o que significa que há uma estruturação na existência das construções, havendo aquelas mais esquemáticas e as mais instanciadas.

A abordagem empreendida por Goldberg (1995, 2006) recebe maior enfoque neste trabalho, devido a seu forte compromisso com a plausibilidade psicológica da proposta. Já em termos de representação esquemática, lançamos mão, ao final desta seção, da proposta de Fillmore, Lee-Goldman & Rhomioux (2012), devido à sua flexibilização para lidar com estruturas linguísticas diversas. Sobre o que sejam as construções, Goldberg (2006, p. 5) sintetiza o pensamento construcionista:

TODOS OS NÍVEIS DE ANÁLISE GRAMATICAL ENVOLVEM CONSTRUÇÕES: PARES APRENDIDOS DE FORMA COM FUNÇÃO SEMÂNTICA OU DISCURSIVA, incluindo morfemas ou palavras, idiomas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente ou completamente genéricos<sup>3</sup> (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Essa é uma concepção de construção que procura dar conta do conhecimento gramatical do falante como um todo; como dito por Goldberg (2006, p. 18): “**tudo são construções**<sup>4</sup>”. Tudo afora são construções na língua no sentido de que o que fazemos desde nomear um objeto até pedir um cafezinho na padaria são padrões aprendidos que relacionam uma determinada forma a uma função (semântica ou discursiva), que se apoiam em nossa experiência no mundo. Essa frase emblemática resume o pensamento construcionista, pois as construções “são os blocos constitutivos centrais da língua<sup>5</sup>”, e devem ser as unidades de análise dentro da linguística (BOAS, 2010, p. 4).

---

<sup>3</sup> Nossa tradução de: “ALL LEVELS OF GRAMMATICAL ANALYSIS INVOLVE CONSTRUCTIONS: LEARNED PAIRINGS OF FORM WITH SEMANTIC OR DISCOURSE FUNCTION, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

<sup>4</sup> Nossa tradução de: “**it’s constructions all the way down**” (GOLDBERG, 2006, p. 18).

<sup>5</sup> Nossa tradução de: “(...) are the central building blocks of language” (BOAS, 2010, p.4).

No desdobramento dessa definição, Goldberg (2006) amplia o conceito de construção para além da afirmação da hipótese da composicionalidade fraca. Em relação ao caráter imprevisível da construção, Goldberg (2006) afirma:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como construção desde que algum aspecto da sua forma ou da sua função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou a partir de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo se forem completamente previsíveis, contanto que ocorram com frequência suficiente<sup>6</sup> (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Como se vê, é mantida a noção da imprevisibilidade, afirmando-se a composicionalidade fraca da construção. Além disso, é incorporado o papel da frequência de uso como um fator de igual relevância. Dancygier & Sweetser (2005) afirmam que, na linguagem, muitas vezes um aspecto do significado pode ser marcado várias vezes na mensagem – o que torna difícil dizer sobre a contribuição de um único elemento para o sentido global da estrutura. Salomão (2009, p. 41), em seu estudo sobre a Construção de Determinação de Quantidade, também esclarece que construção “impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede” e “não é matéria de pura combinação sintagmática”, disso resultando que o significado holístico será sempre mais rico que os significados isolados das partes.

É importante frisar que o que é adicionado à definição inicial de Adele Goldberg é consequência de um dos princípios centrais dessa abordagem construcionista: o fato de ser um modelo de gramática baseado no uso. Disso decorre que a frequência de uso é determinante para que um padrão se estabeleça e seja reconhecido pelos falantes.

### **2.1.1 A representação da construção no modelo de Goldberg**

Para reivindicar o lugar das construções na gramática, Goldberg (1995) enfatiza em seu trabalho as Construções de Estrutura Argumental (CEA) – emparelhamentos entre forma e função que trazem um padrão frasal que evidencia algum tipo de cena básica, disparada por um *frame*. Embora haja consenso de que o sentido global da construção se dê por meio da

---

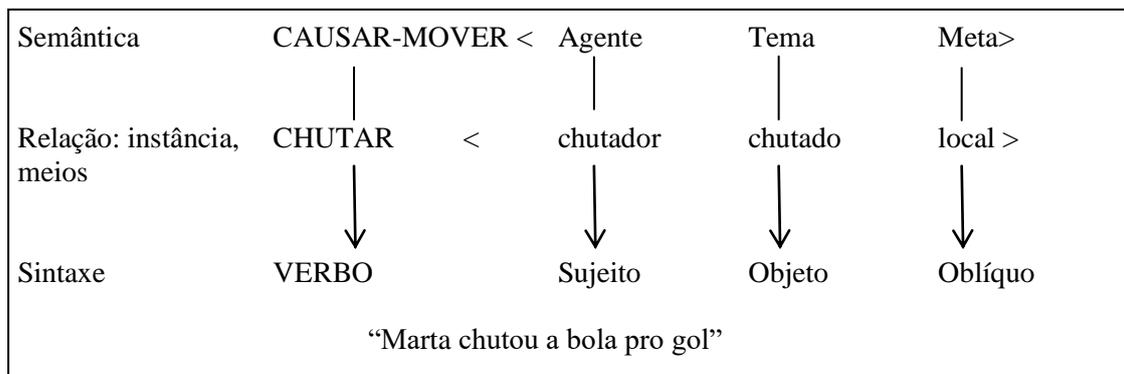
<sup>6</sup> Nossa tradução de: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency (GOLDBERG, 2006, p. 5).

interação de todos os elementos (uma visão holística), o verbo ocupa, nesse tipo de abordagem, um *status* de predicador que, interagindo com os demais participantes, apresentará uma grade de argumentos específica para determinada construção e disparará inclusive o papel semântico dos outros elementos. Há uma relação intrínseca entre a construção e o verbo evocador do *frame*, que irá moldar a cena.

Exemplo conhecido é a Construção de Movimento Causado, que traz em si um significado esquemático: um agente faz uma ação sobre um tema e essa ação faz com que o tema se mova para uma direção/meta. Tal situação genérica pode ser instanciada com a ação de *chutar*, *lançar*, *jogar*, mas também *cuspir*, *espirrar*, entre outras possibilidades. Vejamos uma ilustração típica:

(5) Marta chutou a bola pro gol.

Para uma construção como (5), há papéis como *chutador* (Marta), *chutado* (a bola) e *direção/meta* do chute (pro gol).



**Quadro 2: Adaptação do esquema construcional proposto por Goldberg (1995)**

Como é descrito por Goldberg (1995), o esquema básico de representação de uma construção de estrutura argumental apresenta três camadas: **Semântica**, **Relação** e **Sintaxe**. A camada **Semântica** é a que especifica o sentido da construção e irá apresentar os papéis argumentais, ou papéis construcionais. Esses papéis são fornecidos pela própria construção e, por meio de uma integração (que ocorre no momento de instanciação da construção), combinam-se com os papéis oferecidos pelo verbo, os papéis participantes. A semântica básica dessa construção é UM AGENTE CAUSAR UM TEMA A SE MOVER PARA UMA DIREÇÃO. A camada **Sintaxe** traz as configurações sintáticas dos elementos, ou seja, as funções gramaticais desempenhadas pelos itens. Nesse caso, essa construção é constituída sintaticamente por um sujeito, um objeto direto do verbo e um oblíquo, que é um sintagma

preposicionado geralmente encabeçado pela preposição *para*. A camada **Relação** é aquela que instancia a construção. Uma vez que o verbo tenha sido especificado, ele irá fornecer o *frame*. Assim, os papéis recebem configuração como sendo Elementos do *Frame* evocado pelo verbo.

No que tange à proeminência dos papéis, a construção perfila os papéis Agente e Tema, visto que ocupam funções de proeminência sintática de Sujeito e Objeto. É importante notar que o papel argumental Meta é fornecido pela própria construção, uma vez que não faz parte **necessariamente** da semântica básica da ação de chutar. A fusão de papéis pode, portanto, sofrer um *mismatch* (emparelhamento imperfeito entre semântica e sintaxe). Um exemplo discutido por Goldberg, “*He sneezed the napkin off the table*”, ilustra tal questão. Consideremos uma paráfrase aproximada:

(6) Ele espirrou o guardanapo para fora da mesa.

A Construção de Movimento Causado deve estipular que o verbo que interage consigo represente algum movimento, ainda que não atenda ao mesmo número de argumentos exigido pela construção. O verbo *espirrar* é intransitivo e, em sua semântica básica, possui um único elemento de *frame*, ou um único argumento: o *espirrador*. Assim, o sentido de que o ato de espirrar foi o propulsor de um movimento causado caracterizador da construção é fornecido **pela própria construção**.

Já que o modelo assumido é baseado no uso, a experiência do falante se torna relevante: o ato de espirrar implica certa expulsão forte de ar e, então, não é forçoso imaginar que uma expulsão de ar seja capaz de gerar algum tipo de movimento. Já o verbo *morrer*, em seu sentido básico, que assim como *espirrar* também apresenta apenas um argumento, está excluído de participar da construção de movimento causado, uma vez que a cena básica de alguém morrendo não implica algo capaz de gerar movimento. Essa é, pois, uma restrição à fusão de *morrer* em uma construção de movimento causado. Como é apontado por Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012), as descrições das CEAs revelam em que medida os aspectos semânticos da palavra requerida devem se alinhar às expectativas semânticas do contexto da construção que a irá acolher.

Assim, segundo Goldberg (1995), na integração entre verbo e construção, o sentido que prevalece para a interpretação final é o sentido holístico da construção. Dessa forma, não há necessidade de se apelar para uma proposta de que o sentido básico de um verbo possa ser alterado de acordo com a construção na qual ele participa.

### 2.1.2 Plausibilidade psicológica

Um aspecto bastante significativo da proposta de Goldberg é a promoção de um alinhamento rigoroso entre sua proposta de gramática e a plausibilidade psicológica que esta deve manter com nosso aparato cognitivo, que é corporificado. A autora enfatiza recorrentemente em seus trabalhos que não há razão para se distinguir nosso empenho humano em organizar conhecimentos gerais do empenho em organizar conhecimento gramatical. A própria categorização (discutida por LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006, e outros), que é uma operação útil na aprendizagem, leva em conta a organização do conhecimento por meio dos itens tidos como mais exemplares, de caráter básico. A partir daí, são feitas extensões e ampliações de sentido. É, por exemplo, plausível que se tenha mais facilmente ao alcance da memória a palavra “carro”, ao se deparar com exemplares de Palio, Corolla, Fusca, embora aprendamos o que seja “carro” a partir do contato com os exemplares distintos.

Pensando no conceito da estrutura radial para categorização proposta por George Lakoff (1987) e seu exemplo de MÃE, temos que há um modelo idealizado que ocupa uma posição mais central: mãe como aquela que reúne diversas facetas da maternidade – dá à luz; contribui com o óvulo; amamenta; é casada com o pai do filho. As propriedades de MÃE na sua forma mais prototípica estão concentradas no modelo central, mas também pode haver modelos menos centrais de MÃE, que carregam uma ou outra propriedade do modelo central.

Com as construções, também é possível estabelecer um nível organizacional de extensão e relação de sentido umas com as outras. É a chamada rede de heranças: uma construção se relaciona formalmente com outra seguindo princípios que estruturam essa relação; o que faz com que se entenda que as construções sejam uma rede taxonômica organizada. Goldberg (1995) apresenta quatro princípios de organização das construções.

***I-Princípio da motivação maximizada:*** se a construção A é relacionada sintaticamente a B; então A é motivada semanticamente por B.

***II-Princípio da não-sinonímia:*** se duas construções são sintaticamente distintas, devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.

***Corolário A:*** se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então não devem ser pragmaticamente sinônimas.

***Corolário B:*** se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então não devem ser semanticamente sinônimas.

**III-Princípio do poder expressivo maximizado:** inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.

**IV-Princípio da economia maximizada:** o número de construções distintas é minimizado tanto quanto possível (GOLDBERG, 1995, pp. 67-68).

Dizer que uma construção motiva a outra implica que há entre elas uma relação necessariamente formal. Por formal, entendemos que deve haver uma relação sintática entre construções para se dizer que há motivação entre elas. Essa motivação é a herança, em que uma construção mais específica herda de uma construção mais esquemática, genérica. Desde o primeiro princípio fica exposta a necessidade de semelhança formal entre construções. Na abordagem construcionista, se houver semelhanças semânticas entre construções e essas semelhanças não coincidirem com semelhanças formais (sintáticas), as relações são apreendidas apenas implicitamente. Isso é importante, pois advoga que apenas as relações envolvendo **forma e significado** (sintaxe e semântica) são representadas por ligações de herança (GOLDBERG, 1995, p.108).

O princípio da não-sinonímia é plausível, pois de fato seria custoso para o falante utilizar mais de uma forma para se referir a um mesmo conceito se não houvesse algum tipo de particularidade de sentido entre as formas. Isso porque seria implausível que a língua oferecesse (e forçasse seus usuários a memorizar) duas formas diferentes que significassem exatamente a mesma coisa e com o mesmo poder pragmático.

A plausibilidade psicológica dos princípios III e IV consiste no fato básico de que a língua é um inventário a serviço da comunicação, visto que é o uso difundido de uma construção entre os falantes que faz com que seja licenciada. Assim, uma vez que o português tenha a Construção Concessiva tradicional instanciada por um enunciado como (7), finalidades comunicativas específicas teriam feito surgir e se difundir um tipo de Construção Concessivo-comparativa, objeto deste trabalho, com a expressão “(ATÉ QUE) PARA X, Y”, mais comum no registro informal e instanciada como em (8).

- (7) Apesar de ser um jogador de basquete ele dança bem.
- (8) Até que para um jogador de basquete ele dança bem.

Seguindo essa lógica, os princípios III e IV se restringem na medida em que a gramática da língua poderá apresentar quantas construções sejam necessárias para se atender às necessidades comunicativas dos falantes. Ao mesmo tempo, devido ao fato de o aparato

cognitivo do falante não suportar uma sobrecarga de construções sem necessidade, o falante só irá criar uma nova construção se esta apresentar características distintas das outras, ou seja, se ela for única para seu fim, garantindo, assim, um princípio inteligente de economia.

Assim, as construções de uma língua formam uma teia estruturada na gramática, seguindo uma taxonomia hierárquica na distribuição das construções. Isso quer dizer que se uma construção A é herdada de uma construção B, necessariamente B motiva (formal e semanticamente) e também domina A.

### 2.1.3 A abordagem monoestratal e o modelo baseado no uso

Diferentemente de certas correntes transformacionistas, que operam com transformações de estrutura profunda em estrutura de superfície, a abordagem construcionista de Goldberg assume uma visão unicamente de superfície: é uma teoria do tipo que **o que se tem é o que se pode ver**. Como a própria autora afirma, enquanto em sua obra de 1995 o objetivo foi afirmar a existência de Construções de Estrutura Argumental (as CEAs), no seu trabalho posterior (2006) e bem mais amadurecido, o objetivo recai sobre afirmar as generalizações de superfície e negar qualquer derivação.

A concepção de gramática defendida deve lidar com fatos sobre o uso concreto de expressões linguísticas, adotando uma postura agregadora dos padrões tanto regulares como irregulares sob um mesmo aparato analítico. Levando-se o uso em consideração, a frequência com que um padrão ocorre certamente influencia seu grau de infiltração dentro de uma língua. A repetição do padrão de uma construção propulsiona a convencionalização, e a sua variedade propulsiona a produtividade.

A frequência de *type*, isto é, variação de um determinado tipo de padrão, é responsável pela produtividade. Por exemplo, uma construção que é instanciada com um número expressivo de verbos variados torna-se produtiva e tem maior probabilidade de se generalizar. Já a frequência de *token* é a que responde pela repetição do mesmo tipo instanciado de padrão. Apesar de não garantir a produtividade, esse tipo de frequência promove a convencionalização.

Os falantes aprendem, a custo de exposição frequente, as particularidades de itens específicos de sua língua. Nesse sentido, a linguagem, como artefato cultural e simbólico, é aprendida devido à interação de fatores biológicos e culturais, tendo como suporte as cenas de ação conjunta (TOMASELLO, 2003). O padrão oracional SVO do português, por exemplo, é o mais produtivo e convencional. Isso porque, desde o aprendizado do falante, esse padrão

propicia uma quantidade de informação bastante redundante. O conhecimento de língua que o falante tem “requer que uma certa quantidade de informação redundante seja representada, visto que os padrões convencionais seriam em todo o caso gerados pela gramática<sup>7</sup>” (GOLDBERG, 2006, p. 55). Essas questões reafirmam essa abordagem como centrada no uso, visto que é o falante – e não a gramática – quem gera novas construções. A máxima CONHECIMENTO LINGUÍSTICO É CONHECIMENTO resume o pensamento construcionista assumido por Goldberg, dentro de seu esforço de compatibilizar o raciocínio gramatical aos processos cognitivos envolvidos na experiência do homem no mundo físico e social.

#### 2.1.4 A representação da construção no modelo *Constructicon*

Na proposta contemporânea, inserida em um projeto chamado *Constructicon*, Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, p. 321) postulam construções como “regras que licenciam signos linguísticos ‘novos’ baseados em outros signos linguísticos<sup>8</sup>” e as estruturas licenciadas são chamadas de CONSTRUTOS (por terminologia da SBCG: *Sign-based Construction Grammar* – “Gramática das Construções Baseada no Signo”). A descrição da construção pode ser feita, nessa abordagem, de maneira formal em um formato de Matriz de Valores de Atributos (*Attribute-Value Matrix*), ou informalmente em prosa. Essa estrutura chamada “construto” é entendida como o signo MÃE e é formada por constituintes menores, chamados de FILHAS, que se relacionam por meio de regras e restrições (sintáticas, semântico-pragmáticas e contextuais). Para uma descrição, é necessário identificar as entidades linguísticas na extensão da instância da construção que representam seus constituintes (cf. FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 321).

Em termos notacionais, a construção que se deseja descrever é bloqueada em seu contexto de instanciação por chaves { } para delimitar sua extensão (signo MÃE), e, em seu interior, os segmentos constituintes são separados por colchetes []. Para exemplificar, é fornecida pelos autores (*idem*, p. 330) a ilustração de uma construção formada por dois segmentos (duas FILHAS) – a qual parafraseamos a seguir em (9):

$$(9) \quad \{^{\text{Mãe}} [^{\text{Filha1}} \text{signo}_1] [^{\text{Filha2}} \text{signo}_2]\}$$

<sup>7</sup> Nossa tradução de: “(...) requires that a certain amount of redundant information must be represented, since the conventional patterns would in any case be generated by the grammar” (GOLDBERG, 2006, p. 55).

<sup>8</sup> Nossa tradução de: “(...) rules that license ‘new’ linguistic signs based on other linguistic signs” (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 321).

Como exemplo, um tipo de construção *Proporcional*<sup>9</sup> (*Rate*) é descrito pelos autores como um construto formado por dois segmentos: a FILHA<sub>1</sub>, o Numerador; e a FILHA<sub>2</sub>, o Denominador. Em uma adaptação para o português, podemos assinalar que, em um enunciado como “Em Juiz de Fora tem estacionamento cobrando *dez reais a hora*”, a descrição da construção *Proporcional* seja:

$$(10) \{ \text{Proporcional} [ \text{Numerador} \text{ dez reais} ] [ \text{Denominador} \text{ a hora} ] \}$$

Neste caso, o Numerador é um Sintagma Nominal Quantificado, referente ao custo, e o denominador é um Sintagma Nominal Definido<sup>10</sup>, referente à unidade de medida (aqui, o tempo). O uso de um Sintagma Nominal – em detrimento de Preposicional, de sintaxe regular – parece ser, na língua inglesa, mais apropriado em contextos familiares, conforme é discutido por Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, p. 364), e o mesmo parece ocorrer de forma análoga em português. A interpretação dessa construção em termos gerais é, portanto, que uma razão é estabelecida na relação denominador/numerador. O quadro abaixo ilustra a maneira prática de se descrever informalmente<sup>11</sup> a construção:

Nome	Construção Proporcional
M	SN
F1	Numerador. Um SN quantificado.
F2	Denominador. Um SN singular definido.
Interpretação	Uma razão é construída de numerador/denominador.

**Quadro 3: Descrição informal da construção Proporcional**

É proposto que essa estratégia possa ser usada para a descrição de qualquer construção. Atribui-se um nome à construção, em seguida são descritas as propriedades do construto MÃE e as propriedades dos constituintes FILHAS, e então é fornecida uma instrução para a interpretação construcional.

<sup>9</sup> Na proposta *Constructicon*, as construções são identificadas usando-se uma fonte diferente. Aqui, utilizamos a fonte Cambria.

<sup>10</sup> Na ilustração de Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012), para a língua inglesa, trata-se de SN Indefinido, como em “*ten dollars an hour*”.

<sup>11</sup> A descrição informal, nesta abordagem, é entendida em oposição à descrição formal, feita na SBCG por meio de uma Matriz de Valores de Atributos, em que são delineados os diversos traços sintáticos, semântico-pragmáticos da construção e seus respectivos valores de instanciação.

Algumas construções têm sido reconhecidas e classificadas no projeto *Constructicon*. Interessam-nos mais intimamente, neste trabalho, as Construções de Modificação de Grau (*Degree Modification*) e as Construções de Realização do Qualificador de Grau (*Degree\_qualifier\_realization*), que serão comentadas de acordo com o trabalho de Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, pp. 342- 347).

Discutida pelos autores primordialmente para lidar com adjetivos (e também advérbios, embora não tenha sido focalizado discutir estes últimos), a Construção de Modificação de Grau estabelece que o adjetivo escalar, quando modificado em grau, indica um grau em uma escala relacionada, em respeito a um valor de referência implícito ou explícito. O construto dessa construção é formado por uma palavra modificadora de grau e um adjetivo (por exemplo), formando um Sintagma Adjetival complexo. Por exemplo, ao se dizer que “esse menino é bastante alto”, mesmo sem especificar o valor de referência, entende-se que “alto” está sendo posicionado de forma superior em uma escala (afinal, “bastante alto” é ainda mais que “alto”). Já quando se diz que “esse menino é mais alto”, espera-se um complemento, seja para especificar outro objeto de referência na escala, ou outro atributo (“esse menino é mais alto que aquele”, ou “esse menino é mais alto do que (é) bonito”). A representação informal proposta para essa construção é:

Nome	Modificação de grau
M	Sintagma Adjetival com valências <sup>12</sup> combinadas de F1 e F2.
F1	Modificador de Grau, que pode ter sua própria valência (ex: <i>tão... que</i> ).
F2	Adjetivo sem modificação de grau.
Interpretação	Um valor em uma escala localizado em relação a um valor de referência, de maneira especificada pelo Modificador de Grau particular.

**Quadro 4: Representação da Construção de Modificação de Grau**

O construto da modificação de grau pode ser delimitado da seguinte forma:

<sup>12</sup> As valências a que se referem os autores dizem respeito aos argumentos requeridos pelo construto. No caso, o número de argumentos requeridos será determinado pela interação entre o Modificador de Grau e o adjetivo. Um determinado adjetivo pode requerer apenas um argumento, como em “menino alto”, em que “alto” apenas requer o substantivo “menino”. Já o modificador “*mais... (do) que*” requer dois argumentos: um padrão de referência e um elemento relacionado, como em: “esse menino é mais alto que aquele”.

(11) Esse menino é {<sup>Modificação de Grau</sup> [<sup>Modificador</sup> bastante] [<sup>Adjetivo</sup> alto]}.

As expressões tipicamente modificadoras de grau (mais, tão, muito, demais, o suficiente, etc.) podem se associar a padrões específicos de complementação. Por exemplo, as situações em que se diz que “esse menino é bastante alto para participar do jogo” ou que “aquele menino é alto o bastante para participar do jogo” implicam que o primeiro esteja impossibilitado de participar, enquanto, ao segundo, isso é permitido – embora ambos os modificadores indiquem suficiência (cf. FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 344). A modificação de grau pode ativar um contexto de complementação, trazendo um ambiente de referência e qualificação da modificação ocorrida. Assim, o Modificador de Grau e o Qualificador do Grau podem se justapor em uma construção que irá tomar o trecho pertinente da modificação do grau como escopo para a qualificação. A seguir, apresentamos a representação informal da Construção de Realização do Qualificador de Grau (cf. FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 346):

Nome	Realização do Qualificador de Grau
M	Sintagma X, que é identificado com o Sintagma de F1.
F1	Sintagma X contendo um Marcador de Grau ( <i>mais, menos, tão, muito</i> , etc) e fornece o escopo da Modificação de Grau introduzida pelo Marcador de Grau.
F2	Qualificador de Grau. Com Comparativas, será um Sintagma “(do) que X”, “quanto X”; com construções de suficiência (“ <i>bastante</i> ”, “o <i>bastante</i> ”, etc), poderá ser um Sintagma Infinitivo; dentre outros.
Interpretação:	o escopo da Modificação de Grau, fornecida pelo Qualificador de Grau, inclui a significação inteira de F1.

**Quadro 5: Representação da Construção de Realização do Qualificador de Grau**

Em uma possível sequência de frases ditas por alguém tentando convencer um amigo a comprar um carro, podemos analisar alguns exemplos:

- (12) Sua moto é {[menos potente] [que minha bicicleta]}.  
 (13) Você {[precisa mais de um carro] [do que de uma moto]}.  
 (14) {[Você precisa mais de um carro] [do que eu]}.  
 (15) Então você {[junta bastante dinheiro] [para comprar um carro]}.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Excetuando-se o primeiro exemplo, que traz o adjetivo escalar “potente” na Modificação de Grau, utilizamos os verbos “precisar” e “juntar”, que são verbos de ajustes graduáveis.

Em (12), o escopo é o adjetivo “potente” usado em uma escala de comparação entre a moto e a bicicleta. Em (13), o foco é a necessidade, sendo estabelecido um grau maior de necessidade para o carro do que para a moto. Já em (14), são duas situações complexas colocadas em comparação: você precisar de um carro e eu precisar de um carro, daí todo o sintagma ser visto com o escopo da qualificação. Em (15), o ato de juntar dinheiro é estabelecido em uma escala de suficiência para a consequente aquisição de um carro, vista como a qualificação desse foco.

Com isso, pretendemos mostrar que a abordagem de construções apresentada no projeto *Constructicon* é compatível com a proposta de Goldberg (1995, 2006), discutida nas primeiras subseções, alinhando-se com nosso objeto de estudo e fornecendo meios práticos para descrição da construção por nós estudada. Por ser voltada para a descrição de CEAs, a representação construcional fornecida por Goldberg não nos fornece os instrumentos específicos e adequados à nossa empreitada. Assim, uma das maiores vantagens em relação ao aparato da *Constructicon* é por esta ser uma ferramenta de descrição construcional que, segundo Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, p. 369) “é flexível o suficiente para manusear construções de qualquer tipo de complexidade<sup>14</sup>”.

## 2.2 Semântica de *Frames*<sup>15</sup>

Ainda sobre o papel do uso da linguagem na apreensão do significado – conforme discutido na seção anterior, ao tratar das construções como blocos simbólicos de conceitos –, levantamos alguns aspectos sobre a Semântica de *Frames* como proposta para afirmar a linha contínua entre semântica e pragmática. A Semântica de *Frames* é o modelo fundado pelo linguista Charles Fillmore, fruto do desenvolvimento de diversos estudos iniciados na década de 70, amadurecidos e fortemente difundidos desde o início da década de 80. Essa abordagem empírica tem como noção central o *frame*, que é um conjunto de conceitos que se encontram estruturados de forma interdependente e são capazes de gerar expectativas. Tal interdependência existe tanto entre os conceitos constitutivos desse conjunto, bem como pelo conjunto em relação às suas partes constitutivas. Conforme diz Fillmore (1982, p. 111), o *frame* é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender um deles

---

<sup>14</sup> Nossa tradução de: “(...) is flexible enough to handle constructions of any level of complexity” (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 369).

<sup>15</sup> Esta subseção é baseada na subseção “A Semântica de Frames” de minha dissertação de Mestrado (cf. PIRES, 2010, pp. 21- 7).

é necessário entender toda a estrutura na qual ele se encaixa<sup>16</sup>”, e a introdução de algum desses conceitos faz com que os outros fiquem disponíveis, passíveis de serem acessados. Nessa abordagem, “as palavras representam categorizações de experiência<sup>17</sup>”, motivadas por situações, conhecimento prévio e experiência dos falantes (*idem*, p. 112).

Um ponto primário da significação para Fillmore, e citado por Gawron (2008), é entender o significado como relativizado ao *frame*. Considerar o conceito de *frame* para uma abordagem linguística do significado não é, para Fillmore, vê-lo como um meio extra de organizar conceitos, e sim como fundamental para se repensar as metas de uma semântica linguística.

Como é apontado por Petruck (2008), Fillmore alega que o objetivo primário da análise do significado é a compreensão, considerando a Semântica de *Frames* como uma semântica da compreensão (*Semantics of Understanding*). Sendo assim, os empenhos do falante (escritor) em atribuir sentido ao seu texto e os empenhos do ouvinte (leitor) em construir sentido para o texto são cruciais. Pensando na interpretação de sentenças, o objetivo em uma semântica da compreensão é “determinar em qual situação uma sentença se encaixa<sup>18</sup>” (PETRUCK, 2008, p. 3). A importância da Semântica de *Frames* para a questão da interpretação é apresentada, por exemplo, quando Fillmore (1982, p.117) diz que, por serem estruturas que geram expectativas, os *frames* atuam para levar à interpretação textual adequada. Isso porque, ao saber com qual texto se está lidando (um obituário, contrato, certidão de casamento, etc.), é possível criar noções sobre o que esperar de tal texto. A depender do diferente texto ou manifestação linguística com o qual se está lidando, específicas serão as abordagens e o tipo de expectativa gerada.

Ainda sobre a compreensão textual, uma importante distinção é feita entre evocar e invocar um *frame* (FILLMORE, 1982, p. 124). Evocar um *frame* é função do material linguístico, que faz vir à mente do leitor um determinado conjunto de expectativas. Nesse caso, os itens lexicais são tidos como índices de *frames*. Invocar um *frame* é função do leitor, que irá atribuir coerência ao texto ao aplicar nele informações e conhecimentos que o leitor traz consigo independentemente do texto. Um caso em que o material linguístico evoca um *frame* pode ser percebido numa sentença como “André comprou um celular por cem reais”,

---

<sup>16</sup> Nossa tradução de: “(...) any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”(FILLMORE, 1982, p. 111).

<sup>17</sup> Nossa tradução de: “(...) words represent categorizations of experience”(FILLMORE, 1982, p. 112).

<sup>18</sup> Nossa tradução de: “(...) to determine what situation a sentence fits” (PETRUCK, 2008, p. 3).

em que o verbo *comprar* é o material linguístico que evoca o *frame* Transação\_comercial<sup>19</sup>. Por outro lado, como discutido em Pires (2010), dado o trecho da música *A Felicidade*, de Tom Jobim:

- (16) A gente trabalha o ano inteiro  
 Por um momento de sonho  
 Pra fazer a fantasia  
 De rei ou de pirata ou jardineira  
 e tudo se acabar na quarta-feira

é a interação dos vários itens lexicais contidos neste trecho o que torna possível a evocação do *frame* Carnaval<sup>20</sup>. Os itens “*fantasia de rei*”, “*pirata*”, “*jardineira*”, trajes típicos da festa de carnaval, aliados à “*quarta-feira*” (inferida como a *de Cinzas*), são percebidos pelo leitor como evocativos de Carnaval. Uma interpretação mal sucedida é, pois, vista como o caso em que o *frame* invocado pelo leitor não condiz com o *frame* evocado pelo material.

A noção de *frame* também pode relacionar-se com o processo de metonímia, motivando-o. Sweetser & Fauconnier (1996, p. 4) mencionam a chamada “metonímia de *frame*”, para explicar que a projeção metonímica bem sucedida ocorre entre elementos evocativos do mesmo *frame*. É o caso emblemático do “hambúrguer de presunto que pediu a conta”, em que o “cliente” (alvo) e a fonte do mapeamento metonímico em forma de “comida” (hambúrguer de presunto) devam pertencer ao mesmo *frame* (Restaurante) para que seja viável esse tipo de projeção.

O falante usualmente confia em seu conhecimento prévio dos conceitos para a compreensão e se apoia em um *frame* para estruturar sua interpretação, contando com relativa previsibilidade. Dessa forma, casos como a pequena estória em (17) oferecem um desafio:

- (17) A garçonete do bar levou ao cliente o papel com o valor e ele, após analisar detidamente aquele papel, resolve contratar seus serviços especiais para aquela noite.

Embora a sequência inicial nos leve a estruturar a estória em um típico *frame* (ida ao) Bar/Restaurante, somos compelidos a inferir outro *frame*, que enquadra a estória como uma

---

<sup>19</sup> Os *frames*, por representarem esquemas conceituais, são distinguidos graficamente. Neste trabalho, estão na fonte Candara.

<sup>20</sup> Tomamos, neste trabalho, algumas nomeações de *frames* num sentido não formalizado, e de cunho mais intuitivo. Interessa-nos apontar para o esquema, que em alguns casos pode ser apresentado como algo mais ou menos específico, a depender dos exemplos utilizados.

contratação de “serviços especiais” – sexuais – de uma garota de programa. Nesse sentido, a mudança de *frame*, conforme é pontuado por Coulson (2001, p. 275), envolve reanalisar dramaticamente a situação nos casos em que o *frame* inicialmente evocado se mostrar inadequado.

### 2.2.1 Relação entre *frames*, os Modelos Cognitivos Culturais (MCIs) e a perspectiva

A noção de *frame* também se aproxima dos Modelos Cognitivos Idealizados. Segundo Lakoff (1987), os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI's) são construtos estruturados sociocognitivamente, responsáveis pela organização e categorização do nosso conhecimento enciclopédico. São estruturas capazes de gerar expectativas compartilhadas, que por sua vez colaboram para a formação de efeitos de prototipia – em que certos indivíduos ou situações são considerados bons representantes de sua categoria.

O clássico exemplo, usado por Fillmore (e também discutido por Lakoff), de *bachelor* (homem solteiro, considerado um bom partido), é usado para ilustrar que há uma ideia compartilhada do que seja um *bachelor* representativo, e que esse modelo idealizado é social e culturalmente criado. Uma descrição satisfatória de *bachelor* requer, para sua compreensão, ser relacionada a questões maiores que simplesmente a concepção de um homem, adulto, que nunca tenha sido casado. Fillmore (1982) alega que esse sentido de *bachelor* implica assumir um determinado contexto de expectativas. Assim, para citar alguns exemplos, homens não casados no papel, ou mesmo o Papa, não são colocados no grupo dos solteirões.

A noção que temos de *desempregado* também se relaciona com o conceito de *frame* (e de MCI), pois dificilmente chamaríamos uma pessoa que ganhou na loteria e deixou o emprego de *desempregado*. A definição mais apropriada, chamada de **enciclopédica**, requer uma avaliação social que implica impossibilidade (ou dificuldade) de se manter e/ou manter uma família. Disso decorre que uma definição sucinta e descontextualizada, chamada de definição de **dicionário**, não dá conta de abarcar o significado pleno dos conceitos.

De fato, a definição de *frames* como a entendemos aqui engloba o conceito de MCIs. A distinção apenas se justificaria caso o conceito de *frame* não pudesse englobar o que é social e culturalmente compartilhado. Assim, em posição contrária à visão atomística dos conceitos, Croft & Cruse (2004) afirmam que os conceitos são agrupados por sua associação com a experiência, e sintetizam a noção de *frame* quando dizem que, sendo apenas aparentemente estático, “um *frame* é qualquer corpo coerente de conhecimento pressuposto

por um conceito lexical<sup>21</sup>” (CROFT & CRUSE, 2004, p. 17). A relativa estabilidade de um *frame* está, pois, condicionada às próprias mudanças sócio-históricas a que determinados conceitos estão sujeitos.

No jogo entre a estabilidade relativa e as dinâmicas socioculturais, expressões como “bancada evangélica”, “beleza negra” ou “beleza asiática”, “beijo gay” passam a caracterizar esquemas conceptuais que partem (como desvio) necessariamente de estereótipos tacitamente assimilados. Decorre disso que a necessidade de adjetivação em uma expressão como “casal heterossexual” seja cogitada apenas em situações que contemplem a existência de casais homossexuais.

A significação também está intimamente relacionada à perspectiva. A natureza perspectivizada do significado linguístico se deve à possibilidade de um mesmo evento ou entidade poder ser conceptualizado sob pontos de vista diferentes. Um exemplo bastante usado em vários trabalhos de Fillmore é a diferença de perspectiva nos itens lexicais *land* e *ground* (rusticamente traduzidos como *terra* e *solo*). Embora “denotem” a mesma entidade, esses itens se encaixam em *frames* distintos. O primeiro se contrapõe ao *mar* e o segundo, ao *ar*. Alguém, cansado de uma longa viagem de avião, estaria mais propenso a dizer “quero pisar o solo logo”; já se a viagem fosse de cruzeiro marítimo, “quero estar em terra firme logo” seria mais esperado.

### 2.2.2 A descrição de *frames* pela FrameNet e a proposta de *Constructicon*

A partir da Semântica de *Frames*, surgiu, por volta da década de noventa, um projeto lexicográfico, inicialmente voltado para a língua inglesa e atualmente estendido para várias línguas (dentre elas o português) e que atua como um dicionário baseado em *frames*: a FrameNet. De acordo com Ruppenhofer et al (2006), e em linhas gerais, a FrameNet é um projeto lexicográfico que descreve os itens linguísticos ancorados nos *frames* a que estão relacionados, e em termos de suas combinações sintáticas e semânticas (as chamadas valências), por meio de evidência de *corpus*. Nesse empreendimento, são feitos procedimentos manuais, envolvendo a anotação de sentenças extraídas de *corpora* e, também, conta-se com o auxílio de *softwares* a partir dos quais são feitos procedimentos automáticos para a obtenção dos resultados. Esses resultados geram relatórios (em termos de padrões de valência, sumariamento das realizações sintáticas de Elementos de *Frame* – os EFs) que

---

<sup>21</sup> Nossa tradução de: “(...) a frame is any coherent body of knowledge presupposed by a word concept” (CROFT & CRUSE, 2004, p. 17).

estruturam as informações de forma interconectada, formando uma grande rede de significados (FILLMORE, JOHNSON & PETRUCK, 2003).

A palavra (ou expressão) que evoca um *frame* é chamada de Unidade Lexical (UL). Os itens que compõem a cena evocada pelo *frame* são os Elementos de *Frame*, que são os participantes da cena, como entidades, atributos, eventos, noções espaciais, temporais; classificados quanto ao seu estatuto de centralidade no *frame* (RUPPENHOFER et al, 2006, p.26-28). Há dois grandes grupos: os nucleares e os não-nucleares. Os Elementos de *Frame* Nucleares são aqueles que definem o *frame*; os Elementos Não-Nucleares não distinguem o *frame*, mas lhe atribuem características.

A plataforma da FrameNet ([www.framenet.icsi.berkeley.edu](http://www.framenet.icsi.berkeley.edu)) elenca diversos *frames* para a língua inglesa. Um dos *frames* já catalogados, e que interessa neste trabalho pela proximidade com nosso objeto, é o *frame* Evaluative\_comparison<sup>22</sup> (Comparação avaliativa). A descrição que fornecemos no quadro a seguir inclui uma definição sintetizada e parafraseada da forma como é feita na plataforma FrameNet.

**Evaluative\_comparison<sup>23</sup> (Comparação avaliativa)**

**Definição:**

Este *frame* é sobre a comparação estática de um **Item\_perfilado** a um **Item\_padrão**, frequentemente em respeito a algum **Atributo**. Neste *frame*, há uma assimetria inerente entre o **Item\_perfilado** e o **Item\_padrão**. Expressões de **Grau** indicam quão próximos os itens estão uns dos outros na escala evocada pelo **Atributo**. Além disso, o valor particular do padrão ou do item em certa escala pode ser dado pelo **Atributo\_padrão** do **Atributo\_perfilado** respectivamente.

**Elementos de *Frame*:**

**Nucleares:**

**Atributo**: Este EF marca os constituintes que indicam de que modo o Item-1 e o Item-2 são igualados um ao outro.

**Item\_padrão**: Em sentenças na voz ativa, o **Item\_padrão** é o elemento gramaticalmente menos proeminente.

**Item\_perfilado**: Em sentenças na voz ativa, o **Item\_perfilado** é o item gramaticalmente mais proeminente dentre os itens que são comparados e realizados como o sujeito.

**Atributo\_perfilado** (exclui: Atributo): O **Atributo\_perfilado** é um valor particular na escala.

<sup>22</sup> Na seção 3.6.1 do próximo capítulo, apresentaremos a proposta do *frame* Comparison (Comparação), em fase inicial, discutido por Hasegawa *et al* (2010).

<sup>23</sup> Link da descrição deste *frame*:

<[https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=Evaluative\\_comparison&banner=>](https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=Evaluative_comparison&banner=>)

**Atributo padrão** (exclui: Atributo): O **Atributo padrão** é usado quando o padrão é um valor específico em uma escala.

**Não- Nucleares (periféricos e extra-temáticos)<sup>24</sup>:**

**Conjunto de comparação<sup>25</sup>:** Este EF inclui o **Item padrão** e é em relação ao qual o **Item perfilado** é julgado.

**Grau:** Este EF marca expressões que indicam quão próximos estão o **Item perfilado** e o **Item padrão** na escala evocada pelo **Atributo**.

**Modo:** Indica o modo como a comparação é feita.

**Lugar:** A localização em que o **Item perfilado** é comparado (em competição) ao **Item padrão**.

**Tempo:** O tempo no qual o **Item perfilado** compete com o **Item padrão**.

**Unidades Lexicais elencadas correspondem aproximadamente a:** comparável (Adj.), comparar (verbo), igualar (verbo), correspondência (subst.), corresponder (verbo), corresponder à altura (verbo), competir/rivalizar (verbo), destacar-se (verbo)<sup>26</sup>.

**Alguns exemplos adaptados:**

Este PC **SE DESTACA** **bem** **contra seus concorrentes**.  
 O preço atual **CORRESPONDE** ao preço do ano passado.  
 [...] produção de um míssil de artilharia **COMPARÁVEL** ao **FROG-7A** **INI** <sup>27</sup> [...].  
 O Coper Canyon do México **COMPETE** **com o Grand Canyon** **em beleza e drama**.  
 [...] foi seu primeiro grande concerto de clarineta, e **nada** chega perto de **IGUALAR-SE**  
**a ele** **dentre todos os concertos de Sopro já escritos**. **IND**

#### Quadro 6: Definição do *frame* Evaluative\_comparison (Comparação avaliativa)

Na descrição, com fins didáticos, é usada uma representação gráfica, com cores diferentes para indicar os Elementos de *Frame* e a cor de realce preta para indicar a Unidade Lexical – expressão evocadora do *frame*. Para descrever as disposições combinatórias dos elementos em cada instância do *frame*, são dispostos os pares semânticos (o tipo de EF) e sintáticos (a realização do Sintagma e sua função gramatical), que são agrupados em padrões de realização de determinada UL de acordo com dados evidenciados em *corpora*. Tomando

<sup>24</sup> Elementos Periféricos são considerados elementos que acrescentam características genéricas que podem ser aplicadas a *frames* diversos, geralmente expressando informações de modo, lugar, finalidade, tempo. Os Elementos Extra-temáticos são participantes que, embora presentes na cena descrita pelo *frame* que está em destaque, podem incluir o evento num estado de coisas mais amplo ou, mesmo, evocar *frames* distintos.

<sup>25</sup> NaFrameNet, o EF CONJUNTO\_DE\_COMPARAÇÃO é considerado um Elemento Extra-temático.

<sup>26</sup> A lista das Unidades Lexicais da FrameNet é: *comparable.a, compare.v, equal.v, match.n, match.v, measure up.v, rival.v, stack up*.

<sup>27</sup> Uma vez que a Semântica de *Frames* postula que todos os elementos do *frame* são passíveis de serem inferidos, a FrameNet prevê que casos não instanciados sejam devidamente marcados seguindo-se três distinções: IND (para Instâncias Nulas Definidas, em casos de anáfora, por exemplo), INI (para as Instâncias Nulas Indefinidas), e INC (para as Instâncias Nulas Construcionais, nos casos em que a própria construção licencia a omissão de algum elemento).

(18), temos as realizações de dois EFs do *frame* Evaluative\_comparison, em relação à UL COMPARÁVEL:

(18) [um míssil de artilharia ITEM\_PERFILADO; SN/EXT] COMPARÁVEL [ao FROG-7A ITEM\_PADRÃO; SP/DEP] [ATRIBUTO; INI]<sup>28</sup>.

Em síntese, o enunciado em (18) evoca um cenário de comparação em que um míssil de artilharia, que é o item perfilado na cena, é comparado ao já conhecido lançador terrestre de mísseis, FROG-7A, tido como o padrão da comparação. O tipo de atributo em relação ao qual esses itens estão sendo comparados não é posto em evidência na cena. Mesmo não sendo explicitada a parte avaliativa do *frame*, entendemos que esta proposta deva assumir que a avaliação subjaz a comparação, o que explicaria o fato de ainda não haver, na plataforma, um *frame* chamado Comparison (Comparação), simplesmente.

Nesse tipo de descrição semântica, está em foco a capacidade de uma palavra (ou expressão) evocar um esquema conceptual próprio, e a explicitação de como ocorrem sintática e semanticamente as relações da palavra em destaque com os Sintagmas. Essa análise lexicográfica consegue satisfazer muitos propósitos, inclusive no auxílio do processamento de linguagem e tradução.

No entanto, por haver casos menos cooperativos em matéria de depreender o significado por meio da simples análise lexical (que se mostra insuficiente em uma série de casos<sup>29</sup>), tem sido desenvolvido o projeto *Constructicon* (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012) – brevemente comentado na subseção 2.1.5 – para descrição de construções inspirada na FrameNet, numa visão evidente de continuidade entre léxico e sintaxe. Assim, os constituintes integrantes de um construto da construção são referidos como Elementos da Construção (ECs) – as FILHAS, na terminologia já comentada. No caso de haver um material lexicalmente delimitado capaz de evocar a construção, é identificado como Elemento Evocador da Construção (EEC) (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p.323).

Tem-se discutido que, além das palavras, as construções também são capazes de evocar *frames*. Na proposta do projeto *Constructicon*, são admitidas variedades de

<sup>28</sup> Em termos sintáticos, este tipo de anotação adota uma postura em prol da simplificação das realizações de Função Gramatical, estipulando apenas três tipos: o EXT (Argumento Externo, comumente o Sujeito), o OBJ (Objeto Direto), e o DEP (Dependente, que serve para casos de Objeto Indireto e diversos Adjuntos).

<sup>29</sup> Sobre a insuficiência de análise lexical, no enunciado “*Em Juiz de Fora tem estacionamento cobrando dez reais a hora*”, o esquema de proporção é acionado não por um item lexical, mas pela interação de dois Sintagmas Nominais seguidos um do outro. Essa descrição passa a ser possível em uma análise construcional.

construções, a depender do tipo de construtos criados, e que não se excluem mutuamente (idem, p. 324). Um desses tipos são as “construções que introduzem *frame*”. Por exemplo, a construção Proporcional evoca o *frame* Razão, e os ECs da construção se identificam com os EFs NUMERADOR e DENOMINADOR do *frame*.

Assim, pretende-se verificar a hipótese de que o *frame* Evaluative\_comparison, que ora apresentamos, além de poder ser evocado a partir de verbos como “comparar”, “corresponder”, adjetivos como “comparável”, possa também ser invocado (implicitamente) pelo interlocutor por meio de uma configuração como a do tipo a seguir, instanciada em (19):

(19) Para uma Nerd de computadores, você é bem esperta.

Aproximando a descrição dessa construção como possível evocadora do *frame* Evaluative\_comparison, identificamos alguns dos EFs relacionados. Nesse caso, um ITEM\_PERFILADO (você) é comparado ao ITEM\_PADRÃO (uma Nerd de computadores) em relação ao ATRIBUTO (esperteza). É atribuído um elevado GRAU (bem) ao ITEM\_PERFILADO, o que acarreta um maior distanciamento dos itens em uma escala avaliativa. Nessa configuração, o ITEM\_PADRÃO, apesar de ser descrito como “uma Nerd de computadores”, refere-se não a um indivíduo, mas à classe. Esta comparação avaliativa é, nesta construção, sempre feita entre um indivíduo, que é perfilado, e sua classe, que aciona seu próprio *frame* (um conjunto de atributos e expectativas associados a pessoas aficionadas por programas de computador e sistemas relacionados). No exemplo utilizado, esse *frame*, construído socialmente, preconiza então a expectativa de que a pessoa em questão não fosse esperta.

Se, na subseção 2.1.5, discutimos a representação da construção na abordagem do *Constructicon* como ferramenta viável diante da configuração sintática de nosso objeto (que não se encaixa nas chamadas CEAs), aqui, o propósito foi procurar uma interseção, dentro do tratamento dado a *frames* e a construções, que abarcasse nosso objeto de estudo de forma a sistematizar a relação subjacente de comparação avaliativa promovida pela construção.

## 2.3 Espaços Mentais

Uma vertente bastante produtiva na área da Linguística Cognitiva e que contribui significativamente em nossa análise é a Teoria dos Espaços Mentais, que se propõe a dar um tratamento do significado voltado para o plano discursivo. Proposta e difundida por Gilles

Fauconnier (1994, 1997), essa abordagem nasceu da necessidade de se dar conta de diversos casos problemáticos do ponto de vista das abordagens semânticas tradicionais, ancoradas em relações de condições de verdade. A dificuldade de interpretação dos não-fatos (como, por exemplo, crenças, desejos, hipóteses, predições mais ou menos prováveis, imaginação), para a semântica formal, deve-se à sua prerrogativa de que a linguagem existe em função de tão somente referenciar o mundo real. A decisão considerada plausível seria a de, então, propor os chamados “mundos possíveis” – paralelos à realidade, e de difícil definição – onde essas expressões se encaixassem.

Solução mais plausível, alinhada à vertente sociocognitiva, é dada por Fauconnier (1994; 1997), ao introduzir a noção de **espaços mentais** como estruturas parciais desdobradas ao longo do discurso, e alicerçadas por *frames*. De acordo com Fauconnier (1997, p. 34), os “[e]spaços mentais são os domínios que o discurso constrói para fornecer um substrato cognitivo ao raciocínio e interação com o mundo<sup>30</sup>.” Nas palavras de Salomão (2003, p. 70), um espaço mental é um “domínio epistêmico postulado temporariamente como ferramenta de processamento do discurso” e sua noção permite uma abordagem séria do fenômeno da projeção.

De acordo com Sweetser & Fauconnier (1996, p. 11), a estrutura dos espaços mentais é considerada simples por ser parcial. Nela são incorporados *frames* (conceptualizações esquemáticas e socioculturais), aos quais se encaixam os elementos dos espaços mentais. Os espaços são, portanto, estruturados internamente por *frames*, por meio das informações lexicais que a eles remetem; e esses *frames* podem ser modificados ou elaborados dentro das construções (FAUCCONNIER, 1997). Conforme pontuam Fauconnier & Turner (2002) em momento posterior, também as experiências imediatas e episódicas estruturam os espaços mentais, sendo que o grau de familiaridade que estabelecemos com os elementos influencia na forma como são estruturados. Nesse sentido, é variável o entendimento e a organização conceptual de esquemas mais ou menos específicos e situados como, por exemplo, “manifestações populares”, “manifestações de junho de 2013” ou “a manifestação de 18 de março”, compreendidos e assimilados por uma parcela maior ou menor de pessoas. De tal modo, a inter-relação entre *frames* e espaços mentais permite considerar que “[a]prender um

---

<sup>30</sup> Nossa tradução de: “Mental spaces are the domains that discourse builds up to provide a cognitive substrate for reasoning and for interacting with the world” (FAUCCONNIER, 1997, p.34).

espaço mental é em alguns casos aprender o *frame* que o organiza<sup>31</sup>” (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 104).

Fauconnier & Turner (2002, p. 102) ampliam a noção de espaços mentais, pontuando que estes operam na memória de trabalho, no sentido de serem aplicados para fins situados no discurso, mas são estabelecidos em parte pela ativação de estruturas da memória de longo prazo. Daí, a estabilidade relativa dos *frames*, como estruturas armazenadas e passíveis de modificação no discurso, atua produtivamente com os espaços mentais na elaboração do sentido.

Remetendo-se a Fauconnier, Ferrari (2009, pp. 21-22) enfatiza a relação estabelecida entre espaços mentais e *frames* (sob o conceito de MCIs), ao dizer:

(...) os espaços mentais são domínios cognitivos locais que refletem o fracionamento da informação à medida que o discurso acontece; os espaços são organizados por estruturas estáveis – os *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCIs), que permitem a organização radial de *frames* relacionados a valores e crenças compartilhados por indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade (FERRARI, 2009, pp. 21-22). (grifos da autora)

A característica de fracionamento da informação é percebida pelo fato de que a estrutura presente em um espaço instaurado pode ser relativizada a outros: cada novo espaço que se configura no discurso está relacionado a outro espaço existente, formando uma rede interconectada de espaços, os quais podem ser incrementados conforme o desenrolar do discurso.

### 2.3.1 Conceitos básicos de espaços mentais

Segundo Fauconnier (1994; 1997), os espaços podem ser introduzidos no discurso por meio dos chamados **construtores de espaço** (*space builders*). Os construtores de espaço são importantes para o desdobramento e a manutenção de novas configurações do discurso, visto que, ao entrar no discurso, uma expressão linguística força uma nova configuração discursiva (FAUCONNIER, 1997, p. 38). Sweetser & Fauconnier (1996, p. 10) pontuam que os construtores de espaço são “mecanismos explícitos que os falantes podem usar para induzir o

---

<sup>31</sup> Nossa tradução de: “To learn a mental space is in some cases to learn the frame that organizes it” (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 104).

ouvinte a estabelecer um novo espaço mental<sup>32</sup>”. Exemplos de expressões linguísticas que atuam como construtores de espaços podem ser sintagmas preposicionais (*na foto, na opinião de João, em 2008, na faculdade*), advérbios (*provavelmente, teoricamente*), combinações de sujeito e verbo (*João acredita que; Pedro quer que; Maria alega que*), conectivos (*se A, então B; apesar de*). Os construtores de espaço estabelecem que o espaço por eles introduzido é relacionado ao espaço do qual se originou – o espaço pai (cf. FAUCONNIER, 1994).

Os elementos são relacionados entre si nos espaços através dos conectores. Esses são responsáveis por fazer um mapeamento, conectando um gatilho no espaço pai ao seu alvo, que é sua contraparte, no espaço filho. Para Fauconnier (1997, pp. 09-12), os mapeamentos, longe de serem considerados fenômenos periféricos, são centrais, pois constroem e ligam espaços mentais. O autor cita três importantes tipos: **mapeamentos de projeção, de função pragmática e de esquema**. Os **mapeamentos de projeção** são os que projetam estrutura de um domínio a outro, sendo a metáfora um exemplo, ao projetar estrutura parcial de um domínio fonte a um domínio alvo. Quando dizemos que “aquele argumento foi atacado por todos os lados”, imprimimos a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, pois o domínio alvo, discussão (mais abstrato), é referido em termos do domínio fonte, guerra (mais concreto).

Já os **mapeamentos de função pragmática** promovem correspondências entre elementos que são identificados por suas contrapartes. A metonímia é um exemplo elucidativo, percebido em situações em que usamos o modelo e marca de um carro (um Honda Civic) para se referir ao condutor do veículo, num enunciado como “um Honda Civic passou por nós buzinando feito louco”. Por fim, os chamados **mapeamentos de esquema** atuam em termos do esquema conceptual (*frame*) que estrutura o espaço mental em questão. Na introdução de um espaço como “Laura foi beijada”, há a estrutura do *frame* Beijar, que pressupõe alguém que beija e alguém que é beijado como elementos acessíveis no espaço.

Essa discussão leva a outro conceito importante de Fauconnier (1997), que é o *Princípio do Acesso*. Esse princípio relaciona os elementos através dos espaços e ocorre quando uma expressão é empregada para acessar a contraparte de um elemento em outro espaço, podendo ser usada para nomear, descrever ou acessar tal elemento. É pelo *Princípio de Acesso* que podemos correlacionar o “João tímido” (no espaço base) ao “João extrovertido” (no espaço do grupo de teatro), em: “**João** é tímido, mas no grupo de teatro **ele** canta, dança e até faz piada”.

---

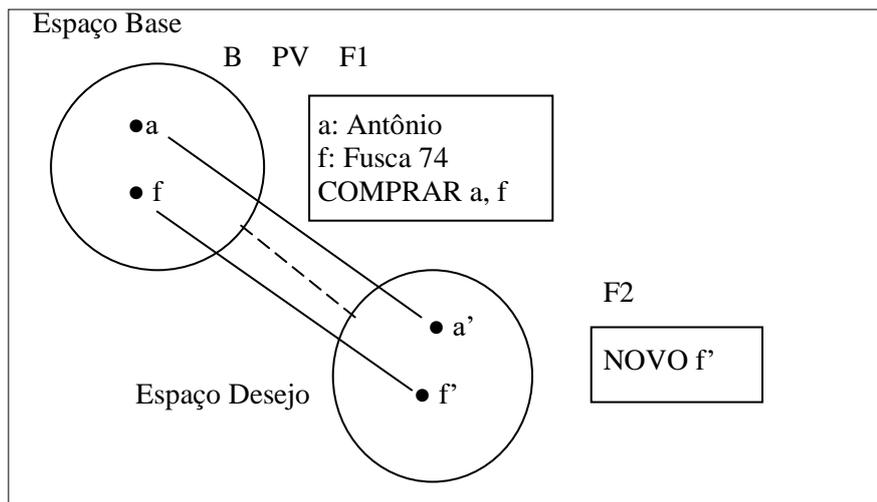
<sup>32</sup> Nossa tradução de: “(...) overt mechanisms which speakers can use to induce the hearer to set up a new mental space” (SWEETSER & FAUCONNIER, 1996, p. 10).

Os conectores de elementos podem ter funções diversas. Por exemplo, um conector pode estabelecer uma função de Identidade entre o elemento e sua contraparte em outro espaço, como em “**Joana** até ano passado era **João**”. Em casos clássicos de situação ficcional, pode-se lançar mão de um conector de Drama para ligar os elementos, como em “Na novela, **Beatriz Segall** é a **empresária Odete Roitman**”. Outro conector bastante difundido é o que liga papéis a valores. Em exemplo como “**Pedro** é o **presidente** da empresa e **Judas** sonha em ser o **presidente**”, a interpretação mais provável é a do funcionário ambicioso: é estabelecida uma conexão entre o indivíduo Judas e o papel ocupado por Pedro, interpretando-se que Judas almeja ascensão na empresa. Um dos princípios dessa interpretação é a noção de que o papel é preenchido por um valor de cada vez. Já uma interpretação menos provável seria a de troca de corpos: nesse caso, a expressão linguística “o presidente da empresa” se relacionaria diretamente ao valor nela preenchido: a pessoa do Pedro.

No desdobramento dos espaços mentais, há três noções consideradas dinâmicas: Base, Foco e Ponto de Vista (FAUCONNIER, 1997). A correta atribuição dessas noções aos espaços garante a estruturação do fluxo discursivo. O espaço Base é tido como o centro dêitico do discurso, o aqui-e-agora como o ponto de partida do enunciado e, muitas vezes, condiz com a representação do mundo real, dos fatos. Um espaço é considerado Ponto de Vista quando for usado por outros espaços para serem acessados e estruturados. O espaço está em Foco quando a atenção discursiva recai sobre ele; ou seja, é o espaço sobre o qual se fala num determinado momento do discurso. Essas noções não se aplicam, necessariamente, a espaços distintos; podendo, portanto, estar sobrepostas. Um exemplo simples é o caso deste enunciado:

(20) Antônio compra um Fusca 74 e quer que ele pareça novinho.

O primeiro segmento “Antônio compra um Fusca 74” começa no espaço Base, que é ao mesmo tempo o Ponto de Vista que estrutura a informação e o Foco, visto que é sobre a aquisição de Antônio que se está falando no início. No próximo segmento, “e quer que ele pareça novinho”, há o construtor de espaço “quer”, que instaura um espaço mental sobre os desejos do Antônio e é ancorado ao espaço *Base*. O espaço *Base* se mantém como *Ponto de Vista*, a partir do qual o espaço do desejo é estabelecido. O que se altera então é o *Foco*, que passa da *Base* para o espaço do desejo. Esse enunciado fica assim diagramado:



**Figura 2: Diagrama da Base, Foco e Ponto de Vista**

Os símbolos B, PV e F são usados respectivamente para Base, Ponto de Vista e Foco. No primeiro segmento – “Antônio compra um Fusca 74” –, o Foco e o Ponto de Vista estão na base, visto que se trata de uma informação que ocorre no tempo presente. “Antônio” e “Fusca 74” são os elementos representados como os valores. Caso fossem apresentados como papéis, poderiam ser, por exemplo, “meu tio” e “um carro velho”. Esses elementos, ilustrados pelas letras minúsculas *a* e *f*, são estruturados em um *frame* Comprar. A representação é feita pela caixa ao lado do espaço. Por meio do construtor de espaço “quer”, é instaurado no discurso o espaço do desejo de Antônio. Esse novo espaço está relacionado à Base, e a representação é dada pela linha tracejada unindo os espaços. Por meio de conectores de Identidade (linhas contínuas), as contrapartes *a'* e *f'* acessam respectivamente “Antônio” e “Fusca 74” na Base. Nesse espaço, o *frame* que estrutura o atributo é acionado pelo adjetivo “novinho”, que é mais expressivo que a cópula “ficar”. Como fica exposto, apenas a contraparte do Fusca 74 (*f'*), que está inserida nos desejos do Antônio, é que pode ser considerada um carro com aparência de novo.

Um dos princípios tácitos que nos garantem a fluidez no discurso é a transferência gratuita de informação que se passa de espaço a espaço, mantendo a coerência entre os elementos e as estruturas. Assim, a fluidez entre a compra do Fusca (no espaço pai) e o posterior desejo de parecer novo (no espaço filho) é alcançada pela transferência *default* da estrutura, chamada Otimização – princípio em que a estrutura se propaga desde que não seja contradita (FAUCONNIER, 1997, p. 43).

### 2.3.2 Tratamento de questões problemáticas nas abordagens semânticas formais

Fauconnier (1994, 1997) apresenta diversos casos problemáticos para as abordagens semânticas clássicas e os analisa sob a luz da Teoria dos Espaços Mentais, como as questões de pressuposição, referência opaca/transparente, escopo de expressões indefinidas. Faremos, a seguir, uma sucinta ilustração dessas questões.

#### 2.3.2.1 Projeção de Pressuposição

Amplamente discutida na obra de 1994 e sintetizada em 1997, a pressuposição é um recurso gramatical que marca parte da estrutura dos espaços mentais como pressuposta (FAUCCIENIER, 1997). São amplamente discutidas na literatura as fórmulas gramaticais que introduzem um material tomado como pressuposto, como as reconhecidas expressões gramaticais de clivagens, factivos, aspectuais, iterativos, as expressões definidas.

Há longa discussão sobre os casos clássicos, como “Pedro (não) parou de fumar”, ou “Pedro (não) continua a fumar”, que ilustram como os aspectuais, ainda que sob efeito de negação, imprimem informação prévia de que o Pedro necessariamente fumava. O escopo de um iterativo como “de novo” pode, inclusive, promover ambiguidade na adoção da pressuposição para um caso como “este ano senti vontade de ir a Paris de novo”, em que o uso estratégico do iterativo “de novo” possa servir para levar à pressuposição de que já teria existido uma ida a Paris, mas também pode ter como escopo (configurando-se, assim, a brincadeira) toda a expressão em que é evidenciado tratar-se tão somente de tornar a sentir vontade.

Uma expressão definida como “o gato da Ana” toma gratuitamente a informação de que “a Ana tem um gato” como pressuposta. Se, no entanto, em momento prévio, a informação “Ana tem um gato” estiver explicitada, esta última não pode ser tida como pressuposta, e sim, como informação dada, apresentada no discurso. As análises voltadas para a verificação da verdade tendem a se preocupar se a informação tida como pressuposta em um trecho de uma sentença poderia ser assumida “na realidade”, em termos de tudo ou nada. Para Fauconnier (1997), as pressuposições, tradicionalmente estudadas em abordagens baseadas nas sentenças, devem ser tratadas como um fenômeno discursivo e, assim, uma forma satisfatória de se estudar as pressuposições é analisar “como a informação introduzida gramaticalmente como pressuposta relativa a um espaço mental pode ser propagada para

outros espaços ou ter sua propagação bloqueada<sup>33</sup>” (FAUCONNIER, 1997, p.61). Desse modo, dentro dos estudos de espaços mentais, a pressuposição é tida como uma informação (linguisticamente contida na sentença) que pode “flutuar” até os espaços superiores (adotando-se um movimento descendente de desdobramento discursivo), e pode – ou não – chegar ao espaço Base (da realidade discursiva do falante). A questão da pressuposição é focalizada, pois, nos meios que permitem sua flutuação (ou bloqueiam a flutuação) – ou seja, no princípio de projeção da pressuposição. De acordo com esse princípio, pressuposição irá flutuar, por Otimização, a menos que seja contestada ou esbarre em si mesma. Isso quer dizer que, tanto se houver uma informação que contradiga o pressuposto, ou se a própria informação pressuposta houver sido explícita em algum segmento, a pressuposição não irá se manter. Nesses casos, a informação não será assumida, globalmente, como pressuposta<sup>34</sup>.

Baseando-nos no que foi discutido por Fauconnier (1997, pp. 61-3), procuramos ilustrar a medida com que uma pressuposição como “a Ana tem um gato” consegue flutuar aos espaços superiores no desdobramento discursivo, tomando os dois exemplos (21) e (22) a seguir:

- (21) Sônia acredita que Ana tem um gato e que o gato da Ana irá fugir.  
 (22) João espera que Sônia acredite que o gato da Ana irá fugir.

Em (21), a pressuposição de que “Ana tem um gato” se mantém apenas no espaço Futuro (estruturado na sequência “o gato da Ana irá fugir”), que está inserido no espaço da Crença de Sônia (estruturado pelo *frame* Acreditar). A pressuposição não se propaga até o espaço Crença, pois a informação “Ana tem um gato” está aí introduzida explicitamente. Por conseguinte, como a pressuposição foi bloqueada na Crença, não poderia flutuar até o espaço Base, relativo à realidade discursiva do falante. Em (22), a informação pressuposta de que “Ana tem um gato”, depreendida no espaço Futuro, flutua até o espaço da Crença de Sônia, já que pela configuração linguística é tomada como dada. Como a pressuposição é satisfeita no espaço da Expectativa de João (estruturado pelo *frame* Esperar) e não apresenta conflitos, a informação não é impedida de flutuar até o espaço Base. Vale lembrar que, na proposta de Fauconnier (1994, 1997), a pressuposição pode se manter em alguns espaços, mas não em outros. Dentre as inúmeras possibilidades de espaços (hipotéticos, contrafactuais, de negação,

<sup>33</sup> Nossa tradução de: “(...) how information grammatically introduced as presupposed relative to one mental space can be either propagated to other spaces or blocked from being propagated” (FAUCONNIER, 1997, p. 61).

<sup>34</sup> Informação pressuposta é entendida, pois, como não afirmada diretamente, e sim depreendida como verdade.

de crenças, de pensamentos), uma questão de aspecto crucial na interpretação é saber se a pressuposição se mantém no espaço Base.

A propagação de pressuposição em espaços mentais não é vista como uma operação de tudo-ou-nada. Por isso, mesmo uma situação não conflituosa como (22) pode, a princípio, ter a pressuposição bloqueada discursivamente. Uma vez que espaços são domínios incrementáveis, poderia surgir no discurso uma informação que contradissesse a pressuposição, caso expusesse que Ana, na realidade, não tem gato algum.

Tomando uma estrutura contrafactual como “Se Sônia está grávida, sua gravidez é de risco”, a expressão definida “sua gravidez” não se mantém como pressuposta no espaço Fundação, pois a estrutura “está grávida” é colocada como não aberta à pressuposição. Já em “Se Sônia continuar tendo aumento de pressão arterial, sua gravidez é de risco”, a pressuposição de gravidez não é colocada em xeque no espaço Fundação e pode, portanto, flutuar livremente até a Base.

Um dos aspectos de interesse é que as pressuposições aparentemente apresentam um poder comunicativo de “fazerem o falante sentir que já são dadas e, portanto, difíceis de serem questionadas ou refutadas<sup>35</sup>” (FAUCONNIER, 1994, p.108). Assim, são vistas como aquelas informações inferidas gramaticalmente no enunciado – e que exibem caráter estável.

### 2.3.2.2 Referências transparentes e referências opacas

Um fenômeno tratado pela Teoria dos Espaços Mentais é a diferenciação entre **referências opacas** e **referências transparentes**; o que é feito com base no *Princípio do Acesso*. Segundo Fauconnier (1997, p. 51), verbos como *pensar/achar, esperar ou querer*<sup>36</sup> instauram “contextos opacos” por meio de seus complementos. Quando um enunciado é usado pelo falante para reportar os pensamentos e/os desejos de outrem, gera-se um impasse em relação a saber para qual elemento (se o falante ou se o indivíduo reportado) deverá ser atribuído o conteúdo do complemento verbal.

A referência feita nos enunciados, por meio de descrições e nomes, é chamada de *referencialmente transparente* (ou *de re*) se for proveniente da conceptualização do próprio falante. Essa descrição, contida no espaço mental do pensamento, é acessada na *Base*. Caso seja fruto da conceptualização do indivíduo reportado, a referência é considerada

<sup>35</sup> Nossa tradução de: “(...) making the hearer feel they are already somehow given and therefore difficult to question or refute” (FAUCONNIER, 1994, p. 108).

<sup>36</sup> Verbos: *think, hope, want*.

*referencialmente opaca* (ou *de dicto*). Nesse caso, o elemento é acessado no próprio espaço do pensamento ou da crença do indivíduo.

Um comentário como (23), feito por um falante que reporta um suposto elogio feito por seu amigo a uma mulher presumidamente desconhecida que houvesse passado por eles, tende a ser interpretado preferencialmente como uma gafe e não como insulto direto.

(23) João acabou de me dizer que acha minha mãe gostosa!

Devido a certos códigos sociais, a melhor interpretação é de *referência transparente* (*de re*) do elemento “minha mãe”, acionado apenas no espaço Base do falante, podendo estar ligado a algo como “aquela mulher passando do outro lado da rua”, no espaço da Fala do amigo. Esse mapeamento é feito pelo conhecimento que é apenas do falante e não compartilhado com seu interlocutor. Já em um caso como (24),

(24) O turista Joseph visitou o Rio de Janeiro e achou a capital brasileira deslumbrante!

são os conhecimentos geográficos e sociopolíticos atuais que nos direcionam a interpretar esse enunciado como uma leitura *referencialmente opaca* (*de dicto*), pois percebemos que “a capital brasileira” somente se liga a “Rio de Janeiro” no espaço mental das crenças do turista Joseph (e de alguns outros).

### 2.3.2.3 O escopo das descrições indefinidas

Outro fenômeno problemático nas abordagens clássicas é determinar o **escopo das descrições indefinidas**. Os artigos indefinidos são comumente usados para a inserção de um novo elemento em um espaço mental. No decorrer do discurso, é esperado que o elemento passe, então, a ser referido por meio de descrição definida (por artigos definidos ou pronomes). O elemento inserido pode ser interpretado como proveniente do Espaço Base, ou existente no espaço criado.

Se uma situação é exibida como fato, o elemento apresentado por meio de descrição indefinida pode ser acessado no Espaço Base, como em: “Maria comprou um vestido vermelho e o usou na festa”. Já se um construtor de espaço de desejos, por exemplo, instaurar um espaço que apresente a descrição indefinida, pode haver dúvida para se assegurar que o

elemento inserido esteja também presente no Espaço Base, como em: “Maria sonha em encontrar um vestido que seja vermelho e que não custe caro”.

A riqueza de interpretações possíveis é ressaltada por Fauconnier (1997), ao dizer:

(...) por causa dos vários espaços em que uma descrição pode se originar, por causa das várias formas nas quais as contrapartes podem ser acessadas, uma dada sentença não tem um conjunto fixo de leituras; em vez disso, ela tem um *potencial gerativo* para produzir um conjunto de interpretações em respeito a qualquer configuração de espaço mental no discurso<sup>37</sup> (FAUCONNIER, 1997, pp. 58-59). (grifos do autor)

Disso vemos que o que é tratado como vagueza nas análises formais é entendido, na Teoria dos Espaços Mentais, como uma questão de se eleger como é dado o acesso aos espaços mentais disponíveis no discurso.

Conforme é pontuado por Coulson (2001, pp. 268-270), os significados lexicais convencionais têm pouca utilidade na construção situada do sentido, pois a compreensão evocada a partir de enunciados específicos será mais rica. É, pois, no processo de mapear estruturas e elementos de espaço a espaço que a compreensão é efetivamente alcançada, uma vez que o falante atribui sentido ao enunciado em resposta a pistas linguísticas.

### 2.3.3 Mesclagem

Introduzida em meados da década de noventa por Gilles Fauconnier e Mark Turner, a mesclagem é uma operação cognitiva responsável pela integração conceptual entre espaços mentais. Fauconnier & Turner (2002) alegam que a mesclagem é uma operação básica, central na imaginação, em que, a partir de mapeamentos, estruturas parcialmente provenientes de espaços (*inputs*) são integradas de forma seletiva, originando um novo espaço chamado “mescla” – o qual pode conter propriedades emergentes. Além dos espaços *inputs*, participa do processo de mesclagem um espaço genérico, que é mais esquemático e atua na estruturação do mapeamento. O espaço proveniente dessa integração conceptual – o espaço mescla – é, segundo Fauconnier (1997, p.22), mais rico que seus *inputs* e, ao ganhar consistência, é capaz de promover uma reorganização das nossas categorias e nossa forma de pensar sobre elas. Como apontado por Croft & Cruse (2004, p. 39), a Teoria da Mesclagem

---

<sup>37</sup> Nossa tradução de: “(...) because of the many spaces a description may originate in, because of the many ways in which counterparts may be accessed, a given sentence does not have a fixed set of readings; rather, it has a *generative potential* for producing a set of interpretations with respect to any discourse mental-space configuration” (FAUCONNIER, 1997, pp. 58-59).

avança nos estudos sobre espaços mentais; e seu foco é investigar “como a informação de dois espaços, construídos amplamente para incluir domínios, é combinada de forma a produzir novas estruturas conceptuais<sup>38</sup>”.

Há três importantes processos envolvidos na mesclagem: composição, realização e elaboração. A **composição** é o processo em que elementos são mapeados seletivamente dos espaços *input* e se fundem para proporcionar novos elementos e relações. A **realização** é a efetivação da mescla, que permite ser interpretada como um padrão mais rico. Já a **elaboração** responde pela simulação mental proporcionada pela mescla, possibilitando que esta seja operada dinamicamente (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 48).

Fauconnier & Turner (2002, pp. 119- 135) apresentam quatro tipos de redes de integração, que citamos sucintamente. São elas: Rede Simplíssima, Rede em Espelho, Rede de Escopo Único e Rede de Escopo Duplo. As duas primeiras são redes simétricas e as duas últimas, assimétricas. A **Rede Simplíssima** (*Simplex*) pode ser exemplificada como um tipo de rede de integração que unifica harmonicamente elementos de um espaço *input* – como papéis em um *frame* – a valores dentro de outro espaço *input*, gerando uma mescla em que as conexões se encontrem aplicadas. É percebida em um exemplo como “Yoda é o mestre de Luke”, em que os valores “Yoda” e “Luke” são integrados em um *frame* organizador, assumindo os papéis de “mestre” e “discípulo”.

A **Rede em Espelho** (*Mirror*) é uma rede de integração em que todos os espaços participantes (*inputs*, genérico e mescla) compartilham um mesmo *frame* organizador e os *inputs* se espelham entre si, não havendo conflitos nesse tipo de rede. Um exemplo trivial e cotidiano é visto quando alguém diz “eu devia ter me escutado”: uma única pessoa se projeta em espelho estruturado por um *frame* de comunicação, sendo ela mesma o locutor e interlocutor em uma conversa interna.

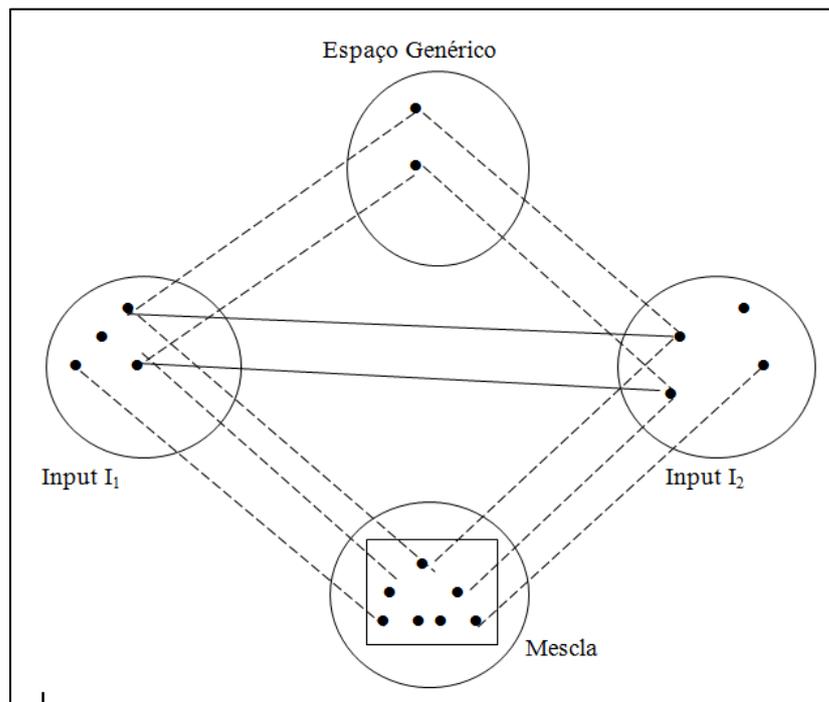
A **Rede de Escopo Único** (*Single-scope*) apresenta dois espaços com diferentes *frames* estruturadores. Nesse conflito entre *frames*, apenas um dos espaços projeta estrutura parcial do *frame* na mescla. A metáfora convencional, que mapeia estrutura de um domínio fonte a um domínio alvo, é entendida como um tipo de rede de integração de Escopo Único.

A **Rede de Escopo Duplo** (*Double-scope*) também apresenta *frames* diferentes nos espaços *input*, mas – diferentemente da Rede de Único Escopo – o possível conflito nas estruturas dos *frames* organizadores não impede que ambos sejam projetados para integrar a mescla. Os *inputs* não são justapostos, e o próprio conflito proveniente da diferença de *frames*

---

<sup>38</sup>Nossa tradução: “(...) how information from two spaces, construed broadly to include domains, is combined to produce novel conceptual structures” (CROFT & CRUSE, 2004, p. 39).

produz uma integração bastante criativa na mescla, onde surge uma estrutura emergente, mais rica que seus espaços *input*. Diversos casos lexicais (como “cirurgião açougueiro”, “área de trabalho do computador”, “vírus de computador”) e gramaticais (como “cavar a própria cova”), foram estudados como exemplos desse tipo de rede. O diagrama a seguir (figura 3), reproduzido de Fauconnier (1997) e Fauconnier & Turner (2002), ilustra esquematicamente a operação de uma mescla integrada como Rede de Escopo Duplo:



**Figura 3: Diagrama da Mesclagem**

O exemplo de Fauconnier (1997) para ilustrar o processo de mesclagem subjacente à expressão “vírus de computador” permite identificar os quatro domínios envolvidos nessa integração. Há o espaço relativo ao campo da biologia, contribuído pelo léxico “vírus” e o espaço relativo ao campo da informática. O espaço genérico contribui com informações esquemáticas sobre a estrutura, que é algo comum ao vírus e ao computador. Na mescla, surge o “vírus de computador”, que é um programa nocivo ao computador, como estrutura emergente que contém informações parciais dos dois domínios principais que lhe deram origem, além de informação própria.

Coulson (2001) comenta que uma mescla pode ser empregada para mudar a saliência de um elemento, realçando ou contrastando aspectos de seu esquema original. E, referindo-se

ao uso de mesclas relacionadas a temas polêmicos<sup>39</sup>, a autora afirma que, ao recrutarem *frames* com forte envolvimento sociocultural, as mesclas são eficazes em evocar respostas afetivas dos interlocutores, pois parecem ter forte apelo motivacional (COULSON, 2001, pp. 200-1). Sintetizando as considerações de Coulson (2001, p. 158-161) sobre as mesclagens, concordamos que a habilidade das pessoas em integrar prontamente as informações léxico-gramaticais e construir categorias *ad hoc* é sugestiva do poder dos chamados conceitos temporários, que são construídos na nossa memória de trabalho, com propriedades emergentes altamente atuantes no gerenciamento do sentido.

A discussão desses processos corrobora a forte relação da experiência e da cultura na construção do sentido. Assim, os mapeamentos e integrações que fazemos, longe de parecerem acrobacias improváveis, são – conforme nos dizem Sweetser & Fauconnier (1996) – efetivados inconscientemente e de forma natural, mesmo a partir de pistas linguísticas sutis.

## **2.4 As Escalas Pragmáticas e inferências suscitadas**

Por também dialogarem fortemente com nosso objeto de estudo, nesta seção, serão discutidas algumas noções sobre escalas pragmáticas, sob o enfoque de trabalhos desenvolvidos na vertente da Linguística Cognitiva. Entendemos que a ideia escalar subjaz vários processos de construção do significado, e mantém relações com a capacidade de gerar inferências.

### **2.4.1 Escalas pragmáticas**

As escalas são pragmáticas tanto porque se sustentam em significações que levam em conta o uso como também porque permitem ao falante usar o significado na interação com seus interlocutores. Na década de oitenta, Fauconnier (1980) discute alguns ambientes gramaticais que possibilitam uma leitura escalar, em que uma escala pragmática implicacional é ativada por itens que expressam pontos extremos em escalas, como valores mínimos ou máximos. O autor alega que esses pontos extremos nas escalas podem atuar como quantificadores universais, sem mesmo a necessidade de um referente de fato.

---

<sup>39</sup> Os exemplos discutidos por Coulson (2001) foram “assassinato” (cometido por filhos a seus pais) e “aborto”. Em cada caso independente, esses temas serviam como um dos *inputs* em mesclas que utilizavam o vocabulário sobre “vírus de computador” como *input*. Nas mesclas, “deletar arquivo” era mapeado a “assassinar” ou “abortar”, respectivamente.

Fauconnier (1980) discute exemplos de acarretamentos em direção ao sentido ascendente ou descendente de uma escala pragmática implicacional. Por exemplo, se é dito que alguém bebeu um litro de vinho, necessariamente nisso a pessoa terá bebido 500 ml, 100 ml, e assim por diante, até um valor mínimo de ingestão. De igual modo, se é dito que alguém não bebeu sequer uma gota de vinho, fica entendido que a pessoa não terá ingerido quantidade nenhuma do líquido. Nos exemplos trazidos pelo autor, é observado que o operador “*even*” (traduzido para o português como “mesmo”, “nem mesmo”, “sequer”) sinaliza de forma explícita uma referência a um ponto extremo de uma escala, eliminando uma possível leitura literal – que não teria implicações escalares (FAUCONNIER, 1980, p. 60). Adaptando um exemplo dado pelo autor, temos uma leitura não escalar em (25) e escalar em (26):

(25) Germana não vai beijar o homem mais bonito da festa.

(26) Germana não vai beijar nem mesmo o homem mais bonito da festa.

Em (25), o falante parece questionar os atributos de Germana, negando-lhe a oportunidade de beijar um referente específico: o homem mais bonito da festa. No entanto, é ainda possível inferir que Germana beije alguém. Já em (26), é negada, em absoluto, qualquer possibilidade de que Germana beije um homem na festa. Essa inferência se sustenta a partir de um critério escalar, que sinaliza ser “o homem mais bonito” o ponto mais forte numa escala de probabilidades para o beijo. Negar esse valor extremo, em uma configuração linguística escalar, leva à negativa dos demais valores nesse contexto.

Uma escala pragmática é, conforme esclarece Coulson (2001, p. 215), um conjunto ordenado de proposições inseridas em uma (ou mais de uma) dimensão semântica relevante de forma que seus elementos se relacionem por implicação, fazendo surgir inferências. Um dos estudos mais famosos sobre escalas pragmáticas é o trabalho de Fillmore, Kay & O’Connor (1988) sobre construções com “*let alone*”, que usa o modelo escalar de probabilidade. Considerando-se uma rústica tradução do termo para o português, temos casos como (27):

(27) Ele não chegou nem a Três Rios, que dirá ao Rio.

Fica subentendida uma escala de distância percorrida e ponto a ser alcançado, em que a cidade do Rio de Janeiro esteja em um ponto superior na escala (mais longe) comparado à posição ocupada por Três Rios. Um raciocínio escalar como o de (27) pode ter como base

uma viagem de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, pela BR-040, e ser dito como resposta a uma expectativa de chegada ao Rio. Um exemplo discutido pelos autores, parafraseado a seguir, ilustra a operação escalar envolvendo várias dimensões:

- (28) Você nunca conseguiria um homem pobre para lavar um carro por dois dólares em tempos ruins, que dirá um homem rico para encerar um caminhão por um dólar em tempos prósperos<sup>40</sup>.

O raciocínio escalar em (28) opera com cinco dimensões: (i) pessoa apta ao trabalho braçal – “pobre Vs. rico”; (ii) nível de dificuldade da atividade – lavar Vs. encerar; (iii) tamanho do veículo – carro Vs. caminhão; (iv) valor pago – dois dólares Vs. um dólar; (v) situação socioeconômica vigente – tempos ruins Vs. tempos prósperos. Os valores apresentados primeiro são assumidos como mais prováveis de ocorrer que os que são introduzidos posteriormente na escala. Assim, ao negar a probabilidade dos primeiros, infere-se a impossibilidade de realização dos seguintes. Em termos pragmáticos, na sequência “*X let alone Y*”, o primeiro segmento apresenta maior informatividade (considerando-se uma máxima de Quantidade) ao passo que o segundo é acertado com maior veemência pelo falante, sendo (numa máxima de Relação) considerado mais relevante (FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988).

Dancygier & Sweetser (2005), ao discutirem as construções concessivas condicionais (formadas com os termos “*even if*”), comentam que a escalaridade é constitutiva do significado concessivo dessas construções. Tomando a estrutura “*Mesmo se P, Q*”, no exemplo (29), adaptado das autoras, é instaurada uma escala pragmática com espaços alternativos de probabilidades:

- (29) Mesmo se ele cometer um crime, eles votarão nele.

Nesse exemplo, o “crime” é interpretado como um ponto máximo, de acordo com valores e critérios compartilhados socialmente. Em um modelo escalar de probabilidades, as alternativas situadas abaixo desse ponto na escala tornam-se possíveis. Assim, situações como “se falhar”, “se mentir”, “se desviar dinheiro”, inseridas numa proposição P, seriam interpretadas, na escala criada, como fatos que não impediriam a proposição Q (votarão nele).

---

<sup>40</sup> Nossa tradução de: “*You’d never get a poor man to wash a car for \$2 in bad times, let alone a rich man to wax a truck for \$1 in prosperous times*” (FILLMORE, KAY & O’CONNOR, 1988, p. 529).

Correlações escalares permeiam grande parte de nossa comunicação. Nesse sentido, é assumido que nossas experiências com fenômenos escalares no ambiente físico (como as correlações entre claro e escuro, alto e baixo, quente e frio, longe e perto, para citar alguns exemplos) são úteis por nos permitirem “raciocinar a partir do grau de um aspecto de uma situação para o grau de outro aspecto da situação<sup>41</sup>” (SWEETSER & FAUCONNIER, 1996, p. 25). Essa escalaridade experienciada física e socialmente é também empregada linguisticamente para lidar com proposições mais ou menos prováveis ou aceitáveis, e para ranquearmos as situações em relação umas com as outras.

#### 2.4.1.1 Uma palavra sobre as máximas de Paul Grice

A premissa construcionista adotada de que a significação se estabelece no contexto de uso dialoga com muitas contribuições do campo da pragmática. Aqui, relembramos os princípios conversacionais do filósofo Paul Grice, que ajuda a elucidar vários estudos sobre escalas pragmáticas, como os empreendidos por Fillmore, Kay & O’Connor (1988) e Israel (1996, 2001). Como é dito por Marcondes (2005), a teoria de Grice busca analisar o significado na relação falante-ouvinte e aplica procedimentos para se reconhecer as intenções do falante. Entendendo o dialogismo da linguagem em que os interlocutores querem se fazer compreendidos, é definido um princípio de cooperação, desdobrado nas difundidas máximas de Grice: da Quantidade, da Qualidade, da Relação e do Modo.

A máxima da *Quantidade* expõe que haja equilíbrio na informação dada, sendo que o falante deve contribuir com informação necessária ao seu propósito, sem exceder. A máxima da *Qualidade* é formulada para que seja verdadeira a mensagem comunicada pelo falante. A máxima da *Relação* preconiza que o falante diga algo que seja relevante e necessário. A máxima do *Modo* diz respeito a uma linguagem sem ambiguidades ou prolixidade, de forma ordenada. Esse modelo é entendido como a comunicação a ser bem sucedida e “visa precisamente dar conta do que seriam os pressupostos ou expectativas dos interlocutores quando se engajam em um processo comunicativo” (MARCONDES, 2005, p. 33), sendo que as chamadas violações às máximas de cooperação levam à depreensão das implicaturas. Ironia e insinuação, por exemplo, podem ter um forte papel comunicativo e argumentativo no sentido de que são violações à expectativa de que o falante diga a verdade, e de forma clara. Uma pessoa que dissesse “pra um concerto de última hora, ficou ótimo” a um mecânico,

---

<sup>41</sup> Nossa tradução de: “(...) to reason from the degree of one aspect of a situation to the degree of some aspect of the situation” (SWEETSER & FAUCONNIER, 1996, p. 25).

diante de um trabalho nitidamente mal feito, poderia estar sendo irônica e também insinuando que precisaria submeter o veículo a nova inspeção. É justamente nossa habilidade em perceber essas violações da cooperação idealizada na conversação que nos torna interlocutores perspicazes, capazes de fazer inferências e manejar nosso discurso com base nelas.

#### 2.4.2 Inferências

A linguagem é material subdeterminante, e os processos de inferência são constitutivos da linguagem. Inferimos esquemas conceptuais mais complexos via acesso ao material linguístico em interação, como, por exemplo, nos casos em que “pedir a conta ao garçom” aciona o *frame* relacionado a uma ida ao restaurante ou bar. Ainda mais dependente do conhecimento sobre certas práticas sociais está o processo de inferência da mensagem de uma pichação feita em muro de uma rua de Juiz de Fora, a qual trazia a seguinte sugestão: “Acende que dá tempo”. A ocorrência de “acende” alinha-se com as estratégias pragmáticas de interdição, estudadas por Bronzato (2009), em que é feita a destransitivização de verbos transitivos, omitindo-se o complemento verbal em casos de tabus sociais. Com o conhecimento prévio requerido, é facilmente inferido tratar-se de acender “um baseado” (maconha ou algo do gênero). Mesmo sem menção, subentende-se, pela relação de causa e efeito, que o ato em foco seja o de fumar, que se segue ao de acender. Considerando-se, ainda, a marginalização do ato de se consumir drogas, outra inferência possível é que o “tempo” em questão se refira ao tempo levado para fumar até que surja alguém com autoridade para repreender a ação, como, por exemplo, um policial. Mesmo sem nenhuma explicitação, essas associações podem ser feitas de maneira bastante natural pelo falante inserido no contexto de uso, mas não de forma composicional.

Em se tratando das diversas possibilidades de inferências suscitadas na relação discursiva, há uma abordagem bastante elucidativa para nosso estudo, que são as chamadas “inferências convidadas”, nos moldes como são discutidas nos trabalhos de Traugott (2004) e Traugott & Dasher (2004). A “inferência convidada<sup>42</sup>”, uma vez que emerge dos contextos de uso, alinha-se ao modelo de gramática baseado-no-uso que é proposto na investigação de viés construcionista. Segundo Traugott (2004, p.552), o uso do termo *inferência convidada*

---

<sup>42</sup> Conforme é elucidado por Traugott (2004), o termo “inferência convidada” (*invited inference*) é tomado emprestado de outros autores; mas, nos trabalhos desenvolvidos por Traugott e Dasher, é usado com sentido particular conforme descrito. Para fins de referência, o trabalho mencionado é: MICHAEL, Geis; ZWICKY, Arnold. “On invited inferences”. *Linguistic Inquiry* 2. 1971.

“elucida o papel dual do falante/escritor e remetente/leitor no evento de fala diádico: falantes usam estrategicamente implicaturas e convidam o ouvinte a inferir um significado<sup>43</sup>”.

As inferências convidadas são as inferências mais dependentes do contexto, mais particularizadas e situadas, em que a apreensão do sentido não está atrelada a algum material específico. O falante convida seu interlocutor a fazer inferência com base em sentidos semelhantes aos usados convencionalmente. À medida que as inferências convidadas se tornem mais salientes em uma comunidade linguística, podem caminhar para inferências convidadas generalizadas, que são ainda passíveis de serem canceladas, mas já possuem caráter mais estável. Essas inferências convidadas já cristalizadas na comunidade “podem ser exploradas para implicar/insinuar certos sentidos<sup>44</sup>” (TRAUGOTT & DASHER, 2004, p. 16). Na proposta dos autores, essa relação pode levar a um processo de convencionalização do sentido e, portanto, à mudança semântica. Traugott (2004) cita o caso do inglês *after all*, cujo sentido mais literal e composicional de preposição + pronome (como em “*After all the work, he was tired*”) pode adquirir um uso mais dialógico e adversativo e passar a ter um sentido concessivo também convencionalizado (como em “*He is, after all, a good person*”).

Relembrando Fauconnier (1994), quando postula que o código linguístico é subdeterminante, reforçamos a importância dos processos inferenciais na eficácia da comunicação. As inferências, como processos fortemente ancorados nos *frames* – pois contam com as expectativas dos falantes para se efetivarem –, atuam pragmaticamente nos discursos, ajudando a estruturá-los e conduzi-los.

## 2.5 Considerações

Diante da exposição da abordagem teórica empreendida, sintetizamos alguns aspectos de destaque em nosso estudo:

- (i) quanto à Gramática das Construções:
  - Construções são pares de forma e função, em que é assumida a hipótese de composicionalidade fraca (GOLDBERG, 1995, 2006);
  - Construções são unidades simbólicas, cujo elo entre os polos sintático e semântico ocorre internamente (CROFT & CRUSE, 2004);

---

<sup>43</sup> Nossa tradução de: “(...) it highlights the dual role of SP/Ws and AD/Rs in the dyadic speech event: SP/Ws strategically use implicatures and invite AD/Rs to infer a meaning” (TRAUGOTT, 2004, p. 552).

<sup>44</sup> Nossa tradução de: “(...) can be exploited to imply/insinuate certain meanings” (TRAUGOTT & DASHER, 2004, p. 16)

- Construções são signos licenciados por regras e restrições (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012);
  - A abordagem construcionista empreendida aqui é de um modelo baseado-no-uso, que considera a produtividade e convencionalização de construções de acordo com o uso feito pelos falantes.
- (ii) quanto à Semântica de *Frames*:
- Um *frame* é uma estrutura conceptual com elementos interdependentes, capazes de acionar expectativas (FILLMORE, 1982; GAWRON, 2008; PETRUCK, 2008);
  - *Frames* relacionam-se com os chamados Modelos Cognitivos Idealizados (MCI's) (LAKOFF, 1987);
  - A concepção de *frames* envolve assumir que o significado é apreendido em relação a uma cena evocada (FILLMORE, 1982; GAWRON, 2008; PETRUCK, 2008).
- (iii) quanto à Teoria dos Espaços Mentais:
- Um espaço mental é uma estrutura parcial instaurada no desdobramento do discurso, alicerçada por *frames* (FAUCONNIER, 1994, 1997);
  - Estruturas linguísticas podem atuar como construtores de espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997);
  - O processo de integração conceptual de mesclagem possibilita o surgimento de categorias ad hoc, ancoradas no discurso (FAUCONNIER & TURNER, 2002; COULSON, 2001).
- (iv) quanto às Escalas pragmáticas e Inferências:
- Há ambientes que possibilitam uma leitura escalar do enunciado, com inferências acionadas por meio de escalas de probabilidade (FAUCONNIER, 1980; FILLMORE, KAY, O'CONNOR, 1988);
  - As chamadas “inferências convidadas” são as inferências mais dependentes do contexto, nascidas da relação entre os interlocutores, e podem ter seu sentido convencionalizado de acordo com o uso (TRAUGOTT, 2004; TRAUGOTT & DASHER, 2004).

### 3 DIFERENTES OLHARES SOBRE A CONCESSIVIDADE E ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A COMPARAÇÃO

Discutiremos, nas próximas seções, aspectos linguísticos da concessividade, bem como a relação estabelecida entre a construção concessiva e as relações de causalidade e condicionalidade, tendo em vista situar o ambiente semântico-pragmático em que o nosso objeto de estudo incide. Na seção 3.5, ilustramos construções semelhantes a que estudamos, com exemplos na língua inglesa e espanhola, indicando, ainda que de forma incipiente, que a leitura concessiva e comparativa advinda dessas estruturas tem um caráter abrangente, não se atendo apenas ao português do Brasil. Na seção 3.6, abordaremos alguns aspectos pontuais da comparação, dando especial atenção à chamada comparação implícita, por sua afinidade com nossas construções. Por fim, na seção 3.7, elencamos os aspectos relevantes da concessividade e da comparação.

#### 3.1 Definições basilares de concessividade

A relevância de se fazer um levantamento do fenômeno da concessividade deve-se especialmente ao propósito de reivindicar a legitimidade do uso concessivo de nosso objeto. É comum que se relacione concessividade a termos como *embora* e *apesar de (que)*, em se tratando de língua portuguesa, ou *although* e *aunque* para o inglês e o espanhol, respectivamente; mas alguma dúvida pode ser levantada se a expressão for “*para um iniciante, ele articula bem*”<sup>45</sup>. O possível estranhamento é razoavelmente justificado pelo fato de não haver aí algum item independentemente reconhecido como introdutor de concessividade.

Apesar de nossas construções concessivas, esquematizadas por <(ATÉ QUE) PARA X<sub>[INDEFINIDO]</sub>, Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>>, não apresentarem semelhança formal com as concessivas canônicas, é devido ao entendimento da aproximação semântico-pragmática que se justifica a investigação pela literatura sobre concessividade. Certamente, esse não será um levantamento exaustivo do tema, visto que o objetivo aqui, além de esclarecer e apresentar o fenômeno da concessividade, é frisar o enquadre dessas construções como um tipo concessivo especial disparado pela estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y” – em contextos linguísticos específicos.

---

<sup>45</sup> Note que não houve destaque do item *para* no exemplo. É importante frisar que nossa abordagem é construcionista e isso implica que atribuímos concessividade ao todo construcional e não apenas ao item isolado.

A concessividade, ou concessão<sup>46</sup>, em termos linguísticos, é basicamente a expressão, em um enunciado, da coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes; e a partir dessa definição mais tradicional e genérica, encontram-se vários desdobramentos em diversas linhas, tanto as mais funcionalistas, interacionistas como as sociocognitivas, dentre outras.

Tendo seus estudos ecoados por diversos outros pesquisadores da concessividade, seja como forma de adesão ou mesmo para se questionar alguns conceitos levantados, Ekkehard König (1985) traz contribuições significativas sobre o tema, a partir das quais iniciamos a apresentação. A situação prototipicamente descrita, ao se abordar a concessividade, pode ser ilustrada como a seguir, com a fórmula básica de “embora p, q”/ “q, embora p”<sup>47</sup>:

(30) Embora estivesse chovendo, ele saiu.

A cláusula concessiva (p) descreve uma situação (estar chovendo) e a cláusula principal (q) descreve outro tipo de situação (ele saiu), entendida como que indo contra as possíveis inferências geradas a partir da informação contida em p; uma vez que a própria configuração da concessiva implica que “normalmente” espera-se que alguém não saia (ou não queira sair) caso esteja chovendo. König (1985, p.4) diz que “pelos **padrões normais**, há uma incompatibilidade ou conflito entre os fatos descritos por *p* e *q*: ‘p’ e ‘q’ não andam juntos normalmente<sup>48</sup> (grifos nossos)”. É assumida uma pressuposição subjacente à concessiva, que o autor descreve como (31):

(31) Normalmente (se *p*, então não-*q*)

---

<sup>46</sup> Evitamos usar o termo “concessão” e optamos por “concessividade” principalmente para evitar conflitos terminológicos. Neves (1999) lembra que é importante separar o uso teórico e linguístico do uso comum dessa palavra. A “concessão” enquanto um conhecimento de mundo é vista como o ato de ceder ou conceder algo. Em muitas abordagens interacionistas, essa fonte do conceito é bastante evidenciada, ao se postular que, na interação, o falante B pode conceder ao falante A a validade de sua declaração, para, então, refutá-lo e asseverar seu ponto de vista. Linguisticamente, “concessão” é a expressão da coexistência de duas situações consideradas conflitantes e para a qual são usados recursos linguísticos. Há inclusive autores que, diante desse impasse, preferem considerar as relações concessivas como anti-causais. Sem entrar no mérito da (má) utilização do termo, a preferência por usar “concessividade” também serve para lexicalizarmos nossa preferência por considerar esse fenômeno um processo em construção, uma atividade comunicativa; mais que um produto acabado.

<sup>47</sup> Nos trabalhos em inglês, o conectivo concessivo tido como prototípico é *although*, e em espanhol é *aunque*. Optamos por utilizar a tradução mais próxima “*embora*”, mas também podemos citar “*apesar de (que)*”, também recorrente. A problematização sobre a ordem prototípica (poderando sua existência) será apresentada na seção 3.4.

<sup>48</sup> Nossa tradução de: “(...) by normal standards, there is an incompatibility or conflict between the facts described by *p* and *q*: ‘p’ and ‘q’ do not normally go together.” (KÖNIG, 1985, p. 4).

No caso, não é explorado o sentido dos chamados “padrões normais”. König & Siemund (2000, p. 342) entendem que as situações descritas não estão em harmonia com as tendências gerais e que, portanto, “expressam uma dissonância com regularidades gerais de coocorrência<sup>49</sup>”. Verhagen (2000, 2005) procura esclarecer que a generalização, perceptível pelo uso de “normalmente” ou “padrões formais”, é uma regra *default*, e a assimila ao termo *topos* (lugar comum, em grego), tomado de trabalhos de Anscombe & Ducrot<sup>50</sup>. Seguindo a explicação do autor, poderíamos dizer, em relação a (30), que há uma regra geral que licencia a inferência de que, normalmente, chover aumenta as chances de alguém ficar em casa ou, ainda, de que quanto mais chove maiores são as chances de alguém não sair de casa.

É bastante plausível estabelecermos um diálogo entre as generalizações e os *frames*. Por exemplo, Ligatto (2002, p. 140), em seu trabalho sobre a diferença do modo temporal nas cláusulas concessivas do espanhol e suas implicações na intenção comunicativa do falante, atenta para a importância do conhecimento compartilhado que sustenta o uso concessivo de *aunque*. A autora afirma que

(...) quando um falante introduz seu enunciado com *aunque*, está anunciando que vai contra a expectativa real ou suposta do remetente (interlocutor) baseado em um pré-construto cultural, um clichê, uma verdade de senso comum ou mesmo uma regra de conduta que eles mesmos definiram<sup>51</sup> (LIGATTO, 2002, p. 140).

Sua ideia sobre o “pré-construto cultural” pode ser comparada ao pensamento de Lakoff (1987) sobre os chamados Modelos Cognitivos Idealizados (MCI’s) e também ao pensamento de Fillmore (1982) sobre os *frames*, que englobam essa noção. Mesmo sem aprofundar na discussão sociocultural que subjaz esses processos de generalização em particular, foi assumida uma interpretação prototípica para (30). No entanto, lembramos que, em contrapartida, é possível assumir a leitura de que, em (32), o fato de chover tende a aumentar as chances de que alguém queira sair de casa.

---

<sup>49</sup> Nossa tradução de: “(...) express a dissonance with general regularities of cooccurrence (KÖNIG & SIEMUND, 2000, p. 342).

<sup>50</sup> Os trabalhos dos linguistas franceses a que Verhagen se refere em seus textos são:

a) Anscombe, Jean-Claude; Ducrot, Oswald. **L’argumentation dans la langue**. Liège/Bruxelles: Mardaga, 1983.

b) \_\_\_\_\_. “Argumentativity and informativity”. IN: MEYER, Michel. (ed). **From Metaphysics to Rhetoric**. Dordrecht: Kluwer, 1989.

<sup>51</sup> Nossa tradução de: “(...) when a speaker introduces his/her utterance with *aunque* they are announcing that they are going to run counter to the real or supposed expectation of the addressee based on a cultural pre-construct, a cliché, a common sense truth or even a rule of conduct they set themselves” (LIGATTO, 2002, p. 140).

(32) Embora estivesse chovendo, ele permaneceu em casa.

Apesar de parecer uma interpretação forçosa, é plausível advogar uma regra *default* em (32) aplicada às expectativas de reação de moradores do sertão nordestino, que sofrem com a estiagem; ou, ainda, moradores de áreas de risco, em casos de iminência de enchente e desabamento. Buscamos por essa regra, guiados pela inferência proporcionada pela relação de “estar chovendo” e “permanecer em casa” ser mediada por “embora”, que sinaliza, em interação com a construção como um todo, que esses dois fatos estão colocados em perspectiva de conflito.

Interpretação plausível para (30) e (32), e bastante ecoada nos trabalhos sobre concessividade, é que o segmento concessivo representa uma espécie de situação obstáculo para a realização do que é expresso na cláusula principal; mas que é, no entanto, “inoperante”, como afirma Rosário (2012, p. 25). Em sua abordagem de viés funcionalista sobre a concessividade no português do Brasil, o autor assim a descreve, usando o conceito de *construção concessiva*<sup>52</sup>:

Construção concessiva - estrutura contrastiva em que se combinam uma base e uma cláusula concessiva (ou sintagma concessivo), a qual expressa um fato real ou suposto que não impede ou modifica a realização do fato principal. Assim, esse fato presente no segmento concessivo seria oposto à realização da informação da base, mas inoperante (ROSÁRIO, 2012, p. 25).

É importante frisar que essa noção de inoperância é assumida num sentido mais estrito e lógico em termos de condições de verdade no mundo. De fato, em (30) e em (32), o que é expresso pela oração principal é asseverado como algo que **realmente** aconteceu, sendo provavelmente passível de verificação. No entanto, pragmaticamente, o segmento que dispara a concessividade afeta o que é dito na oração nuclear. Em (33) e (34) é possível perceber essa interferência claramente:

(33) *Apesar de ter cinco anos*, João sabe ler e escrever bem.

(34) *Para um menino de cinco anos*, João sabe ler e escrever bem.

---

<sup>52</sup> Rosário (2012) assume que a utilização do conceito de construção, tomado de Goldberg (1995), dá à sua própria descrição um caráter mais prático e funcional.

A informação da oração principal – de que João sabe ler e escrever bem – ganha *status* de notoriedade com a presença das contrapartes concessivas. Apesar de suas particularidades semânticas e pragmáticas, os segmentos concessivos em (33) e (34) imprimem a leitura implícita de que ter cinco anos e saber ler e escrever bem seriam situações incompatíveis, segundo uma suposição compartilhada socialmente. O caráter enfático das concessivas é asseverado por König & Siemund (2000, p. 355), ao postularem que “[e]studios orientados-para-a-sentença de discursos escritos tipicamente caracterizam a função básica das sentenças concessivas como a asserção de um fato notável, a asserção de uma sentença que é verdadeira em circunstâncias desfavoráveis<sup>53</sup>”.

Em seu estudo sobre concessivas em uma perspectiva diacrônica, König (1985) afirma que a simultaneidade entre dois fatos ou mesmo o desimpedimento da continuidade de um fato em detrimento de outro podem ser expressos por concessivas que implicam a coocorrência ou coexistência de fatos como algo notável. A afirmação básica aqui é que o fato descrito em “p” não impede o fato descrito em “q” (KÖNIG, 1985). De acordo com Neves (1999, p. 561), “[o]corre, na construção concessiva, que o falante pressupõe a objeção do ouvinte (elemento hipotético), e declara que tal objeção não impedirá nem modificará o propósito expresso na oração nuclear (elemento positivo)”.

Aliada a essa ideia, está outra característica das concessivas: tanto a verdade do conteúdo da concessiva como a da nuclear são afirmadas. Apesar de assumidamente conflitantes entre si, nenhuma das informações é negada pelo falante. Fretheim (2001, p. 2) alega que não pode haver uma contradição lógica entre as contrapartes. Para o autor, a verdade do segmento concessivo é construída em um contexto que a faz ser considerada pressuposta ou estipulada. Daí é gerada uma “incompatibilidade pragmática”, uma vez que o falante formula uma representação da crença de seu interlocutor, que pode não esperar que “q” (segmento nuclear) seja verdadeiro no mesmo contexto em que “p” (segmento concessivo) é estipulado como verdadeiro. Um exemplo de incompatibilidade pragmática é visto em (35):

(35) *Para quem foi operado recentemente, João se locomove sem dificuldades.*

Em outras palavras: o falante, ao enunciar (35), por exemplo, julga que seu interlocutor possa não concordar com o fato de que seja verdade que João se locomova sem

---

<sup>53</sup> Nossa tradução de: “Sentence-oriented studies of written discourse typically characterise the basic function of concessive sentences as the assertion of a remarkable fact, the assertion of a sentence that is true in unfavourable circumstances.” (KÖNIG & SIEMUND, 2000, p. 355)

dificuldades, uma vez informado que ele foi operado recentemente. Na construção concessiva, o falante assume estar comprometido com a verdade de ambas as cláusulas (cf. KÖNIG, s/d; CREVELS, 2000; PACAGNINI, 2012; VERHAGEN, 2000). De viés funcionalista, Zamproneo (2001) vê as concessivas como satélites, que servem para expandir o sentido da oração chamada nuclear; e o uso da concessiva é, pois, visto como um meio de especificar a atitude e avaliação do falante em relação aos conteúdos articulados.

É, inclusive, apontado por König (1985; s/d) que há um grupo de concessivas que apresentam partículas enfáticas e factuais em sua composição, como forma de asseverar a verdade das situações e o contraste entre elas. O autor apresenta como exemplo as expressões *even though*, *even so*, em inglês, *quand même*<sup>54</sup>, em francês, entre outras, em que percebemos o papel enfático do elemento traduzido como “mesmo” (*even* e *même*). Com fins ilustrativos, apresentamos a situação em (36), colhida de uma pesquisa informal ao *Google*:

- (36) Ainda segundo informações levantadas por nossa equipe, devido o (sic) período de carnaval começar logo no início do mês de fevereiro, houve dificuldades por parte da nova gestão em organizar o carnaval com antecedência, pois havia outras prioridades na prefeitura. E **mesmo apesar do** pouco tempo o Carnaval de Alcobaça 2013 promete muito, pois será diferente, principalmente na ornamentação da cidade, no quesito escolas de samba e marchinhas de carnaval, que serão atrações a (sic) parte<sup>55</sup>.

Em (36), tanto é asseverado o contraste entre pouco tempo para preparação e garantia de qualidade no carnaval (assegurando a verdade das duas situações), como também é enfatizado o grau desse contraste – o que leva à notoriedade da consequente manutenção da promessa feita pela prefeitura de Alcobaça (Bahia). Essa interpretação se alinha à proposta de escala pragmática de probabilidades das concessivas condicionais com “*even if*”, investigadas por Dancygier & Sweetser (2005).

A asseveração da verdade dos conteúdos expressos por “p” e “q” – aliada à relação entre expectativa e quebra de expectativa circunscrita – é uma das características responsáveis pelo paralelo normalmente traçado entre relações concessivas e outras relações adverbiais. Duas em especial, a causalidade e a condicionalidade, frequentemente ganham destaque nas abordagens dos linguistas. Esse assunto é tratado na próxima seção.

---

<sup>54</sup> Como ilustração, temos exemplo retirado da *web* com o uso de *quand même* como conectivo que engloba concessividade e ênfase. O enunciado “(...) *le projet pourrait quand même procéder, mais, peut-être, sous un format différent*” é traduzido para o português como “o projeto ainda poderia continuar, mas talvez em um formato diferente”. Encontrado em: << <http://www.linguee.com.br>>>.

<sup>55</sup> Encontrado no site: << <http://liberdadeneews.com.br>>>.

### 3.2 Construções concessivas e sua relação com as causais e condicionais

Há, em muitas das nossas expressões linguísticas e comunicativas, uma influência notável do modo de nos relacionarmos com o mundo, e uma delas é a relação de causa e efeito. Social, cognitiva e culturalmente aprendemos a relacionar certas causas a determinadas consequências. Essa motivação icônica é percebida em enunciados como:

- (37) Visto que se dedicou durante anos à empresa, ele foi promovido.
- (38) Ele teve uma taquicardia porque correu tempo demais na esteira da academia.
- (39) Ele está sofrendo por causa dos seus pecados do passado.

Nesses exemplos, a expectativa de causa-e-efeito foi lexicalizada por meio da chamada relação causal. Subjazem, pois, as ideias (generalizações construídas sócio-histórica e cognitivamente) de que dedicação ao trabalho tem como consequência visada a promoção; de que um esforço físico exagerado pode levar a uma aceleração acentuada dos batimentos cardíacos; ou ainda a ideia (milenarmente doutrinária) de que pecados causam sofrimento. Mas é ainda possível expressar a relação de causa e efeito em enunciados relacionados aos (37), (38) e (39), mas lexicalizados diferentemente, como:

- (40) Caso se dedique durante anos à empresa, será promovido.
- (41) Se correr tempo demais na esteira, terá uma taquicardia.
- (42) Se pecar, irá sofrer.

Aqui a expressão se deu por meio da relação condicional, a qual preconiza que, uma vez cumpridas certas condições, há uma consequência prevista. Como a premissa básica das relações concessivas é a contraexpectativa estabelecida entre uma situação e a inferência dela gerada, os enunciados a seguir podem ser entendidos como possibilidades interpretativas para a contraparte concessiva de cada situação apresentada:

- (43) Embora tenha se dedicado durante anos, ele não foi promovido.
- (44) Para quem correu tanto tempo na esteira, ele está inteiro.
- (45) Apesar dos seus pecados, ele não sofre.

Fazendo o processo reverso, quando se procura explicar a relação concessiva que existe em (43), (44) e (45), é atribuída uma conexão inferencial com a negação de uma

causalidade prevista (representada por (37), (38) e (39)) e também com a não satisfação de uma condição prévia (representada por (40), (41) e (42)).

### 3.2.1 Relação entre concessivas e condicionais

A relação entre concessivas e condicionais já é anunciada na formulação de König (1985, p. 4) em (31), aqui retomada,

(31) Normalmente (se  $p$ , então não- $q$ ),

o que é uma clara referência à relação de consequência esperada em “se  $p$  então  $q$ ”. De fato, Neves (1999) afirma que, em uma concepção lógico-semântica, a concessividade representa a não satisfação do que é expresso pela cláusula concessiva como condição para a realização do que é expresso pela nuclear.

Ainda em termos lógico-semânticos, uma distinção percebida entre relações concessivas e condicionais é que, nas primeiras, é garantida a verdade das duas proposições, enquanto, nas últimas, a validação do que é proposto na nuclear fica condicionada à verdade (realização) do conteúdo da condicional. A relação entre concessivas e condicionais é abordada por König (1985) numa perspectiva diacrônica, em que é assumido que elementos condicionais – em contextos específicos – podem passar a assegurar a verdade do segmento, aproximando-se, assim, nesse quesito, dos elementos concessivos. O exemplo a seguir, adaptado de König (1985, p. 14), ilustra uma forma de o contexto garantir a factualidade do segmento formalmente caracterizado como condicional (hipotético):

(46) Falante A: Estive na França por um ano.

Falante B: Se você esteve na França por um ano, seu francês deve estar excelente<sup>56</sup>.

Para evidenciar sua proposta, o autor discute a evolução histórica do conectivo *þeah*, do inglês antigo, de valor claramente condicional, para *although*, do inglês moderno, por meio de processos como reforço e reinterpretação. A coocorrência com partículas enfáticas, como, por exemplo, “all”, atuaria como reforço para validar a factualidade e, assim, a partícula *þeah*

<sup>56</sup> Exemplo fornecido por König (1985, p. 14):

A: “I was in France for a year.” B: “If you were in France for a year, your French must be excellent.”

passa a ser reinterpretada e “resulta em uma construção que é claramente concessiva<sup>57</sup>” (KÖNIG, 1985, p. 9).

Há relações que englobam concessividade e condicionalidade – são as chamadas “condicionais concessivas”. A expressão prototipicamente atribuída a essa relação é “*even if*”, que engloba um elemento enfático (que imprime uma leitura mais factual) e um elemento condicional. König & Siemund (2000, p. 353) alegam que “[a]s condicionais concessivas tipicamente se desenvolvem para concessivas genuínas ou podem ao menos ser usadas como tal sempre que a verdade do antecedente for contextualmente dada<sup>58</sup>”. Como é mostrado em (47), diferentemente de uma condicional prototípica, a “condicional concessiva” mantém inalterada a validade de “q” (ver o jogo); e isso a aproxima das concessivas genuínas.

(47) Mesmo se o Brasil perder para a Alemanha por sete a um, eu vou ver o jogo.

König (1985, p. 4; s/d, p. 6) caracteriza essa relação dizendo que em “p” é apresentada uma condição extrema, bastante improvável, que é superada em “q”. Há um valor escalar envolvido, uma vez que é entendido que a realização de “q” se aplica para o caso mais acentuado (p) e, portanto, se mantém também para os valores abaixo de “p”. Dessa forma, em (47), o evento “ver o jogo” se mantém para o falante tanto para o caso de o Brasil perder por muitos gols de diferença, poucos gols; de empatar em gols, de empatar sem gols; como para o caso de vencer.

Kim (2002) faz um estudo das chamadas condicionais concessivas em que discute as partículas “*even*” do inglês e “*-(la)to*” do coreano, e questiona a generalização feita na pressuposição “*se p, então normalmente não q*”. Alega que o sentido de “normalmente” não está claro; e que é falho quando se trata de casos específicos. Seguindo essa perspectiva, e considerando se tratar da mesma situação particular, a inferência de (47) resultaria em uma contradição lógica, mostrada em (48).

(48) Se o Brasil perde para a Alemanha, eu não vejo o jogo.

A proposta de Kim (2002), próxima da de Dancygier & Sweetser (2005), é que essas concessivas devem ser vistas como relações que envolvem situações consideradas mais improváveis em uma escala pragmática de inferências. Nessa perspectiva, o segmento inicial

<sup>57</sup> Nossa tradução de: “(...) results in a construction that is clearly concessive (...)” (KÖNIG, 1985, p. 9).

<sup>58</sup> Nossa tradução de: “Concessive conditionals typically develop into genuine concessives or may at least be used as such whenever the truth of the antecedent is contextually given” (KÖNIG & SIEMUND, 2000, p. 343).

de (47) é interpretado como “um conjunto de situações que têm a menor probabilidade de ocorrência<sup>59</sup>” (KIM, 2002, p. 190).

### 3.2.2 Relação entre concessivas e causais

As concessivas compartilham com causais a asseveração da verdade das duas proposições conectadas. É possível dizer que tanto em (49) como em (50) os conteúdos expressos nas contrapartes “p” e “q” se realizam; corroborando a expectativa causal prevista em (49), e contrariando essa expectativa em (50):

- (49) João emagreceu porque fez um regime rigoroso.  
 (50) Apesar de ter feito um regime rigoroso, João não emagreceu.

Nas duas situações descritas, é verdade que João fez um regime. Enquanto em (49) essa foi a causa bem sucedida de seu emagrecimento, em (50) o regime é subentendido como uma causa cuja consequência prevista foi frustrada. Conforme aponta Neves (1999, p. 549), “parece evidente a ligação da concessão com a não-satisfação de condições e com a frustração de causalidades possíveis.”

Citamos a proposta de Verhagen (2000, 2005) acerca da relação entre concessivas e causais, baseada na concepção de perspectivas diferentes, ou criação de espaços mentais distintos (cf. FAUCONNIER, 1994, 1997; entre outros). O tratamento proposto por Verhagen (2000, 2005) para explicar a relação existente entre concessivas e causais é estabelecido com base em uma visão da linguagem como coordenação entre sistemas cognitivos; e não uma relação direta entre língua e mundo. Para o autor, o caso do paralelismo entre causais e concessivas deve ser pensado em termos de complementaridade entre essas relações. O que está em jogo é que a relação concessiva deve ser pensada como: “uma questão de se gerenciar a relação entre as perspectivas, ou espaços mentais, de dois conceptualizadores distintos: um no qual uma inferência potencialmente válida é feita, e o [espaço mental] do falante/escritor<sup>60</sup>” (VERHAGEN, 2005, p. 169). Relembrando o que diz Fauconnier (1994, 1997), os chamados espaços mentais são entendidos como domínios construídos pelo

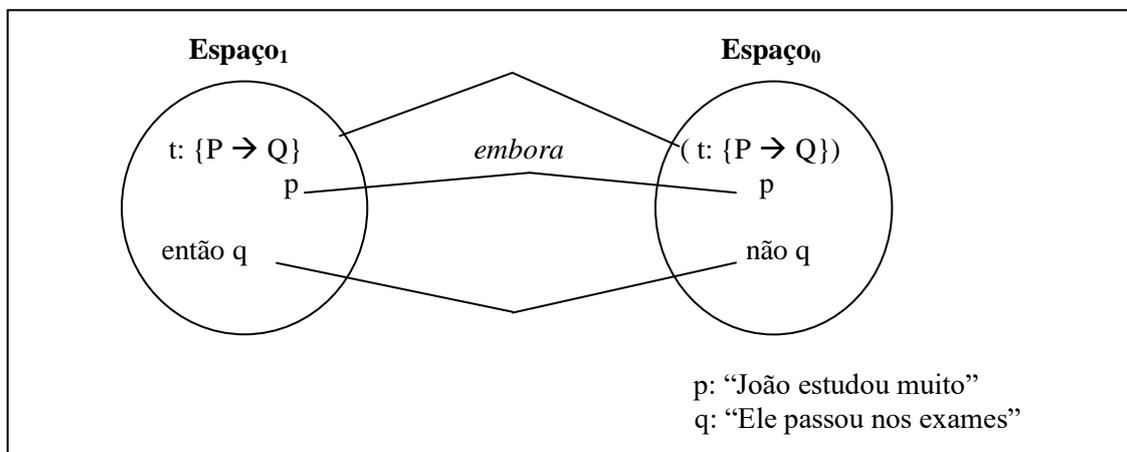
<sup>59</sup> Nossa tradução de: “(...) a set of situations that have the lowest likelihood of occurrence” (KIM, 2002, p. 190).

<sup>60</sup> Nossa tradução de: “(...) a matter of managing the relation between the perspectives, or mental spaces, of two distinct conceptualizers: one in which a potentially valid inference is made, and the speaker/writer’s” (VERHAGEN, 2005, p. 169).

discurso, acionados por estruturas linguísticas, e usados para raciocinar e interagir com o mundo. Esses domínios cognitivos estruturam o entendimento do discurso.

É reivindicado por Verhagen (2000, 2005) que a relação concessiva expressa por um falante (entendido como um conceptualizador) abre um espaço mental onde essa relação se estabelece. O falante, no entanto, leva em consideração uma possível inferência causal feita por seu interlocutor (outro conceptualizador). Essa inferência causal, apoiada em generalizações (regras *default*) compartilhadas intersubjetivamente pelos conceptualizadores, é feita em outro espaço mental, projetado a partir do espaço mental do falante. Apresentamos a configuração feita por Verhagen (2000), em termos de espaços mentais, para o enunciado expresso em (51), adaptado do exemplo discutido pelo autor ao longo de sua análise.

(51) João não passou nos exames embora tenha estudado muito<sup>61</sup>.



**Figura 4: Proposta de Verhagen (2000) para configuração de espaços mentais na sentença concessiva “João não passou nos exames embora tenha estudado muito”**

De acordo com Verhagen (2000, pp. 366-7), o Espaço<sub>0</sub> é estabelecido pelo falante. Quando enuncia “embora p”, o falante dá uma instrução ao seu interlocutor para projetar dois espaços mentais distintos, porém relacionados. No Espaço<sub>1</sub>, a inferência causal é assumida com base no chamado “*topos*” (t) – a suposição geralmente compartilhada entre os falantes. Essa suposição, representada por “t:  $\{P \rightarrow Q\}$ ”, estaria valendo pelas inferências normalmente feitas de que, no caso descrito em (54), o estudo árduo aumenta consideravelmente as chances de alguém passar nos exames, ou ainda que, quanto mais alguém estuda, maiores suas chances de passar. O autor esclarece que o uso de letras maiúsculas (P e Q) para explicar essa inferência é uma forma de separar a generalização dos

<sup>61</sup> Nossa tradução de: “John did not pass his exams although he worked hard.”

casos particulares, que são os efetivamente descritos nas relações concessivas. Essa explicação de Verhagen (2000) pode, inclusive, eliminar o dilema mencionado por Kim (2002), sobre a contradição lógica decorrente de se pensar em inferências feitas a partir de casos particulares (e não de generalizações).

O raciocínio inferencial, que faz parte do Espaço<sub>1</sub>, é reconhecido pelo falante; daí sua conexão com o Espaço<sub>0</sub>. Verhagen (2000, p. 367) também chama a atenção para o fato de que o falante pode ou não concordar com essa inferência. Por exemplo, o falante poderia dizer algo como: *“Apesar de ter estudado muito o João não passou. Então veja que você não estava certo quando me dizia que o estudo árduo leva ao sucesso”*.

Um traço decisivo do conceito de concessividade é assim resumido por Verhagen (2000, p. 367): *“alguém reconhece que, em circunstâncias altamente similares, uma mente muito similar a si mesmo faz uma inferência causal válida, enquanto, na realidade, essa inferência não é válida<sup>62</sup>”*. Em linhas gerais, fica assim esboçada a explicação de que a relação estabelecida entre concessivas e causais se sustenta no gerenciamento que o falante faz entre suas perspectivas e as perspectivas licenciadas pelo seu interlocutor com base em um conhecimento compartilhado.

Conforme foi ilustrado, a relação entre concessivas e causais é bastante latente, ao menos em seu sentido lógico-semântico. Como conclui Neves (1999, p. 588), “[s]e, por um lado, são noções de natureza lógico-semântica que relacionam as construções concessivas à causalidade e à condicionalidade, por outro lado, é sua natureza essencialmente argumentativa que as aproxima das construções adversativas.”

### **3.3 Relação entre concessivas e adversativas e o papel argumentativo da concessividade**

As relações concessivas são enquadradas como “conexões contrastivas”, e nesse aspecto são agrupadas às chamadas adversativas, em relação à função que ambas têm de veicular basicamente um significado de contraexpectativa (NEVES, 1999; 2000). A autora assume, pois, uma abordagem argumentativa para traçar o paralelo entre concessivas e adversativas. Já é reconhecida a natureza argumentativa das relações adversativas; sendo a argumentação entendida como uma orientação dada pelo enunciador para levar o interlocutor em direção a uma conclusão desejada. Mesmo sem a pretensão de entrar na problemática da relação adversativa, podemos elencar pelo menos dois usos comuns à relação adversativa: ela

---

<sup>62</sup> Nossa tradução de: “someone acknowledges that in highly similar circumstances a mind very similar to one’s own draws a valid causal inference, while this inference is actually not valid” (VERHAGEN, 2000, P. 367).

é capaz de expressar a contrariedade a uma consequência esperada, e também atua para evidenciar o peso do argumento introduzido pelo conector adversativo – que é o argumento mais forte, mais relevante, em direção à conclusão esperada.

Ao tratar da relação entre concessivas e adversativas, König (1985, p. 6) reapresenta o esquema básico da relação adversativa, como proposto na bastante repercutida abordagem de Oswald Ducrot. Esse esquema adversativo é o seguinte:

- (52) *p mas q*  
*p* leva a uma conclusão *r*  
*q* leva a uma conclusão não-*r*  
*q* carrega maior peso

É possível aplicar essa equação a uma situação como a descrita em (53):

- (53) João estuda muito, mas se expressa mal.

Aqui, o fato de João estudar muito (*p*) pode ser entendido como um bom argumento a uma conclusão como, por exemplo, a de que “João é um bom representante dos alunos” (*r*). Já a informação introduzida pelo “mas” em (*q*), a saber, “[João] se expressa mal”, é um forte argumento (e mais forte que *p*) para a conclusão necessariamente oposta a *r*, ou seja, a de que “João não é um bom representante dos alunos” (não-*r*). Nessa interação, o argumento “expressar-se bem” é visto como mais decisivo do que “ser estudioso”. A situação descrita em (53) não é necessariamente baseada em uma relação causal frustrada<sup>63</sup>, diferentemente de (54).

- (54) João estudou muito, mas não passou na prova.

Nesse caso, e tendo como base uma relação causal prototípica – em que João passaria na prova porque teria estudado muito –, há uma frustração de causalidade. Além disso, a questão da argumentatividade se mantém. Em (54), o fato de não ter passado na prova é posicionado como argumento mais importante do que o fato de ter estudado muito. Nesse aspecto, o que é enunciado em (51), aqui retomado, se difere argumentativamente da situação descrita em (55):

---

<sup>63</sup> A relação expressa em (56) poderia ser baseada numa relação causal frustrada caso tratasse, por exemplo, de um curso sobre Expressão Oral/Oratória.

- (51) João não passou nos exames, embora tenha estudado muito.  
 (55) João não passou nos exames, mas estudou muito.

Segundo a ótica de Verhagen (2005, p. 170), uma continuação como “Então vamos dar um presente para ele” seria mais aceitável e coerente em (55) do que em (51). A relação adversativa desfaz a força argumentativa do primeiro segmento, que é visto como algo negativo, e torna mais forte o segundo segmento; já na relação concessiva, a força argumentativa do primeiro segmento não é desfeita.

Para König (1985, p. 6), a semelhança entre adversativas e concessivas é que há sempre algo suspenso: enquanto nas adversativas há a suspensão do argumento enunciado em “p” em prol de uma conclusão; nas concessivas, suspende-se a aplicação de certas normas de relações causais ou condicionais.

Algum tipo de suspensão também é reivindicado por Iten (2000). A autora, em sua análise sobre *although* dentro de uma abordagem chamada Teoria da Relevância, alega que esse conectivo codifica um determinado procedimento de interpretação da construção concessiva. Em segmentos como *Although p, q/ Q although p*, o *although* irá suspender uma inferência a partir daquilo que é expresso em p, visto que essa inferência poderia resultar em uma contradição do que é expresso na cláusula principal. Nessa visão, o *although* serve para advertir o ouvinte a evitar essa inferência<sup>64</sup> (ITEN, 2000).

Dois estudos que também discutem a questão da argumentatividade e concessividade são os trabalhos de Ligatto (2002) e Izutsu (2008). Em se tratando de estudos sobre concessividade em espanhol, temos o trabalho de Ligatto (2002), que advoga pelo mecanismo argumentativo da concessão, ao lidar especialmente com a dimensão interacional. Segundo a autora, a argumentatividade opera no processo em que os interlocutores, nas relações concessivas, concedem e então refutam argumentos ou conclusões inferidas dos argumentos.

Izutsu (2008) desenvolve um trabalho em que compara concessivas a corretivas<sup>65</sup>. A conclusão a que chega é que as concessivas são argumentativamente menos diretas, visto que

<sup>64</sup> Iten (2000, pp. 25-6) exemplifica dizendo que, ao ouvir “*Peter saiu, embora estivesse chovendo*” (*Peter went out although it was raining*), o que é dito em *p* (*estava chovendo*) imediatamente dá acesso à suposição de que as pessoas não saem de casa se estiver chovendo. A inferência derivada de *p* deve, então, ser suspensa para não causar contradição com o que foi dito na cláusula principal, “*Peter saiu*”.

<sup>65</sup> Uma ilustração da relação corretiva pode ser obtida quando se diz “José não é paranaense, mas (sim) paulista”; como uma adaptação do exemplo usado por Izutsu (2008). Aqui, é claramente negado e, portanto, rejeitado, o conteúdo do primeiro segmento.

não rejeitam o argumento contrário. Assim, “um falante frequentemente emprega a construção concessiva como um meio de evitar uma disputa calorosa”<sup>66</sup> (IZUTSU, 2008, p. 673).

De acordo com a visão sociocognitiva que assumimos para a linguagem, entendemos que a argumentatividade permeia as construções concessivas, seja ou não de forma estrita, assim como permeia toda a linguagem. Certamente, sua inserção em um enunciado se deve a propósitos discursivos, a partir do gerenciamento de inferências que essa construção promove.

### 3.4 Algumas discussões sobre a questão da ordem/linearidade das concessivas

Izutsu (2008) propõe uma classificação semântica das relações de oposição, em três categorias que se dividem entre sentido concessivo, corretivo e de contraste. Em relação às concessivas, a autora levanta uma discussão sobre a relevância da ordem dessa estrutura e é contrária à posição de alguns linguistas de que “*although p, q*” e “*q, (al)though p*” sejam variantes da mesma estrutura subjacente (IZUTSU, 2008, p. 664).

A relação concessiva, como dito, lida com o conflito entre as suposições inferidas nas proposições expressas na cláusula principal e na concessiva. O problema em questão, segundo a autora, é alegar que a suposição inferida seja evocada **sempre** a partir da contraparte concessiva. Izutsu (2008, p. 665) conclui que a suposição inferida relevante “deveria ser analisada como que evocada a partir do primeiro segmento de um discurso conectado, quer a concessiva seja codificada na posição inicial ou final<sup>67</sup>”. Não obstante, apoia a ideia de que, quando a concessiva vem em posição inicial, há maior plausibilidade na interpretação<sup>68</sup>.

A questão da ordem nas relações concessivas pode ser complementada se levarmos em consideração a visão de Carbonell-Olivares (2009) acerca da importância de se lidar com a veiculação de informação conhecida (temática) ou nova (remática) por meio da concessiva. A abordagem entre *tema/rema* já é bastante aplicada em matéria de fluxo de informação em Linguística Textual, e no estudo da força argumentativa, por exemplo. Na relação entre duas contrapartes, a primeira é geralmente assumida como a que traz a informação conhecida, e, a segunda, a que traz a novidade.

<sup>66</sup> Nossa tradução de: “(...) a speaker often employs a concessive construction as a means for avoiding a heated dispute” (IZUTSU, 2008, p. 673).

<sup>67</sup> Nossa tradução de: “(...) should be analyzed as being evoked from the first segment of a connected discourse, whether the concessive clause is coded in initial or final position” (IZUTSU, 2008, p. 665).

<sup>68</sup> Segundo a visão de Izutsu (2008), em um enunciado como “Embora ela goste de vegetais, ela não come pepino”, a informação inicial (concessiva) entra normalmente em conflito com a afirmação posterior (principal). Uma inversão, com a concessiva em posição final, como “Ela gosta de vegetais, embora não coma pepino”, geraria estranhamento por sugerir uma suposição forçada (do tipo, “se não come pepino, normalmente não gosta de nenhum vegetal”), tomando-se a inferência a partir da concessiva.

Em análise baseada-no-uso, Carbonell-Olivares (2009) formou um *corpus* composto de artigos linguísticos do *Journal of Pragmatics* e avaliou, entre outras questões, a forma como a informação era apresentada com o uso do conectivo *although*. Em posição inicial, havia uma tendência de que esse conectivo veiculasse um argumento a ser enfraquecido (a informação já conhecida).

(...) quando o contraste expresso por *although* envolve uma expectativa falha, seja negada explicitamente ou por meio de uma implicatura, a informação que ele introduz é ‘conhecida’, isto é, ele introduz o primeiro elemento da Relação de Contraste<sup>69</sup>. (CARBONELL-OLIVARES, 2009, p. 206).

Lançando mão da abordagem sobre tema e rema em termos do gerenciamento de informações conhecidas e novas, Carbonell-Olivares (2009) não discute uma preferência de ordenação entre concessivas e principais. A autora defende que, independentemente da posição da concessiva, uma vez que o segundo segmento é o que carrega a informação considerada nova, este tende a ser o argumento mais relevante – e pode, sem problemas, ser expresso por uma cláusula concessiva.

### 3.4.1 A ordem de apresentação e a argumentatividade

De algum modo, parece que as concessivas atuam com certo tipo de pressuposição, uma ideia já previamente estabelecida, quer seja para o ouvinte/interlocutor ou somente para o próprio falante. Isso faz com que, argumentativamente, seja relevante questionar o papel da ordem de apresentação do argumento expresso pela concessiva. Como diz Neves (1999, 2000), a concessiva lida com uma objeção pressuposta. Segundo a autora, “o falante apresenta **na oração concessiva** uma objeção do ouvinte por ele pressuposta, mas que faz prevalecer a ideia expressa **na oração nuclear**” (NEVES, 1999, p. 562) (grifos da autora). Pensando dessa forma, não interessaria a posição – a ideia prevalecente sempre seria a estabelecida na oração principal.

Sobre as três possíveis posições ocupadas pela concessiva – anteposta, intercalada, posposta – Neves (1999) alega que a anteposição tende a ocorrer quando a concessiva tem papel tópico no enunciado; a posposição atribui à concessiva o papel de um “adendo”, um

---

<sup>69</sup> Nossa tradução de: “when the contrast expressed with *although* involves a failed expectation, whether negated explicitly or through an implicature, the information it introduces is ‘known’, that is, it introduces the first element of the CR [Contrast Relation]” (CARBONELL-OLIVARES, 2009, p. 206).

pensamento posterior; e a posição intercalada pode atuar como mecanismo para topicalizar algum elemento específico expresso na oração nuclear. Sobre a posição final, Neves (1999, p. 566) alega que isso é necessário quando há alguma ressalva no discurso, e isso “incide num ponto particular do enunciado, por exemplo um sintagma nominal (...) ou um sintagma adjetivo.”

Ainda parece estar em aberto se há uma ordem considerada padrão. Wiechmann & Kerz (2013) dizem que muitos estudos sinalizam que a posição das cláusulas subordinadas depende de sua semântica. Para os autores, há uma tendência de que a concessiva venha após a principal, e seria uma escolha *default* a sua posição em início. Em termos discursivos, os autores alegam que, quando a função do conectivo concessivo é a de organizar o fluxo da informação e atuar como uma ponte no discurso, há uma tendência a se posicionarem primeiro, como recurso anafórico.

Para Verhagen (2005, p. 170), não surpreende o fato de haver um grande número de concessivas que antecedem as principais<sup>70</sup>; e alega que em posição inicial a concessiva pode atuar da forma mais direta para se reconhecer um conhecimento compartilhado e, depois, chegar ao ponto desejado. A posposição da concessiva é claramente apontada como um gesto de enfraquecimento argumentativo, como pode ser percebido no trecho seguinte:

Apresentar primeiro um argumento e então reconhecer a validade de outra inferência, sem aceitar suas consequências, pode facilmente produzir um efeito de retração, enfraquecendo a afirmação original – certamente não completamente, mas ainda assim de algum modo<sup>71</sup> (VERHAGEN, 2005, p. 170).

Neves (1999), a partir de um levantamento com dados do *corpus* NURC, encontra um resultado diferente, em que 71% das ocorrências de concessivas encontradas foram de posição posposta. A autora reconhece que pareça adequado refutar uma objeção prevista e depois apresentar sua asseveração, mas alega que “é bastante plausível que seja mais natural primeiro asseverar-se algo, para depois se prover uma ‘defesa’ do ponto de vista expresso” (NEVES, 1999, p. 566).

Diante dos diversos olhares sobre os diferentes desdobramentos das posições possíveis para as concessivas, o que parece ser crucial na escolha de como direcionar o fluxo da

<sup>70</sup> O autor informa que 55% dos casos encontrados no *corpus* holandês Dutch Eindhoven Corpus são de posição inicial, mas não dá maiores detalhes sobre os dados, tampouco o número total de ocorrências.

<sup>71</sup> Nossa tradução de: “Presenting a claim first and then acknowledging the validity of another inference, without accepting its consequences, can easily produce an effect of retreat, weakening the original claim –certainly not completely, but still somewhat” (VERHAGEN, 2005, p. 170).

informação é o propósito comunicativo. Assumimos que o conteúdo do que é expresso na concessiva pode ter, de fato, e a depender do contexto, certa capacidade de enfraquecer o que é expresso na principal. No entanto, o efeito pragmático dessa interação entre concessiva e principal pode sim atuar como fortalecedor da ideia global que se quer enunciar.

### 3.5 Expressões da concessividade

A expressão concessiva, entendida de maneira ampla como um tipo de contraste ou conflito anunciado ou pressuposto, pode ser apreendida a partir de pistas linguísticas diversas, mesmo que essas pistas não sejam prototipicamente reconhecidas como estruturas concessivas. König (1985; s/d) afirma que há outras relações adverbiais que podem propiciar uma leitura concessiva, em certas circunstâncias, como um acréscimo interpretativo. A seguir, apresentamos alguns casos, inspirados nos exemplos do autor. Temos respectivamente, em termos formais, uma relação aditiva em (56), uma relação temporal em (57), uma relação causal (negada) em (58) e uma relação comparativa em (59):

- (56) Você fica vendo TV e tem esse monte de trabalho para fazer.
- (57) José piscava os olhos fingindo que ia chorar, quando na verdade ele não tinha a menor intenção de fazer isso.
- (58) Joana não é menos feliz só porque nunca se casou.
- (59) Pobre como ele é, gasta todo o dinheiro na loteria.

Na verdade, devido às situações contextuais de cada enunciado, acionamos expectativas ou, mais especificamente, *frames* que nos motivam a conceber algum tipo de conflito em relação ao que está sendo descrito. Por exemplo, em (59), entra em conflito o modelo sociocultural de “uma pessoa pobre” e as expectativas em relação à economia de gastos e ao emprego do dinheiro exclusivamente para necessidades básicas. O gasto com os chamados “jogos de azar”, por serem vistos como algo supérfluo, é conflituoso com o papel que esperamos para uma pessoa pobre. Assim, a expressão de concessividade emerge também contextualmente.

Numa abordagem pragmática, Squartini (2012) assume que há um uso concessivo do futuro em italiano, de caráter factual e relacionado à evidencialidade. O autor discute que, assim como ocorre com os modais *potere* do italiano e *may* do inglês (ambos traduzidos como o modal *poder* em português), o futuro flexional em italiano pode ser usado para expressar uma conjectura, ou para expressar concessividade. Os exemplos empregados por Squartini

(2012, p. 2121), com glosa e nossa tradução adaptada para o português, são apresentados em (60) e (61):

(60) *Adesso sarà a casa.*

Agora estará em casa

Ela pode estar em casa agora.

(61) *Fará anche jogging, ma a me non sembra una persona in salute*<sup>72</sup>.

Fará até jogging mas a mim não parece uma pessoa em saúde

Ela pode até fazer caminhada, mas não me parece uma pessoa saudável.

Dada a necessidade de paráfrase para se aproximar do sentido proposto, vemos que o futuro flexional do português não tem a mesma possibilidade de leitura concessiva, como ocorre em italiano. Em (60), o futuro flexional em italiano marca uma suposição e tem valor epistêmico. Já em (61), percebemos o uso concessivo, em que é admitido que, embora determinada pessoa faça caminhada – o que leva à inferência de que venha a ter uma postura saudável –, a sua aparência não é de alguém com saúde. Squartini (2012) alega que o futuro concessivo em italiano tem seu uso restrito a contextos factuais, para que seja gramatical. A interpretação da situação descrita deve ser específica e não genérica; e, por isso, é necessário que o sujeito de “*fará*” seja explicitamente dado ou contextualmente recuperável, por meio de alguma ancoragem dêitica.

Outro estudo sobre a possibilidade de interpretação concessiva de estruturas menos prototípicas é fornecido por Fretheim (2001), que descreve usos concessivos da expressão “*for det*” (que literalmente significa “para isso” – em inglês, *for that*) em norueguês. Segundo o autor, a língua norueguesa não possui muita variedade de conectivos, o que é suprimido por meio de posição sintática e padrão acentual. O conectivo “*likevel*” (traduzido como “não obstante”, “porém”) tem funções marcadamente concessivas. O marcador “*for det*”, apesar de ter algumas restrições sintáticas, pode desempenhar também sentido concessivo. O autor apresenta, então, uma série de situações em que tanto “*likevel*” como “*for det*” são opções para expressar concessividade, principalmente em final de sentença. Em (62), reproduzimos o exemplo dado por Fretheim (2001, p. 9) e nossa tradução para o português:

(62) *Vi henter deg klokka fem likevel/ for det.*

Nós vamos te pegar às cinco em ponto de qualquer maneira<sup>73</sup>.

<sup>72</sup> Este exemplo em italiano é uma adaptação feita por Squartini (2012, p. 2121) do exemplo empregado por Traugott & Dasher (2004, p. 115): “*She may jog, but she sure looks unhealthy to me*”, sobre os usos conjecturais e concessivos de *may* em inglês.

<sup>73</sup> Nossa tradução de: “*We’re picking you up at five o’clock anyway*”.

Adaptando os dizeres de Fretheim (2001), a relação concessiva que é aqui depreendida é entre a afirmação de que o falante irá pegar alguém exatamente às cinco horas e alguma suposição que pareça inconsistente com tal atitude. O que é interessante sobre “*for det*” é que, composicionalmente falando, nada sugere uma relação concessiva; e a preposição “*for*” ou o pronome “*det*” não têm reminiscência de significado de contraexpectativa (FRETHEIM, 2001, p. 10). De acordo com o autor, o enriquecimento pragmático é provavelmente o responsável para se levar “*for det*” a ter um significado concessivo convencional.

Nas próximas seções, discutimos brevemente três casos com expressões bastante próximas às construções que estudamos. São as construções “*for all X*” e “*for a/an X*” do inglês, e “*para/por + infinitivo*” do espanhol.

### 3.5.1 O uso concessivo de “*for all X*” e “*for a/an X*” do inglês

König & Siemund (2000), na discussão da relação entre causais e concessivas, comentam um padrão de mudança semântica em que causais se desenvolvam em concessivas. Em inglês, “*for*”, que foi muito usado como conector causal antigamente, tem, no inglês moderno, seu uso causal bastante restrito a contextos muito formais e a certas colocações, como “*for fear of*”, em “*He wept for fear of dying*”, que significa “Ele chorou por medo de morrer” (querendo dizer: “por causa do medo de morrer”). No entanto, segundo os autores, “a interpretação concessiva é a única opção sempre que *for* se combinar com *all*<sup>74</sup>” (KÖNIG & SIEMUND, 2000, p. 346). Em (63), trazemos o exemplo empregado pelos autores, seguido de nossa tradução:

(63) *For all his personal responsibility for the manipulation of power, he has not done anything illegal.*

Apesar de (toda) sua responsabilidade pessoal pela manipulação do poder, ele não fez nada ilegal.

A tradução literal de “*for all his responsibility...*” por “*por toda sua responsabilidade...*” certamente não daria conta de expressar o valor concessivo, comprovando que não se trata aqui de uma leitura meramente composicional. Quanto à relevância da partícula “*all*” (tudo), König & Siemund (2000, p. 347) alegam que esse

---

<sup>74</sup> Nossa tradução de: “(...) the concessive interpretation is the only option whenever *for* combines with *all*” (KÖNIG & SIEMUND, 2000, p. 346).

quantificador é presente em inúmeras outras expressões concessivas do inglês, como *withal*, *although*, *albeit*, *all the same*, e também *toutefois* e outras do francês; acrescentamos também *todavia* e *contudo* do português<sup>75</sup>.

A explicação construcionista que Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, pp. 315-6) dão para “*for all X*”, ainda que sem maiores desdobramentos, é também interessante. Alegando a inadequação de análises lexicais simples, visto que para muitas observações linguísticas é necessário mais que análise de palavras, os autores comentam a riqueza de construções que podem ser exploradas em qualquer texto. Parte do trecho ilustrado pelos autores é dada em (64), seguida de nossa tradução aproximada:

(64) *For all the disappointments, posterity will look more kindly on Tony Blair than Britons do today.*

Apesar de todas as decepções, a posteridade irá olhar para Tony Blair de forma mais gentil do que os britânicos olham hoje.

Os autores atribuem à construção “*for all X*” um sentido parecido com o de “*in spite of*” (“apesar de”), e também alegam que ela não pode ser explicada em termos dos *construals* de “*for*” e de “*all*”. É alegado que nesta construção há restrição quanto ao valor de X, que deve ser um Sintagma Nominal Definido. Assim, no exemplo utilizado, retirando-se o artigo definido “*the*” (em “*for all the disappointments*”), a expressão torna-se agramatical.

Essa restrição sintático-semântica quanto à definitude do SN é oposta ao que ocorre com uma construção semelhante, formada por “*for a/an X*”, com o artigo indefinido “*a*” (um/uma). A existência dessa construção de caráter concessivo pode ser atestada informalmente através de alguns exemplos descobertos na internet, em que claramente está em jogo algum tipo de conflito, ou quebra de expectativas.

Esta apresentação, que tem um caráter antes especulativo que teórico-formal, serve para mostrar alguns exemplos do que parece uma construção, em língua inglesa, muito próxima às que estudamos. A partir de uma busca informal, foram encontrados alguns casos com estruturas semânticas e sintáticas muito próximas ao padrão das construções concessivo-comparativas em português. Os casos coletados ocorrem<sup>76</sup>:

(65) **como nome de um site:**

<sup>75</sup> Para uma visão ampliada dessas conjunções em português, sob o enfoque da gramaticalização, vide Rocha (2006).

<sup>76</sup> Após os exemplos em inglês, que estão em itálico, apresentamos uma tradução livre para o português.

***Not bad for a girl.***

Nada mal para uma garota.

**(66) como parte de comentário a um blog:**

*Dads have the tendency to spoil their sons, well, not in my husband's case though :). Your kids are lucky to have father like your hubby, they are well provided, well taken care of and everything. Not all kids are lucky enough to have a nurturing dad. **Even for an uncle he is a good one.** You are luckier for having a great hubby. four thumbs up for you! :)*

Os pais têm a tendência de mimar seus filhos. Bem, apesar de que esse não é o caso do meu marido. Seus filhos são sortudos por terem um pai como o seu marido, eles são bem cuidados, bem tratados e tudo o mais. Nem todas as crianças são tão sortudas de ter um pai carinhoso. Mesmo para um tio ele é bom. Você tem muita sorte de ter um grande marido. Muitos parabéns para você!

**(67) em um diálogo dentro do filme “Finding Nemo” (Procurando Nemo) (2003):**

*Marlin: "Hello, my name is Marlin. I'm a clownfish."*

*Anchor: "A clownfish?! Really?!"*

*Bruce: "Go on, tell us a joke!"*

*Chum: "Oh I love jokes!"*

*Marlin: "Well I actually do know one that's pretty good. There was this mollusk, and he walks up to this sea cucumber. Normally, they don't talk, sea cucumbers, but in a joke everyone talks. So the sea mollusk says to the cucumber...Nemo!"*

*Chum: "Nemo! Ha ha! Nemo... I don't get it."*

*Bruce: "For a clown fish, he's not that funny."*

Marlin: “Oi, meu nome é Marlin. Sou um peixe-palhaço”.

Anchor: Um peixe-palhaço?! Mesmo?!”

Bruce: “Vamos, conte uma piada!”

Chum: “Adoro piadas!”

Marlin: “Bem, de fato conheço uma que é muito boa. Havia um molusco, e ele se aproxima do pepino do mar. Normalmente, eles não falam, os pepinos do mar, mas em uma piada todo mundo fala. Então o molusco diz para o pepino... Nemo!”

Chum: Nemo! Ha ha! Nemo... não entendi.”

Bruce: “Para um peixe palhaço, ele não é tão engraçado.”

**(68) em um diálogo dentro da série de televisão: CSI- New York<sup>77</sup>:**

Jo: *You're not very nice for a man who works at a clown registry.*

Colby Glass: *Not all clowns are happy.*

<sup>77</sup> Os links dos sites onde foram encontrados os exemplos de (65) a (68) são:

(65) [www.notbadforagirl.com](http://www.notbadforagirl.com)

(66) [www.coupleslovebook.net/2011/06/how-do-i-see-my-husband-as-a-father-and.html](http://www.coupleslovebook.net/2011/06/how-do-i-see-my-husband-as-a-father-and.html)

(67) [www.moviesoundclips.net/sound.php?id=67](http://www.moviesoundclips.net/sound.php?id=67)

(68) [www.tvfanatic.com/quotes/shows/csi-ny/episodes/to-what-end/](http://www.tvfanatic.com/quotes/shows/csi-ny/episodes/to-what-end/)

Jo: Você não é muito simpático para um homem que trabalha em um registro de palhaços.

Colby Glass: Nem todos os palhaços são felizes.

O exemplo (65), que traduzimos por “Nada mal para uma garota”, é o nome de um *site* britânico criado por uma *designer* chamada Karen Jane. O trecho a seguir, em (69), é retirado do *site*, numa parte em que a criadora conta sobre a escolha do nome de seu *blog*:

(69) *From my childhood of hanging out with way too many boys, ‘Not Bad For a Girl’ was dished out as a certain kind of awkward compliment – but a compliment all the same. So, because my parents taught me good manners my attitude was, ‘thank you, I’ll have that’. Positivity in the face of adversity, I thought.*

Em minha infância quando saía com muitos garotos, ‘Nada mal para uma garota’ foi dado como certo tipo de elogio estranho – mas ainda assim um elogio. Então, porque meus pais me ensinaram boas maneiras, minha atitude foi ‘obrigada, vou considerar isso’. Positividade quando se encara adversidade, pensei.

Diante da explicação dada, fica claro o uso argumentativo da construção e, nesse caso, inclusive podendo levar ao debate sobre sexismo. O “elogio estranho” expresso por “*Not bad for a girl*” indica que as expectativas geradas para uma garota foram superadas; e isso leva à conclusão de que tais expectativas não eram tão altas quanto as que seriam geradas se se tratasse de um garoto. No âmbito sintático, o exemplo (65) atesta que o termo “*for a/an X*”, quando posposto, pode ser precedido de um Sintagma menos complexo – que não seja necessariamente verbal. Pareceria menos aceitável, em língua escrita, se houvesse inversão dos segmentos, como em “*(?) For a girl, not bad*”.

Mesmo sem abordar a temática construcionista, tampouco a problematização sobre atitudes sexistas, Thomas (1995), em seu livro de temática pragmática e interacionista – e discutindo a questão das implicaturas convencionais –, apresenta em meio a seus exemplos o que chama de “alguns usos de *for*” dentro de sua discussão sobre implicatura convencional, ilustrado em: “*She plays chess well, for a girl*” (“Ela joga xadrez bem, para uma garota”) (THOMAS, 1995, p. 57). Ainda que a autora tenha deixado em aberto qual a interpretação apropriada, parece-nos lícito dizer que não é esperado que garotas (seja em oposição a “garotos”, numa abordagem de gênero, ou em oposição a “mulher”, numa abordagem de amadurecimento etário) joguem xadrez muito bem; e, além disso, pode-se inferir que a garota em foco jogue xadrez bem, com certas ressalvas.

O comentário feito em (66), em um *blog* que trata de relacionamentos familiares, diz respeito à visão que as mulheres têm de seus maridos enquanto tios. Após ler o texto da blogueira, que relata a excelente relação de seu marido com filhos e sobrinhos, a visitante emite, em meio a seu comentário permeado de elogios, que “*Even for an uncle he is a good one*” (“Mesmo para um tio ele é bom”). Isso atesta o uso enfático da construção, uma vez que foi usado o recurso de “*even*” para marcar alguma notoriedade no fato do marido em questão ser bom como tio, além de ser bom como pai.

Num diálogo da famosa animação americana “Procurando Nemo”, (67) marca, por meio da construção “*for a X*”, a ironia proveniente do nome comum que o *Amphiprion frenatus* recebe: “peixe-palhaço” – que se deve às suas cores exuberantes (laranja e branco) e seu jeito de nadar. A contraexpectativa fica ainda mais evidente pelo uso do comentário com sentença negativa. Em análise semelhante, a instância da construção no exemplo (68), também emitido em meio ficcional, é outro caso de quebra de expectativa acerca do *frame* “palhaço”. A ênfase, nesse caso, é marcada tanto pela negativa como também pelo advérbio “*very*”.

Os exemplos ora mostrados são um meio prático de se legitimar a existência em outra língua (não latina) desse tipo de construção, a qual utiliza um padrão sintático muito semelhante ao do português. A construção pode ser rusticamente delineada como: FOR A X, Y – em que os atributos de X e Y se equivalem aos assumidos para o PB: uma situação descrita em X que dispara um determinado *frame* e um comentário contrário em Y, que quebra a expectativa antes gerada.

### 3.5.2 O uso concessivo de “*por/para + infinitivo*” do espanhol

A abordagem de Pacagnini (2012) acerca do que ela chama de estruturas pró-concessivas “*para*” e “*por*”, segundo a expressão “*por/ para + infinitivo*”, é bastante iluminadora para nosso estudo. A autora parte da premissa do uso já aceito de “*para*” por diversos estudiosos como marcador concessivo em espanhol, e busca atestar o uso concessivo de “*por*”. Reproduzimos, em (70) e (71), dois de seus exemplos usados ao longo do artigo:

- (70) a. *Por ser político, es muy honesto.*  
 b. *Para ser político, es muy honesto.*
- (71) a. *Por ser chico, es muy responsable.*  
 b. *Para ser chico, es muy responsable.*

Uma proposta de tradução literal para (70b) e (71b) propiciaria, respectivamente, duas expressões gramaticais e bastante comuns em português, havendo necessidade de se inverter a ordem dos segmentos das sentenças: “É muito honesto para ser político” e “É muito responsável para ser menino”. Apesar de ser possível tal interpretação, acreditamos que paráfrases melhores, que poderiam contemplar as traduções feitas para (70) e (71), seriam, respectivamente, “Para um político, é muito honesto” e “Para um menino, é muito responsável”. Isso porque a tradução mais literal<sup>78</sup>, embora possível, pode alterar o sentido, uma vez que, em português, se dizemos “É muito honesto para ser político” ou “É muito responsável para ser menino” podemos expressar, além de uma relação concessiva, uma tendência a desacreditar naquilo que está sendo dito. Basta lembrarmos uma expressão famosa e de tom pessimista dita quando algo é *bom demais para ser verdade*.

É interessante frisar que um aspecto que não é apresentado e problematizado neste trabalho de Pacagnini (2012) é o fato de que, nas chamadas estruturas pró-concessivas com “*por/para* + infinitivo”, o verbo do infinitivo é quase sempre ilustrado por meio da cópula SER nos exemplos fornecidos pela autora – o que gera uma correlação bastante próxima à que ocorre na construção em português esquematizada pelo padrão “PARA + UM/A + X”. Pacagnini (2012, p. 86) assume que as estruturas “*por/para* + infinitivo” são concessivas e podem ser parafraseadas pela conjunção concessiva “*aunque*”, com verbo conjugado. A autora formula a hipótese de que há duas condições básicas para que as construções com “*por*” (e acreditamos que o mesmo se estenda para o “*para*”) possam ser interpretadas de forma concessiva: (i) preferencialmente um quantificador na cláusula principal (sobre adjetivos ou advérbios graduáveis escalarmente); e (ii) algum tipo de pausa entre a contraparte concessiva e a cláusula principal, atribuindo uma unidade melódica específica à concessiva (PACAGNINI, 2012, pp. 91-2). Nos exemplos (70) e (71), o quantificador/intensificador assinalado é “*muy*”, que intensifica os adjetivos graduáveis escalarmente. Quanto à necessidade de pausa, isso se dá primordialmente quando a concessiva vem anteposta, e é marcado na escrita com o recurso da vírgula.

A posposição da contraparte concessiva pode, inclusive, propiciar ambiguidades com relações causais. Ao discutir o exemplo “*Por ser chico es muy responsable*”, Pacagnini (2012, pp. 92-3) diz que, ainda que sua inversão para “*Es muy responsable por ser chico*” (sem

---

<sup>78</sup> De fato, a tradução para o inglês que a autora propõe para a sentença “*Por/para ser político, es muy honesto*” é “*He is too honest to be a politician*”, o que também serve para legitimar uma possível tradução como “Ele é muito honesto para ser político”.

pausa/vírgula) seja gramatical, a possível interpretação causal (algo que ilustramos como: é pela razão de ser um menino que ele é responsável) soaria algo sem sentido, pois envolve certas expectativas sociais entre ser menino e ser responsável.

Quanto ao papel do Sintagma Nominal presente na contraparte concessiva “*por/para*”, é enfatizado que ele pode contemplar elementos que podem ser interpretados “como membros destacados de uma determinada escala léxica graduada pragmaticamente<sup>79</sup>” (PACAGNINI, 2012, p. 87). Em outras palavras, “*político*” e “*chico*” são elementos para os quais se pode esperar certo grau maior ou menor de honestidade e responsabilidade, respectivamente. Quanto à relevância do papel do quantificador, a autora conclui:

Tudo isso demonstra a estreita relação que se estabelece entre concessão e quantificação, já que a concessão é uma noção que surge, sobretudo, em contextos nos quais se combinam determinadas escalas pragmáticas com estruturas quantificadas<sup>80</sup> (PACAGNINI, 2012, p. 90).

De maneira geral, Pacagnini (2012, p. 94) percebe haver nessas estruturas um caráter altamente subjetivo e intencional do falante, e afirma que essas são, portanto, “construções modais reforçadoras do valor de verdade da asseveração do falante”. O uso dessa construção caracteriza a intenção do falante de intensificar sua asseveração, na cláusula principal, enquanto dispõe, na concessiva, o que outros possam dizer ou acreditar. Esse processo está, pois, em consonância com as postulações básicas de Ekkehard König a respeito das relações concessivas em geral.

Pacagnini (2012) afirma que há estudiosos contrários ao valor concessivo da construção com “*para*”. Dentre eles, destaca a posição de Moya Corral (1996<sup>81</sup>, apud PACAGNINI, 2012, pp. 87-8) sobre o fato de que as construções com “*para*” não são estáveis enquanto concessivas, e se assemelhem a comparativas. Isso significa assumir as seguintes paráfrases para (70) e (71), respectivamente em (72) e (73):

(72) *Es más honesto de lo que se espera de un político.*  
É mais honesto do que se espera de um político.

<sup>79</sup> Nossa tradução de: “(...) como miembros destacados de una determinada escala léxica graduada pragmáticamente” (PACAGNINI, 2012, p. 87).

<sup>80</sup> Nossa tradução de: “Todo ello demuestra la estrecha relación que se establece entre concesión y cuantificación, ya que la concesión es una noción que surge sobre todo en contextos en los que se combinan determinadas escalas pragmáticas con estructuras cuantificadas” (PACAGNINI, 2012, p. 90).

<sup>81</sup> A referência bibliográfica do trabalho é:

MOYA CORRAL, Juan Antonio. **Los mecanismos de la interordinación: a propósito de "pero" y "aunque"**. Granada: Universidad de Granada, 1996.

- (73) *Es más responsable de lo que se espera de un chico.*  
É mais responsável do que se espera de um menino.

Certamente, há um tipo de comparação avaliativa envolvida nessa construção, muito provavelmente motivada pelo sentido básico de “*para*”, que, no processo de direcionamento, pode assumir um caráter relativizador entre situações descritas. Mesmo com a leitura comparativa, o papel contrastivo dessa estrutura se mantém.

A relação dessa construção com estruturas comparativas também é reconhecida em trabalhos sobre o ensino da língua espanhola a falantes não nativos. Em uma visita à seção direcionada a ensinar espanhol aos falantes de inglês, no *site*<sup>82</sup> do Bowdoin College, encontramos uma explicação sobre um dos usos de “*para*”, que é chamado de “**comparação contra a expectativa normal**” (em inglês: “*comparison against the normal expectation*”). O exemplo empregado na explicação é “*es alto para su edad*”, traduzido no site para “*he’s tall for his age*” (ele é alto para a idade dele); e em um exercício, esse uso é ilustrado como “*Nevaba demasiado para ser octubre*”, traduzido para “*It was snowing too much for October*” (Nevava muito para ser outubro). De forma diferente das construções por nós estudadas, esses casos não trazem um marcador indefinido no Sintagma Nominal da contraparte “*para*”. No entanto, esses exemplos são, de fato, bastante próximos às construções que estudamos, tanto semântica como formalmente; e concorrem para aumentar a discussão sobre as extensões polissêmicas dessas construções.

Como corroboração do uso concessivo dessa estrutura de forma muito semelhante em espanhol, português e inglês, relembremos o trecho final do exemplo (67), em que o personagem Bruce diz “*For a clown fish, he’s not that funny*” (“Para um peixe palhaço, ele não é tão engraçado<sup>83</sup>”), que foi traduzido para espanhol como “*Para ser un pez payaso tiene poca gracia*<sup>84</sup>”. Deixando de lado a discussão sobre influências de tradução, parece ser de fato indiscutível que há uma aproximação formal, semântica e possivelmente pragmática dessas construções nessas línguas.

<sup>82</sup> Link da referida seção: << <http://www.bowdoin.edu/~eyepes/newgr/para.htm>>>

<sup>83</sup> No processo de dublagem para o português, a paráfrase adotada foi: “Esse peixe palhaço não tem graça”, em que não foi mantida uma transposição mais literal da sentença – o que poderia gerar dúvidas quanto à adequação semântica e pragmática da construção ao português. No entanto, é importante mencionar que, como sabemos, a dublagem de filmes envolve processos que vão além da mera tradução; e assim, além de ser necessária uma semelhança de conteúdo, procura-se também uma aproximação com a gesticulação original.

<sup>84</sup> Link onde se atesta essa informação: << [http://es.wikiquote.org/wiki/Buscando\\_a\\_Nemo](http://es.wikiquote.org/wiki/Buscando_a_Nemo)>>. Na versão de dublagem para o chamado espanhol latino, a tradução é “*Para ser pez payaso, le falta gracia*”, confirmado pelo link <<<http://www.youtube.com/watch?v=0gumkJxgvTA>>>.

Nessa perspectiva, Boas (2010, pp. 10-5) alega que o estudo entre línguas é factível se for levantado, para cada língua em jogo, o inventário de unidades lexicais com os *frames* por elas evocados e construções em que participam. A partir daí, é possível fazer análise contrastiva de como os significados são mapeados. Além disso, o autor elenca o polo semântico das construções como a base para comparações entre as línguas e vê as construções como ferramentas úteis para se depreender idiosincrasias e generalizações entre as línguas.

Ao analisar expressões comparativas em inglês e sueco, consideradas línguas próximas, Hilpert (2010, p. 38) conclui que o estudo que compara construções entre as línguas “pode e deve ser mais que uma mera enumeração de sutilezas gramaticais<sup>85</sup>”, devendo ser uma ferramenta que permita detectar parâmetros que poderiam não ser observados na análise de uma língua em particular.

Caso estudos futuros mais aprofundados comprovem a legitimidade da relação entre as construções do português, espanhol e inglês – para citar os casos de que temos conhecimento –, poderíamos estar diante de algum padrão passível de estudo translinguístico – o que parece oferecer um caminho promissor de pesquisas. Dado o escopo de nosso trabalho, o anúncio dessas construções em inglês e espanhol teve, como dito, um caráter mais exploratório.

### 3.6 Alguns apontamentos sobre a relação de Comparação

Dando sequência à descrição dos fatores linguísticos caracterizadores das construções concessivo-comparativas, nesta seção, discutiremos a relação comparativa, buscando explorar fatores de ordem sintática e, principalmente, semântico-pragmática desse fenômeno. O objetivo é propiciar uma descrição que, embora sucinta, possa elucidar os pontos que nos levam a descrever nosso objeto como uma construção gramatical que, além de concessiva, é comparativa.

A comparação é aqui compreendida de forma mais ampla, como uma operação cognitiva básica e imprescindível em nosso meio sociocultural, de forma a extrapolar as designações que se apoiam em fatores composicionais, como ocorre em certas abordagens normativas e prescritivas. Nesse sentido, Santos (2012) critica a tradição gramatical que dá mais importância à estrutura sintática, em que o polo semântico se reduz ao significado concentrado em um item – a conjunção. O autor, inclusive, propõe estudo holístico, inspirado em Goldberg (1995), para a análise do fenômeno por ele chamado de Construção

---

<sup>85</sup> Nossa tradução de: “(...) can and should be more than a mere enumeration of grammatical subtleties” (HILPERT, 2010, p. 38).

Comparativa Superlativa Disfêmica (do tipo “ele fala mais que pobre na chuva”). Também Pires (2013), ao empreender estudo sobre construções comparativas, critica visão das gramáticas tradicionais com foco na esfera formal e na autossuficiência semântica das conjunções, e adota abordagem construcional para o estudo das chamadas Construções Superlativas Hiperbólicas, do tipo “ele é ruim que nem o capeta”.

Já é comum uma vasta discussão de partículas reconhecidas por promoverem comparação lexicalmente explícita, como o caso das estruturas canônicas “*tão ... quanto*”, “*mais (do) que*”, “*menos (do) que*”, nas comparações por igualdade, superioridade e inferioridade de graus, respectivamente. São comumente empregadas em frases como as seguintes:

- (74) Física é tão complexa quanto Química.
- (75) Geometria é mais complicada que Aritmética.
- (76) Gramática é menos difícil que Interpretação Textual.

Em (74), (75) e (76), somos facilmente capazes de reconhecer tratar-se de diversos tipos de comparação feitos em respeito aos níveis de complexidade, complicação e dificuldade apresentados pelos ramos de conhecimento. Não obstante posicionamentos pessoais contrários, a estrutura composicional de (76) imprime a leitura de que, colocadas em cotejo, tanto Gramática quanto Interpretação Textual são consideradas áreas difíceis na Linguística, mas à Gramática é atribuído um menor grau de dificuldade na relação estabelecida. Nesse sentido, Kennedy (s/d) diz que, apesar de algumas línguas não possuírem uma morfologia comparativa especializada, as construções comparativas são encontradas em todas as línguas. O autor discute que essa habilidade de comparar e ordenar elementos de acordo com o grau em que eles possuem alguma propriedade é um processo básico da nossa cognição.

### **3.6.1 A Construção Comparativa e o *frame* relacionado à comparação**

Huang, Shih & Chen (2008) sintetizam três elementos essenciais na comparação, recorrentes, conforme afirmam, em quase toda língua: os itens comparativos, os atributos e as variações (graus). Pontuam, portanto, que uma sentença comparativa descreve um evento que compara dois itens expressando qual dos dois apresenta mais precisamente algum atributo e em que medida.

A pesquisadora Yoko Hasegawa e outros colaboradores, dentre eles Charles Fillmore, ao proporem análise onomasiológica acerca das expressões de medida e de comparação entre inglês e japonês, usam o aparato da Gramática das Construções inspirada nos moldes da SBCG (*Sign-Based Construction Grammar* [Gramática das Construções Baseada no Signo<sup>86</sup>]). Hasegawa et al (2010, p. 170) postulam a comparação como “a linguagem usada para comparar duas entidades dentro de alguma escala, em relação de igualdades como desigualdades<sup>87</sup>”, e definem a construção comparativa como:

Uma construção geral que licencia a criação de um predicador comparativo complexo e a realização dos argumentos desse predicador. Uma expressão comparativa indica a igualdade ou desigualdade de dois valores em uma escala<sup>88</sup> (HASEGAWA et al, 2010, p. 179).

Em seu estudo, os autores propõem um *frame* denominado Comparison (Comparação), que, em sua versão inicial, é assim descrito: “Um valor em uma escala é comparado a outro. Cada grau representa o valor de algum atributo de uma entidade, situada ao longo de uma escala potencialmente quantificável<sup>89</sup>” (HASEGAWA et al, 2010, p. 185). Geralmente, um grau é posto em primeiro plano e o outro é tido como o padrão, e esse *frame* recebe uma descrição generalizada ao máximo, para cobrir diversos itens comparativos e relacionados à comparação.

Os Elementos de *Frame* apresentados são os seguintes: ATRIBUTO, ITEM, VALOR\_DO\_ITEM, PADRÃO, VALOR\_DO\_PADRÃO (relacionados aos elementos em comparação), e DIFERENÇA, APROXIMAÇÃO e MULTIPLICATIVO, relacionados aos níveis de diferença entre ITEM e PADRÃO. De fato, a proposta do *frame* Comparison procura trazer certa abrangência e é usada para descrever sentenças como (77) e (78), adaptadas das usadas pelos autores:

(77) [Este carro ITEM] é [*mais caro*] [que o meu PADRÃO].

---

<sup>86</sup> De forma geral, esse tipo de abordagem das construções gramaticais entende as construções como regras que licenciam a formação de construtos com semântica e sintaxe particulares.

<sup>87</sup> Nossa tradução de: “(...) the language used in comparing two entities with each other on some scale, both equalities and inequalities” (HASEGAWA et al, 2010, p. 170).

<sup>88</sup> Nossa tradução de: “A general construction that licenses the creation of a complex comparative predicador and the realization of the arguments of that predicador. A comparative expression indicates the equality or non-equality of two values on a scale (HASEGAWA et al, 2010, p. 179).

<sup>89</sup> Nossa tradução de: “One value on a scale is compared to another. Each degree represents the value of some attribute of an entity, placed along a potentially quantifiable scale” (HASEGAWA et al, 2010, p. 185).

(78) [Este carro<sub>ITEM</sub>] é [*mais caro*] [que 30.000 reais<sub>VALOR\_DO\_PADRÃO</sub>]<sup>90</sup>.

Nessa ilustração, o *frame* é disparado pela expressão comparativa em itálico, e a comparação tanto é feita entre um elemento destacado e um elemento padrão (em (77)), como entre um elemento e um valor considerado padrão da comparação (em (78)). Ainda não há uma descrição sistemática dos EFs do *frame* Comparison, como é feito pela FrameNet. Por essa razão, optaremos por aplicar, em nosso trabalho, a nomenclatura utilizada para o *frame* já descrito, *Evaluative\_comparison* (discutido na seção 2.2.2), além de entendermos haver semelhança descritiva entre esses *frames*.

### 3.6.2 Comparação implícita e avaliação<sup>91</sup>

Muitos estudos apontam uma relação entre certos tipos de comparação, chamados de “comparações implícitas”, e a depreensão de teor avaliativo. De viés formal, Rett (2008) estuda a modificação de grau relacionada a adjetivos e analisa casos em que a construção de grau é considerada avaliativa, nas expressões com adjetivos graduáveis. Para Rett (2008, p. 9), “[u]ma construção é avaliativa se fizer referência a um grau que exceda um padrão contextual<sup>92</sup>”, de forma que o elemento tenha determinada propriedade de forma significativa.

Seguindo a abordagem de Rett (2008), uma afirmação enxuta e direta como “João é alto” tem teor avaliativo. Isso se dá porque, ao se dizer que *alguém é alto*, entende-se que haja um padrão relevante de altura e que a pessoa em questão exceda esse padrão. Assim, a depreensão de ultrapassar o padrão atribui ao adjetivo um teor avaliativo, no sentido de destacar uma propriedade em relação ao padrão contextualmente avaliado. Essa avaliação está relacionada à forma positiva (básica, não marcada) do adjetivo. Diferentemente, a afirmação “João é mais alto que Carlos” não é avaliativa, visto que a propriedade de João ser alto é mantida contextualmente apenas em comparação ao elemento Carlos, e não de forma significativa. Afinal, João ser mais alto que Carlos não implica que João seja considerado

<sup>90</sup> Hasegawa et al (2010, pp. 190-1) usam as sentenças “*This car is more expensive than mine*” e “*This car is more expensive than \$30,000*” para ilustrar as diferenças morfosintáticas nas construções comparativas em inglês e em japonês, quanto à diferença entre lexicalização da construção com o EF PADRÃO ou VALOR\_DO\_PADRÃO.

<sup>91</sup> A noção de “avaliação”, aqui, tem conotação diferente da avaliação, ou avaliatividade, que será apresentada no próximo capítulo. Relativo a adjetivos graduáveis, o tipo de avaliação discutido nesta seção se refere ao alcance e ultrapassagem de grau de um elemento relativo a um padrão estabelecido.

<sup>92</sup> Nossa tradução de: “A construction is evaluative if it makes reference to a degree which exceeds a contextual standard” (RETT, 2008, p. 9).

alto; Carlos pode ter 1,48m e João, 1,54m. De igual maneira, uma explicação que deixa o trabalho *mais simples* não necessariamente estaria tornando-o *simples*.

Para Hasegawa et al (2010, p. 184), uma expressão adjetiva avaliativa envolve uma comparação implícita (com o adjetivo na forma básica, sem a morfologia própria da comparação). Nesses casos, o elemento PADRÃO estará implícito e poderá ser compreendido, sendo um caso de Instanciação Nula Indefinida (INI) segundo a metodologia da FrameNet. Por exemplo, ao se dizer que “aquele pastor alemão é grande”, tem-se um padrão implícito, seja em relação às funções esperadas para esse tipo de cão, ou mesmo em relação entre esse e outros cães de raça semelhante.

Kennedy (s/d) postula que a comparação implícita ocorre quando, na língua, aproveita-se da sensibilidade própria do contexto de uma forma adjetiva não-marcada para se comparar. Organiza o conceito de comparação implícita de forma que podemos utilizar para corroborar um de nossos *insights*. Para o autor, a comparação implícita estabelece uma ordem tal entre os elementos X e Y referente a um atributo graduável, a partir da forma básica do adjetivo de modo que, uma vez que X seja considerado A, Y não será considerado A no mesmo contexto. Se eu digo que “comparada às minhas primas, sou alta”, fica estabelecido um contexto em que minhas primas sejam necessariamente baixas em relação a mim. De acordo com Kennedy (s/d), a comparação implícita marca mais fortemente a diferença entre os elementos comparados. Os elementos não podem ser muito próximos em relação aos graus em que possuem determinada propriedade sob risco de não ser possível fazer comparação da maneira “comparado a X, Y é A<sup>93</sup>”.

### 3.6.2.1 Casos estruturalmente semelhantes às construções concessivo-comparativas

Nas discussões trazidas pelos pesquisadores que referenciamos, encontramos expressões semelhantes às construções concessivo-comparativas, em língua inglesa, como ilustração de comparação implícita. Bochnak (2013), em sua discussão sobre comparação implícita e explícita, comenta que uma das causas de vagueza de adjetivos como “alto” refere-se à variação contextual e é dependente de uma classe de comparação. O autor ilustra que essa

---

<sup>93</sup> Kennedy (s/d, p. 17) cita que expressões como “*compared to*” (comparado a), “*with respect to*” (em respeito a) e similares estabelecem esse tipo de comparação implícita que requer que um elemento tenha destaque em relação a outro quanto a alguma propriedade. A afirmação “Comparado ao artigo B, o artigo A é longo” é possível num contexto em que o artigo A tenha 40 páginas e o artigo B tenha 15 páginas, por exemplo. Já num contexto em que o artigo A tenha 40 páginas e o artigo B tenha 38 páginas, a mesma afirmação se torna estranha, visto que é necessário que um dos elementos esteja em nítido destaque em relação ao outro nesse tipo de comparação.

classe pode aparecer na forma de um Sintagma Preposicional, como em: “João é alto para um menino de quinta série<sup>94</sup>”, que indica uma sensibilidade ao contexto.

A análise de Rett (2008) propõe que “Adam é alto demais para as calças que ele veste<sup>95</sup>” não acarreta um grau elevado para o adjetivo “alto”. Segundo a autora, o sentido depreendido de expressões como essa reflete o significado de construções comparativas por se basearem na ordenação dos graus. Rett (2008) reconhece que o padrão contextual é algo variável e comenta casos em que o valor do elemento padrão é codificado lexicalmente, em estruturas que não são explicitamente comparativas. Interessa-nos em particular o exemplo utilizado (Sue é uma cozinheira alta<sup>96</sup>), no qual a autora assume estar envolvido um jogo semântico-pragmático de uma situação sugestiva para afirmar que Sue seja alta para uma cozinheira<sup>97</sup> (no sentido de ser em comparação à altura média de uma cozinheira).

Também Hasegawa et al (2010, p. 193) discutem que, nessas construções comparativas implícitas (ex.: “ele é alto”), o padrão implícito pode se fazer explícito. Os exemplos dessa situação, equivalentes em português, são:

(79) Ele é baixo para um sueco.

(80) Ele é até mesmo alto para um sueco<sup>98</sup>.

Apesar de não problematizarem os exemplos, é possível entender que “para um sueco” imprime alguma expectativa de altura para as pessoas dessa nacionalidade/etnia, que é relativamente alta. Em (79), o indivíduo comparado pode não ser absolutamente baixo, enquanto, em (80), fica subentendido que a pessoa seja exageradamente alta. Certamente que o ambiente sociocultural e as propensões biológicas influenciam esse processo cognitivo de julgamento sobre o que seja uma etnia considerada de alta estatura, razão pela qual esse julgamento parece ser fluido e difuso para povos miscigenados, como nós brasileiros. Algo como “ele é muito baixo para um brasileiro” é capaz de soar intuitivamente estranho na comunidade de fala brasileira.

<sup>94</sup> Nossa tradução adaptada do exemplo usado por Bochnak (2013, p. 35): “*Joe is tall for a fifth-grader*”.

<sup>95</sup> Nossa tradução adaptada do exemplo usado por Rett (2008, p. 102): “*Adam is too tall for his pants*”.

<sup>96</sup> Nossa tradução do exemplo usado por Rett (2008, p. 74): “*Sue is a tall cook*”.

<sup>97</sup> O exemplo serve para enfatizar a restrição que incide sobre o adjetivo “alta” por meio de um padrão de comparação evocado. Há, de fato, profissões para as quais a altura seria uma propriedade relevante, como o caso de jogadores de basquete, seguranças, policiais, atletas da ginástica artística, dentre outros.

<sup>98</sup> Nossas traduções dos exemplos usados por Hasegawa et al (2010, p. 193): “*He is short for a Swede*” e “*He is even tall for a Swede*”.

Diante dessa discussão, consideramos que nossa construção imprime, de fato, uma leitura comparativa, uma vez entendida a comparação como um processo que, se não totalmente ubíquo, é bastante latente quando falamos em atributos.

### 3.7 O que levamos em conta como concessividade e comparação neste trabalho

Elencamos alguns pontos relevantes em relação à noção de concessividade, que são topicalizados a seguir:

- Duas situações em incompatibilidade ou conflito, levando-se em consideração os padrões normais (cf. KÖNIG, 1985) e as expectativas compartilhadas socialmente;
- Reconhecimento da inferência válida feita por outro conceptualizador (cf. VERHAGEN, 2000, 2005), e suspensão da inferência (cf. ITEN, 2000);
- Anúncio de contraexpectativa do esperado pelo senso comum (cf. LIGATTO, 2002), além de frustração de causas possíveis (cf. NEVES, 1999);
- O caráter enfático das concessivas, em que a coocorrência ou a coexistência de fatos são vistas como algo notável (cf. KÖNIG, 1985);
- Comprometimento do falante com a verdade dos dois segmentos da construção (cf. KÖNIG, s/d; CREVELS, 2000; PACAGNINI, 2012; VERHAGEN, 2000);
- Possibilidade de apreensão da concessividade em relações adverbiais causais, aditivas, temporais, comparativas (cf. KÖNIG, 1985);
- Reconhecimento de estruturas que passam a ter leitura concessiva graças ao enriquecimento pragmático: como o Futuro concessivo em italiano (cf. SQUARTINI, 2012), a expressão “*for det*” em norueguês (cf. FRETHEIM, 2001), as estruturas chamadas pró-concessivas em espanhol (cf. PACAGNINI, 2012), a construção com “*for all*” (cf. FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012).

E, nos tópicos seguintes, alguns pontos relevantes em relação à noção de comparação:

- Comparação vista como uma linguagem para comparar duas entidades numa escala, em relação de igualdades como desigualdades (cf. HASEGAWA et al, 2010);
- Reconhecimento de três elementos essenciais na comparação: os itens comparativos, os atributos e as variações (graus) (cf. HUANG, SHIH & CHEN, 2008);

- Comparação implícita concebida como uma operação que utiliza a sensibilidade própria do contexto de uma forma adjetiva não-marcada para fazer comparação entre itens, marcando mais fortemente a diferença entre os elementos comparados (cf. KENNEDY, s/d);
- Relação entre comparação implícita e avaliação em expressões adjetivas (cf. HASEGAWA et al, 2010), no sentido de destacar uma propriedade do elemento em relação ao padrão contextualmente avaliado (cf. RETT, 2008);
- Reconhecimento de expressões semelhantes às construções concessivo-comparativas, em língua inglesa, que ilustram a comparação implícita por meio da estrutura “*for a X*” como as mencionadas por Rett (2008), Brochnak (2013), Hasegawa et al, (2010), em que se assume uma classe de comparação explícita.

Conforme discorreremos ao longo deste capítulo, as operações de comparação e concessividade são cruciais para compor a base semântica da análise de nosso objeto. A comparação, aqui, é tomada em seu sentido amplo, assumindo-se uma relação de atribuição de valores a determinado item relativamente a uma classe de comparação que atua como padrão norteador. Mais especificamente, a comparação implícita – expressa em estruturas do tipo “PARA X, Y” –, ao sinalizar uma quebra de expectativa (e, por conseguinte, a concessividade), é característica das construções concessivo-comparativas.

Em linhas gerais, assumimos a concessividade como uma relação semântica em que duas situações são colocadas como incompatíveis, com base em algum critério que pode tanto ser estabelecido com base em generalizações compartilhadas socialmente, ou ser instaurado no momento de instanciação da construção. Enfatizamos que o conteúdo do segmento concessivo, apesar de ser dito que não afeta o enunciado da oração principal em termos lógico-semânticos, afeta, pragmaticamente, o que é postulado como fato – gerando pressuposições e inferências. É exatamente **essa modificação** que tanto nos interessa discutir neste trabalho, em relação às Construções Concessivo-Comparativas.

## 4 ALGUNS RECURSOS ARGUMENTATIVOS E AVALIATIVOS DA LINGUAGEM

Neste capítulo, trazemos um panorama de duas propostas semântico-pragmáticas que lidam com a significação linguística mais voltada para a esfera do uso e seus efeitos, sustentadas na relação entre pistas linguísticas e o papel desempenhado pelo contexto sócio-histórico e pelos enunciadores na construção do sentido. Por dialogarem intimamente com nosso objeto de estudo, os processos de argumentatividade e avaliatividade serão aqui discutidos. Dividiremos o capítulo em duas seções. Na primeira seção, será feito um breve apanhado sobre a abordagem da argumentatividade linguística, ancorada principalmente nas propostas de Oswald Ducrot, com o levantamento de algumas questões pontuais. A segunda seção, um pouco mais extensa que a primeira, discutirá a abordagem da avaliatividade, como corpo teórico-metodológico proposto pelos linguistas Jim Martin e Peter White.

Buscamos, com essa exposição e futura aplicação dessas propostas no corpo de discussão das Construções Concessivo-comparativas, evidenciar as relações de nosso objeto com a esfera semântico-pragmática, uma vez que apostamos em um estudo da significação baseada no uso.

### 4.1 A argumentatividade vista como aspecto inerente da linguagem

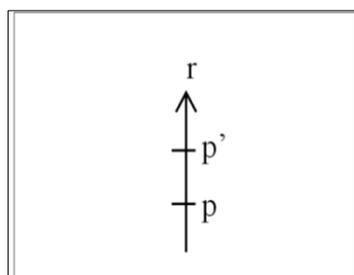
Na tradição dos estudos brasileiros sobre argumentação linguística, a síntese fornecida por Koch (1993) é bastante elucidativa. A autora assim afirma: “**o ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo” (KOCH, 1993, p. 19) (grifos da autora). A ideia de Koch (1993), inspirada na proposta de Oswald Ducrot (cf. DUCROT, 1987), é de que a argumentatividade faz parte da estrutura dos discursos e está, portanto, inscrita na linguagem.

#### 4.1.1 Manipulação dos pesos argumentativos dos enunciados

Dentro da concepção de que a linguagem é envolvida de recursos argumentativos, entra em questão o papel dos diferentes pesos atribuídos aos argumentos dentro de uma sequência argumentativa, e a forma como essa manipulação influencia fortemente nas conclusões alcançadas. Apresentamos, nesta subseção, alguns apontamentos sobre escala argumentativa, e reflexão sobre o uso de atributos graduáveis e de construções corretivas.

Vogt (1977), reportando estudos de Oswald Ducrot, discute o fenômeno da escala argumentativa em termos da diferença de peso de certos segmentos de argumentos em prol de determinada conclusão. Sua atenção é voltada para a atuação de partículas específicas, como “ainda” e “mesmo”, nos enunciados. Conforme é discutido, em relação a contextos comparativos, os enunciados “*Pedro é ainda mais inteligente que João*” e “*Pedro é ainda menos inteligente que João*” atuam, por exemplo, como argumentos fortemente favoráveis à corroboração, respectivamente, da inteligência ou da falta de inteligência de Pedro (VOGT, 1977, p. 98).

Vogt (1977, p. 95) ilustra, por meio do esquema seguinte, a escala argumentativa representada por segmentos  $p$  e  $p'$  em prol de uma conclusão  $r$ . Nesse esquema, entende-se que o segmento  $p'$  tem maior peso argumentativo que  $p$ . Disso é depreendido que, no contexto em que a proposição  $p$  leva a uma conclusão  $r$ , necessariamente a proposição  $p'$  também o faz, e com maior força.



**Figura 5: Ilustração de uma escala argumentativa (VOGT, 1977, p. 95)**

Seguindo essa ótica, os dois enunciados a seguir poderiam estar distribuídos respectivamente como  $p$  e  $p'$  em uma escala argumentativa que sinalizasse para uma conclusão como “João surpreendeu a todos no jantar”.

- (81) O João está comendo sarapatel.
- (82) O João até que está comendo sarapatel.

Desconsiderando-se fatores como prosódia, conhecimentos compartilhados e contextos sócio-históricos envolvidos (que certamente eliminariam dúvidas de interpretação), em que os potenciais interlocutores emitiriam tais comentários sobre os hábitos alimentares de determinada pessoa, os enunciados (81) e (82) têm pesos argumentativos diferentes. Enquanto em (81) a informação é colocada de forma mais direta, em (82) a ingestão de uma comida considerada (por alguns) exótica é apresentada de forma a incitar a surpresa nos

interlocutores, a partir da contribuição de uma partícula linguística extra – a construção “até que”. Nessa linha de semântica argumentativa, Pires & Rocha (2011), em estudo sobre usos argumentativos da construção “até que”, indicam que esta “pontua certa elevação/ênfase do peso argumentativo do enunciado” (PIRES & ROCHA, 2011, p. 235).

É importante também considerar o papel contextual. Como é lembrado por Ducrot (1987), a infinidade de contextos propicia uma infinidade de significações. Na descrição linguística, podemos pensar em sentidos suscetíveis, visto que “sentidos não são previsíveis unicamente a partir da significação da frase utilizada” (DUCROT, 1987, p. 90). Assim, a surpresa alegada em (82), se confirmada em contexto, pode se dever a questões outras que exclusivamente a excentricidade do alimento. Nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, por exemplo, o enunciado poderia se referir a simples fuga de dieta por João.

Ainda pensando nas variadas maneiras de posicionarmos nossos enunciados em termos de diferentes pesos argumentativos, é interessante a reflexão de Ducrot (1987) sobre uma situação de enfraquecimento do argumento. Segundo o autor, “substituir um argumento forte por outro argumento no mesmo sentido, mas mais fraco, pode levar a dar um argumento em sentido inverso” (DUCROT, 1987, p. 99). Adaptando os exemplos do autor, temos que, em um enunciado como “Joana não dança muito bem, ela dança bem”, que atua como uma correção e reformulação enunciativa, o segundo segmento (ela dança bem) é visto como um argumento contrário às possíveis qualidades de dançarina de Joana, podendo levar a um encadeamento do tipo “Joana não deve<sup>99</sup> ganhar a competição”. Tal raciocínio não parece decorrer de um enunciado avaliativo mais direto, como “Joana dança bem”. Essa demonstração é bastante elucidativa para nosso estudo, uma vez que evidencia como o contexto pode fazer com que um segmento que, isoladamente, apresenta-se como argumento apreciativo passe a surtir efeito oposto, a partir da manipulação de material linguístico ao redor.

Na próxima seção, apresentamos a proposta da Teoria da Avaliatividade, como uma possibilidade de interlocução viável e promissora dentro de nossa análise, uma vez que explora diversos recursos linguísticos avaliativos que cooperam na significação.

---

<sup>99</sup> Entenda-se, aqui, “dever” no sentido epistêmico (de possibilidades), e não deontico (de obrigatoriedade). A referida possibilidade seria vista pelo enunciador como decorrente da diminuição/atenuação das qualidades de Joana como dançarina.

## **4.2 Proposta funcional de abordagem da avaliação na linguagem: Teoria da Avaliatividade**

Em busca de uma abordagem complementar e cooperativa com nosso propósito de descrever e também explicar as construções concessivo-comparativas em sua esfera social e intersubjetiva, dado seu forte apelo argumentativo e avaliativo, optamos por inserir algumas das propostas teórico-metodológicas da Teoria da Avaliatividade. Essa abordagem passou a ser desenvolvida por volta da década de noventa por um grupo de linguistas australianos afiliados à vertente funcionalista de estudo do significado e interessados em descrever manifestações avaliativas nos textos, inicialmente em narrativas, posteriormente passando aos variados gêneros textuais (cf. MARTIN, 2003; MARTIN & WHITE, 2005). A Teoria da Avaliatividade tomou o corpo atual a partir de Martin & White (2005), ao publicarem livro que trata da linguagem da avaliação em inglês e reúne o arcabouço teórico-metodológico dessa abordagem semântica.

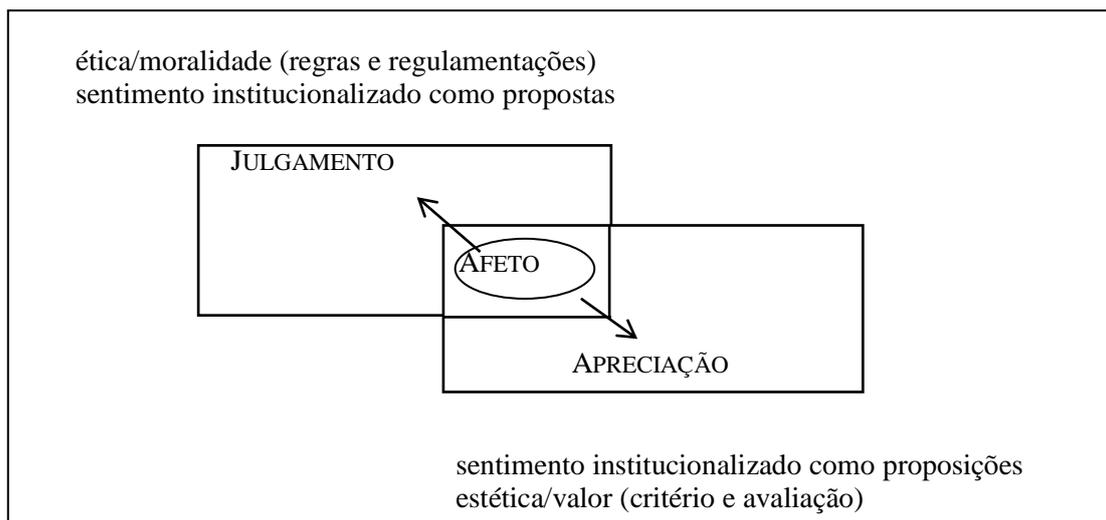
Os autores investigam os recursos linguísticos usados pelos falantes para avaliar pessoas, entidades, eventos e estados-de-coisas, de forma positiva ou negativa, explícita ou implicitamente ativada, e em graus variados (MARTIN & WHITE, 2005). Situam a Avaliatividade dentro da chamada Linguística Sistêmico-Funcional, que é um modelo que compreende a linguagem em uso a partir de múltiplas perspectivas, baseado nos trabalhos do renomado linguista Michael Halliday e colaboradores. Esse modelo compreende a linguagem como um sistema, em que a noção de escolha é evidenciada e ocupa papel central. A função a que se presta a linguagem, principalmente no âmbito social, é outro aspecto basilar do modelo.

A Avaliatividade insere-se no significado interpessoal da linguagem, e atua, segundo Martin & White (2005), como forma de verificar como a avaliação se estabelece e se amplia, em termos de sua origem e endereçamento entre os interlocutores (MARTIN & WHITE, 2005). De acordo com a abordagem sistêmico-funcional, a Avaliatividade é um sistema, apoiado em escolhas feitas pelos falantes e orientado pelas funções sociais exercidas pelos recursos linguísticos. De um modo geral, a Avaliatividade é situada, segundo Vieira (2007), como proposta semântica disposta a “investigar a forma como a linguagem é usada para avaliar, adotar posições, construir personagens textuais e para manejar posicionamentos e relações interpessoais” (VIEIRA, 2007, p. 40). A autora também enfatiza que, além das palavras, a própria interação entre os elementos opera na construção de avaliação.

O sistema da Avaliatividade compreende três domínios inter-relacionados, entendidos como subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação. A **Atitude** diz respeito à expressão de sentimentos, reações, julgamentos feitos em relação a comportamento e avaliação de eventos e coisas. Há, nesse domínio, três regiões semânticas do sentimento: o afeto, o julgamento e a apreciação. O **Engajamento** é o domínio que lida com a atribuição de fonte da atitude, gerenciando o caráter dialógico das avaliações. A **Gradação** é o fenômeno de graduar os sentimentos avaliativos, intensificando-os ou atenuando-os (MARTIN & WHITE, 2005). Passamos a uma breve exposição desses três subsistemas.

#### 4.2.1 Subsistema da Atitude

Dado o escopo de nossa investigação, a Atitude, dentre os três subsistemas da Avaliatividade, receberá maior destaque. De acordo com Martin (2003) e Martin & White (2005), o estudo da Atitude tem por objetivo mapear a forma como os sentimentos são construídos pelo falante/escritor nos textos. Esses sentimentos podem ser registrados como positivos ou negativos. A Atitude é um tipo de avaliação que envolve três regiões semânticas, e a cada uma delas corresponde uma categoria: a região da emoção, estudada como **Afeto**; a região da ética, identificada como **Julgamento**; e a região semântica da estética, descrita como **Apreciação**. Determinar se a atitude avaliativa é enfocada sob o prisma do avaliador ou da entidade ou evento avaliado, ou seja, em relação à fonte ou alvo da avaliação, é importante na definição dessas três regiões. O Afeto está mais voltado para o avaliador, o Julgamento volta-se para pessoas cujos comportamentos são avaliados, e a Apreciação é concernente a eventos e coisas avaliadas. No subsistema da Atitude, essas três regiões estão interligadas, e o Afeto ocupa posição central, conforme é ilustrado na figura a seguir:



**Figura 6: Julgamento e Apreciação como Afeto institucionalizado (MARTIN & WHITE, 2005, p. 45)**

Dessa forma, tanto o Julgamento como a Apreciação são vistos como institucionalizações do Afeto, traduzindo as diferentes formas com as quais o avaliador pode manifestar linguisticamente sua atitude avaliativa.

#### 4.2.1.1 Região do Afeto

O Afeto focaliza o papel do avaliador e compreende a manifestação de avaliação do sujeito sobre a forma como este constrói sua emoção, em direção a um estímulo ou em resposta a tal. O Afeto pode ser codificado nos textos sob diversas realizações, como, por exemplo, uma qualidade sendo atribuída a participantes, como em “Marina estava alegre”; também pode aparecer como um processo, como em “Marina chorou”; dentre outras realizações.

Martin & White (2005) apresentam quatro subtipos do Afeto, cada qual contendo sentimentos do campo positivo como negativo: (i) (des)inclinação; (ii) (in)felicidade; (iii) (in)segurança; e (iv) (in)satisfação. A (des)inclinação diz respeito à forma como o avaliador expressa seus sentimentos de intenção em relação a um estímulo tido como *irrealis*, como medos e desejos. Como exemplos, temos: “Estremeci de medo”, ou “João estava desejoso de aprender alemão”.

Os três seguintes subtipos referem-se a sentimentos provenientes de estímulos *realis*. A (in)felicidade compreende as emoções íntimas referentes a tristeza e alegria, e voltadas ao

sentimento de afeição ou desafeição. Como alguns exemplos, citamos: “Detestamos o filme” e “Rever os amigos deixou-a eufórica”. A (in)segurança refere-se aos sentimentos de bem estar nos ambientes sociais, como confiança ou ansiedade. “Ele estava aprensivo” e “João confiava em seu talento” podem ser tomados como exemplos. Por fim, a (in)satisfação relaciona-se aos sentimentos envolvidos no desempenho de nossas atividades, em termos de conquistas ou frustrações. Como alguns exemplos, citamos “João ficou impressionado com os bons resultados” e “Ele estava entediado da conversa”.

Martin & White (2005) fornecem listas mais detalhadas das realizações de Afeto, sem, no entanto, pretenderem uma descrição exaustiva. Como é veementemente asseverado, não são postuladas relações diretas de mapeamento entre forma linguística e o sentimento envolvido, mas apresentadas tendências de relações.

#### 4.2.1.2 Região do Julgamento

O Julgamento compreende nossas avaliações a respeito de como as pessoas se comportam, expressando atitudes sobre caráter, em termos de aprovação ou proibição (MARTIN, 2003). Divide-se em duas esferas: a **estima social** e a **sanção social**. A primeira engloba atitudes das redes sociais de âmbito mais pessoal e familiar, com variações positivas, que envolvem admiração, e negativas, envolvendo crítica. A segunda refere-se às atitudes no campo da moralidade e regras de conduta civil e religiosa, variando positivamente, como elogio; ou negativamente, como condenação.

Os julgamentos de estima social são classificados em três tipos: **normalidade**, que registra atitudes sobre comportamentos considerados comuns ou excepcionais; **capacidade**, relacionada às habilidades e competências das pessoas; e **tenacidade**, referente ao nível de obstinação e persistência observado nas pessoas avaliadas. Os julgamentos de sanção social classificam-se em dois tipos: **veracidade**, que avalia a pessoa em termos de honestidade e confiabilidade; e **propriedade**, relacionada ao julgamento de uma pessoa quanto ao seu nível ético e não censurável.

A seguir, apresentamos um quadro adaptado de Martin & White (2005, p. 53), que ilustra, de forma abreviada, como os autores organizam os subtipos de Julgamento:

<b>Julgamentos de Estima Social</b>		
<b>ESTIMA SOCIAL</b>	<b>Positivo</b> (admiração)	<b>Negativo</b> (crítica)
<b>Normalidade</b> 'quão normal?'	Ex.: sortudo, notável, natural, normal, previsível...	Ex.: peculiar, estranho, esquisito, ultrapassado...
<b>Capacidade</b> 'quão capaz?'	Ex.: poderoso, robusto, competente, produtivo...	Ex.: fraco, imaturo, infantil, lento, incompetente...
<b>Tenacidade</b> 'quão resoluto?'	Ex.: heroico, corajoso, resoluto, incansável...	Ex.: acanhado, apático, imprudente, preguiçoso...
<b>Julgamentos de Sanção Social</b>		
<b>SANÇÃO SOCIAL</b>	<b>Positivo</b> (louvor)	<b>Negativo</b> (condenação)
<b>Veracidade</b> 'quão honesto?'	Ex.: confiável, honesto, franco, verdadeiro...	Ex.: falso, desonesto, traiçoeiro, mentiroso...
<b>Propriedade</b> 'quão ético?'	Ex.: certo, bom, ético, leal, respeitoso...	Ex.: errado, mau, cruel, arrogante, injusto...

**Quadro 7: Subtipos de Julgamento, adaptado de Martin & White (2005, p. 53)**

#### 4.2.1.3 Região da Apreciação

Segundo Martin & White (2005), a Apreciação é a região semântica que oferece recursos para avaliação de coisas, produtos, eventos e fenômenos. Essa categoria lida com a atribuição de valor e se divide em três tipos: **reação**, **composição** e **valoração**, que se manifestam também em termos de avaliações positivas ou negativas.

A Reação é relacionada à nossa atitude avaliativa de coisas e pode ser de dois tipos: reação a um **impacto** exercido pelo fenômeno sobre o avaliador, por exemplo, quando dizemos que “o filme foi monótono”; ou reação a uma **qualidade** do item avaliado, por exemplo, ao dizer que “aquela peça teatral é apaixonante”. A Composição é nossa avaliação das coisas no quesito composicional e divide-se em dois tipos: **equilíbrio**, que avalia as proporções do objeto, como em “um móvel simétrico”; e **complexidade**, relacionada ao grau de dificuldade para compreensão do objeto, como em “uma aula confusa”. A Valoração tem a ver com os recursos utilizados para expressar o valor social atribuído às coisas, exemplificado em “uma proposta inovadora”.

Conforme é elucidado no *site*<sup>100</sup> de divulgação do grupo de pesquisas sobre Avaliatividade, apesar de a Apreciação ser voltada à avaliação de coisas, é possível ser direcionada a pessoas, caso a avaliação seja do campo estético (e não comportamental, próprio do Julgamento). Pessoas vistas mais como entidades do que como participantes, como em “uma mulher bonita”, são avaliadas sob o prisma da Apreciação (estética).

<sup>100</sup> A página de internet, chamada “**An introductory tour through appraisal theory**”, está disponível para acesso em: <<http://www.grammatics.com/appraisal/AppraisalOutline/Unframed/AppraisalOutline.htm>>.

#### 4.2.2 Fluidez entre as categorias e as realizações indiretas

Afeto, Julgamento e Apreciação são considerados regiões semânticas dentro do subsistema de Atitude exatamente por suas fronteiras não serem delimitadas de forma estanque. Essas diferentes manifestações do sentimento se interpenetram e a categorização dos subtipos é devida à necessidade descritiva da análise. Demonstram, pois, representações da forma como conceptualizamos os eventos. Uma apresentação pode, por exemplo, ser conceptualizada e conseqüentemente codificada linguisticamente como Julgamento, Afeto ou Apreciação, conforme observamos em (83):

- (83) a. Os apresentadores foram fascinantes. (Julgamento)  
 b. A apresentação me fascinou. (Afeto)  
 c. Foi uma apresentação fascinante. (Apreciação)

Como Martin & White (2005) informam, as realizações podem ser aparentemente híbridas, dada a fluidez entre as categorias. Essas possibilidades reafirmam o modelo sistêmico-funcional, em que a escolha tem papel fundamental. Diferentes seleções lexicais constroem diferentes manifestações da atitude avaliativa.

Os autores, ao fornecerem listas das diferentes realizações linguísticas de avaliações, asseveram que estas servem de guia e não devem ser tratadas como dicionário. Também advogam que, “[q]uando se trata do uso linguístico em contexto, frequentemente um determinado item lexical irá variar seu significado atitudinal de acordo com aquele contexto”<sup>101</sup> (MARTIN & WHITE, 2005, p. 52). Se alguém diz “a foto tinha um ar envelhecido”, interpretar o tipo de apreciação envolvida dependerá fortemente do contexto. *A priori*, “envelhecido” poderia ser associado a uma avaliação negativa. Em se tratando de uma aula sobre técnicas de fotografia e arte, a conotação de “envelhecido” pode passar a ser avaliada positivamente.

Outra forte dependência do contexto e do cotexto são o que os autores chamam de **realizações indiretas** de avaliação. As avaliações podem ser inscritas, ou seja, linguisticamente codificadas; ou invocadas, isto é, implicadas por meio do contexto. Por exemplo, dentro do contexto adequado, se é dito que “João errou todas as questões da prova”, é possível inferir aí um julgamento negativo em relação à sua capacidade. Segundo os autores, um vocabulário não-central (na diferença entre dizer se alguém “caiu” ou “despencou” de um

---

<sup>101</sup> Nossa tradução de: “When it comes to language use in context, it is often the case that a given lexical item will vary its attitudinal meaning according to that context” (MARTIN & WHITE, 2005, p. 52).

prédio) pode ser considerado avaliativo, no sentido de intensificar o sentimento. Também os eventos construídos como contrários às expectativas (como em “ele entrou no clube noturno, apesar de ser menor de idade”) têm conotação avaliativa, por confrontarem diferentes perspectivas em jogo (MARTIN & WHITE, 2005).

As avaliações indiretas estão muito ligadas à forma como posicionamos nossas leituras, que podem ser leituras tácitas (feitas com interesses específicos), leituras complacentes (que naturalizam posicionamentos consolidados em uma comunidade), ou leituras resistentes (que se opõem a uma leitura naturalizada). Conforme Martin (2003) enfatiza, é possível considerar as avaliações implícitas quando podemos acessar os diferentes posicionamentos de leitura, a partir de estudo etnográfico adequado. Fatores de ordem sociocultural, como gênero, posicionamento político, etnia, podem influenciar e influenciam em nossas leituras e, conseqüentemente, na nossa apreensão de avaliações indiretas.

#### **4.2.3 Proposta de análise e abreviaturas das categorias**

Uma abordagem para análise da avaliação considerada menos custosa é a chamada perspectiva “de baixo pra cima” (*bottom-up*), que implica iniciar a análise textual em busca das realizações inscritas (seguidas das implícitas) de avaliação, para mapeá-las, e então voltar-se para o aspecto global do texto. Martin & White (2005) propõem uma lista de abreviaturas das categorias avaliativas. Os sinais de “+” e “-” são usados, respectivamente, à frente das atitudes consideradas positivas ou negativas. Em seguida, é aplicada uma abreviação correspondente ao tipo de categoria para descrever o segmento avaliativo em análise. As abreviações propostas são (com as devidas adaptações):

Abreviação	Categoria
des	Afeto: desejo (des/inclinação)
felic	Afeto: in/felicidade
seg	Afeto: in/segurança
satisf	Afeto: in/satisfação
norm	Julgamento: normalidade
capac	Julgamento: capacidade
tenac	Julgamento: tenacidade
verac	Julgamento: veracidade
prop	Julgamento: propriedade
imp	Apreciação: reação: impacto
quali	Apreciação: reação: qualidade
equil	Apreciação: composição: equilíbrio
compl	Apreciação: composição: complexidade
valor	Apreciação: valoração

**Tabela 1: Abreviações adaptadas das categorias atitudinais (MARTIN & WHITE, 2005, p. 71)**

Para uma disposição didática da descrição, os segmentos avaliativos podem ser dispostos em forma de uma grade, com a primeira coluna voltada para o segmento, seguida de coluna para assinalar o Avaliador (a fonte da avaliação). Na sequência, são dispostas colunas para cada região atitudinal (Afeto; Julgamento; Apreciação) e uma coluna para assinalar o Avaliado, que é o item ou a pessoa sob avaliação (o endereçamento da avaliação). Inspirados em Martin & White (2005), apresentamos uma ilustração na tabela seguinte:

Segmento avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
Maria considera João <u>preguiçoso</u> .	Maria		- tenac		João
Camila <u>não queria</u> notícias do irmão.	Camila	neg + des <sup>102</sup>			notícias do irmão
A música era <u>harmoniosa</u> .	<sup>103</sup>			+ equil	A música
João <u>não entendeu</u> a piada.			t, neg + capac <sup>104</sup>		João

**Tabela 2: Exemplificação da descrição atitudinal**

<sup>102</sup> Martin & White (2005, p.73) propõem notação para diferenciação entre negação gramatical (*não feliz*) e negação morfológica (*infeliz*). Assim, “não feliz” é marcado como “neg + fel” e “infeliz” é marcado “- fel”.

<sup>103</sup> Quando não explicitado, o Avaliador é subentendido como o próprio escritor/falante.

<sup>104</sup> Outra notação apresentada por Martin & White (2005) diz respeito à descrição de atitude invocada (avaliação implícita). Nesses casos, usa-se “t” para indicar que se trata de um *token* avaliativo. No exemplo apresentado na tabela 2, a incompreensão de uma piada é vista como um julgamento negativo indireto, no âmbito da capacidade.

#### 4.2.4 Subsistema do Engajamento

Dentro do Sistema da Avaliatividade, o subsistema do Engajamento se ocupa da forma como a Atitude se manifesta, a respeito de como são posicionadas as vozes do discurso. Como afirmam Martin & White (2005), essa abordagem é de natureza dialógica, dentro de uma perspectiva social de dialogismo bakhtiniano, em que os dizeres não são pensados isoladamente, mas dentro de uma intertextualidade em resposta a outros dizeres e posicionamentos. Grosso modo, o subsistema de Engajamento se relaciona com “as formas em que recursos como projeção, modalidade, polaridade, concessão e vários advérbios de comentário posicionam uma opinião em relação à outra<sup>105</sup>” (MARTIN, 2003, p. 174).

Interessa, primeiramente, saber se o discurso reconhece ou não vozes alternativas. Quando o discurso é feito sem nenhum tipo de referência a outros discursos é chamado de “monoglóssico”. Nesse caso, o discurso se apresenta como uma informação tomada como verdadeira. Quando o discurso é apresentado como explicitamente dialógico, reconhecendo a existência de outras vozes, é chamado de “heteroglóssico”. Podemos pensar na diferença de um discurso como “O Brasil foi descoberto em 1500” e outro como “Dizem os livros de História que o Brasil foi descoberto em 1500”. Dentre as manifestações heteroglóssicas, é feita uma divisão entre os enunciados abertos a vozes alternativas (**expansivos**) e os que não são construídos como abertos a alternativas (**contrativos**).

Martin & White (2005, pp. 97- 135) propõem uma taxonomia das categorias de Engajamento, tendo em vista a identificação de posicionamentos dialógicos, e fazem uma exposição pormenorizada de sua proposta. Dado o escopo de nosso estudo, apresentaremos de forma bastante simplificada. Dentre os enunciados de contração, temos os que são usados para **rejeitar** e os usados para **proclamar**:

- **Rejeitar**: a voz textual rejeita posições contrárias. Há dois tipos: **Negar**, com uso da negação gramatical (Ex.: *ela não roubou seu dinheiro*); e **Contrariar**, em termos de concessão e contraexpectativas (Ex.: *embora não quisesse, ela viajou*).
- **Proclamar**: para representar uma posição como plausível, a voz textual, apesar de não rejeitar diretamente, suprime posições alternativas às suas. Há três tipos: concordar, pronunciar e endossar. **Concordar** se manifesta como uma afirmação (do tipo: *Obviamente, ela é culpada*) ou no ato de conceder, em que primeiro reconhece-se a

---

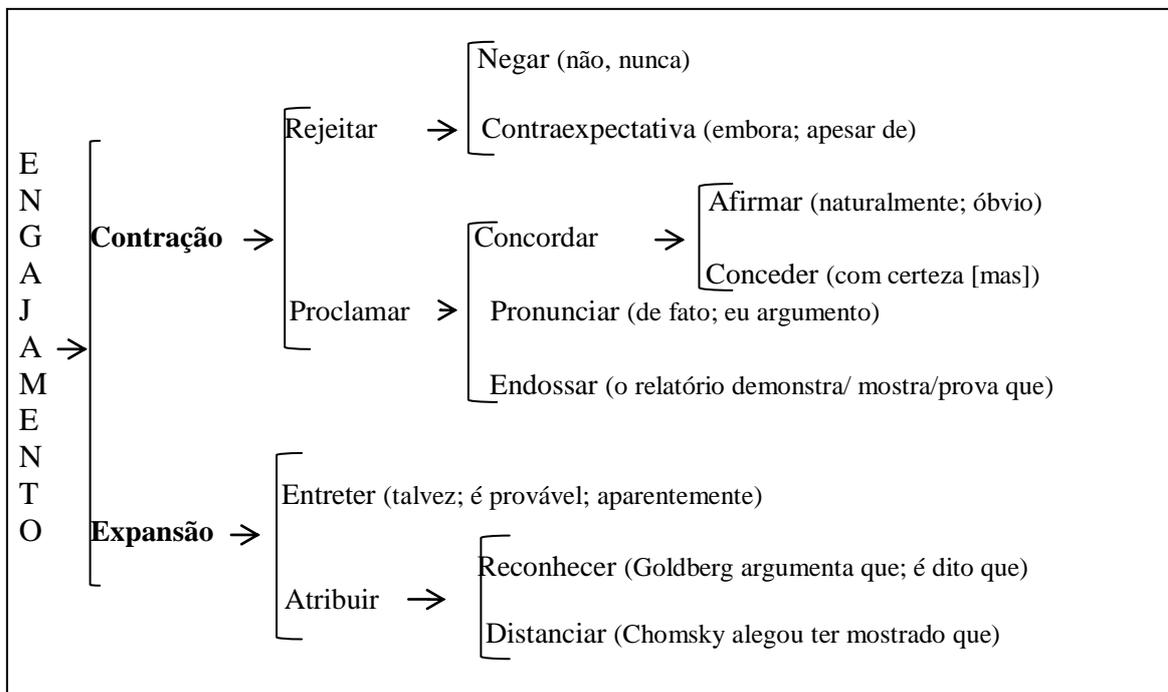
<sup>105</sup> Nossa tradução de: “(...) the ways in which resources such as projection, modality, polarity, concession and various comment adverbials position one opinion in relation to another” (MARTIN, 2003, p. 174).

posição contrária para então rejeitá-la (como em: *Concordo que ela falhou, mas não a culpa*). **Pronunciar** é uma categoria que enfatiza e explicita a voz autoral (Ex.: *A verdade dos fatos é que ela viajou*). **Endossar** refere-se a construir a voz autoral como correta e legítima (Ex.: *O professor demonstrou que a fórmula estava errada*).

Dentre os enunciados de expansão, temos os que são usados para **entreter** e os usados para **atribuir**:

- **Entreter**: recurso usado para indicar que o autor do enunciado apresenta sua posição como uma dentre várias outras possíveis, baseando-se na individualidade do próprio autor (Ex.: *Parece que aquele resultado estava errado*).
- **Atribuir**: recurso usado para apresentar a informação como proveniente de uma fonte externa à do próprio autor. Há dois tipos: **Reconhecer**, que atua quando a voz textual se mostra engajada com as outras vozes trazidas para seu discurso (Ex.: *De acordo com o professor, a fórmula estava errada*); e **Distanciar**, que ocorre quando há um distanciamento explícito entre a voz textual e a voz à qual é atribuída a informação (Ex.: *O professor alega que a fórmula estava errada*).

A seguir, apresentamos a esquematização do subsistema de Engajamento:



**Quadro 8: Subsistema de Engajamento, adaptado de Martin & White (2005, p. 134)**

Com essa apresentação, Martin & White (2005) buscam fornecer uma descrição sistemática dos recursos linguísticos usados para os falantes/escritores se posicionarem em seus discursos, caracterizando suas estratégias retóricas.

#### 4.2.5 Subsistema da Gradação

O subsistema da Gradação é central dentro do Sistema da Avaliatividade, uma vez que tanto a Atitude quanto o Engajamento podem sofrer gradação da intensidade e precisão com que os sentimentos e posicionamentos são apresentados. Martin & White (2005) descrevem uma série de recursos lexicogramaticais que atuam dentro de uma escala ascendente ou descendente a respeito do grau da avaliação. A Gradação pode ser entendida em termos da **força** ou do **foco**.

Aplicada a recursos graduáveis, a Gradação como força atua para intensificar ou atenuar uma avaliação. De acordo com Martin (2003, p. 175), as realizações de **força** “incluem intensificação, morfologia comparativa e superlativa, repetição e vários recursos grafológicos e fonológicos<sup>106</sup>”, bem como léxicos de intensidade. No exemplo a seguir, as categorias atitudinais de tenacidade e veracidade são graduadas para intensificar e atenuar, respectivamente:

(84) Scooby-doo é muito corajoso, mas um pouco mentiroso.

Quando a avaliação recai sobre categorias percebidas como não-graduáveis, a Gradação “tem o efeito de ajustar a força das fronteiras entre as categorias<sup>107</sup>” (MARTIN & WHITE, 2005, p. 37), servindo o **foco** para aguçar ou abrandar a noção de pertencimento dos membros de determinada categoria. Esse tipo de Gradação lida, portanto, com a precisão e prototipicidade com que as categorias são delineadas, na medida em que os membros são construídos como mais nucleares ou mais periféricos. O ajuste entre as fronteiras das categorias assemelha-se, inclusive, à proposta de Lakoff (1987) sobre a radialidade das categorias. Vejamos os exemplos a seguir:

(85) João é meio garanhão.

<sup>106</sup> Nossa tradução de: “(...) include intensification, comparative and superlative morphology, repetition, and various graphological and phonological features” (MARTIN, 2003, p. 175).

<sup>107</sup> Nossa tradução de: “(...) has the effect of adjusting the strength of boundaries between categories” (MARTIN & WHITE, 2005, p. 37).

(86) Isso aí não é futebol de verdade.

Em (85), na avaliação judicativa de propriedade sobre o comportamento ético de João, há um abrandamento de seu pertencimento à categoria dos ganhões, colocando-o como um ganhão não prototípico. Já em (86), a intenção é de aguçar as características que contribuem para que uma partida seja considerada um jogo de futebol prototípico.

Buscamos, por meio dessa sucinta apresentação, destacar alguns dos aspectos centrais da Teoria da Avaliatividade como proposta complementar viável. Conforme é enfatizado por Vian Jr. (2012), é preciso considerar a Avaliatividade em sua totalidade dentro da Linguística Sistêmico-Funcional. O autor assume que, por razões metodológicas, é possível focar em um subsistema, mas que este deve ser considerado em relação aos demais.

### 4.3 Considerações

Ao considerar aspectos positivos da abordagem da Teoria da Avaliatividade, Sarangi (2003) ressalta a importância de técnicas precisas usadas na descrição e classificação dos diversos recursos avaliativos. Também aponta a relevância da tentativa de aproximação de dados empíricos, que leva em conta questões socialmente relevantes, destacando que a própria categorização requer reflexão. Por fim, acreditamos, juntamente com Martin & White (2005, p. 260), que o estudo da Avaliatividade “provoca uma restauração no estudo da retórica dentro da teoria linguística<sup>108</sup>”.

Neste capítulo, apresentamos um sucinto panorama de duas influentes perspectivas semânticas. Tanto a Argumentatividade – por sua tradição nos estudos linguísticos, advogando pelo caráter argumentativo dos enunciados como orientadores de conclusões – quanto a Avaliatividade – por sua emergência e apelo teórico-metodológico para explorar os recursos avaliativos da língua – foram imprescindíveis nessa empreitada. Em resumo, a utilização de propostas semânticas advindas de outras áreas da linguística atuou como um enriquecimento de nosso olhar para analisar um objeto que requer um tratamento que explore suas características inerentemente argumentativas e avaliativas.

---

<sup>108</sup> Nossa tradução de: “(...) provokes a rehabilitation of the study of rhetoric within linguistic theory” (MARTIN & WHITE, 2005, p. 260).

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalhamos todo o percurso teórico-metodológico da configuração de nosso banco de dados. Iniciamos com a postulação das expressões de busca. Passamos, então, à constituição dos bancos de dados, evidenciando formulações e reformulações até se chegar ao quadro atual de ocorrências válidas.

### 5.1 Delineação do objeto de pesquisa e definição dos grupos

Este trabalho reporta-se, ainda que indiretamente, à monografia de final de curso que desenvolvi em 2007. Na ocasião, o escopo do estudo, de linha funcionalista, foi investigar como o processo de gramaticalização atuava sobre a construção *até que*, tendo sido possível levantar alguns usos disparados por esse operador argumentativo. Uma dessas acepções nos interessa destacar aqui: *até que* como marcador da inclusão de termo não previsto. Discutimos, então, alguns exemplos que apresentavam o que fora chamado de “expressões que incluem o argumento em um determinado grupo (contrário à conclusão exposta)” (PIRES & ROCHA, 2011, p. 237). Vejamos o segundo exemplo da página 237 do artigo, aqui reportado em (87):

- (87) Estacionada no patamar dos 12 pontos no ibope desde seu início, Cidadão Brasileiro **até que não faz feio para quem bate de frente com a novela das 8 da Globo. Mas** os bispos da Record sonhavam em obter mais: entre 15 e 20 pontos de média. (VEJA: 07/06/06). (grifos das autoras)

Nessa ótica, a novela da Record, Cidadão Brasileiro, é posta como pertencente a um grupo X de expectativas – programações televisivas que concorrem com a novela das 8 da Rede Globo e tendem, portanto, a ter baixa audiência. A baixa expectativa é quebrada pela obtenção de 12 pontos de audiência, que é concebida como um grande feito.

Percebemos que, embora não tenha sido problematizado à época, o gatilho que serviria para disparar a marcação da inclusão do termo em um grupo de contraexpectativa foi a estrutura “PARA X<sub>[INDEFINIDO]</sub>”, instanciada como “para quem + oração”, juntamente de um segmento como “Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>”. O próximo exemplo discutido, da página 238 do referido artigo e aqui reportado em (88), é também bastante ilustrativo da proposta empreendida:

- (88) Daniel Dantas não fala. *Para quem não fala, até que ele falou muito*. O suficiente para mandar um monte de gente para a forca. Em primeiro lugar Lula e seus ministros (VEJA: 17/05/06). (grifos das autoras)

Na análise do referido exemplo, e tomando-se o trecho destacado em itálico, é feito o seguinte comentário:

A estratégia parece ser a de apresentar a proposição de um determinado ponto de vista que é incompatível com a conclusão final a que se chega. Assim, a primeira sequência utilizada não é necessariamente a do enunciador, mas uma voz (da expectativa compartilhada por ele e seu interlocutor, por exemplo) trazida propositalmente para que, ao pontuar o segundo argumento<sup>109</sup>, iniciando-o pelo operador *até que*, sua argumentação ganhe peso enfático. A conclusão pode ser: *Daniel surpreendeu muita gente*, ou mesmo *Daniel era falso*. (PIRES & ROCHA, 2011, pp.238-9) (grifos das autoras)

Apesar de utilizar uma ótica diferente, a referida abordagem é compatível com a atual proposta de investigação desse fenômeno, agora como construção concessivo-comparativa. A partir dessa pesquisa, houve um interesse pessoal em compreender, descrever e buscar explicar esse recurso linguístico fortemente percebido durante observação de dados reais – conversas, filmes, novelas, páginas da internet.

O próximo passo metodológico requerido é, pois, delinear o objeto de estudo que instancie o esquema construcional “PARA X<sub>[INDEFINIDO]</sub> Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>”. Tomando como base o caráter indefinido (não particularizado e genérico) do elemento que compõe a lacuna X, e buscando verificar a manutenção do valor indefinido associado a X, o objeto de estudo foi ampliado para contemplar outro Pronome Indefinido, “alguém”, e Sintagmas Nominais formados a partir dos Artigos Indefinidos “um” e “uma”.

Uma vez que em Português é muito comum, principalmente na oralidade e em registros informais, a contração da preposição “para” em “pra”, foi proposta uma distinção metodológica utilizada tão somente para o critério de busca de ocorrências. Considerações particulares que digam respeito à forma padrão ou contraída, quando pertinentes, são feitas de forma pontual.

O esquema semipreenchido “PARA X<sub>[INDEFINIDO]</sub> Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>” tem como contraparte estruturalmente mais estável a sequência “PARA X<sub>INDEFINIDO</sub>”. Dessa forma, ficou delineado um conjunto de oito expressões para nortear a busca de ocorrências, a saber:

<sup>109</sup> A primeira sequência se refere ao que ora chamamos de PARA X: “*Para quem não fala*”. O segundo argumento se refere ao que ora chamamos de Y: “*(até que) ele falou muito*”.

- i) “para alguém” e “pra alguém”
- ii) “para quem” e “pra quem”
- iii) “para um” e “pra um”
- iv) “para uma” e “pra uma”

Ainda pensando na constituição dos grupos de expressões de busca, retomamos o trabalho de Pires & Rocha (2011). As autoras apresentam uma relação argumentativa entre a construção *até que* e a estrutura PARA X e dão destaque para “o papel desempenhado por *até que* em pontuar certa elevação/ênfase do peso argumentativo do segmento” (PIRES & ROCHA, 2011, p. 239). Tomamos esse aspecto como base de uma proposta investigativa. Uma vez que *até que* reforça o aspecto argumentativo do enunciado em que ocorre, sua inserção nas expressões de busca é vista como favorável, em termos metodológicos – pela obtenção de resultados válidos – e em termos analíticos. Desse modo, o segundo conjunto de oito expressões para nortear a busca de ocorrências fica assim delineado:

- i) “até que para alguém” e “até que pra alguém”
- ii) “até que para quem” e “até que pra quem”
- iii) “até que para um” e “até que pra um”
- iv) “até que para uma” e “até que pra uma”

Passamos a ter, assim, dois grupos de busca inter-relacionados, considerados subpadrões das construções concessivo-comparativas, respectivamente como “PARA X/ Y” e “ATÉ QUE PARA X/ Y”. O próximo passo (e desafio) metodológico, discutido na próxima seção, refere-se ao estabelecimento dos ambientes de busca das ocorrências.

## 5.2 Estabelecimento dos ambientes de busca das ocorrências

Nesta seção, está o percurso metodológico de constituição de nosso banco de dados. Apresentamos a primeira formação de banco de dados e os percalços que levaram à formação de novo banco de dados.

O trabalho que assume a perspectiva da gramática baseada-no-uso tem como premissa que as hipóteses levantadas acerca do fenômeno linguístico precisam ser averiguadas com consulta a dados reais da língua. Corroborando Sardinha (2004), ao afirmar que, linguisticamente, “empírico significa primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral reunidos sob a forma de um corpus” (SARDINHA, 2004, p. 30), nos

propomos, dentro de uma abordagem essencialmente empírica, constituir um banco de dados formado de ocorrências naturais do português brasileiro.

Desde o início da pesquisa, passamos a enfrentar grande dificuldade em obter *corpora* tratados e legitimados que fossem de acesso gratuito. Em incursões ao Corpus do Português<sup>110</sup>, que é grande (com aproximadamente 45 milhões de palavras) e de acesso gratuito, obtivemos poucas ocorrências efetivamente válidas<sup>111</sup> – razão pela qual foi descartado. À época, ainda não contávamos com a disponibilização do Corpus Brasileiro, que contém quase um bilhão de palavras, no site Linguateca<sup>112</sup>. No entanto, em uma breve busca realizada em janeiro de 2016, pelas expressões do grupo ATÉ QUE PARA X, obtivemos apenas uma<sup>113</sup> ocorrência válida – o que, por conseguinte, teria limitado seu uso no trabalho.

Entre os anos de 2011 e 2012, houve, em exercícios investigativos preliminares, a intenção de lidarmos também com *corpora* de fala. A principal razão de interesse é nossa percepção de diversas ocorrências das construções concessivo-comparativas na oralidade, principalmente nas conversas menos formais. Os *corpora* NURC-RJ<sup>114</sup> – acessado pelo portal *Sketch Engine*<sup>115</sup> –, C-ORAL BRASIL e VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) – que foram acessados por mídia eletrônica – passaram por uma busca prévia e, devido à quase escassez de dados, seu uso neste trabalho se mostrou inviável. Devido à falta de acesso à informação, não podemos precisar o tamanho do *corpus* NURC-RJ. Já em relação aos *corpora* C-ORAL BRASIL e VALPB, é possível afirmar que possuem em média 300 mil palavras cada um. Uma possível explicação para a baixa frequência nesses dois *corpora* é o fato de serem relativamente pequenos. Por limitações metodológicas, o foco da pesquisa foi então direcionado para dados de escrita.

---

<sup>110</sup> Site: <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>.

<sup>111</sup> Obtivemos dezessete ocorrências válidas (de um total de 817) através da busca do grupo PARA X, seguindo um teto de 200 ocorrências para cada expressão de busca. Na busca por ocorrências do grupo ATÉ QUE PARA X, não houve resultado.

<sup>112</sup> Linguateca é um site que oferece acesso gratuito a *corpora* de textos do português brasileiro e europeu.

Acesso ao Corpus Brasileiro: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>.

<sup>113</sup> Embora a busca com o grupo PARA X tenha retornado um número muito expressivo de resultados totais (229.941 ocorrências, em 23/01/2016), a busca pelo grupo ATÉ QUE PARA X retornou apenas um resultado, com a expressão “até que para quem” (*parece até que para quem é do mundo gay, com festa, para quem é a festa objetivo, também se surpreende com esta possibilidade*).

<sup>114</sup> O *corpus* NURC-RJ, disponibilizado pelo Projeto Norma Linguística Culta Urbana-RJ, é formado por entrevistas gravadas entre as décadas de 1970 e 1990, totalizando aproximadamente 350 horas, de informantes nascidos na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Esse *corpus* encontrava-se, à época, alojado na área personalizada para abrigar *corpora* no site *Sketch Engine* – o que possibilitou sua consulta.

<sup>115</sup> Site *Sketch Engine*: <<https://www.sketchengine.co.uk/>>.

### 5.2.1 Um empreendimento (quase) perdido

Para a fase preliminar da pesquisa, utilizamos três bancos de dados da variante do português do Brasil. O primeiro deles foi o *Corpus Nilc/São Carlos*<sup>116</sup>, constituído em sua maioria por textos do jornal Folha de São Paulo, disponibilizado no site Linguateca. Os outros dois *corpora*, *Corpus Domínio Público*<sup>117</sup> e *Corpus Legenda de Filmes*<sup>118</sup>, foram bancos de dados criados por integrantes da equipe inicial de implantação do Projeto FrameNet Brasil, por meio de extração eletrônica de textos, para atender à demanda de pesquisas lexicográficas. Abrigados no site Sketch Engine<sup>119</sup>, juntamente com o *Corpus* NURC-RJ, em área personalizada para alojar *corpora* particulares, todos tiveram acesso cedido pela Prof<sup>a</sup>. Margarida Salomão, em nome da FrameNet Brasil. Um aspecto positivo desses *corpora* foi o tamanho satisfatoriamente grande. Nilc/São Carlos contava com aproximadamente 42,5 milhões de *tokens*; Domínio Público, aproximadamente 15,6 milhões de *tokens* e Legenda de Filmes, 86,1 milhões.

A primeira busca foi restrita ao grupo PARA X<sup>120</sup>. No subgrupo PARA UM e PARA UMA, incluímos no conjunto das expressões de busca as variações de plural (para/pra uns; para/pra umas) e de forte contração (prum, pruns; pruma, prumas). Após todo o processo de busca, tratamento e pré-análise individual dos dados, obtivemos, a partir de 5.824 ocorrências totais, 292 ocorrências que tinham a estrutura PARA X com sentido de concessividade. O quadro a seguir ilustra o resultado de ocorrências, separadas por *corpus* e por grupo de busca. A marcação X/Y ou Y/X diz respeito à ordem de apresentação dos segmentos PARA X<sub>[INDEFINIDO]</sub> e Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>.

<sup>116</sup> Site *Corpus* Nilc/São Carlos: <<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>>.

<sup>117</sup> O *Corpus* Domínio Público foi criado pelo Projeto FrameNet Brasil, sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora, a partir da extração de textos (muitos deles literários) retirados do site homônimo, cujo acesso gratuito é disponibilizado pelo Governo. Acesso ao site “Domínio Público”: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>>.

<sup>118</sup> O *Corpus* Legenda de Filmes, também criado pelo Projeto FrameNet Brasil, contém legendas de filmes, transcritas em português do Brasil, cedidas pelo portal “Open Subtitles”, disponível no endereço: <<http://www.opensubtitles.org/pb>>.

<sup>119</sup> Site Sketch Engine: <<https://www.sketchengine.co.uk/>>.

<sup>120</sup> A época, não havia sido cogitada a inclusão da expressão “ATÉ QUE PARA X”.

Corpus/ Expressão	ALGUÉM		QUEM		UM		UMA		Total	%
	X/ Y	Y/ X	X/ Y	Y/ X	X/ Y	Y/ X	X/ Y	Y/ X		
Domínio Público	-	-	07	10	05	11	03	05	41	14%
Legenda de Filmes	09	33	12	17	16	62	07	54	210	72%
Nilc/São Carlos	01	07	03	09	01	12	03	05	41	14%
Subtotal	10	40	22	36	22	85	13	64		
Total global	50		58		107		77		<b>292</b>	100%

**Quadro 9: Relação das ocorrências por *corpus* – Primeiro grupo de dados**

O *corpus* que mais contribuiu com ocorrências válidas foi Legenda de Filmes, com 72% dos resultados iniciais. A seguir, isolamos apenas as ocorrências de ordem PARA X/ Y, para se eleger uma estrutura construcional de análise. Oportunamente, discutiremos essa decisão teórico-metodológica, que norteou a nova coleta de dados. O quadro passou a ter a configuração a seguir:

Corpus/ Expressão	ALGUÉM	QUEM	UM	UMA	Total	%
	X/ Y	X/ Y	X/ Y	X/ Y		
Domínio Público	-	07	05	03	15	22,4%
Legenda de Filmes	09	12	16	07	44	65,7%
Nilc/São Carlos	01	03	01	03	08	11,9%
Total	10	22	22	13	<b>67</b>	100%

**Quadro 10: Relação das ocorrências PARA X/ Y por *corpus* – Primeiro grupo de dados**

Após a reformulação, houve queda significativa do número total de ocorrências. Com diminuição de cerca de 77,06%, as ocorrências válidas passaram a 67. Houve também ligeira mudança na proporção da contribuição de cada *corpus*, mas a supremacia de Legenda de Filmes se manteve, com 65,7% do total.

Uma análise preliminar foi empreendida e indubitavelmente contribuiu teórica e metodologicamente para um esboço de investigação. No entanto, nossa pesquisa sofreria com limitações dos bancos de dados, como a pouca ou inexistente contextualização das interações e a dificuldade para uma identificação mínima dos interlocutores. O *corpus* com rica contribuição, Legenda de Filmes, não possibilitava a checagem de informações sobre a relação entre falas e personagens e as cenas de atuação – isso porque as legendas são extraídas à parte do filme. De igual maneira, no *Corpus* Domínio Público, mormente formado de obras

literárias, não conseguíamos associar discurso a personagens e obras. Em relação ao *Corpus* Nilc/São Carlos, dentre as ocorrências provenientes do Jornal Folha de São Paulo, era possível identificar o Caderno do Jornal, mas as informações ainda não eram plenamente satisfatórias. Uma vez que nosso objeto traz uma carga semântico-pragmática bastante robusta, investigar ambientes que possibilitassem uma mínima relação entre os produtores textuais e a situação de produção é imprescindível para alcançarmos discussões mais densas.

Em termos metodológicos, essa primeira investida possibilitou-nos exercitar as estratégias de obtenção de dados, por meio de formulações e reformulações de critérios. Uma alteração proposta a partir dessa tentativa de constituição do banco de dados foi a respeito do grupo PARA UM/UMA. A busca de variantes no plural retornou apenas quatro ocorrências<sup>121</sup>, e a inclusão das contrações fortes (prum, pruns, pruma e prumas) retornou apenas um resultado. Isso sinalizou ser metodologicamente menos viável lidar com essas variáveis.

Conforme mencionado, a pesquisa inicial foi feita apenas com o grupo PARA X. O aproveitamento final de apenas 1,15% (67 ocorrências válidas num universo de 5824), esperado devido à alta polissemia de PARA X, aliado ao interesse investigativo pela construção “até que”, nos impulsionou a incluir o novo grupo de busca e, conseqüentemente, novo objeto – o grupo ATÉ QUE PARA X. Importante salientar que buscaremos confirmar que *até que* reforça o aspecto argumentativo da construção concessiva (embora a ausência desse operador não descaracterize o caráter construcional como holisticamente argumentativo).

As investidas iniciais nos mostraram que o fenômeno que buscamos estudar com dados empíricos não foi satisfatoriamente encontrado mesmo em *corpora* considerados de grande porte. Passamos, então, à fonte mais acessível de dados linguísticos em abundância – a internet.

### **5.2.2 Abordagem da internet como Corpus (WaC- *Web as Corpus*): limitações e vantagens**

Não há consenso entre linguistas sobre qual o papel da internet nos estudos que usam abordagem em *corpora*. No âmbito da Linguística de Corpus, Sardinha (2004) discute critérios para a definição atual de *corpus* como coletânea criteriosa de textos, produzidos de forma autêntica e organizados para fins de pesquisas linguísticas, disponibilizados em meio eletrônico de forma a possibilitar a leitura dos dados por máquinas específicas. Para a formação de *corpus*, e em termos gerais, o autor destaca a necessidade de autenticidade dos

---

<sup>121</sup> A expressão “para umas” referiam-se a “férias” – termo, inclusive, comumente conceptualizado como singular.

textos, escolha criteriosa de conteúdo e representatividade dos dados em relação aos propósitos específicos de pesquisa.

A solução para o uso da internet é a utilização de ferramentas linguísticas apropriadas para a compilação, como, por exemplo, HTTrack, citado por Sardinha (2004) e WebCorp, citado por Aluísio & Almeida (2006). Essas ferramentas permitem o uso de concordanciadores, para uma busca por expressões chave em contexto (por exemplo: Wordsmith e KWICFinder). O que parece consensual e livre de atritos é, pois, a internet “como fonte potencial de coleta de textos para a criação de um corpus com características específicas definidas pelo pesquisador” (SARDINHA, 2004, pp. 45-6).

Quando o que entra em questão é o uso da internet como um *corpus*, há bastante divergência entre os linguistas. Por exemplo, Aluísio & Almeida (2006) comentam que a Linguística de Corpus não considera a internet, em si, como *corpus*, por não ter dimensão determinada, estar em constante mudança, não ser projetada para ser *corpus*. Também Lüdeling, Evert & Baroni (2007) têm visão pouco amistosa em relação ao uso da busca em Web, mais precisamente o Google, para análise linguística. Afirmam que uma das limitações do uso da Web como um *corpus* é a dificuldade em se reproduzir o experimento, pois a cada momento a internet é alimentada com novos dados. Também citam um problema relacionado à contagem da frequência, no âmbito quantitativo, pois muitos resultados que aparecem na busca do Google são duplicados, ou seja, aparecem em sites diferentes. No campo qualitativo, outra limitação citada é a dificuldade de obtenção de metadados das ocorrências. Uma das críticas à busca no Google para pesquisas linguísticas é o fato de este ser uma ferramenta comercial de busca, que não foi projetada para buscas linguísticas.

Em contrapartida, o que nos parece inevitável é a constatação de que a internet é um banco de dados gigantesco. Gatto (2014, pp. 46-7) menciona que havia, em 2008, uma estimativa de cem trilhões de palavras na internet, fornecida por um dos diretores do Google, Peter Norvig. A autora, ao discutir a questão do tamanho de um *corpus*, comenta que a internet, por estar em constante expansão, não pode apresentar números exatos quanto ao tamanho de seu conteúdo.

Dada a imensidão de dados, é crescente o uso da internet como *corpus*. Meyer et al (2003) utilizam busca na Web através da ferramenta Google no levantamento de expressões pontuais (como, por exemplo, as construções sintáticas com *who* e *whom* no inglês) para discussões sobre preferências e restrições de uso e afirmam que “a internet pode fornecer

informação valiosa, mesmo que o tamanho e os tipos de textos sejam difíceis de estimar<sup>122</sup>, (MEYER et al, 2003, p. 253). Outro pesquisador favorável ao uso da internet, Diemer (2011), ao empreender estudo sobre verbos prefixais<sup>123</sup> do inglês como forma inovadora, compara a busca por dados na internet (por meio do Google) com a busca em dois *corpora* fechados, o Corpus Google Book (de Mark Davies, com 155 bilhões de palavras) e o Birmingham Blog Corpus (com disponibilização de 100 milhões de palavras). Apesar de reconhecer as limitações metodológicas da internet para pesquisas diacrônicas, ou que focalizem buscas por registro ou estilo; em suas conclusões, o autor destaca vantagens consideráveis da internet para buscar inovação linguística e tendências de forma quase simultânea ao seu surgimento, uma vez que seus resultados provenientes dos *corpora* fechados foram mais limitados.

Em nosso trabalho, após ponderarmos limitações e vantagens do uso de buscas pela ferramenta Google, optamos por focalizar os inúmeros benefícios e buscar amenizar as possíveis limitações. A internet é um ambiente bastante produtivo especialmente no Brasil, que, segundo pesquisas, foi considerado em 2014 o terceiro país no mundo em que as pessoas passam mais tempo na internet, com média de cinco horas de uso por dia<sup>124</sup>. Assim, o uso da internet justifica-se tanto por seu indiscutível tamanho gigantesco como também pela possibilidade de encontrarmos inovações linguísticas e usos não-canônicos, como demonstrar o caso das construções concessivo-comparativas por nós estudadas, sob as formas dos grupos PARA X e ATÉ QUE PARA X.

### 5.3 Os três domínios<sup>125</sup> escolhidos

Conforme Sardinha (2004) menciona, a Linguística de Corpus pode ser tomada como uma metodologia, como instrumentalização de pesquisas. Em nosso trabalho, nos inspiramos nos preceitos da Linguística de Corpus para a concepção e formação de nosso banco de dados, de forma que fosse feito de maneira o mais criteriosa possível. Compreendendo a diversidade de sites da internet e as limitações de uma busca de amplo espectro, selecionamos três

---

<sup>122</sup> Nossa tradução de: “(...) the Web can yield valuable information, even though its size and the particular kinds of texts on it are difficult to estimate” (MEYER et al, 2003, p. 253).

<sup>123</sup> Diemer (2011) investiga os prefixos “*in*” e “*on*”, ligados aos verbos *be, have, do, say, get, make, go, know, take, see, come, think, look, want, give*.

<sup>124</sup> Informação obtida no endereço <<http://blog.pmweb.com.br/a-internet-no-brasil-em-2015/>>.

Acesso em: 18 jan. 2016.

<sup>125</sup> Na linguagem técnica da internet, “domínio” é o nome de identificação do site (ou grupo de sites). É entendido como o nome dado ao site seguido de uma extensão, como, por exemplo “.com.br”, “.com”, “.org”, “.gov”. A extensão “.com.br” indica que o site é uma criação comercial (no sentido de não ser governamental ou institucional) dentro do Brasil.

domínios da internet que permitissem restringir nossa busca para páginas que fossem em português do Brasil e que, minimamente, contemplassem estilos diversos. Os domínios escolhidos foram: (i) o Grupo Abril ([abril.com.br](http://abril.com.br)); (ii) blogs de criação gratuita ([blogspot.com.br](http://blogspot.com.br)); e (iii) a versão brasileira do site de perguntas e respostas, Yahoo Respostas ([br.answers.yahoo.com](http://br.answers.yahoo.com)).

### 5.3.1 Grupo Abril

Amplamente conhecido no Brasil por revistas como *Veja*, *Superinteressante*, *Capricho*, *Quatro Rodas*, entre outras, o Grupo Abril, difundido desde a década de 50, é uma das fortes referências no jornalismo e entretenimento e também um veículo de grande influência. Uma das principais e mais divulgadas produções do Grupo Abril é a Revista *Veja*, de forte posicionamento político, lançada no fim da década de 60 e que hoje conta com uma média de dez milhões de leitores<sup>126</sup>.

Em visita à página de revistas Abril<sup>127</sup> disponíveis eletronicamente, há 32 revistas disponíveis no domínio “[abril.com.br](http://abril.com.br)”: As revistas *Capricho*, *Exame*, *Mundo Estranho*, *Nova Escola*, *Planeta Sustentável*, *Quatro Rodas*, *Superinteressante*, *Veja*, *Veja São Paulo*, *Veja Rio* e *Veja Brasília* estão em subdomínios próprios. Ramificações da revista *Veja* nas principais cidades brasileiras, como *Veja ABC*, *Veja BH*, *Veja Belém* e *Veja Campinas*, estão no subdomínio “[vejabrasil.abril.com.br](http://vejabrasil.abril.com.br)”. *National Geography* e *Viaje Aqui* estão alojadas no subdomínio “[viajeaqu.abril.com.br](http://viajeaqu.abril.com.br)”. As revistas *Casa.com* e *Casa Claudia* estão no subdomínio “[casa.abril.com.br](http://casa.abril.com.br)”. *Men’s Health*, *Playboy* e *Vip* estão agrupadas no subdomínio “[vip.abril.com.br](http://vip.abril.com.br)”. Dez revistas voltadas ao público feminino – *Ana Maria*, *Bebe.com*, *Boa Forma*, *Claudia*, *Contigo!*, *Cosmopolitan*, *Elle*, *Estilo*, *Saúde* e *Women’s Health* – estão todas agrupadas no subdomínio “[mdemulher.abril.com.br](http://mdemulher.abril.com.br)”.

Embora uma parte do conteúdo das revistas seja restrita a assinantes, ainda é possível uma vasta busca. A inclusão do Grupo Abril nas buscas visa a contemplar um ambiente legitimado como veículo de comunicação, reconhecido pelo apreço às convenções formais de escrita e cuja produção linguística é de registro predominantemente formal.

---

<sup>126</sup> Informação obtida no próprio site de apresentação do Grupo Abril.

Link: <<http://grupoabril.com.br/pt/quem-somos/historia>>.

Acesso em: 16 jan. 2016.

<sup>127</sup> Endereço para acesso:

<<http://www.abril.com.br/revistas.html>>.

### 5.3.2 Blogs

Os blogs são sites que se originaram como diários *online*, voltados para relatos pessoais, e se expandiram exponencialmente, tendo atualmente um caráter bastante heterogêneo. Os blogs englobam, além da característica de diários pessoais *online*, espaços para discussões políticas, para difusão de empresas, divulgação de trabalhos artesanais, dicas de beleza e saúde. Muitos podem atuar como meio jornalístico (podendo ser mais ou menos formais) e de entretenimento. Há uma alta popularidade dos blogs no Brasil. Segundo uma pesquisa em fevereiro de 2014, feita pela agência ComScore e divulgada no site “O Cafezinho”<sup>128</sup>, o Brasil ocupava o segundo lugar em alcance de blogs, sendo o primeiro lugar ocupado pelo Japão. A quantidade de blogs existentes no Brasil é também expressiva. De acordo com a plataforma Blogs Brasil, em janeiro de 2016 havia mais de 387 mil blogs cadastrados; e, em maio do mesmo ano, mais de 709 mil<sup>129</sup>. O domínio de blogs que investigamos é o “blogspot.com.br”. Esse domínio pode ser criado pela plataforma Blogger<sup>130</sup>, serviço oferecido gratuitamente pelo Google para que usuários leigos possam criar seu blog.

Uma das principais características dos blogs é serem espaços abertos à interação entre o escritor/administrador do blog – chamado de blogueiro – e os leitores de seus blogs, que participam por meio de comentários que escrevem após a publicação do blogueiro. Essa publicação é a postagem de algum texto, imagens ou vídeos, que são as atualizações feitas nos blogs, também popularmente chamadas de *posts*. Conforme é apontado por Diemer (2011), blog é visto como um discurso de escrita colaborativa, próximo à oralidade, podendo apresentar pouca preocupação dos autores com adequação formal da língua.

### 5.3.3 O Yahoo Respostas (YR)

O Yahoo Respostas é um site criado pelo Yahoo!, destinado à interação de perguntas e respostas sobre temas variados, feitos por usuários com conta no Yahoo!. Esse site iniciou-se nos Estados Unidos, em 2005, e passou a atuar no Brasil em 2006<sup>131</sup>. Na página inicial do site (<https://br.answers.yahoo.com/>), estão dispostas 26 categorias de perguntas, cada qual com

<sup>128</sup> Informação obtida em: <<http://www.ocafezinho.com/2014/06/05/pesquisa-comscore-blogs-brasileiros-em-segundo-lugar-no-mundo/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

<sup>129</sup> Informação obtida no endereço <<http://blogsbrasil.com.br/>>. Primeiro acesso em: 31 jan. 2016. Segundo acesso em: 24 mai. 2016.

<sup>130</sup> Endereço: <<https://www.blogger.com/>>.

<sup>131</sup> Informação por consulta à Wikipedia, no endereço: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Yahoo!\\_Respostas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Yahoo!_Respostas)>.

suas ramificações. As categorias listadas, em ordem alfabética, são: *Animais de Estimação; Artes e Humanidades; Beleza e Estilo; Carros e Transportes; Casa e Jardim; Ciências Sociais; Ciências e Matemática; Comidas e Bebidas; Computadores e Internet; Ecologia e Meio Ambiente; Educação e Referência; Eletrônicos; Entretenimento e Música; Esportes; Família e Relacionamentos; Governo e Política; Gravidez e Maternidade; Jogos e Recreação; Negócios Regionais; Negócios e Finanças; Notícias e Eventos; Produtos do Yahoo; Restaurantes; Saúde; Sociedade e Cultura; e Viagens.*

É solicitado que o usuário aja com cordialidade e clareza e explicitamente proibido que haja qualquer ofensa, obscenidade, discurso de ódio e mau uso do site. Apesar disso, um dos aspectos que geram grande popularidade no YR é a má qualidade de certas perguntas e respostas e certo tom de irreverência de alguns usuários nas formulações das perguntas ou respostas. Muitas vezes, perguntas ou respostas consideradas engraçadas ou sem nexos são reunidas e publicadas em sites de entretenimento, conforme é percebido em uma rápida busca por resultados no site *Buzzfeed Brasil*<sup>132</sup>. Assim, nosso interesse investigativo por ocorrências do Yahoo! Respostas é motivado pela linguagem muitas vezes descontraída e despreocupada, mormente atribuída ao público jovem.

## 5.4 O processo de compilação dos dados

A partir de uma metodologia qualitativa e quantitativa, apresentamos, nesta seção, o processo de coleta e tratamento inicial dos dados, divididos em dois blocos de busca.

### 5.4.1 A busca no Google

A etapa de coleta *online* de dados, ocorrida nos dois últimos meses de 2012, consistiu na busca direcionada pelas expressões nos três domínios selecionados, a saber:

- a) abril.com.br
- b) blogspot.com.br
- c) br.answers.yahoo.com

Utilizamos a ferramenta de Busca Avançada do Google<sup>133</sup>, por meio da qual inserimos a expressão específica entre aspas e podemos restringir a busca a determinado domínio.

---

<sup>132</sup> Página: <<http://www.buzzfeed.com/?country=br>>.

<sup>133</sup> Página da busca: <[https://www.google.com.br/advanced\\_search](https://www.google.com.br/advanced_search)>.

Também selecionamos que os resultados sejam em português e que o país de origem seja o Brasil.

Temos dois blocos de configuração da construção – PARA X e ATÉ QUE PARA X – e cada bloco é formado por quatro grupos de expressões (*alguém, quem, um e uma*). Esses grupos ainda se subdividem entre os que são encabeçados pela preposição “para” ou sua contração “pra”. O procedimento de busca teve o seguinte formato:

Bloco PARA X			Bloco ATÉ QUE PARA X		
Grupo	Expressão de busca		Grupo	Expressão de busca	
PARA [ALGUÉM]	“para alguém”	“pra alguém”	ATÉ QUE PARA [ALGUÉM]	“até que para alguém”	“até que pra alguém”
PARA [QUEM]	“para quem”	“pra quem”	ATÉ QUE PARA [QUEM]	“até que para quem”	“até que pra quem”
PARA [UM]	“para um”	“pra um”	ATÉ QUE PARA [UM]	“até que para um”	“até que pra um”
PARA [UMA]	“para uma”	“pra uma”	ATÉ QUE PARA [UMA]	“até que para uma”	“até que pra uma”

Quadro 11: Expressões de busca dos dois blocos

Conforme mostrado no quadro 11, foram estabelecidas oito expressões de busca em cada bloco, totalizando dezesseis expressões. Cada expressão compôs a busca em cada um dos três domínios selecionados. Ao total, fizemos 48 buscas. A figura a seguir ilustra a página da Busca Avançada do Google, com os dados preenchidos para buscar a expressão “para alguém”, no domínio “abril.com.br”:

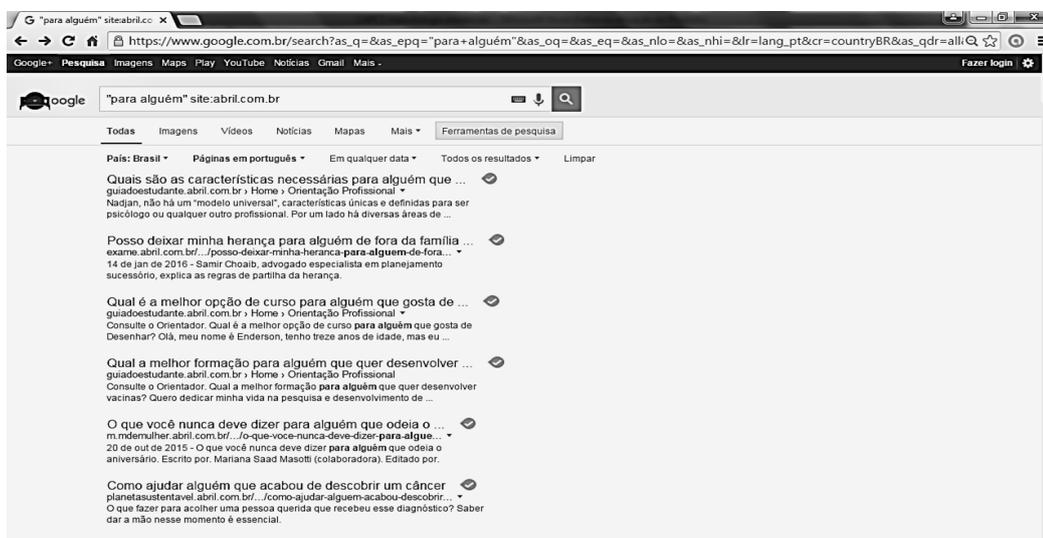
The screenshot shows the Google Advanced Search interface. The search criteria are as follows:

- Localizar páginas com...
  - todas estas palavras: (empty)
  - esta expressão ou frase exata: "para alguém"
  - qualquer uma destas palavras: (empty)
  - nenhuma destas palavras: (empty)
  - números que variam de: (empty) a (empty)
- Fazer isso na caixa de pesquisa.
  - Digite as palavras importantes: rat terrier tricolor
  - Coloque palavras exatas entre aspas: "rat terrier"
  - Digite OR entre todas as palavras que você deseja: miniatura OR padrão
  - Coloque um sinal de menos antes das palavras que você não deseja: -roedor, -"Jack Russell"
  - Coloque 2 pontos finais entre os números e adicione uma unidade de medida: 10..25 1b, US\$ 300..US\$ 500, 2010..2011
- Em seguida, limite seus resultados por...
  - idioma: Português
  - região: Brasil
  - última atualização: em qualquer data
  - site ou domínio: abril.com.br
  - termos que aparecem: qualquer lugar da página
  - SafeSearch: Mostrar resultados mais relevantes
  - tipo de arquivo: qualquer formato
  - direitos de uso: não filtrados por licença

Additional instructions on the right side of the page include: "Localizar páginas no idioma selecionado.", "Encontre páginas publicadas em uma determinada região.", "Encontre páginas atualizadas dentro do tempo especificado.", "Pesquise um site (como wikipedia.org) ou limite seus resultados a um domínio como .edu, .org ou .gov", "Pesquise por termos em toda a página, no título da página, no endereço da web ou em links para a página que está procurando.", "Ative a filtragem de conteúdo sexualmente explícito no SafeSearch.", "Encontre páginas no formato que preferir.", and "Encontre páginas em que não haja restrições de uso."

Figura 7: Exemplo da Busca Avançada do Google

Preenchidos os critérios de busca, os resultados são dispostos na tela seguinte. A figura 8 ilustra a primeira tela do resultado para a busca por “para alguém” no domínio “abril.com.br”:



**Figura 8: Resultado de busca de “para alguém” no domínio “abril.com.br”**

Estipulamos como teto de coleta as 200 primeiras ocorrências que aparecessem; primeiramente, em virtude de ser uma quantidade humanamente viável, visto que é necessária uma análise individual de cada resultado de busca. Ademais, consideramos que, somando-se as ocorrências com “para” e com “pra”, de cada expressão, teríamos um teto total de 400 ocorrências para cada grupo – o que parece metodologicamente satisfatório e minimamente representativo para cada expressão.

O primeiro bloco, PARA X, devido à alta polissemia da expressão, retornava números extremamente altos de resultados<sup>134</sup>. Após a coleta apenas dos 200 primeiros resultados para

<sup>134</sup> À época da coleta, não foi devidamente registrado o número total de resultados que retornavam. Em janeiro de 2016, refizemos o processo de busca de forma apenas ilustrativa, para termos uma estimativa dos resultados.

**Número de ocorrências da busca no domínio “abril.com.br”, em 26 de janeiro de 2016:**

para alguém: 506; pra alguém: 304;

para quem: 605; pra quem: 512;

para um: 572; pra um: 495;

para uma: 572; pra uma: 491.

**Número de ocorrências da busca no domínio “blogspot.com.br”, em 26 de janeiro de 2016:**

para alguém: 535; pra alguém: 532;

para quem: 644; pra quem: 592;

para um: 642; pra um: 512;

para uma: 640; pra uma: 525.

**Número de ocorrências da busca no domínio “br.answers.yahoo.com”, em 26 de janeiro de 2016:**

para alguém: 548; pra alguém: 555;

para quem: 569; pra quem: 605;

para um: 592; pra um: 561;

para uma: 600; pra uma: 560.

cada expressão, o apanhado total foi de 4800 ocorrências, conforme mostrado na tabela a seguir:

<b>Expressão</b>	<i>Abril</i>	<i>Blog</i>	<i>YR</i>	<b>TOTAL</b>
para alguém	200	200	200	600
pra alguém	200	200	200	600
para quem	200	200	200	600
pra quem	200	200	200	600
para um	200	200	200	600
pra um	200	200	200	600
para uma	200	200	200	600
pra uma	200	200	200	600
<b>TOTAL</b>	1600	1600	1600	<b>4800</b>

**Tabela 3: Resultados totais de busca do bloco PARA X**

O segundo bloco, ATÉ QUE PARA X, no entanto, devido a seu caráter mais semanticamente restrito, retornava números comparativamente bem mais baixos. A expressão “até que para um” no domínio “blogspot.com.br” foi a única que retornou um número pouco acima do teto estipulado na busca. Após a coleta, o apanhado total do bloco ATÉ QUE PARA X foi de 800 ocorrências, conforme consta na tabela a seguir:

<b>Expressão</b>	<i>Abril</i>	<i>Blog</i>	<i>YR</i>	<b>TOTAL</b>
até que para alguém	-	05	01	06
até que pra alguém	-	06	01	07
até que para quem	04	81	09	94
até que pra quem	04	82	14	100
até que para um	10	200 <sup>135</sup>	38	248
até que pra um	-	100	21	121
até que para uma	02	131	16	149
até que pra uma	-	63	12	75
<b>TOTAL</b>	20	668	112	<b>800</b>

**Tabela 4: Resultados totais de busca do bloco ATÉ QUE PARA X**

#### 5.4.2 Tratamento inicial e classificação individual das sentenças

As 4800 sentenças do grupo PARA X e as 800 sentenças do grupo ATÉ QUE PARA X precisariam ser analisadas individualmente a fim de que fossem separados os diversos sentidos encontrados e selecionadas apenas as instâncias que correspondessem às construções concessivo-comparativas. Assim, na primeira parte da coleta, as páginas dos resultados foram copiadas e coladas em páginas do editor de textos *Microsoft Word*. Cada expressão, seguida

<sup>135</sup> Houve 234 ocorrências totais nesta busca e as 200 primeiras foram coletadas.

do domínio de busca, compôs um *subcorpus*<sup>136</sup>, por exemplo: “Para Alguém - Abril”, “Até Que Para Uma - YR”, e assim por diante. No *Word*, a lista de ocorrências era formatada (com a retirada de espaços extras e tabulações) para ser copiada e colada em planilhas do *Microsoft Excel* de forma que cada ocorrência ocupasse uma linha na coluna A do *Excel*.

Na primeira etapa de tratamento, cada ocorrência foi classificada. A busca pelo Google pode retornar resultados repetidos (duplicados) que precisam ser descartados. Além disso, dada a polissemia das estruturas com “para”, o processo de classificação é imprescindível para separarmos os diversos sentidos das ocorrências. Foram estabelecidos, pois, seis sentidos para serem atribuídos às expressões, conforme é mostrado no quadro 12:

Tratamento das ocorrências	
Número/Código	Classificação
1	Sentido concessivo
2	Sentido conformativo
3	Sentido direcional
4	Sentido de beneficiário
5	Sentido de finalidade
6	Outros

**Quadro 12: Sentidos para classificação das ocorrências**

Esses sentidos não são, obviamente, suficientes para contemplar a gama de sentidos possíveis das expressões, mas são considerados minimamente satisfatórios para o escopo da pesquisa. A seguir, uma breve descrição:

- 1- **Sentido Concessivo:** classificação usada quando a expressão “para x” relacionar-se a uma construção concessivo-comparativa. São casos em que o elemento X estiver em desacordo com a informação veiculada no contexto de Y.  
Exemplo: *Acho que **pra** *alguem* que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro.* (Abril: veja.abril.com.br/blog/radar-on-line)
- 2- **Sentido Conformativo:** classificação usada para casos em que a expressão “para x” contiver algum elemento em relação ao qual algo está em acordo, em adequação; também para os casos que expressem opinião ou ponto de vista.  
Exemplo: *VOCÊ É ATRAENTE **PARA** UM HEADHUNTER? O mercado de trabalho quer você? Isso depende da adequação que seu perfil tem para as demandas dos empregadores potenciais* (Abril: exame.abril.com.br)
- 3- **Sentido Direcional:** classificação usada quando o item contido na expressão “para x” representar uma direção ou um alvo.  
Exemplo: *Uma empresa pode te realocar, **pra** um lugar q vc não qr?* (YR: br.answers.yahoo.com > ... > Governo e Política > Lei e Ética)

<sup>136</sup> Nesta etapa, tomamos as expressões *(sub)corpus* e *(sub)corpora* em sentido amplo, como banco de dados – sem pretensões de atender aos critérios da Linguística de Corpus para a devida consideração do que seja *corpus*.



apresentamos a figura 10, com o resultado da classificação das sentenças do *subcorpus* “Pra Um – Abril”:

Ordem	Sentido	Total de sentenças	Porcentagem
1	Concessão	10	5,0%
2	Conformativa	19	9,5%
3	Direção/ alvo	66	33,0%
4	Beneficiário	16	8,0%
5	Finalidade	36	18,0%
6	Outros	53	26,5%

**Figura 10: Resultado da classificação de sentenças no Excel**

#### 5.4.3- Resultado total do bloco PARA X

Concluída essa etapa de classificação das sentenças no bloco PARA X, agrupamos todas as ocorrências em seus respectivos sentidos. A tabela 5 indica a totalidade dos resultados:

Ordem	Sentido	Total de sentenças	Porcentagem
1 <sup>a</sup>	Direção	1397	29,10%
2 <sup>a</sup>	Beneficiário	1316	27,42%
3 <sup>a</sup>	Outros	723	15,06%
4 <sup>a</sup>	Finalidade	714	14,88%
5 <sup>a</sup>	Conformativo	579	12,06%
6 <sup>a</sup>	Concessão	71 (Total)	1,48%
		52 (YX)	1,08%
		19 (XY)	0,40%
<b>TOTAL</b>		<b>4800</b>	<b>100%</b>

**Tabela 5: Resultado final da busca no bloco PARA X**

O sentido direcional foi o mais numeroso, o que pode ser explicado pelo fato de que a preposição “para” apresenta o sentido de direção ou alvo como o mais básico, proporcionando, inclusive, extensões polissêmicas para outros sentidos. Bastante próximo em número de ocorrências foi o sentido Beneficiário. Juntos, esses sentidos foram os mais representativos dessa busca – somando mais de 56% do total. Os sentidos atribuídos a Outros,

Finalidade e Conformativo tiveram representatividade bastante próxima. Válido lembrar que o sentido Outros é devido aos contextos ambíguos e, também, às duplicações de ocorrências nos resultados.

Em relação às estruturas de caráter concessivo, foram obtidos 71 resultados. Dentre eles, alguns apresentavam a estrutura “PARA X Y” (19 casos) e outros tinham a estrutura “Y PARA X” (52 casos) – conforme ilustramos nas ocorrências (89) e (90), respectivamente:

- (89) **“PRA QUEM JÁ MORDEU UM CACHORRO POR COMIDA, ATÉ QUE EU CHEGUEI LONGE...”** traz 25 faixas com parcerias realizadas ao longo destes anos, seja com o parceiro inseparável DJ Nyack, com o seu irmão de sangue Fióti, com nomes consagrados da cena [...] (Blog: raporiginal.blogspot.com.br)
- (90) - *Então ela muda toda a sua estratégia, pousa no lago, segura sua refeição e usa as asas pra nadar (nado borboleta, aliás)! **Bastante inovação pra uma ave!*** (Abril: mundoestranho.abril.com.br)

De acordo com os dados obtidos, é possível perceber que o esquema “PARA X Y” é proporcionalmente pouco representativo, tanto em comparação ao esquema “Y PARA X” como também em comparação ao número total de ocorrências da busca (em que representa 0,4%). No esquema ilustrado por (89), primeiro é apresentado o elemento de referência que suscita um conjunto de expectativas (*pra quem já mordeu um cachorro por comida*) para, em seguida, ser apresentado um comentário contrário às expectativas geradas (*até que eu cheguei longe*).

Com quase três vezes mais ocorrências que a estrutura “PARA X Y”, o esquema “Y PARA X” parece ser mais convencionalizado. Uma possível explicação é que a ordem linguisticamente mais comum é a parte adjuntiva vir após a oração principal. Essa é inclusive uma das justificativas para o ensino formal da colocação de vírgula após os termos adjuntos quando estes precedem a oração principal. Em (90), o trecho referente ao sentido concessivo “Bastante inovação pra uma ave!” apresenta uma estrutura peculiar, com a possibilidade de não haver verbo instanciado. Essa estrutura parece não soar muito natural, na escrita, se a ordem entre “Y” e “X” for invertida, o que seria o caso de uma frase como “Pra uma ave, bastante inovação!<sup>137</sup>”. Podemos, assim, deduzir que a estrutura “Y” pode exibir características sintáticas preferencialmente diferentes a depender de sua posição.

Seguindo preceitos da Gramática das Construções afirmados por Goldberg (1995, 2006) e Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012), devemos considerar que alterações na

---

<sup>137</sup> Uma estrutura preferível, neste caso, parece ser: “Pra uma ave, é bastante inovação!”.

forma (estrutura) necessariamente afetam algum aspecto do sentido da construção. Sendo assim, assumimos que as estruturas “Y PARA X” e “PARA X Y” devam apresentar peculiaridades sintático-semânticas relacionadas, mas individuais – constituindo, assim, objetos distintos de estudo.

Em nosso trabalho, optamos por investigar a estrutura “PARA X Y” por duas razões centrais: (i) a sua estrutura não-canônica (com o adjunto precedendo o termo principal), que pode contribuir para uma leitura preferencialmente concessiva; e (ii) a sua proximidade estrutural com “ATÉ QUE PARA X, Y”, que servirá como base para debatermos, no âmbito semântico-pragmático, possíveis semelhanças e diferenças entre as duas estruturas.

#### 5.4.4 Resultado total do bloco ATÉ QUE PARA X

Terminada a etapa de classificação das sentenças do bloco ATÉ QUE PARA X, agrupamos todas as ocorrências em seus respectivos sentidos. Na tabela 6, indicamos a totalidade dos resultados:

Ordem	Sentido	Total de sentenças	Porcentagem
1 <sup>a</sup>	Concessão	385	48,12%
2 <sup>a</sup>	Outros	383	47,88%
3 <sup>a</sup>	Conformativo	21	2,62%
4 <sup>a</sup>	Finalidade	08	1%
5 <sup>a</sup>	Beneficiário	03	0,38%
6 <sup>a</sup>	Direção	0	0%
<b>TOTAL</b>		<b>800</b>	<b>100%</b>

**Tabela 6: Resultado final da busca no bloco ATÉ QUE PARA X**

Os resultados no bloco ATÉ QUE PARA X tiveram uma distribuição extremamente diferente. Este bloco foi predominantemente formado pelo sentido concessivo, responsável por quase metade dos resultados (48,12%). Os sentidos Conformativo, Finalidade e Beneficiário somam apenas 4% do resultado. Apesar de o sentido básico da preposição “para” ser reconhecidamente o sentido de direção ou alvo, o sentido direcional em ATÉ QUE PARA X não teve nenhuma ocorrência em nosso banco de dados coletados.

O expressivo contraste do resultado das ocorrências do bloco ATÉ QUE PARA X com o resultado do bloco PARA X é atribuído à construção “até que”, que praticamente restringiu o sentido da estrutura à concessividade.

Importante ressaltar que, neste bloco, o sentido Outros, apesar de bastante numeroso (47,88%), foi quase em sua totalidade atribuído às duplicações de ocorrências (a mesma

ocorrência aparecia mais de uma vez no resultado de busca). Isso afirma a predominância do sentido concessivo.

### 5.5 Resultados individuais do bloco PARA X

Nesta seção, detalhamos os resultados mostrados na tabela 5, apresentando as tabelas individuais de cada expressão de busca. Agrupamos, em cada tabela, as duas formas da preposição “para” (“para” e “pra”). Temos, neste bloco, exatamente 1200 ocorrências em cada grupo PARA X.

Em relação ao sentido concessivo e para fins metodológicos, apresentamos as duas ordens de estruturas (“XY” PARA X Y e “YX” Y PARA X), mas consideraremos válidas para nossa análise apenas as ocorrências com a linearidade PARA X Y. Em cada coluna da tabela, apresentamos os valores absolutos atribuídos a cada sentido, separados pelo domínio de busca. Na última coluna, exibimos o aproveitamento (em porcentagem) apenas das estruturas “XY” (PARA X Y) do sentido concessivo. Todo esse processo gerou, ao final, as 19 ocorrências utilizadas em nossa análise (como instâncias de CCCAS).

#### 5.5.1 Grupo PARA ALGUÉM

O grupo PARA ALGUÉM contribuiu, ao total, com **quatro** ocorrências. O processo de classificação encontra-se na tabela seguinte:

<i>para alguém</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	03	05	18	91	18	36	29	200	<b>1,5%</b>
<i>Blog</i>	0	01	29	64	65	24	17	200	<b>0%</b>
<i>Yahoo</i>	0	01	16	89	59	23	12	200	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>03</b>	<b>07</b>	<b>63</b>	<b>244</b>	<b>142</b>	<b>83</b>	<b>58</b>	<b>600</b>	<b>0,5%</b>
<i>pra alguém</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	01	03	13	63	29	29	62	200	<b>0,5%</b>
<i>Blog</i>	0	01	16	54	40	18	71	200	<b>0%</b>
<i>Yahoo</i>	0	03	04	109	61	14	09	200	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>01</b>	<b>07</b>	<b>33</b>	<b>226</b>	<b>130</b>	<b>61</b>	<b>142</b>	<b>600</b>	<b>0,17%</b>

**Tabela 7: Relatório de tratamento do grupo PARA ALGUÉM**

Considerando-se todos os sentidos da classificação, Direção é o mais numeroso, com 470 ocorrências totais, seguido por Beneficiário (272 ocorrências) e Outros (200 ocorrências). Neste caso, o sentido básico de direção atribuído à preposição “para” pareceu nortear os usos desse grupo de busca. Em relação à linearidade não contemplada na análise, “Y PARA X” (responsável por quatorze ocorrências), temos resultados interessantes que podem ser base para trabalho futuro, como o exemplo em (91), que reporta a fala de um perito a respeito do comportamento de um jovem solteiro, analisado em um detector de mentiras:

- (91) Laudo do perito - “Foi falante e descontraído **para alguém** que se diz tímido”, disse Mauro Nadvorny, o expert que pilotou o detector e dono da Truster, detentora do software. (Abril: m.mdemulher.abril.com.br)

Em relação à contribuição dos domínios nos resultados válidos, só houve contribuição do domínio Abril. Quanto à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, é interessante destacar que a única ocorrência com “pra” aparece na parte de comentário aberta aos leitores assinantes. Explicação plausível é o fato de o veículo Abril ter um rigor quanto aos padrões formais de seus textos, sinalizando que a contração “pra” ainda não parece bem vinda nesses ambientes.

### 5.5.2 Grupo PARA QUEM

O grupo PARA QUEM contribuiu, ao total, com **seis** ocorrências. Na tabela 8, detalhamos o processo de classificação:

<i>para quem</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	0	0	47	19	116	01	17	200	<b>0%</b>
<i>Blog</i>	02	0	11	18	143	0	26	200	<b>1%</b>
<i>Yahoo</i>	01	0	24	95	75	0	05	200	<b>0,5%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>82</b>	<b>132</b>	<b>334</b>	<b>01</b>	<b>48</b>	<b>600</b>	<b>0,5%</b>
<i>pra quem</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	0	0	42	20	105	0	33	200	<b>0%</b>
<i>Blog</i>	02	0	09	28	124	0	37	200	<b>1%</b>
<i>Yahoo</i>	01	0	10	133	48	0	08	200	<b>0,5%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>61</b>	<b>181</b>	<b>277</b>	<b>0</b>	<b>78</b>	<b>600</b>	<b>0,5%</b>

**Tabela 8: Relatório de tratamento do grupo PARA QUEM**

Em relação a todos os sentidos da classificação, no grupo PARA QUEM, o sentido Beneficiário é o mais numeroso e responsável por mais da metade dos resultados, com 611 ocorrências totais. Após, há o sentido Direção (313 ocorrências) e o Conformativo (143 ocorrências). A expressividade do sentido Beneficiário pode ser justificada pelo traço [+] humano do pronome “quem”, que na estrutura “para quem” ocorreu frequentemente em expressões como “*uma dica para quem...*”. A notável diferença na distribuição deste e do pronome “alguém”, também [+] humano, pode ser investigada em estudos posteriores. Quanto ao sentido concessivo, neste grupo, não houve resultados com a linearidade “Y PARA X” – o que é curioso, visto que essa linearidade foi, em relação às outras expressões, mais numerosa que “PARA X Y” nos resultados de busca.

Em relação aos domínios, as contribuições partiram do Blog e do YR, e nenhum resultado do Abril. Em relação à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, é interessante notar que a distribuição parece minimamente seguir um padrão de formalidade. As ocorrências com “para” apareceram em blogs políticos e na categoria sobre política do YR; ao passo que as ocorrências com “pra” estiveram em blogs de caráter pessoal (sobre música e viagens) e na categoria esportiva do YR. Isso, novamente, corrobora a possível preferência por “para” em produções textuais mais formais.

### 5.5.3 Grupo PARA UM

Também houve **seis** ocorrências no grupo PARA UM. O detalhamento do processo de classificação encontra-se na tabela 9:

<i>para um</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	02	04	48	27	7	100	12	200	<b>1%</b>
<i>Blog</i>	0	01	15	28	49	76	31	200	<b>0%</b>
<i>Yahoo</i>	0	0	42	59	47	23	29	200	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>02</b>	<b>05</b>	<b>105</b>	<b>114</b>	<b>103</b>	<b>199</b>	<b>72</b>	<b>600</b>	<b>0,33%</b>
<i>pra um</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	03	07	19	66	16	36	53	200	<b>1,5%</b>
<i>Blog</i>	01	08	33	34	37	40	47	200	<b>0,5%</b>
<i>Yahoo</i>	0	04	34	52	74	26	10	200	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>04</b>	<b>19</b>	<b>86</b>	<b>152</b>	<b>127</b>	<b>102</b>	<b>110</b>	<b>600</b>	<b>0,67%</b>

**Tabela 9: Relatório de tratamento do grupo PARA UM**

A distribuição entre os sentidos foi relativamente equilibrada. Os três sentidos mais números apresentaram pouca oscilação entre si. Finalidade teve 301 ocorrências, seguida por Direção, com 266 resultados, e Beneficiário, com 230. Em relação à linearidade “Y PARA X” (que teve 24 ocorrências), esta apareceu doze vezes em títulos (de reportagens, de postagens ou de perguntas, de acordo com o domínio), em estruturas formulaicas, como em (92):

(92) Muito rosa **pra um** post só (Blog: ateliogaaya.blogspot.com.br)

Neste grupo, não houve contribuição do domínio YR. Blog contribuiu com um resultado válido. Abril é o domínio que contribuiu majoritariamente, com cinco ocorrências. Em relação à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, novamente, no domínio Abril, as ocorrências com “pra” foram restritas às partes de comentários dos leitores.

#### 5.5.4 Grupo PARA UMA

A menor contribuição foi do grupo PARA UMA, com **três** ocorrências. Na tabela 10, detalhamos o processo de classificação das sentenças:

<i>para uma</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	0	0	38	24	11	87	40	200	<b>0%</b>
<i>Blog</i>	0	01	20	29	41	75	34	200	<b>0%</b>
<i>Yahoo</i>	01	01	41	80	40	24	13	200	<b>0,5%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>01</b>	<b>02</b>	<b>99</b>	<b>133</b>	<b>92</b>	<b>186</b>	<b>87</b>	<b>600</b>	<b>0,17%</b>
<i>pra uma</i>									
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>		<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>	<i>YX</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	0	04	10	56	20	36	74	200	<b>0%</b>
<i>Blog</i>	02	05	25	69	41	25	33	200	<b>1%</b>
<i>Yahoo</i>	0	03	15	90	50	21	21	200	<b>0%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>02</b>	<b>12</b>	<b>50</b>	<b>215</b>	<b>111</b>	<b>82</b>	<b>128</b>	<b>600</b>	<b>0,33%</b>

**Tabela 10: Relatório de tratamento do grupo PARA UMA**

Em relação a todos os sentidos da classificação, o sentido Direção foi o mais numeroso, com 348 ocorrências, reafirmando o sentido básico da preposição “para”. Em seguida, vieram os sentidos Finalidade (268 ocorrências) e Outros (215 ocorrências).

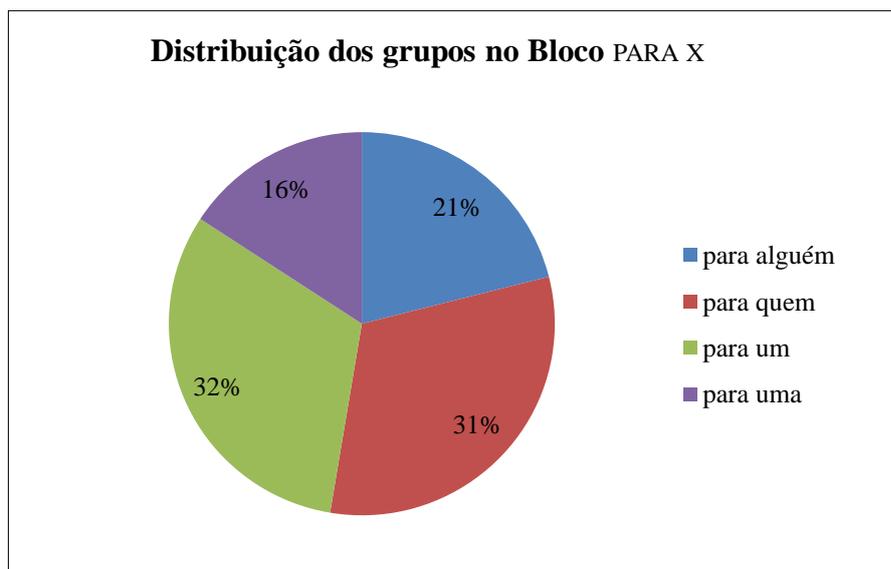
Quanto à linearidade “Y PARA X” (que apresentou 14 ocorrências), esta apareceu quatro vezes em estruturas formulaicas do tipo “é muito X pra uma pessoa só”, como mostrado em (93):

- (93) a. É muito glamour **pra uma** pessoa só! (Abril: capricho.abril.com.br)  
 b. é muito talento **pra uma** pessoa só! (Blog: dentrodelatem.blogspot.com.br)  
 c. é muita humilhação **pra uma** pessoa só (Blog: rodesafiodeamar.blogspot.com.br)  
 d. É muito cansaço **pra uma** pessoa só (Blog: detreinanteamae.blogspot.com.br)

Neste grupo, não houve contribuição do domínio Abril. Blog contribuiu com dois resultados válidos e YR com um. Em relação à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, o resultado não foi indicativo de nenhuma tendência, uma vez que ambas ocorreram em ambientes mais informais no Blog e no YR.

### 5.5.5 Distribuição por grupo no Bloco PARA X

Para fins ilustrativos, o Gráfico 1 apresenta as contribuições individuais de cada grupo de expressão no bloco PARA X:



**Gráfico 1: Distribuição dos grupos no Bloco PARA X (CCCAS)**

No bloco PARA X, houve razoavelmente mais ocorrências dos grupos PARA QUEM e PARA UM. Entretanto, não houve grande desequilíbrio em relação às contribuições individuais de cada grupo de expressão.

## 5.6 Resultados individuais do bloco ATÉ QUE PARA X

Nesta seção, detalhamos os resultados mostrados na tabela 6, apresentando as tabelas individuais de cada expressão de busca. Enquanto o bloco PARA X apresentou resultados homogêneos na busca no Google, com 1200 ocorrências para cada grupo, o bloco ATÉ QUE PARA X foi bastante discrepante. A distribuição dos 800 resultados da busca no Google se deu da seguinte forma: O grupo PARA ALGUÉM retornou apenas 13 ocorrências; PARA QUEM retornou 194 ocorrências; PARA UM, 369 ocorrências; e PARA UMA retornou 224 ocorrências ao todo.

### 5.6.1 Grupo ATÉ QUE PARA ALGUÉM

O grupo ATÉ QUE PARA ALGUÉM contribuiu, efetivamente, com **sete** ocorrências. O detalhamento do processo de classificação encontra-se na tabela 11:

<i>até que para alguém</i>								
<i>Corpus</i>	<b>Concessão XY</b>	<b>Conf.</b>	<b>Dir.</b>	<b>Benef.</b>	<b>Final.</b>	<b>Outros</b>	<b>TOTAL</b>	<b>Aproveit. XY</b>
<i>Abril</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Blog</i>	02	0	0	0	0	03	05	<b>40%</b>
<i>Yahoo</i>	01	0	0	0	0	0	01	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>03</b>	<b>06</b>	<b>50%</b>
<i>até que pra alguém</i>								
<i>Corpus</i>	<b>Concessão XY</b>	<b>Conf.</b>	<b>Dir.</b>	<b>Benef.</b>	<b>Final.</b>	<b>Outros</b>	<b>TOTAL</b>	<b>Aproveit. XY</b>
<i>Abril</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Blog</i>	03	0	0	0	0	03	06	<b>50%</b>
<i>Yahoo</i>	01	0	0	0	0	0	01	<b>100%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>04</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>03</b>	<b>07</b>	<b>57%</b>

**Tabela 11: Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA ALGUÉM**

Diferentemente dos demais grupos deste bloco, ATÉ QUE PARA ALGUÉM apresentou pouquíssimos resultados na busca. No entanto, todas as ocorrências da busca tiveram o sentido concessivo. A marcação Outros, que descartou algumas ocorrências, foi, neste caso, exclusivamente utilizada para casos de duplicação de ocorrência ou os casos em que os sites não foram encontrados<sup>138</sup>. Ao final, houve 53,8% de aproveitamento.

<sup>138</sup> Algumas páginas, ao tentarem ser acessadas, já haviam sido desativadas. No bloco ATÉ QUE PARA X, 122 ocorrências potencialmente válidas foram descartadas pela falta de acesso aos sites.

Em relação à contribuição dos domínios, houve resultados provenientes do Blog e YR. Quanto à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, as ocorrências com “para” apareceram em blogs de linguagem mais formal (blog político e blog sobre variedades) e na categoria sobre política do YR. Já as ocorrências com “pra” estiveram em blogs de linguagem mais informal (sobre variedades e entretenimento) e na categoria sobre Religião e Espiritualidade do YR, geralmente utilizada para zombaria e de linguagem mais informal.

### 5.6.2 Grupo ATÉ QUE PARA QUEM

Houve **92** ocorrências no grupo ATÉ QUE PARA QUEM. O detalhamento do processo de classificação encontra-se na tabela 12:

<i>até que para quem</i>								
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>	<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<b>XY</b>							<b>XY</b>
<i>Abril</i>	03	0	0	0	0	01	04	<b>75%</b>
<i>Blog</i>	35	03	0	0	0	43	81	<b>43,2%</b>
<i>Yahoo</i>	05	0	0	0	0	04	09	<b>55,6%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>43</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>48</b>	<b>94</b>	<b>45,7%</b>
<i>até que pra quem</i>								
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>	<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<b>XY</b>							<b>XY</b>
<i>Abril</i>	01	0	0	0	0	03	04	<b>25%</b>
<i>Blog</i>	39	02	0	0	0	41	82	<b>47,6%</b>
<i>Yahoo</i>	10	01	0	0	0	03	14	<b>71,4%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>48</b>	<b>100</b>	<b>49%</b>

**Tabela 12: Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA QUEM**

Em relação a todos os sentidos da classificação, o sentido concessivo teve 47,3% de aproveitamento. A grande incidência da marcação Outros foi devida ao alto índice de duplicações de ocorrências e de páginas não encontradas<sup>139</sup>. Alguns casos raros devem-se à ocorrência de *que* como complementizador, próximo ao operador *até*, como é ilustrado em (94):

- (94) [...] a colcha ficou linda demais e acho até que pra quem crochetei só a noite foi rápido até demais (Blog: jud-artes.blogspot.com.br)

<sup>139</sup> Dentre as 96 ocorrências classificadas como Outros, 24 casos referem-se a páginas não encontradas.

Nesse caso, a estrutura “até que para quem” não atua como um agrupamento mais intrínseco. Outro sentido também pouco frequente, mas que merece destaque, é o Conformativo, em que o que é descrito em “Y” está em conformidade com o que é apresentado na contraparte com “até que para quem”. Essa situação é ilustrada em (95):

(95) [...] já são parte da decoração, até que para quem não tem móveis como eu, isso acaba preenchendo um pouco do vazio da casa. (Blog: recic��suacasa.blogspot.com.br)

Quanto à contribuição dos domínios, há bastante discrepância. A maioria das ocorrências é proveniente do Blog, que detém quase 80% das ocorrências. Em seguida, YR, com 16% dos casos, e Abril, com 4%. Quanto à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, houve mais casos com a contração “pra”. Em Abril, ambas as variações ocorreram exclusivamente nos comentários. Já nos domínios Blog e YR não há distinções precisas a respeito de possíveis preferências.

### 5.6.3 Grupo ATÉ QUE PARA UM

O grupo ATÉ QUE PARA UM, o mais numeroso de nossa análise, contou ao todo com 195 ocorrências. Na tabela 13, detalhamos o processo de classificação das sentenças:

<i>até que para um</i>								
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>	<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	06	0	0	0	0	04	10	<b>60%</b>
<i>Blog</i>	86	02	0	0	0	112	200	<b>43%</b>
<i>Yahoo</i>	29	01	0	0	0	08	38	<b>76,3%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>121</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>124</b>	<b>248</b>	<b>48,8%</b>
<i>até que pra um</i>								
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>	<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<i>XY</i>							<i>XY</i>
<i>Abril</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Blog</i>	58	0	0	0	0	42	100	<b>58%</b>
<i>Yahoo</i>	16	0	0	0	0	05	21	<b>76,2%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>74</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>47</b>	<b>121</b>	<b>61,1%</b>

**Tabela 13: Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA UM**

Considerando-se todos os sentidos da classificação, o sentido concessivo teve 52,8% de aproveitamento. Também neste grupo, a grande incidência da marcação Outros foi devida

ao alto índice de duplicações de ocorrências e de páginas não encontradas<sup>140</sup>. Assim como ocorreu no grupo ATÉ QUE PARA QUEM, houve aqui também alguns casos de ocorrências com sentido Conformativo, como ilustrado em (96):

- (96) Até que para um Palmeirense, ver o Curintia na libertadores tem seu lado positivo. Sempre acontece alguma desgraça! (Blog: ivanmorfeu.blogspot.com.br)

Em relação à contribuição dos domínios, há também bastante discrepância. Blog apresenta 74% das ocorrências. Domínio YR é responsável por 23% e, por fim, Abril contribui com 3% dos casos. Quanto à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, neste grupo houve maior proporção de casos com a grafia “para” – o equivalente a 62% do total. O domínio Abril não retornou resultados na busca com “pra”, e os resultados obtidos com “para” concentraram-se na parte de comentários. Já nos domínios Blog e YR, com base em nossos dados, não há distinções precisas a respeito de possíveis preferências acerca dessas grafias.

#### 5.6.4 Grupo ATÉ QUE PARA UMA

O grupo ATÉ QUE PARA UMA contribuiu ao todo com **91** ocorrências. Na tabela 14, detalhamos o processo de classificação das sentenças:

<i>até que para uma</i>								
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>	<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<b>XY</b>							<b>XY</b>
<i>Abril</i>	01	0	0	0	0	01	02	<b>50%</b>
<i>Blog</i>	40	02	0	0	01	88	131	<b>30,5%</b>
<i>Yahoo</i>	10	01	0	0	0	05	16	<b>62,5%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>51</b>	<b>03</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>01</b>	<b>94</b>	<b>149</b>	<b>34,2%</b>
<i>até que pra uma</i>								
<i>Corpus</i>	<i>Concessão</i>	<i>Conf.</i>	<i>Dir.</i>	<i>Benef.</i>	<i>Final.</i>	<i>Outros</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Aproveit.</i>
	<b>XY</b>							<b>XY</b>
<i>Abril</i>	-	-	-	-	-	-	-	<b>-</b>
<i>Blog</i>	30	0	0	0	0	33	63	<b>47,6%</b>
<i>Yahoo</i>	10	0	0	0	01	01	12	<b>83,3%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>01</b>	<b>34</b>	<b>75</b>	<b>53,3%</b>

**Tabela 14: Relatório de tratamento do grupo ATÉ QUE PARA UMA**

<sup>140</sup> Dentre as 171 ocorrências classificadas como Outros, 62 casos referem-se a páginas não encontradas.

Em relação aos sentidos da classificação, o sentido concessivo teve 40,6% de aproveitamento. Houve também grande incidência da marcação Outros, devido a várias duplicações e aos casos de páginas não encontradas<sup>141</sup>. O grupo ATÉ QUE PARA UMA também apresentou alguns exemplos do sentido Conformativo, ilustrado em (97):

(97) Pensando bem, até que para uma primeira vez é natural que incomode. (YR: br.answers.yahoo.com › ... › Solteiros e Namorando)

Além disso, foi o único grupo a exibir resultados com o sentido Finalidade, conforme percebemos em (98):

(98) Até que pra uma paixãozinha inocente estou livre, mas para um relacionamento não, pois ando apaixonado pela minha esposa novamente (YR: br.answers.yahoo.com › ... › Outras - Família e Relacionamentos)

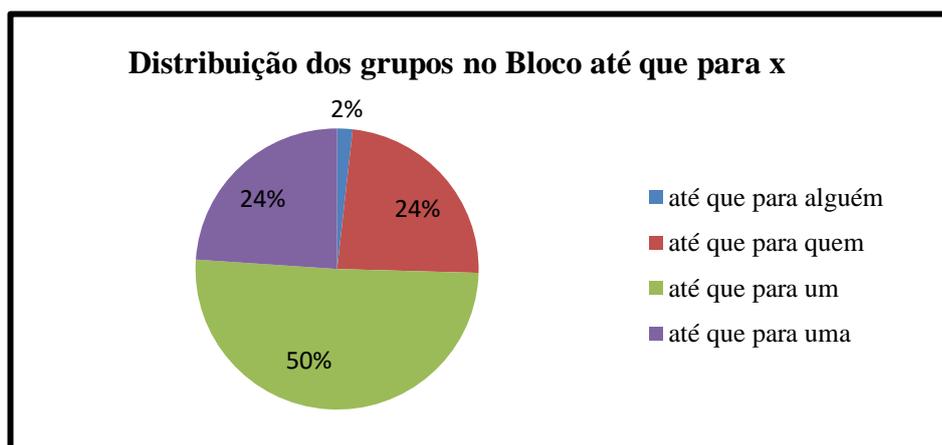
Em relação à contribuição dos domínios, novamente há bastante discrepância. O domínio Blog detém 77% das ocorrências. O domínio YR tem 22%, e Abril representa apenas 1% dos casos. Quanto à disposição das ocorrências encabeçadas por “para” ou “pra”, neste grupo também houve maior proporção de casos com a grafia “para” – o equivalente a 56% do total. O domínio Abril não retornou resultados na busca com “pra”, e o único resultado obtido com “para” está na parte de comentários de leitores. Nos domínios Blog e YR, com base em nossos dados, também não é possível fazer distinções precisas a respeito de prováveis preferências acerca dessas grafias.

### 5.6.5 Distribuição por grupo no Bloco ATÉ QUE PARA X

Para fins ilustrativos, o gráfico 2 apresenta as contribuições individuais de cada grupo de expressão:

---

<sup>141</sup> Dentre as 128 ocorrências classificadas como Outros, 33 casos referem-se a páginas não encontradas.



**Gráfico 2: Distribuição dos grupos no Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE)**

De forma diferente de como ocorreu no outro bloco, aqui houve grande discrepância em relação à contribuição dos grupos. A metade das ocorrências foi referente ao grupo ATÉ QUE PARA UM. Os grupos ATÉ QUE PARA UMA e ATÉ QUE PARA QUEM apresentaram resultados proporcionalmente idênticos – 24% de ocorrências em cada grupo. Destoando dos demais grupos, o grupo ATÉ QUE PARA ALGUÉM foi pouco expressivo.

### **5.7 Continuação do tratamento dos dados: detalhamento dos tipos de ocorrências nos domínios**

Dando sequência ao tratamento dos dados, nosso próximo passo foi coletar as ocorrências encontradas em suas respectivas páginas da internet. Assim, para cada ocorrência válida, abrimos a respectiva página a partir do *link* de acesso que aparece em cada resultado de busca. Em seguida, copiamos o conteúdo de cada página e colamos em arquivos do editor de textos *Word*. As ocorrências de cada bloco separadamente são agrupadas conforme o grupo de expressão, distinguindo-se entre os domínios procedentes. A partir desse processo, constituímos os dois bancos de dados de nossa análise: as ocorrências do bloco PARA X e as do bloco ATÉ QUE PARA X.

Nas próximas subseções, apresentamos as etapas de configuração dos dados. Inicialmente, mostramos as proporções de cada domínio na formação dos bancos de dados. Em seguida, são exibidos gráficos que ilustram o processo de caracterização dos bancos de dados de cada domínio. As ocorrências foram agrupadas de acordo com o compartimento no qual se encontravam dentro do domínio. Como cada domínio tem sua particularidade, os agrupamentos foram feitos da seguinte forma:

- a) Domínio Abril: a separação foi feita de acordo com a revista (e suas ramificações);
- b) Domínio Blog: a separação foi feita por estilo e temática principal do blog;
- c) Domínio YR: a separação foi feita de acordo com a categoria na qual a pergunta no YR é produzida.

No domínio Abril, temos, ao todo, as seguintes revistas no banco de dados: “Capricho”, “Exame”, “Quatro Rodas”, “Viaje Aqui” e “Veja”. Em relação a esta última, propusemos uma subdivisão em “Veja/Blog político” (que contempla os blogs de Reinaldo Azevedo, Augusto Nunes, Caio Blinder e Ricardo Setti). Outra distinção que nos propusemos fazer para detalhar os dados das revistas é especificar se a ocorrência foi produzida na parte do texto do jornalista ou se na parte aberta aos comentários dos assinantes.

No domínio Blog, devido ao extenso número de blogs encontrados (descontadas as duplicações, há 288 ao todo) e à sua imensa variedade, classificamos e agrupamos os blogs encontrados em doze tipos, que são (em ordem alfabética): (1) “Artesanato”; (2) “Beleza, Dieta e Moda”; (3) “Cinema, TV, Séries e Entretenimento”; (4) “Economia”; (5) “Esporte”; (6) “Estórias de Adolescentes” (blogs em que adolescentes criam estórias, geralmente sobre seus ídolos da música e cinema, e as publicam em capítulos); (7) “Jornalismo e/ou Política”; (8) “Livros, Estórias e Contos Eróticos”; (9) “Relato pessoal” (blogs sobre desabafos, viagens realizadas, gravidez, criação de filhos, relacionamentos íntimos, e crônicas pessoais – todos na concepção do blog como um diário virtual); (10) “Religião”; (11) “Tecnologia e Jogos”; e (12) “Variedades” (blogs sobre temas gerais, como turismo, culinária, vinhos, carros, fotografia, entre outros). Também propusemos a distinção para especificar se a ocorrência foi produzida na parte do texto do blogueiro ou se na parte aberta aos comentários dos leitores.

No domínio YR, delimitamos nove categorias. As sete primeiras se referem a categorias distintas do site, que são: (1) “Entretenimento e Música”; (2) “Família e Relacionamentos”; (3) “Futebol Brasileiro”; (4) “Governo e Política”; (5) “Produtos Yahoo”; (6) “Religião e Espiritualidade”; (7) “Solteiros e Namorando”. Além dessas, e devido à grande variedade de categorias que exibiam apenas um resultado, propusemos duas categorias com os seguintes agrupamentos: (8) “Outros/Diversos<sup>142</sup>”; e (9) “Outros/Eletrônicos<sup>143</sup>”. No YR, também fazemos a distinção para especificar se a ocorrência foi produzida na parte da pergunta ou se na parte aberta às respostas dos usuários.

---

<sup>142</sup> As categorias do YR, reunidas no nosso agrupamento “Outros/Diversos”, são: Biologia; Carros e Transportes; Ciências Humanas; Educação e Referência; Filosofia; Filosofia Verde; Fórmula 1; GLBT; Livros e Autores; Saúde e Beleza; Sociedade e Cultura.

<sup>143</sup> As categorias do YR, reunidas no nosso agrupamento “Outros/Eletrônicos”, são: Internet; Videogames e acessórios; Videogame e Jogos.

### 5.7.1 Contribuição dos domínios do bloco PARA X

O banco de dados do bloco PARA X reúne as 19 ocorrências totais e possui 11.654 palavras, conforme descrito na tabela 15:

Domínio	Quantidade de Palavras				Total
	PARA ALGUÉM	PARA QUEM	PARA UM	PARA UMA	
<i>Abril</i>	2.389	0	3.183	0	5.572
<i>Blog</i>	0	2.688	478	1.085	4.251
<i>YR</i>	0	968	0	863	1.831
<b>Total</b>	<b>2.389</b>	<b>3.656</b>	<b>3.661</b>	<b>1.948</b>	<b>11.654</b>

Tabela 15: Quantidade total de palavras – Banco de dados do Bloco PARA X

O gráfico 3 ilustra a proporção referente a cada domínio:

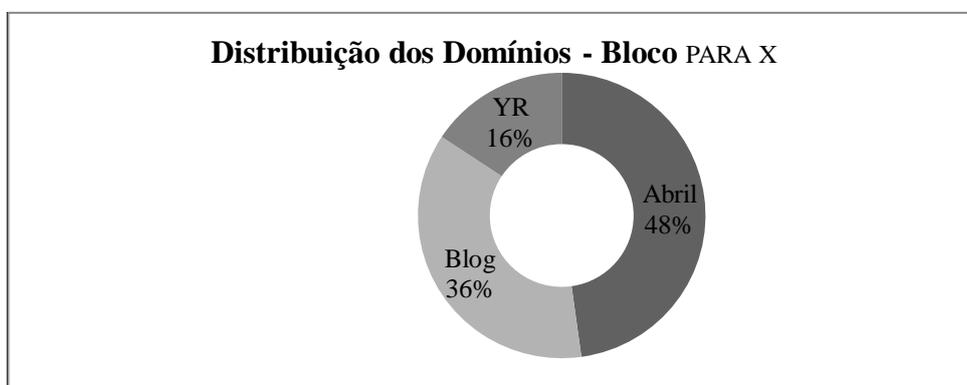


Gráfico 3: Distribuição dos domínios - Bloco PARA X (CCCAS)

#### 5.7.1.1 Abril

Abril contribuiu com nove das dezenove ocorrências totais, distribuídas entre os grupos PARA ALGUÉM e PARA UM. Essas ocorrências se distribuíram entre os seguintes tipos:

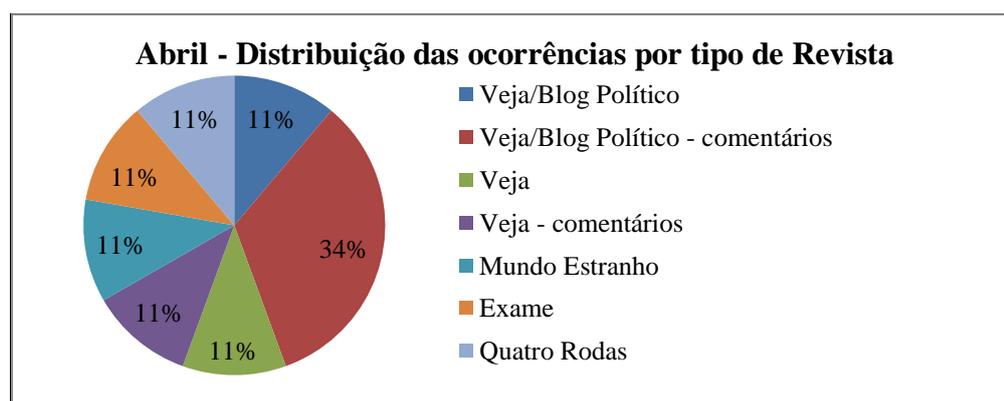
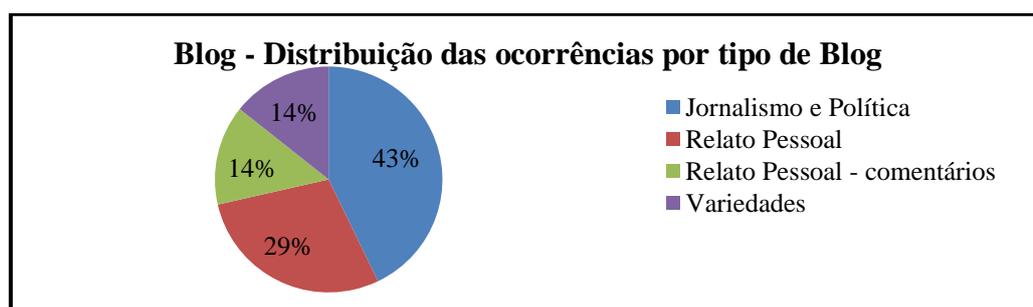


Gráfico 4: Distribuição por Revista no domínio Abril- Bloco PARA X (CCCAS)

A revista Veja, de maior proporção nesse banco de dados, contribuiu principalmente por meio dos blogs políticos, que atuam como artigos de opinião, abertos aos comentários dos assinantes. A lista com as revistas e as especificações de cada blog político (da Revista Veja) estão no Apêndice 1 deste trabalho.

### 5.7.1.2- Blog

Blog contribuiu com sete ocorrências, dentre os grupos PARA QUEM, PARA UM e PARA UMA. Essas ocorrências se distribuíram entre os seguintes tipos:

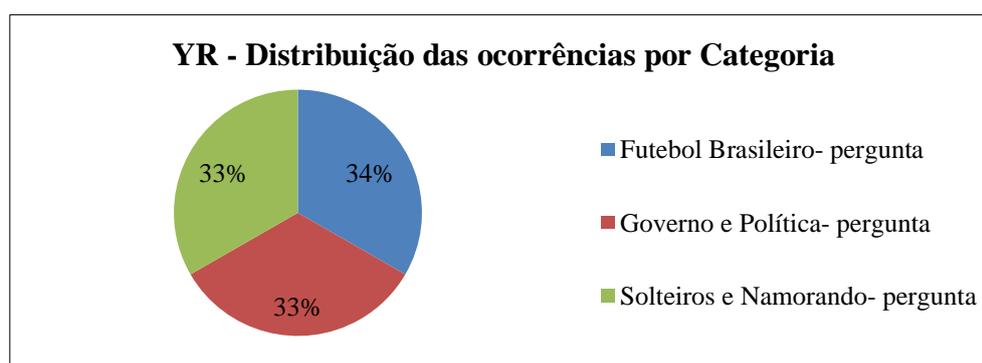


**Gráfico 5: Distribuição por tipo no domínio Blog – Bloco PARA X (CCCAS)**

Devido ao número reduzido de ocorrências, houve pouca variedade quanto ao estilo dos blogs. A maior parte das ocorrências concentrou-se nos blogs sobre jornalismo e política e sobre relatos pessoais (vide Apêndice 1).

### 5.7.1.3 YR

O domínio YR contribuiu com apenas três ocorrências, dos grupos PARA QUEM e PARA UMA, distribuídas conforme é ilustrado no gráfico a seguir:



**Gráfico 6: Distribuição por categoria no domínio YR – Bloco PARA X (CCCAS)**

A pouca variedade de categorias do domínio YR deve-se à escassa quantidade de ocorrências (vide Apêndice 1).

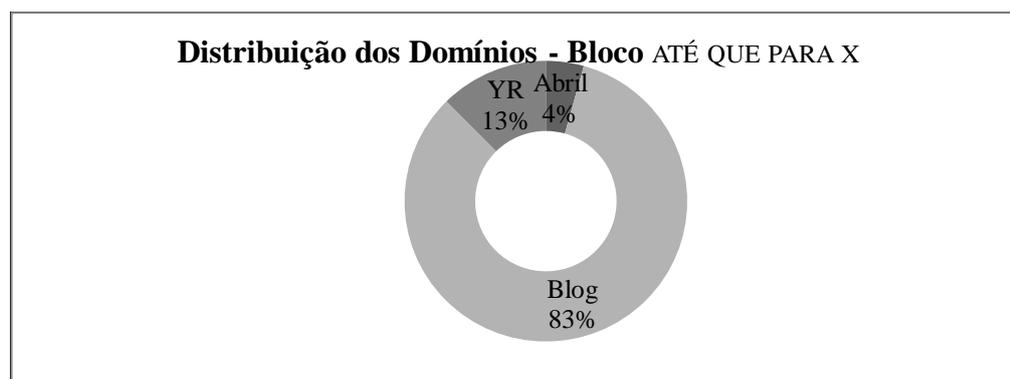
### 5.7.2 Contribuição dos domínios do bloco ATÉ QUE PARA X

O banco de dados do bloco ATÉ QUE PARA X reúne as 385 ocorrências totais e possui 175.809 palavras, conforme descrito na tabela 16:

Domínio	Quantidade de Palavras				Total
	ATÉ QUE PARA ALGUÉM	ATÉ QUE PARA QUEM	ATÉ QUE PARA UM	ATÉ QUE PARA UMA	
<i>Abril</i>	0	3.062	3.854	425	7.341
<i>Blog</i>	2.244	34.576	68.196	36.140	141.156
<i>YR</i>	472	3.798	10.391	6.234	20.895
<b>TOTAL</b>	<b>2.716</b>	<b>41.436</b>	<b>82.441</b>	<b>42.799</b>	<b>169.392</b>

**Tabela 16: Quantidade total de palavras - Bloco ATÉ QUE PARA X**

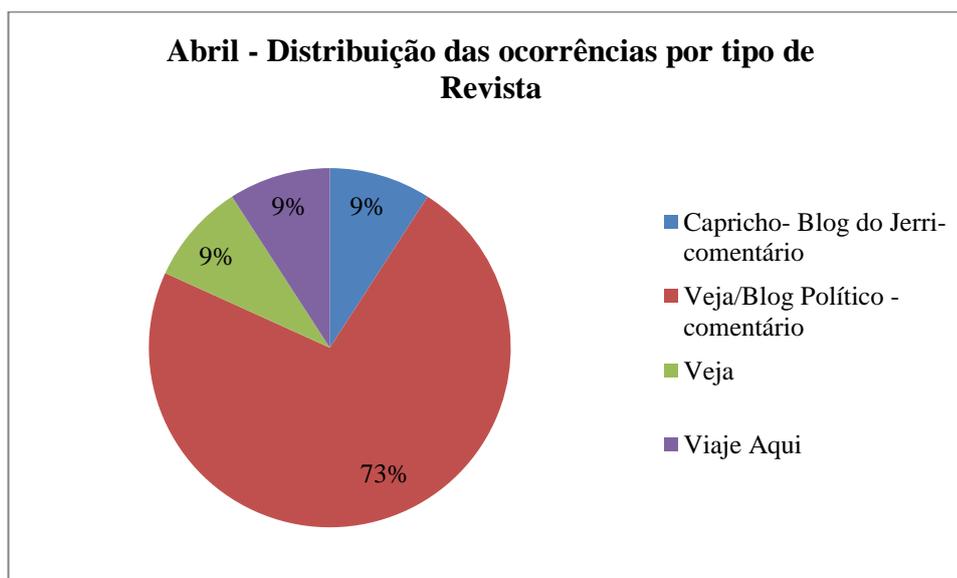
O gráfico 7 ilustra a proporção referente a cada domínio:



**Gráfico 7: Distribuição dos domínios- Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE)**

#### 5.7.2.1 Abril

Apesar de o Bloco ATÉ QUE PARA X ter sido comparativamente numeroso, a contribuição do domínio Abril foi muito pouco expressiva, contrariando as expectativas. Houve apenas onze ocorrências, distribuídas entre os grupos ATÉ QUE PARA QUEM, ATÉ QUE PARA UM e ATÉ QUE PARA UMA. Essas ocorrências se distribuíram entre os seguintes tipos:

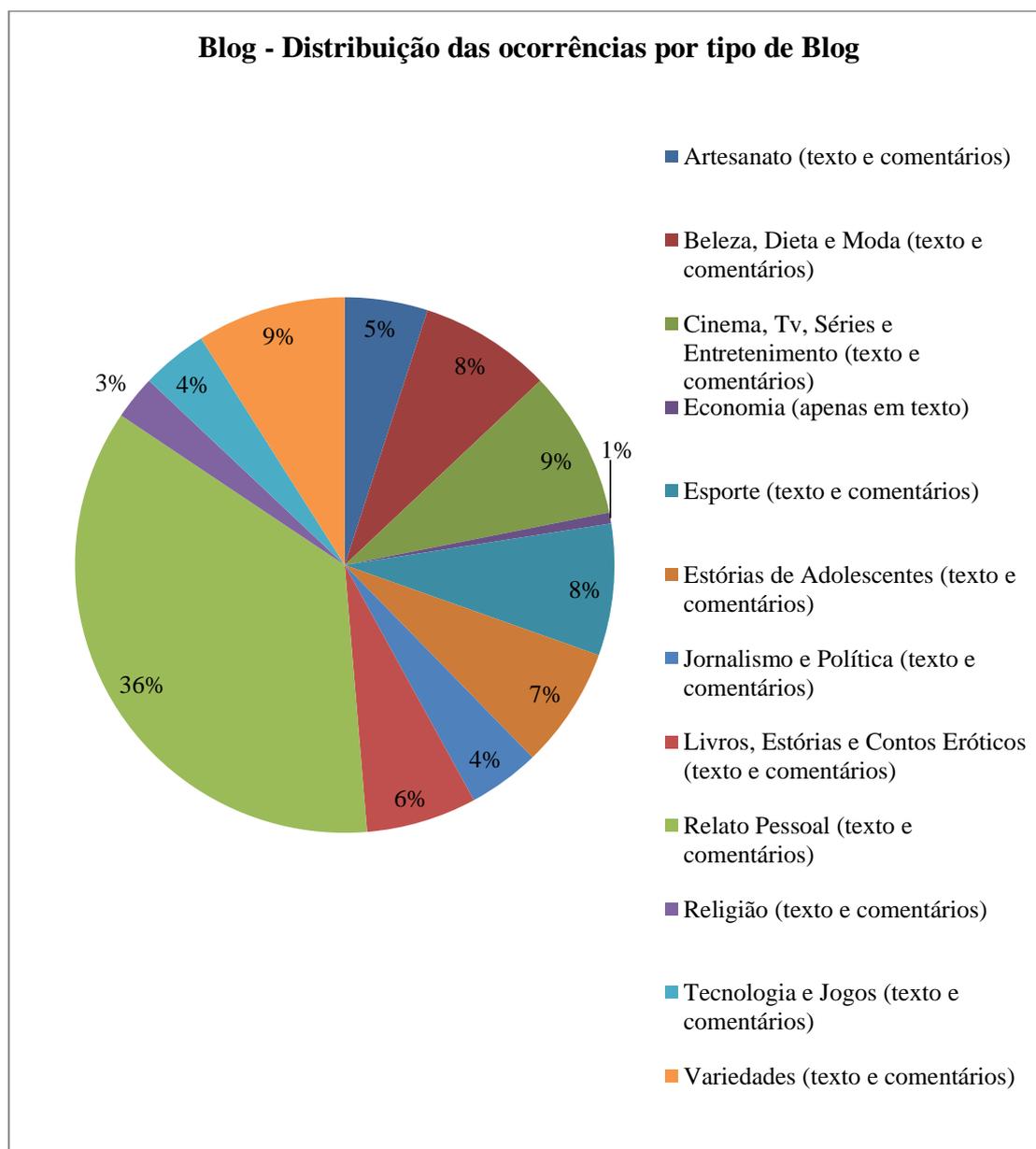


**Gráfico 8: Distribuição por Revista no domínio Abril – Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE)**

Os dados do domínio Abril deste bloco, apesar de serem um pouco mais numerosos que os dados do Abril no bloco PARA X, tiveram pouca variedade de ambientes de ocorrência da construção concessivo-comparativa. Isso porque, novamente, a maioria das ocorrências se concentrou nos blogs políticos da revista Veja, especificamente nas seções de comentários dos assinantes. A especificação dos blogs políticos neste bloco está no Apêndice 2 deste trabalho.

### 5.7.2.2 Blog

Com 293 ocorrências totais, representando 76,1% dos resultados, Blog foi o domínio que mais contribuiu com a formação do banco de dados do bloco ATÉ QUE PARA X, muito provavelmente devido ao caráter altamente eclético desse domínio. Em relação aos tipos de blogs, houve grande diversidade, conforme percebemos no gráfico a seguir:

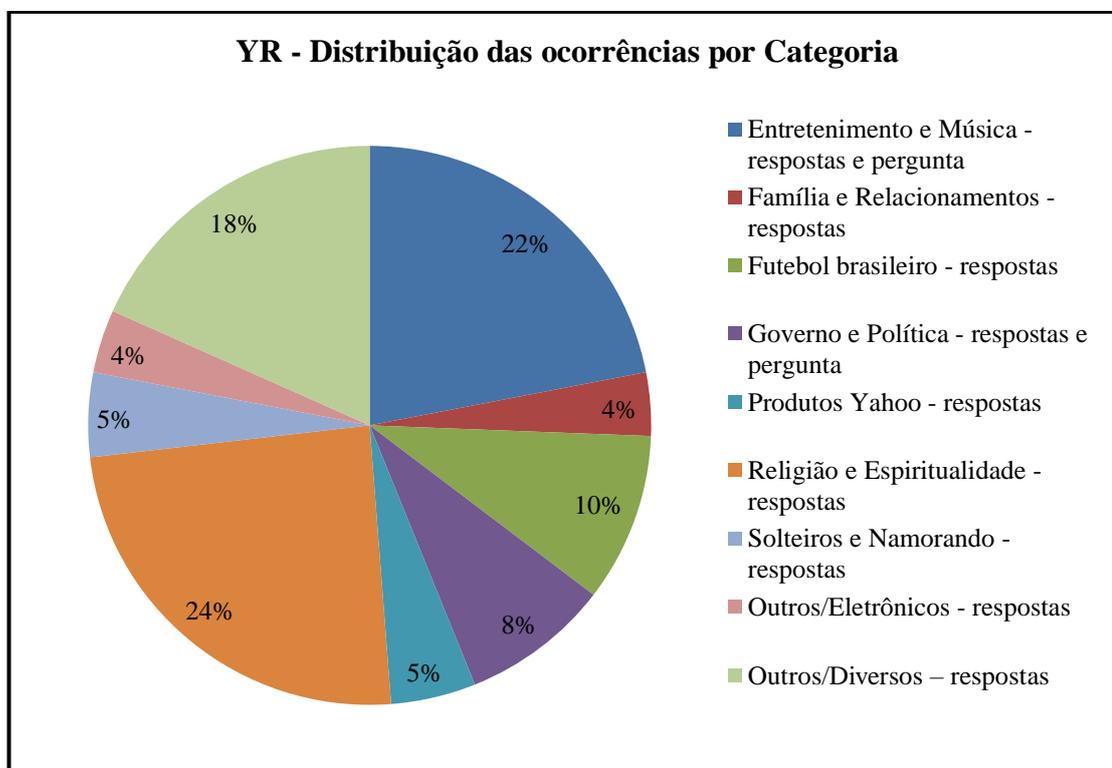


**Gráfico 9: Distribuição por tipo no domínio Blog – Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE)**

Exceto “Economia”, os demais tipos tiveram contribuições consideráveis, com destaque a: “Beleza, Dieta e Moda”, “Cinema, TV, Séries e Entretenimento”, “Esporte” e “Variedades”. No entanto, o tipo mais frequente, com 36% dos casos, foi “Relato Pessoal”. Isso corrobora a noção ainda basilar de blogs como diários virtuais, de estilo fortemente pessoal e íntimo. Devido à limitação de espaço para a apresentação do gráfico, agrupamos as ocorrências produzidas nos textos e as produzidas nos comentários. No Apêndice 2, entretanto, é possível visualizar o detalhamento.

### 5.7.2.3 YR

O domínio YR teve uma contribuição relativamente satisfatória, com 81 resultados. A distribuição das ocorrências foi bastante variada e pode ser vista no gráfico a seguir:



**Gráfico 10: Distribuição por categoria no domínio YR – Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE)**

Também em relação ao Domínio YR, devido à limitação de espaço para a apresentação do gráfico, agrupamos as ocorrências produzidas nas perguntas e as produzidas nas respostas dos usuários. Agrupamos também, em Outros/Diversos e Outros/Eletrônicos, as categorias com poucas ocorrências. Os resultados podem ser vistos de forma detalhada no Apêndice 2.

As categorias “Religião e Espiritualidade” e “Entretenimento e Música” foram as mais numerosas. Esta última segue um estilo de enquetes, no formato de pergunta e resposta. Elencamos alguns exemplos de perguntas da categoria “Entretenimento e Música” que estão no nosso banco de dados, em (99):

- (99) a. Alguém aqui ainda gosta do Sérgio Malandro?  
 b. O q vc acha de Jô Soares??  
 c. O que acha da Paris hilton???  
 d. Algum roqueiro aki coleciona cds?

A categoria “Religião e Espiritualidade” não assume propriamente o caráter de um espaço para perguntas e respostas. É mais voltada para críticas e provocações entre cristãos e ateus, em que o tom jocoso e de deboche parece prevalecer. Ilustramos algumas das perguntas em (100):

- (100) a. Olá, como é que vai o seu "amiguinho imaginário" chamado Deus?  
 b. A Globo bem que poderia organizar cultos evangélicos na casa do BBB!?  
 c. Irmãos é irmãs vcs sabiam que os ateus São?  
 d. Vc tem um fanat...digo crente favorito?

Todas as perguntas, associadas às respectivas categorias, podem ser vistas no Anexo 1, em que listamos todas as ocorrências coletadas na internet.

## 5.8 Relação das ocorrências quanto à autoria

Os três domínios com os quais lidamos são locais em que a produção escrita é altamente participativa. Nesses espaços, os escritores – tanto jornalistas (do domínio Abril), como os que, em potencial, são amadores (dos domínios Blog e YR) – produzem seus textos e contam com a colaboração dos leitores. Nesta seção, ilustramos o local onde as ocorrências aparecem, em relação à autoria.

### 5.8.1 Bloco PARA X

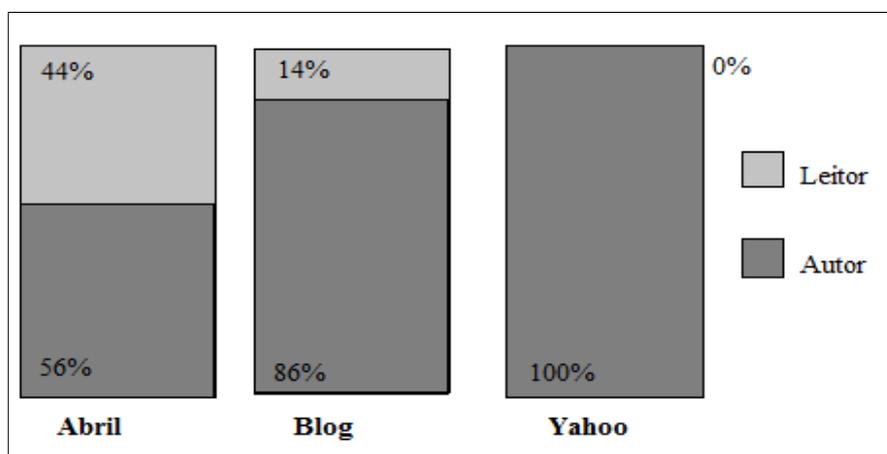
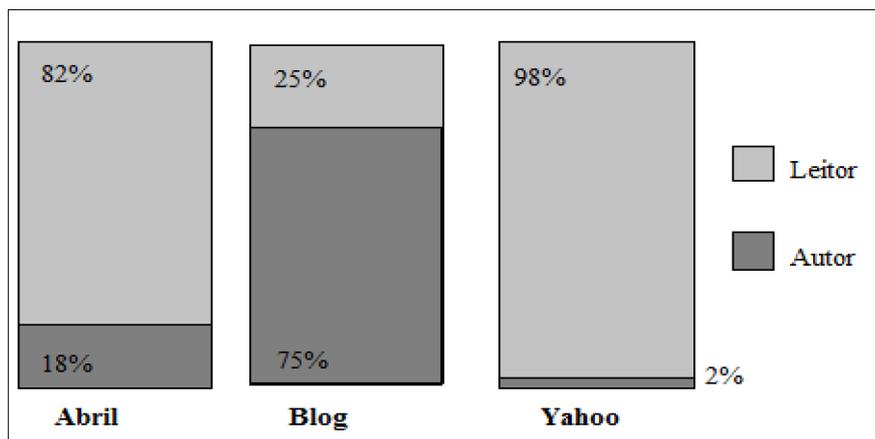


Gráfico 11: Distribuição de autoria- Bloco PARA X (CCCAS)

Em cada banco de dados, há prevalência de ocorrências produzidas pelos respectivos autores dos textos, seja nas revistas, blogs ou nas perguntas do YR.

### 5.8.2 Bloco ATÉ QUE PARA X



**Gráfico 12: Distribuição de autoria- Bloco ATÉ QUE PARA X (CCCAE)**

No Bloco ATÉ QUE PARA X, a discrepância é bastante evidente na relação de autoria, em todos os domínios. No domínio Abril, as ocorrências são principalmente produzidas pelos leitores (dos blogs/artigos de opinião e das demais revistas). No YR, as ocorrências foram majoritariamente dos usuários que respondem as perguntas e não dos autores. De modo diferente, nos blogs as ocorrências concentram-se nos próprios textos dos blogueiros. Essa tendência também foi percebida nas ocorrências de blogs do Bloco PARA X.

### 5.9 Abordagem essencialmente sincrônica

Os dados coletados são contemporâneos, majoritariamente de 2012, ano da coleta no Google. O bloco de busca PARA X tem aproximadamente 80% das ocorrências provenientes do ano de 2012, sendo que os 20% restantes se distribuem entre 2009 e 2011. Já o bloco ATÉ QUE PARA X tem 22% de ocorrências em 2012, mas, ao se agruparem as ocorrências de 2009 a 2012, o percentual total é 82%. Os 18% restantes distribuem-se em: 16% de ocorrências entre 2006 e 2008; e 2% de ocorrências entre 2001 e 2005.

Em relação à atualidade da construção nos dados, entendemos que se deve fortemente ao mecanismo de busca disponível, uma vez que, como alternativa *default*, o Google apresenta as ocorrências mais recentes na data da coleta. Devido à grande quantidade de dados que retornavam das buscas, foi esperado um resultado com bastantes ocorrências contemporâneas. Interessante, no entanto, destacar uma ocorrência, de postagem publicada em 2012, mas referente ao arquivo do time Palmeiras, com relato sobre partida célebre

realizada em 09 de dezembro de 1979, no Maracanã, na semifinal do Campeonato Brasileiro, entre Palmeiras e Flamengo.

(101) Até que para um bando de moleques nós nos saímos bem, não?<sup>144</sup> (Pires) (Blog: Apaixona futebol/2012/126<sup>145</sup>)

Em (101), a construção é instanciada na fala reportada de um dos jogadores do Palmeiras, Pires, no vestiário, em entrevista após surpreendente vitória do time por quatro gols a um. Essa ocorrência corrobora a ideia (ainda que não metodologicamente comprovada) de que essa construção ocorre no Português do Brasil pelo menos desde o século XX.

### 5.10 Considerações sobre o empreendimento teórico-metodológico

Detalhamos, neste capítulo, todo o percurso teórico-metodológico que norteou a constituição do nosso banco de dados. É importante ressaltar que, diante de todas as evidências metodológicas discutidas, o uso da internet foi imprescindível para obtermos substância em dados. A falta de acesso a *corpora* efetivamente gigantescos (que evidenciou ser nossa necessidade) impulsionou-nos a executar um trabalho de compilação de dados majoritariamente manual, altamente oneroso, para se tentar suprir as deficiências de nosso banco de dados em relação a *corpora* tratados. A natureza de nossa pesquisa foi outro fator que levou a um tratamento individual de ocorrências.

Descrever esse trajeto foi importante, também, para dimensionar a extensão do processo de busca, tratamento e caracterização dos dados, evidenciando a consolidação de um trabalho ancorado na empiria. Ao final, temos os subsídios para, no próximo capítulo, procedermos às análises dos dados.

---

<sup>144</sup> Transcrevemos as ocorrências tal como foram escritas nos textos originais, respeitando grafia e pontuação usadas pelos falantes, ainda que as ocorrências contenham desvios gramaticais.

<sup>145</sup> Após cada exemplo proveniente dos dados, apresentamos, entre parênteses, quatro especificações da origem do dado: (i) “Abril”, “Blog” ou “YR” para especificar o domínio; (ii) nome da revista, blog ou da categoria (de acordo com o domínio em questão), (iii) o ano de publicação; e, por fim, (iv) o número da ocorrência no Anexo1).

## 6 ASPECTOS ESTRUTURAIS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DA CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA (SIMPLES OU ENFÁTICA<sup>146</sup>): ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, buscamos alinhar o embasamento teórico com os dados da língua em uso, inseridos numa abordagem sensível aos dados. Na seção **6.1**, iniciamos com uma discussão mais abrangente trazendo alguns desdobramentos do processo de obtenção de dados. Em seguida, buscamos legitimar empiricamente nosso objeto como um fenômeno construcional, que licencia uma leitura de concessividade e comparação – o que é tratado na seção **6.2**.

Na seção **6.3**, distinguimos nossos objetos como duas construções relacionadas. Na seção **6.4**, são discutidas as questões sobre a centralidade de configurações. A seção **6.5** contempla as contribuições da abordagem da Semântica de *Frames* (FrameNet); e a seção **6.6**, contribuições do projeto *Constructicon*.

Nas duas seções seguintes, são discutidos aspectos avaliativos das construções: (i) quanto à contribuição da Teoria da Avaliatividade – em **6.7**; e (ii) quanto à variação gradativa da contraexpectativa – em **6.8**. Nas duas próximas seções do capítulo, são tratadas as contribuições da Teoria dos Espaços Mentais: (i) na relação de pressuposição – em **6.9**; e (ii) na relação com o processo de Mesclagem – em **6.10**. Por fim, na seção **6.11**, apresentamos possíveis desdobramentos futuros.

### 6.1 Aspectos gerais de ocorrências dos dois blocos de busca<sup>147</sup>

Nesta seção, são feitos alguns apontamentos gerais que contemplam indistintamente aspectos das ocorrências totais, provenientes dos dois blocos de busca. Ilustramos algumas especificidades das expressões de busca, quanto à formação e ao comportamento sintático-semântico, bem como quanto ao tipo de material circunvizinho.

#### 6.1.1 Dois conjuntos de manifestação da estrutura “(ATÉ QUE) PARA X”

Devido às semelhanças sintático-semânticas, ALGUÉM-QUEM, de um lado, e UM-UMA, de outro, compõem dois **conjuntos** de manifestação da estrutura concessivo-comparativa.

<sup>146</sup> A distinção entre Construção Concessivo-comparativa **Simple**s ou **Enfática** será discutida na seção **6.3**.

<sup>147</sup> Nesta seção, como abordamos apontamentos gerais, utilizaremos a expressão “(ATÉ QUE) PARA X” para abarcar, simultaneamente, os dois blocos de busca: “ATÉ QUE PARA X” e “PARA X”.

Devido às especificidades sintático-semânticas, as expressões desses dois conjuntos exibem certas particularidades entre si.

O **primeiro conjunto** é formado por pronomes pessoais indefinidos, seguidos preferencialmente por um pronome relativo “que” + Sintagma Verbal, ou em raros casos por um adjetivo, – em ALGUÉM –; ou podem ser seguidos por um complemento verbal (Sintagma Verbal) – em QUEM. Vejamos três exemplos:

(102) mas até que para alguém *que viu a morte de tão perto*, ele está bem... (Blog: Boa Vida/ 2011/002)

(103) Até que pra alguém *imaginário* Ele te incomoda bastante, não? (YR: Religião e Espiritualidade/ 2007/007)

(104) Para quem *se diz inocente no estupro da camareira*, fazer acordo e pagar US\$ 6 milhões é um tanto esquisito, né não? (Blog: Maria da Penha/ 2012/ 390)

Grifados em itálico estão os três tipos de estruturas verificadas na composição da contraparte “(ATÉ QUE) PARA ALGUÉM-QUEM”, previstas pelas valências (possibilidades de combinação sintática e semântica) admitas pelos pronomes ALGUÉM e QUEM. Em (102), a extensão “*que viu a morte de tão perto*” é o recurso usado pela autora do blog para descrever um famoso *chef* de cozinha que havia passado por um grave câncer de língua e estava em recuperação de saúde. Em (103), a inclusão do adjetivo “*imaginário*” para formar a extensão ATÉ QUE PARA X é um recurso linguisticamente mais direto usado pelo usuário do YR para referenciar a entidade “Deus” em sua resposta. Em (104), a extensão “*se diz inocente no estupro da camareira*” é usada para particularizar a referência feita ao então ex-chefe do FMI (Fundo Monetário Internacional) em 2012, Dominique Strauss-Kahn, acusado de estupro.

O **segundo conjunto** é formado por artigo indefinido no singular, na forma masculina ou feminina, seguido de Sintagma Nominal também no singular, que pode ser SN simples e individualizado (artigo indefinido + substantivo) ou um sintagma complexo (artigo indefinido + substantivo + complemento). Vejamos as seguintes ocorrências ilustrativas:

(105) Até que para uma *petista* não sou tão má assim, não é, chê? (YR: Ciências Humanas/2007/375)

(106) Até que pra um *lutador de Sumô*, ele esta jogando bem! (YR: Futebol brasileiro/2010/293)

(107) Pra um *jornalista que não entende nada de direito*, até que tá razoável.... (Abril: Veja-Reinaldo Avezedo/ 2012/399)

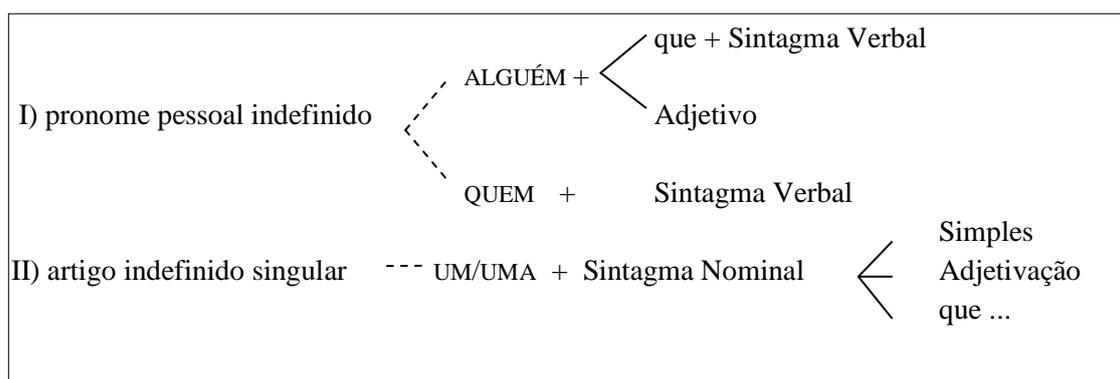
(108)(...) água-quente, TV, Internet, telefone, frigobar... até que para um *2 estrelas* foi razoável! (Blog: Andre Im santos/2009/173)

(109) Porém, até que para uma *“toda de plástico”* está até muito bem feita! (Blog: Paulo Sípoli/2011/305)

Em (105), a avaliação do comentário de Y recai sobre uma concepção generalizada de “petista”, que incorpora, em um único léxico, um conjunto de orientações político-partidárias. Em (106), o léxico “lutador”, devido à sua conotação bastante genérica, é minimamente especificado com o complemento preposicional “de Sumô”. A partir da ativação de conceitos proporcionada pelo termo “lutador de Sumô” (como referência a lutadores com elevado sobrepeso), é possível depreender a crítica em tom jocoso que é feita ao jogador de futebol Ronaldo Fenômeno – famoso jogador da seleção brasileira que, à época da instância da construção, jogava no time Corinthians. Já em (107), a estrutura com o pronome relativo “*que*” é usada para especificar o léxico “jornalista”. O leitor circunscreve um tipo específico de jornalista (que supostamente não entende assuntos da área do Direito) para se referir propriamente ao articulista Reinaldo Azevedo e, a partir daí, promover um acionamento específico de expectativas.

Os casos em (108) e (109) são ilustrações de que a presença de um substantivo, quando omitida por elipse, pode ser depreendida como uma instanciação nula definida (IND). Em (108), o autor André Luís relata sua hospedagem em um **hotel 2 estrelas** em Montreal, no Canadá. Em (109), um leitor comenta sobre a confecção de uma **miniatura de Ferrari** – carro para coleção. Nesses dois casos, a expressão adjetiva é a maior responsável pelo acionamento de expectativas. As expectativas geradas não são em torno de hotel, mas hotel 2 estrelas (pela possível falta de conforto); e não são em torno de uma miniatura de Ferrari, mas uma miniatura feita exclusivamente de plástico (pela possível falta de qualidade estética).

O esquema a seguir ilustra a formação das expressões “(ATÉ QUE) PARA X” nos dois conjuntos:



**Quadro 13: Formação das expressões “(ATÉ QUE) PARA X”**

Exemplos de expressões PARA UM-UMA com Sintagmas Nominais Simples são: “*para um ciclope*”, “*para um gremista*”, “*para uma feminista*”. Os exemplos com Sintagmas Nominais + Adjetivação são as situações em que a qualificação do SN se dá por um Sintagma Adjetival ou Sintagma Preposicional, ambos com função adjuntiva. São os casos: “*para um historiador marxista*”, “*para um primeiro dia*”; “*para uma fã nova*”, “*para um jantar sem reserva*”, “*para um jogador de basquete*”, “*para uma menina de 12 anos*”. Exemplos com Sintagmas Nominais + complemento “que” são os do tipo: “*para um restaurante que tinha todo o nosso preconceito*”, “*para uma pessoa que esperava pouca coisa deste livro*”.

### 6.1.2 Extensão da estrutura presente na contraparte (ATÉ QUE) PARA X

A apresentação em 6.1.1 acerca da constituição dos conjuntos leva-nos à atual discussão sobre o nível de extensão dos sintagmas em X. O X é considerado de **curta extensão** quando for preenchido por apenas um item lexical anexado à expressão de busca. É considerado de **média extensão** nos casos em que há pouco material linguístico envolvido (duas ou três palavras, além da expressão de busca, por exemplo), ou de **longa extensão**, nas situações em que há material mais extenso, que caracterize mais pormenorizadamente o elemento (ATÉ QUE) PARA X.

O X de **longa extensão** ocorreu com maior frequência no conjunto ALGUÉM-QUEM. No bloco “PARA X, Y” (CCCAS), ocorreu em 75% dos casos de ALGUÉM e em 50% dos casos de QUEM. Similarmente, no bloco “ATÉ QUE PARA X, Y” (CCCAE), ocorre em 71% dos casos de ALGUÉM e em 43% dos casos de QUEM. Já no conjunto UM-UMA, a frequência de X de **longa extensão** foi mais variável entre os blocos. No bloco “PARA X, Y” (CCCAS), ocorreu em 66%

dos casos de UM e em 34% de UMA. Já no bloco “ATÉ QUE PARA X, Y” (CCCAE), ocorreu em 15% dos casos de UM e em 13% dos casos de UMA.

Os casos de X de **longa extensão** alinham-se aos processos em que as experiências imediatas e episódicas (que são conceitos menos estáveis do que aqueles já amplamente compartilhados) estruturam espaços mentais, conforme dito por Fauconnier & Turner (2002). O X de **longa extensão** é assinalado em casos como (110) e (111):

(110) - Até que pra quem achava que a força de expressão botar um ovo ia de fato tornar-se realidade há uns minutos atrás, não tô tão mal. (Blog: Cintia disse/2010/057)

(111) Pra um governo que já foi capaz de tornar pobres classe média por decreto, sem que sua renda tivesse aumentado; colocar pessoas nas universidades (sic) através de cotas sem que estas pessoas tenham mérito para nelas entrar, é perfeitamente compreensível (Abril: Veja-Ricardo Setti/ 2012/400)

Em (110), a personagem Maria, dirigindo-se ao anjo Gabriel, numa narrativa de releitura de famoso episódio bíblico, faz referência a si mesma utilizando-se de uma extensa definição, situando-se, inclusive, deiticamente no tempo da narrativa, ao usar “há uns minutos atrás”. Já em (111), num comentário ao texto do articulista Ricardo Setti, o leitor circunscreve sua referência ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) de forma pormenorizada, deslegitimando um processo de ascensão social da população, para consubstanciar sua visão contrária a um tipo de política afirmativa – a política de cotas para negros e estudantes de escolas públicas ingressarem em instituições públicas de ensino superior.

O X de **média extensão** ocorreu em 37% dos casos totais do bloco “PARA X, Y” (CCCAS), distribuindo-se em todas as expressões. No bloco “ATÉ QUE PARA X, Y” (CCCAE), ocorreu em 46% dos casos totais. Sua distribuição aqui foi bastante heterogênea, com nenhuma porcentagem em ALGUÉM, 57% em QUEM, 42% em UM e 43% em UMA. Assim, excetuando-se a expressão ALGUÉM, a representatividade de X de **média extensão** é bastante significativa no bloco “ATÉ QUE PARA X, Y” (CCCAE).

Casos de X de **média extensão** apresentam o membro de X de forma intermediária entre bastante particularizada ou bastante genérica. O tipo de apresentação de X é pouco detalhado, e aproxima-se, por isso, de uma caracterização mais abrangente. O X de **média extensão** é verificado em ocorrências como (112) ou (113):

(112) Até que pra quem assiste naruto vc é espertinho.... (YR: Filosofia Verde/2009/99)

## (113) NU COM A MÃO NO BOLSO

Até que para uma *propaganda japonesa*, a atual campanha publicitária de suplementos Sesamin EX da Suntory está bem "saidinha", não?! (Blog: Muito Japão 2/2012/302)

Em (112), o usuário YR refere-se ao autor da pergunta como “*quem assiste naruto*” (um desenho animado transformado em jogo de videogame, voltado para um público adolescente), fazendo um detalhamento pequeno. Em (113), o esquema conceptual que dispara expectativas em X não é do léxico “*propaganda*” em si, como um artefato publicitário, mas o tipo de propaganda que se espera seja feita no Japão, país mundialmente reconhecido por ter uma população de comportamentos comedidos e discretos. Vejamos a figura 11:



Figura 11: Propaganda japonesa

O fato de a peça publicitária em questão exibir um corpo nu (ainda que não seja nu frontal) contraria expectativas não de uma propaganda (qualquer), mas de uma propaganda japonesa. Tanto (112) como (113) promovem certo recorte no universo a que se refere o X.

O X de **curta extensão** marca o caráter genérico do elemento acionado em (ATÉ QUE) PARA X, reforçando em X o sentido de estereótipo. Essa configuração teve baixíssima representatividade no conjunto ALGUÉM-QUEM, muito provavelmente devido às valências desses pronomes. A expressão ALGUÉM apresentou duas ocorrências dessa configuração no bloco “ATÉ QUE PARA X, Y” (CCCAE) e nenhuma em “PARA X, Y” (CCCAS). A expressão QUEM não teve ocorrência desse tipo em nenhum bloco<sup>148</sup>.

No conjunto UM-UMA, só houve uma ocorrência de X de **curta extensão** – na expressão UMA, no bloco “PARA X, Y” (CCCAS). Já no bloco “ATÉ QUE PARA X, Y” (CCCAE), a frequência de foi de aproximadamente 43% em ambas as expressões. Casos de X de **curta extensão** são verificados em ocorrências como (114) ou (115):

<sup>148</sup> Um possível caso como “(até que) para quem *fuma*, seus dentes são claros” seria um exemplo de X(QUEM) de **curta extensão**. A expressão “*quem fuma*” (independentemente do objeto de fumar) promoveria um tipo de generalização ao máximo do grupo de expectativas acionado pela expressão em X.

(114) Até que pra *alguém dopado* o Dado pensou direitinho. (Blog: coisas de Lily/2009/005)

(115) Pra uma *noitada*...até que você apareceu bem (Blog: Notícias da Cabana/2012/402)

Em (113), a autora do blog faz uma postagem sobre a participação do ator Dado Dolabella em um *reality show*. A construção direciona as expectativas em torno do comportamento esperado para pessoas que estariam sob efeito de alguma droga ou remédio – com comprometimento das habilidades cognitivas: motivo da postulação do fato como uma ocorrência concessivo-comparativa. A compreensão da crítica requer o conhecimento contextual de que o ator havia se envolvido em escândalos midiáticos sobre possível uso de drogas. No entanto, independentemente do conhecimento específico, está envolvido na compreensão o conhecimento compartilhado sobre a relação de causa e efeito do uso de drogas na capacidade de raciocínio.

Em (115), a estrutura PARA X aponta para um estereótipo de *noitada*, como uma situação de divertimento que se estende pelo espaço de tempo de uma noite. A pessoa que escreve o blog faz uma crítica ao exagero cometido pela modelo Lorena Bueri, eleita “Gata do Paulistão” de 2012, em aparecer sem calcinha em uma boate. A crítica se sustenta na relativização sobre cometer um grande excesso em um espaço curto de tempo.

As diferentes extensões de X alinham-se, dessa forma, às diferentes conceptualizações do elemento que irá disparar um *frame* de expectativas. A quebra de expectativas pode partir de situações mais estereotipadas e cristalizadas socialmente (com X de curta ou média extensão) até situações circunscritas e localizadas (com X de longa extensão).

Em linhas gerais, procuramos esboçar características e peculiaridades que posicionam as expressões ALGUÉM-QUEM e UM-UMA como dois conjuntos de expressões, abarcando resultados dos dois blocos de busca indistintamente. A devida distinção será apresentada na seção 6.3. Na seção 6.2, a seguir, apresentamos as características centrais e definidoras de nosso objeto como um tipo de construção concessivo-comparativa.

## 6.2 “(ATÉ QUE) PARA X, Y”: elementos holisticamente empregados para expressar concessividade e comparação

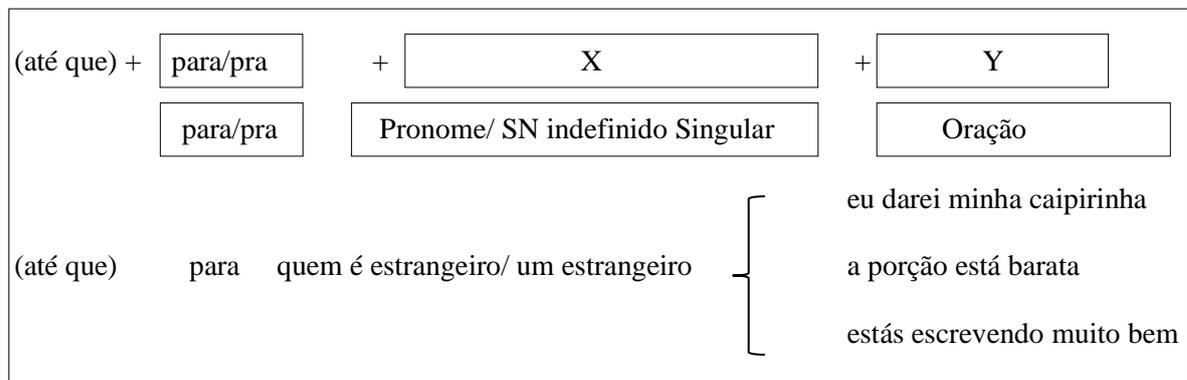
Nesta seção, buscamos evidenciar por quais razões nosso objeto é uma **construção gramatical**, por que é **concessivo**, e por que é **comparativo**.

### 6.2.1- “(ATÉ QUE) PARA X, Y” é um par forma/função

Como um emparelhamento aprendido entre forma e significado, a estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y” apoia-se igualmente nas esferas formal e semântico-pragmática para promover a leitura concessiva e comparativa de forma holística. Isso quer dizer que o caráter construcional de “(ATÉ QUE) PARA X, Y” se estabelece segundo uma hipótese fraca de composicionalidade. É necessária uma forte interação dos polos sintático e semântico-pragmático na concepção construcional do nosso objeto. A esfera formal dessa construção prevê a linearidade desses elementos:

➤ (até que) + para/prá + Pronome/ SN indefinido Singular + Oração

A partir dessa informação, o quadro a seguir ilustra algumas possibilidades de realização da Oração:



**Quadro 14: Possibilidades de realização da Oração**

Apesar de serem todas formadas por Orações, as três opções fornecidas levam a possibilidades de interpretação distintas:

(116) a- (até que) para quem é estrangeiro/ um estrangeiro eu darei minha caipirinha.

(116) b- (até que) para quem é estrangeiro/ um estrangeiro a porção está barata.

(116) c- (até que) para quem é estrangeiro/ um estrangeiro estás escrevendo muito bem.

Em (116-a), o sentido global desse possível enunciado se assemelha a situações de direcionamento ou transferência. Temos aí uma cena de transferência com o verbo “dar”, em que o tema “minha caipirinha” é direcionado ao alvo “estrangeiro”. No caso, o falante possivelmente estipularia o critério “ser estrangeiro” para se receber a famosa bebida brasileira. Em (116-b), a leitura global parece ser a de emissão de opinião, no sentido de que a ideia de preço supostamente baixo de uma porção estaria condicionada à condição de quem é estrangeiro, considerando-se uma relação de câmbio monetário de valorização e desvalorização de moedas. A opção (116-c) ocorre nos dados como (117):

(117) Até que para um estrangeiro estás escrevendo muito bem. (YR: Educação/2010/266)

A ocorrência (117) se desenvolve em comentário de resposta a uma pergunta feita por um usuário que se declara um estrangeiro, em que é estabelecida a relação entre ser estrangeiro e ter conhecimento da língua local. Na pergunta, o autor solicita informações sobre formas de se comunicar com filho, como consta em (118):

(118) Amanheceu, quero meu filho sai da cama , como fala isso?

Oi, por que eu estou perguntando isso ? pq sou estrangeiro, portanto desejo que vocês me ajudam !!! Obrigado!!!

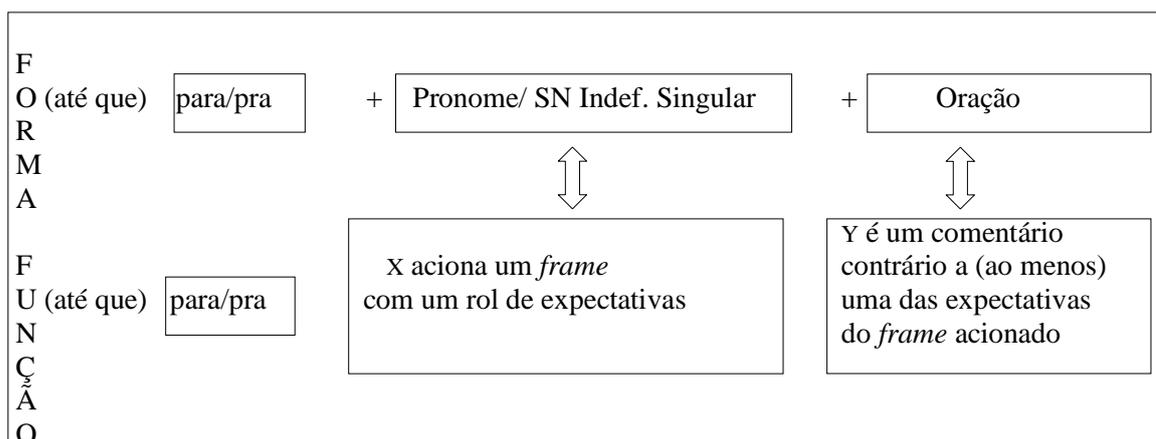
Se sou um pai, quando já amanheceu, eu quero meu filho levantar-se da cama (sai da cama).

Quero que ele desperta!!!!

No Brasil, O que todo mundo costuma falar isso ??  
me ajuda !!! valeu mesmo!!!

O texto, em (118), contém alguns desvios gramaticais, principalmente quanto à conjugação verbal, mas é compreensível. Na resposta, em (117), o usuário inicia seu texto fazendo elogio à habilidade de escrita do estrangeiro, como uma contraexpectativa positiva. O que ocorre em (117) é, portanto, a ativação de expectativas em torno de “estrangeiro”. Essa expectativa se manifesta, na Oração (“*estás escrevendo muito bem*”), na relação com o *frame Spelling\_and\_pronouncing* (soletrar e pronunciar). De fato, não é forçoso imaginarmos que as primeiras produções comunicativas em uma segunda língua contenham desvios.

Assim, uma vez que a configuração formal, por si só, não dá conta de garantir o sentido concessivo-comparativo da construção, há necessidade de ancoragem semântica, que restrinja que a Oração em Y seja um comentário contrário às expectativas acionadas em “(ATÉ QUE) PARA X”. Essa relação é evidenciada no quadro a seguir:



**Quadro 15: Relação forma e função em “(ATÉ QUE) PARA X, Y”**

Assim, o elo entre os polos sintático e semântico-pragmático é estabelecido **dentro** da construção, conforme discutido por Croft & Cruse (2004). Ainda se considerando a interação entre os polos sintático e semântico-pragmático, concorre, para o estabelecimento da construção, o empenho do caráter indefinido da descrição feita na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”.

### 6.2.2 Descrições indefinidas: (restrição da) riqueza de interpretações

Em função do aporte teórico da Gramática das Construções, lidamos com uma premissa básica de que a atribuição de sentido deve levar em conta as pistas linguísticas formais. Uma das pistas linguísticas utilizadas por esta construção é a restrição de que o elemento em “(ATÉ QUE) PARA X” seja linguisticamente marcado como **indefinido** (pronome indefinido ou artigo indefinido + SN). A partir daí, podemos nos inspirar na proposta analítica de Fauconnier (1994) sobre o papel de descrições indefinidas no desdobramento de espaços mentais, aplicando-a aos nossos dados.

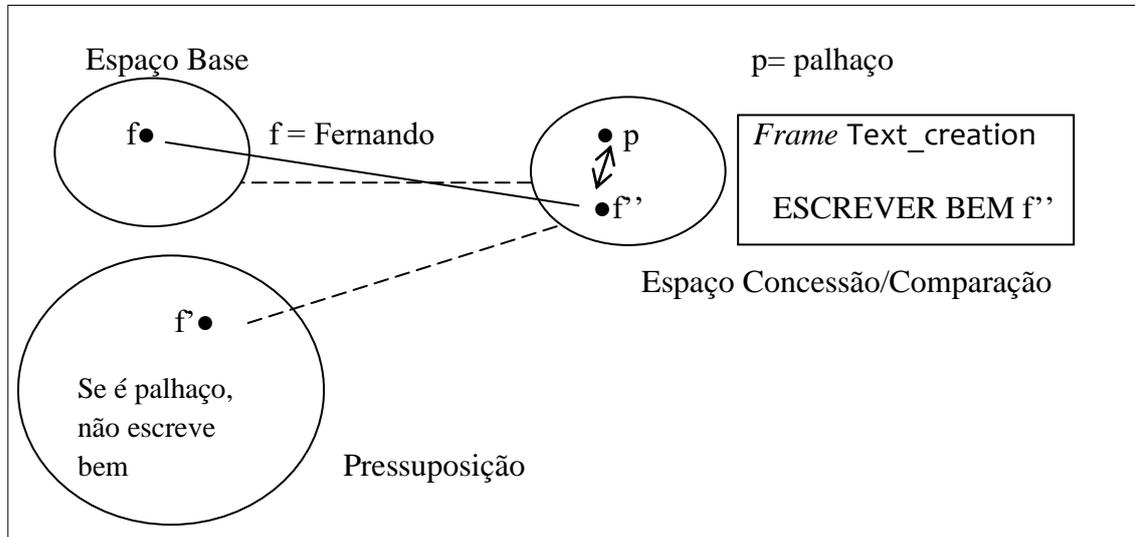
Inicialmente, desconsiderando-se preferências de interpretação que subjazem a leitura, o enunciado a seguir pode apresentar três alternativas para o escopo da expressão indefinida “**um palhaço**”:

(119) Para um palhaço, Fernando escreve bem.

A expressão “um palhaço” faz parte de um construtor de espaço (“para um palhaço”) e pode ser interpretada como um parâmetro de comparação ou, mais forçosamente, como um

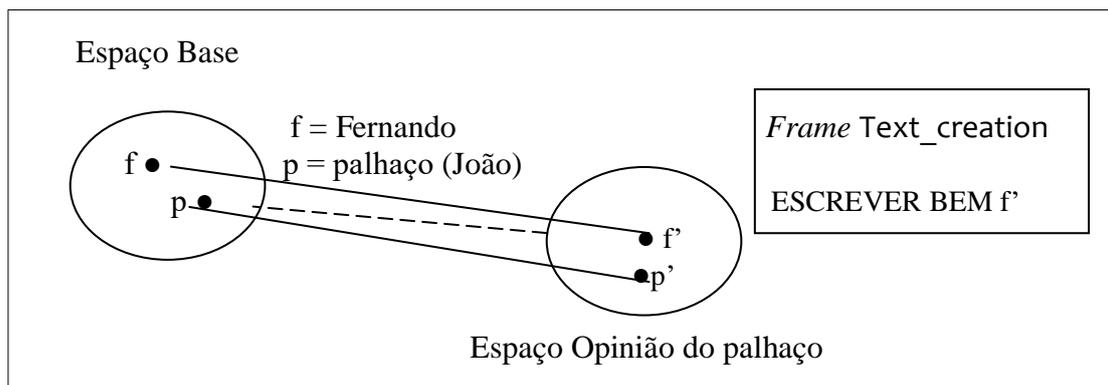
espaço de opinião. Há, ainda, uma terceira interpretação, em que “para um palhaço” possa ser interpretado como um direcional do texto escrito por Fernando (no sentido de que o Fernando tenha escrito algo propositadamente para algum palhaço ler).

A seguir, apresentamos as propostas de diagramas simplificados para essas interpretações:



**Figura 12: Concessivo-comparativa. *Fernando escreve bem, apesar de ser um palhaço***

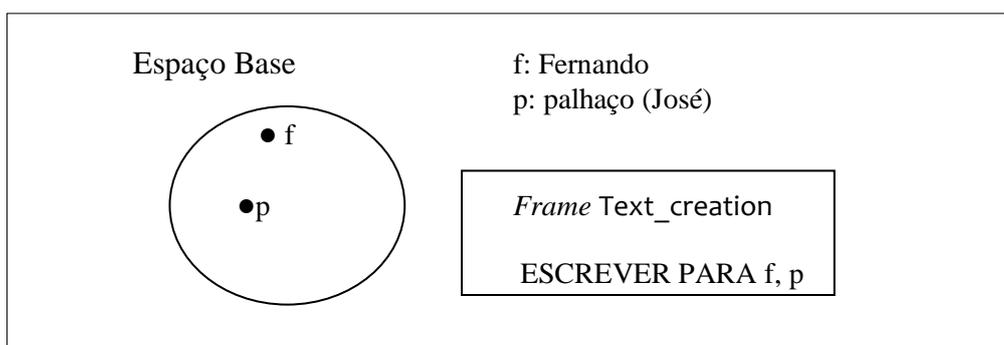
Na interpretação 1 (figura 12), “um palhaço” refere-se ao papel e liga-se a Fernando pela Identidade de papel-valor. Esta é a única interpretação em que Fernando é o valor para o papel palhaço. Nessa construção, é depreendida a pressuposição de causa-e-efeito do tipo “se P, não Q”; o que dá a entender que, dentre as expectativas geradas pelo *frame* Palhaço em relação ao *frame* Text\_creation (criação textual), não é esperado que a pessoa necessariamente escreva bem.



**Figura 13: Opinião. *Na opinião de um palhaço, Fernando escreve bem***

Na interpretação 2 (figura 13), a expressão “um palhaço” comprime papel e valor e, neste caso, é usada para designar o valor, que poderia ser associado uma pessoa chamada João, por exemplo. Nessa interpretação, apenas na opinião de um palhaço (dentre os demais palhaços de alguma companhia) é que o Fernando escreve bem.

Já a interpretação 3 (figura 14) ilustra uma cena básica em que Fernando escreve um texto qualquer para um palhaço (chamado José, por exemplo) ler.



**Figura 14: Direcional.** *Fernando escreve para um palhaço ler*

Essa interpretação pode tornar-se menos forçada se houver alteração da ordem linear canônica “Fernando escreve bem para um palhaço (ler)”, sendo que assim o enunciado fica estabelecido apenas no Espaço Base.

O uso de descrição indefinida proporciona, pois, a possibilidade de três interpretações. Caso a descrição em X for **definida** (“para o palhaço”), as interpretações mais plausíveis serão de **opinião** (cf. figura 13) e **direcional** (cf. figura 14), excluindo-se, em potencial, a interpretação concessivo-comparativa.

Aplicada aos dados reais, em abordagem que prioriza a empiria em detrimento do uso irrestrito de exemplos produzidos pelo linguista, a interpretação para um enunciado próximo ao (119) parece seguir uma preferência de leitura concessivo-comparativa, corroborada pela configuração estrutural sintático-semântica da instância. O enunciado produzido em (119) ocorreu nos dados como (120), a seguir:

(120) O CIDADÃO - Até que para um Palhaço, você escreve legal, dá pra rir um pouco!  
(Blog: Fernando Borghi/ 2011/163)

Em (120), o autor Fernando Borghi, que é um palhaço profissional e ator de teatro, relata no blog um suposto elogio direcionado a ele e feito por uma pessoa, em diálogo ocorrido na fila de um restaurante. O homem teria feito o comentário ao reconhecer o ator e

alegar ter lido e apreciado seus textos no blog. O comentário da pessoa é avaliado pelo autor como “*afirmação um tanto quanto sincera do Cidadão*”, o que permite questionar o fundamento do elogio. Além disso, o autor anuncia no texto que o comentário do indivíduo é considerado o que chamamos de “*verdadeiras pérolas*” – expressão aplicada para casos bizarros, indicando ter sido uma atitude indelicada e descortês da pessoa.

Conforme é apontado por Fauconnier (1994), na língua, não há um conjunto fixo (e estanque) de leituras e sim um potencial gerativo de interpretações. No caso da estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”, parece-nos que as três possibilidades interpretativas apresentadas **não** estão em pé de igualdade. Quanto a isso, é importante ressaltar que, na ocorrência real de (120), a presença de “*até que*” contribui para reforçar a leitura concessivo-comparativa, na medida em que destaca a relação de contraexpectativa, atribuindo-lhe maior notoriedade. Ainda assim, na ocorrência (121), formada pela estrutura “PARA X, Y”, verificamos a preferência pela interpretação concessivo-comparativa:

(121) Ele nem sabe cantar. Acho que pra alguém que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro. (Abril: Veja Radar/2012/389)

Em comentário sobre a carreira do cantor Luan Santana, o leitor produz a construção com o efeito de contrapor dois fatos: “não saber cantar” e “ganhar muito dinheiro”. Refere-se, assim, ao cantor sertanejo como alguém “que não sabe cantar”. A ligação entre “*alguém que não sabe cantar*” e “*ele (Luan Santana)*” é garantida textualmente pelo trecho imediatamente antes da construção: “*Ele nem sabe cantar*”. Isso **reforça** a leitura **concessivo-comparativa**, em que o papel (alguém que não sabe cantar) e o valor (Luan Santana) são ligados no espaço mental concessivo-comparativo, em diagrama semelhante ao da figura 12. Diante dessas pistas textuais, parece forçoso supor uma leitura **direcional**, no sentido de que Luan Santana teria ganhado muito dinheiro para (doá-lo a) alguém que não soubesse cantar. A leitura **de opinião** também parece menos viável: em que, na opinião de alguma pessoa que não soubesse cantar, o Luan Santana teria ganhado muito dinheiro.

### 6.2.3 “(ATÉ QUE) PARA X, Y” é uma construção concessiva

Conforme visto em (120) e (121), a leitura concessiva é preferencialmente acionada, em detrimento de leituras direcionais ou de opinião. A estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y” atua, pois, como uma instrução parcial, convidando o leitor a inferir a relação de concessividade.

Portanto, faz parte das estruturas que passam a ter uma leitura concessiva graças ao enriquecimento pragmático. Corrobora, dessa forma, a teoria da composicionalidade fraca de construções, uma vez que não há item independentemente reconhecido canonicamente como concessivo.

Discutimos, a seguir, alguns dos aspectos caracterizadores das relações concessivas (canônicas), que se aplicam à estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”.

### 6.2.3.1 Coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes

A noção básica de concessividade é a coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes. Na relação **embora p, q**, o conteúdo do segmento **q** é um tipo de situação que ocorre em condições desfavoráveis, acionadas em **p**. Considerando a estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”, temos que em (ATÉ QUE) PARA X é descrito um tipo de situação assimilada como desfavorável à situação descrita em Y, e, portanto, conflitante com esta. A situação trazida por (ATÉ QUE) PARA X é conceptualizada como um obstáculo à realização da situação descrita em Y.

Partindo da premissa de que a construção concessivo-comparativa “(ATÉ QUE) PARA X, Y” concebe a situação de Y como contrária às expectativas ativadas pelo *frame* acionado em X, ilustramos dois pares de proposições, formados pela relação concessiva canônica:

#### I:

- a) Apesar de ser velho, ele tem uma memória/visão/audição/coordenação motora *ótima*.
- b) Apesar de ser velho, ele tem uma memória/visão/audição/coordenação motora *ruim*.

#### II:

- a) Apesar de ser velho, ele tem um corpo *vigoroso/ esbelto*.
- b) Apesar de ser velho, ele tem um corpo *fraco/flácido*.

Aplicando a fórmula de pressuposição subjacente à concessiva “(normalmente) se **p**, então não-**q**”, temos, em **I-a** e em **II-a**, respectivamente:

(122) (normalmente) se é velho, então **não** tem memória visão/audição/coordenação motora *ótima*.

(123) (normalmente) se é velho, então **não** tem um corpo *vigoroso/ esbelto*.

Os enunciados em (122) e (123) consolidam concepções culturais difundidas sobre o processo de envelhecimento nos seres vivos, e suas consequências do ponto de vista biológico-cognitivo e também do ponto de vista estético. As alterações fisiológicas e cognitivas são naturais e esperadas, haja vista o crescente interesse da ciência em avanços no combate ao envelhecimento celular, bem como o empenho da indústria farmacêutica em produzir medicamentos que garantam qualidade de vida.

Aplicando a fórmula de pressuposição subjacente à concessiva “**(normalmente) se p, então não-q**”, temos, em **I-b** e em **II-b**, respectivamente:

(124) (normalmente) se é velho, então **não** tem memória visão/audição/coordenação motora *ruim*.

(125) (normalmente) se é velho, então **não** tem um corpo *fraco/flácido*.

Os enunciados em (124) e (125) soam estranhos justamente por não consolidarem as concepções sobre o processo de envelhecimento. A estranheza pragmática se dá porque o usuário da língua procura, por meio da estrutura concessiva, estabelecer uma relação conflituosa entre **p** e **q**. Uma vez que esse conflito – sugerido pela construção – não se encaixa perfeitamente na realidade, a construção concessiva pode parecer mal empregada.

No quadro a seguir, os enunciados são dispostos entre os que corroboram as expectativas e os que contrariam as expectativas.

	X	Y
<b>Corroboram as expectativas</b>	João é velho	João tem uma memória/visão/audição/coordenação motora <i>ruim</i> .
	João é velho	João tem um corpo <i>fraco/flácido</i> .
<b>Contraria as expectativas</b>	João é velho	João tem uma memória/visão/audição/coordenação motora <i>ótima</i> .
	João é velho	João tem um corpo <i>vigoroso/ esbelto</i> .

**Quadro 16: Situações que corroboram ou contrariam expectativas**

Uma vez que a configuração das concessivas lida com a quebra de expectativas, ilustramos situações reconhecidas e compartilhadas acerca da relação entre idade e habilidades cognitivas – em (126) e (127) – ou entre a idade e padrões de beleza – em (128). Em todas as instâncias, “(ATÉ QUE) PARA X” aciona a ideia de um **homem velho**:

- (126) Eis que o Anão que estava com a sua mãe, diz: “Até que para um **velhinho** ele dirige muito bem!” (Blog: Fermano/2012/191)
- (127) E na mente de Thomas surgiu-lhe uma coisa “Até que para um **velho** dono de bar, ele ainda se lembra da Inglaterra.” (Blog: The Clear ax/2010/134)
- (128) ....mas as fotos dele na revista gay, até que pra um **coroa** ele tá com um corpichu gostoso....(YR: Entretenimento/2006/290)

Em (126), a ocorrência da construção se dá na fala reportada de um menino de 10 anos, chamado de Anão por seu comportamento precoce, a respeito do taxista com o qual fazia uma viagem. O autor da postagem caracteriza o taxista como “*um experiente motorista de praça, beirando uns 75 anos. Cabelos branquinhos, aquela cara de vô que leva a turma para a praia, sabe?*”. O elogio pelo feito pelo menino é apresentado no texto após um trecho que destaca a capacidade de dirigir do taxista, em: “*O motorista entra numa rua, sai em outra fogue do trânsito com destreza*”. A ocorrência corrobora a ideia de que não se espera que um **velhinho** tenha excelente habilidade em dirigir. Também em articulação com a relação entre **idade** e **habilidades cognitivas**, a ocorrência (127) apresenta uma narrativa em que o personagem Thomas emite um pensamento a respeito do dono de um bar, ao verificar que este demonstrava reconhecer a nacionalidade de seu interlocutor a partir de seu sotaque (de falante da Inglaterra). Por meio do uso da construção, fica estabelecido que, na opinião do narrador, reconhecer a nacionalidade pelo sotaque é um fato notável em uma pessoa idosa.

A ocorrência (128) aciona a relação entre **idade** e **padrões de beleza**. Em pergunta, a autora Leninha pede opinião dos usuários sobre o estilista Ronaldo Éesper. Na parte das respostas, a usuária faz elogio ao porte físico do estilista, que havia posado nu em uma revista aos 61 anos de idade. A contraexpectativa é acionada pela relação entre ser **coroa** e ter, ao mesmo tempo, um “*corpichu gostoso*”.

O que percebemos nos casos descritos em (126), (127) e (128) é que a quebra de expectativas em Y aponta para um aspecto dentro do **rol de expectativas** que podem ser geradas pelo lexema usado em “(ATÉ QUE) PARA X”. O lexema “**velho**” (e os termos correlacionados: “velhinho”, “velho dono de bar” e “coroa”) ativa em potencial uma série de expectativas variadas.

A estrutura concessiva, além de lidar com relações motivadas pelas concepções biológicas e cognitivas, também se estabelece levando em conta as relações de caráter sócio-histórico e sociocultural, compartilhadas por comunidades e aprendidas nas relações sociais e interpessoais. Relembremos o caso descrito em (121), aqui retomado como (129):

(129) Ele nem sabe cantar. Acho que pra alguém que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro. (Abril: Veja Radar/2012/389)

O que motiva a relação de contraexpectativa em (129) é uma relação de **causa e efeito** comum no ambiente artístico musical: boa qualidade vocal sustenta a manutenção de sucesso profissional/enriquecimento. Uma vez atingido o sucesso, cantar bem pode manter esse sucesso, propulsionando o artista a receber vários pedidos de trabalho, gravação de álbuns, participação em eventos, shows musicais; e isso leva ao ganho (geralmente rápido) de dinheiro. A contraexpectativa se mantém pela alegada baixa qualidade vocal do cantor em contraposição a seu enriquecimento no cenário artístico.

Podemos considerar que a relação entre expectativa (X) e quebra de expectativa (Y) é endossada por conhecimentos compartilhados: (i) supostas limitações de certas habilidades cognitivas (habilidades motoras para dirigir veículo automotivo, habilidades de memória para reconhecimento) e (ii) supostas limitações estéticas (condicionadas por uma cultura do culto ao corpo) – ambas atreladas à trajetória de envelhecimento físico, natural e previsível nos seres vivos. A relação entre expectativa e quebra de expectativa também é endossada por suposições aprendidas nas relações sociais, como relações de causa e efeito sobre ascensão social e econômica, regras de etiqueta, moralidade, entre outras.

Por outro lado, a configuração da construção parece **impelir** a uma aplicação local e situada de contraexpectativa entre X e Y. Consideremos os casos em (130) e (131):

(130) Até que para um batista você escreve bem .... hhehehehe (Blog: Fundamentos/2008/165)

(131) Melhor resposta: Até que para uma pessoa mal humorada assim, vc gosta de boa música. (YR: GLBT/2011/369)

Em (130), o leitor Tiago, na parte de comentários, refere-se a seu interlocutor e autor da postagem como “um batista” (pessoa pertencente a uma ramificação da religião protestante), e estabelece uma relação de contraexpectativa entre ser batista e escrever bem. Essa relação é construída **localmente** e se apoia na relação entre os interlocutores. A proximidade e o parentesco entre o leitor e o autor do texto são evidenciados pelo trecho de despedida: “*Um forte abraço primo*”. Na postagem, o autor, Maurício, discorre sobre tradições metafísicas do cristianismo e usa argumentos históricos e filosóficos. Na parte de comentário, o leitor Tiago estabelece a relação concessiva usando o parâmetro de ser batista,

e, em seguida, intitula-se presbiteriano, ao assinar como “*Tiago “Presbiteriano” Nogueira*”. Isso suscitaria uma sutil rivalidade entre os diferentes segmentos da religião protestante: batistas e presbiterianos.

A ocorrência (131) ilustra uma situação em que, no Yahoo Respostas, o autor LupascoMéchant comenta que gosta de David Bowie e pergunta aos usuários se eles conhecem o cantor britânico. Na parte de respostas, o usuário refere-se ao seu interlocutor e autor da pergunta como “*uma pessoa mal humorada*”, e comenta, em Y, que este “*gosta de boa música*”. A partir da construção, o usuário marca uma contraexpectativa acionada localmente entre ser mal humorado e ter bom gosto musical.

As ocorrências (130) e (131) são ilustrativas de casos em que o sentido construcional como um todo impulsiona a reanálise de Y e X como situações conflituosas entre si, uma vez que passam a ser **assumidas** como situações conflitantes. Somos levados a inferir que, entre X e Y, há uma incongruência que, *a priori*, não seria necessariamente motivada pelos *frames* dessas duas situações em separado. Por outro lado, *a posteriori*, a incongruência parece se manter no nível discursivo, uma vez que é acionada localmente.

Comum a esses casos relatados é a correferencialidade<sup>149</sup> entre o elemento em Y e o elemento em X: X aciona uma categoria (que, por sua vez, gera um rol de expectativas); Y é um membro (não prototípico) da categoria X, descrito em alguma situação que contraria ao menos um dos quesitos de expectativas. Dessa forma, em casos atípicos como (130) e (131), buscamos a interpretação concessivo-comparativa guiados pelo sentido da construção, impresso holisticamente pela estrutura: “(ATÉ QUE) PARA X<sub>[INDEFINIDO]</sub> Y <sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO QUE CONTÉM ELEMENTO DE X]</sub>”.

### 6.2.3.2 Coocorrência de duas situações assumidas como incompatíveis

Há casos em que a relação concessiva pontua situações não apenas como conflitantes, mas como **incompatíveis**. Assim como é verificada relação de incompatibilidade em algumas construções concessivas canônicas, também o fazemos na construção concessivo-comparativa “(ATÉ QUE) PARA X, Y”. Vejamos a ocorrência a seguir:

(132) Até que para um ex-Arena, ex-PFL e atual Dem, ele tem discernimento. Vcs concordam ? (YR: Governo e Política/ 2010/250)

<sup>149</sup> A proposta de (níveis de) correferencialidade entre X e Y será apresentada na seção 6.4.

Na parte de perguntas da categoria “Governo e Política” do YR, o autor comenta uma declaração do ex-governador do estado de São Paulo, Cláudio Lembo, sobre as eleições presidenciais de 2010, em que: de um lado, a mídia teria José Serra como candidato, e, de outro lado, haveria um movimento social comandado por Lula. Ao final, o autor faz um comentário sobre o discernimento da declaração de Lembo em contraposição às suas filiações partidárias. Utiliza, para tanto, a construção concessivo-comparativa, que situa as duas situações como incompatíveis. Na parte de respostas, o comentário de um usuário reforça o sentido de incompatibilidade da relação “**pertencer a determinado partido político Vs. ter discernimento**”:

(133) Claudio Lembo é um sujeito que nunca entendemos o que faz, pensa e de que lado está.. O fato de estar no Dem, já torna tudo o que fala, além de vago, suspeito..rss (YR: Governo e Política/ 2010)

Ao enunciar que “*estar no Dem*” torna “*suspeito*” o que Lembo fala, o usuário atribui incredibilidade ao político por meio dessa relação, reforçando o sentido dado pelo autor em (132). Assim, a situação descrita em X é concebida como uma situação obstáculo para Y principalmente por duas situações: de ordem sociocultural e de ordem estrutural:

Do ponto de vista **sociocultural**, percebemos que tanto o autor da pergunta como o usuário que emite uma resposta participam de uma ideologia política que coloca em xeque a credibilidade de políticos já filiados a partidos como **Arena** (Aliança Renovadora Nacional – conhecido pelo posicionamento de extrema direita e de apoio ao governo militar durante a ditadura civil-militar no Brasil), **PFL** (Partido da Frente Liberal – extinto partido político geralmente envolvido em escândalos políticos), **DEM** (Democratas – partido de centro-direita surgido em 2007 e proveniente do PFL).

Se fossem usadas expressões como “ele tem **muito** discernimento” ou “ele tem **pouco** discernimento”, a contraexpectativa seria graduada. Dada a informação em absoluto, a relação estabelecida passa a ser de **sim** ou **não**. Abre-se, portanto, uma pressuposição de que o esperado seria de que Lembo **não tivesse discernimento algum** devido ao fato de ser “*ex-Arena, ex-PFL e atual Dem*”. Isso ocorre porque, do ponto de vista **estrutural**, a informação veiculada em Y é dada em absoluto, ou seja, não é quantificada com uso de algum intensificador.

### 6.2.3.3 A relação “geral ⇔ particular” no acionamento de inferências

Segundo a proposta de König (1985), a relação concessiva lida com a noção de frustração da relação de causa e efeito, depreendida como uma pressuposição subjacente, na fórmula: “(normalmente) se *p*, então não-*q*”. Como é também mencionado por Verhagen (2000, 2005), nas relações concessivas (canônicas), o conceptualizador faz um raciocínio inferencial de frustração de causalidade. Tal inferência leva em conta uma relação entre o caso particular descrito na construção e a inferência sobre generalizações. Na construção concessivo-comparativa, a relação inferencial lida com frustração de causalidade no campo **existencial**. Depreende uma relação frustrada entre **ser** ALGUÉM-QUEM-UM-UMA X (para o qual há um rol de expectativas) e, no entanto, participar de uma situação que frustra tais expectativas.

A relação “geral ⇔ particular” é depreendida na instância da construção, uma vez que o uso de pronome/artigo indefinido singular atua como indicativo de genericidade do elemento em “(ATÉ QUE) PARA X”, sinalizando a projeção de inferência.

Essa relação “geral ⇔ particular” é mais facilmente acionada nos casos de X de **média extensão** e X de **curta extensão**, por lidarem com conceptualizações mais generalizadas dos elementos em X. Em (134), por exemplo, “*uma loira*” aciona uma inferência generalizada do que se espera de **qualquer loira**:

(134) Até que pra **uma loira** vc é bem engraxadinha, muito bom. (YR: Piadas e Charadas/2007/385)

No contexto da ocorrência (134), a usuária Susu, que tem como foto de perfil uma boneca loira, havia apresentado, na parte da pergunta, uma lista de ditados populares parodiados em estilo jocoso. Na parte de respostas, a usuária Paolla faz um comentário constituído exclusivamente pela construção. A expressão “*pra uma loira*” aponta para um estereótipo de loira difundido socioculturalmente, numa relação de preconceito que, em última instância, é associado à inteligência (inteligência requerida para fazer piadas engraçadas).

Em (135), que é um caso de X de **longa extensão**, a expressão “PARA X” também aciona inferências de generalizações sobre X. Por outro lado, dada sua longa extensão, “PARA X” também restringe as generalizações para **um tipo específico de pessoa**, apontando diretamente para o interlocutor “*você*”:

- (135) Anônimo, vc não concorda que pra **uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação como você** vir até o meu blog e basicamente dizer que eu não gosto de piercing pq SOU GORDA é, no mínimo, completamente tosco e infantil da sua parte? (Blog: Cintia disse/2012/403)

Em (135), a autora Cintia aponta especificamente para o leitor anônimo, o que é evidenciado pelo uso de “*como você*” ao final da expressão “PARA X”. A construção se instancia após vários episódios de interação entre a autora e leitor anônimo, e atua como reação da autora do blog a um comentário de insulto feito pelo leitor. Neste caso, as expectativas geradas em “PARA X” giram em torno de generalizações restritas a **uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação**, que qualifica diretamente o elemento de Y (o leitor anônimo). A contraexpectativa é estabelecida na relação: ter (muitas possibilidades de) argumentação Vs. ser infantil.

#### 6.2.4 “(ATÉ QUE) PARA X, Y” é também uma construção comparativa

O sentido básico de comparação acionado nesta construção é o de atribuir valores relativamente a uma classe de comparação, entendida como um padrão norteador da comparação. Conforme discussão apresentada nas subseções 3.6.2 e 3.6.2.1, a comparação implícita (com o item explicitado) é avaliativa no sentido de situar um atributo graduável de um item em determinado nível escalar tomando um padrão como referência. Essa operação perpassa o sentido da construção concessivo-comparativa como um todo, uma vez que o comentário avaliativo de Y (que, geralmente, lida com atributos graduáveis) é relativizado quanto à comparação do elemento citado em Y a um **padrão comparativo** acionado em “(ATÉ QUE) PARA X”. Vejamos a ocorrência (136):

- (136) Até que para um jogo de 1998 os gráficos são muito bons, **principalmente considerando a tecnologia** (sic) da época. (Blog: Jow feel the feeling/2012/174)

Em (136), o autor faz críticas negativas, em vários trechos do texto, em relação à baixa qualidade da estrutura do jogo. A ocorrência da construção inicia um parágrafo a partir do qual o texto passa a destacar aspectos positivos do jogo. É preciso levar em consideração o tempo de produção do jogo, 1998, que é uma época em que os gráficos não tinham alta qualidade. A relativização é reforçada pelo uso de “*principalmente considerando a tecnologia da época*”.

Na ocorrência, estão presentes os três elementos essenciais na comparação, segundo Huang, Shih & Chen (2008): os itens comparativos, os atributos e as variações (graus). Os itens comparativos são “os gráficos [do jogo *Tenchu: The Stealth Assassins*, de 1998]”, como o item avaliado, e “um jogo de 1998”, como o padrão comparativo (generalizado). O atributo a respeito do qual é feita a comparação é a qualidade, acionada pelo adjetivo de uso geral – bom. A variação dos gráficos de jogos na escala de qualidade é ativada pelo intensificador “muito”, que situa o atributo em nível escalar elevado (acima das expectativas estabelecidas pelo padrão comparativo). As expectativas sobre qualidade gráfica de jogos de videogames produzidos antes de meados da década de 2000 são tacitamente baixas.

Outro aspecto da comparação implícita, discutido por Kennedy (s/d), é a postulação de que o item comparado (usando o recurso de comparação implícita) tenha um destaque dentro do mesmo contexto em que o padrão comparativo se apresenta. Dessa forma, subentende-se, pelo uso da construção, que o jogo *Tenchu: The Stealth Assassins* seja **necessariamente superior** em qualidade de gráficos se comparado a outros jogos de 1998.

### 6.2.5 As contrapartes X e Y

Apresentamos um resumo de cada contraparte envolvida nas construções concessivo-comparativas de estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”:

- (ATÉ QUE) PARA X [Sintagma Indefinido Singular] → contraparte que dispara um *frame* que gera um rol de expectativas em potencial. Estabelece um elemento de comparação, considerado um padrão comparativo. Aciona um grupo (com ideia de plural) a partir de referência linguisticamente codificada no singular (codificado como unidade). Assim, a categoria é acionada a partir da referência a um membro da categoria.
- Y [Oração/comentário contrário às expectativas] → contraparte que consolida uma contraexpectativa referente a algum aspecto dentro do rol de expectativas possivelmente disparadas por X. Aponta para um indivíduo, que é posicionado como um membro mais distante do grupo de expectativas.

### 6.3- Os blocos “PARA X, Y” e “ATÉ QUE PARA X, Y”: duas construções relacionadas

Nesta seção, descrevemos os blocos de busca “PARA X, Y” e “ATÉ QUE PARA X, Y” como duas construções distintas, porém fortemente relacionadas. A premissa construcionista sobre o **princípio de não-sinonímia** prevê que, alterando-se a forma, altera-se necessariamente o sentido (seja no âmbito mais estritamente semântico ou no âmbito semântico-pragmático).

A proximidade entre essas construções é percebida pela forte semelhança entre as configurações. A alteração na estrutura é verificada pela presença, em um dos blocos, da construção “*até que*”, de forte teor argumentativo e com marcação de ênfase. Propomos, pois, classificar as estruturas “PARA X, Y” e “ATÉ QUE PARA X, Y” respectivamente como: Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples (CCCAS) e Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática (CCCAE). São chamadas de construções “antepostas” porque trazem a contraparte “(ATÉ QUE) PARA X” à frente da contraparte Y.

#### 6.3.1 CCCAS e CCCAE

A **Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples (CCCAS)** refere-se aos **dezenove** casos obtidos na busca pelo bloco PARA X. Esse tipo de construção concessivo-comparativa tem a linearidade PARA X, Y, eleita a configuração norteadora da análise por apresentar a ordem não-canônica entre as estruturas sintaticamente marcadas como “principal” (comentário em Y) e “adjuntiva” (Sintagma Preposicional encabeçado por “PARA X”).

A estrutura apresenta as características ditas basilares do nosso objeto: X como Sintagma de caráter indefinido, disparador de um *frame*, anteposto a Y, que é um comentário contrário que promove quebra de expectativas. Esta construção é qualificada como Simples em oposição à nomenclatura atribuída à configuração que incorpora a construção “*até que*”. A ocorrência (137) é ilustrativa da CCCAS:

- (137) Katy Perry está acostumada a todo tipo de infantilidades. Mas, **para alguém que se apresenta ao lado de gente fantasiada de cupcakes, a cantora ficou bem constrangida com uma “surpresa” feita pela equipe do programa Mais Você, da Globo**, em entrevista exibida nesta terça-feira e gravada na segunda, no Rio de Janeiro. (Abril: Veja/2012/386)

Em (137), a contraparte PARA X aciona expectativas circunscritas para Katy Perry, como uma cantora infantil e irreverente, motivadas por conhecimentos tácitos sobre comportamento social e artístico. Apresentar-se “*ao lado de gente fantasiada de cupcakes*” caracteriza a cantora na categoria de artistas infantilizados. Dessa categoria de artistas não se espera constrangimento em interagir com um boneco de pelúcia em um programa televisivo. A “*surpresa*” mencionada em Y refere-se ao convite feito para que a cantora desse um beijo no personagem Louro José. Assim, utilizando a pressuposição subjacente proposta por König (1985), temos:

(138) (*Normalmente*) *se* se apresenta ao lado de gente fantasiada de cupcake, *então não* fica constrangida com uma “surpresa” feita pela equipe do *Mais Você*.

Dessa forma, o jornalista usa a construção para criticar a cantora Katy Perry, sinalizando haver inconsistência entre o constrangimento da cantora em beijar o papagaio de pelúcia, uma vez que a própria cantora teria demonstrado atitudes infantis e irreverentes em seus vídeos.

A **Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática (CCCAE)** é referente aos **385** casos obtidos na busca pelo bloco ATÉ QUE PARA X. Por seu estatuto de relevância na obtenção dos dados e, conseqüentemente, na possibilidade de gerar hipóteses, esta construção tem recebido maior enfoque em nossa análise. Distingue-se da CCCAS pela presença constante da construção “*até que*”. A ocorrência (139) é ilustrativa da CCCAE:

(139) Abraão, Isac... **até que pra um ateu você conhece bem as historinhas da Bíblia...**  
(Blog: Um tripeiro na cidade luz/2009/218)

Em (139), a construção é usada para contrapor duas situações consideradas conflitantes: ser ateu e conhecer as histórias bíblicas. Na postagem, o autor Luís Fonseca relata o episódio de levar seu filho para ser vacinado e compara ao episódio vivido pelo personagem bíblico Abraão, na passagem de sacrifício do filho a Deus, conforme consta no trecho: “*o meu estado de espírito quando levava o Gui a ser vacinado era em tudo semelhante ao de Abrão enquanto subia a colina com o seu filho Isac*”. Na parte de comentários, a leitora Sheila dirige-se ao autor da postagem, supostamente ateu, e faz crítica, ressaltando uma inconsistência entre ser ateu e, ainda assim, conhecer passagens bíblicas. Em resposta ao comentário, o autor afirma: “*E também conheço algumas historinhas da mitologia grega,*

*romana e celta...*”, como forma de desconstruir o estereótipo de ateu<sup>150</sup> acionado pela leitora em sua construção.

Em termos de equivalência semântica, entendemos que a informação expressa nessa instância seria semelhante a uma informação veiculada pela estrutura da CCCAS. Vejamos a adaptação em (140):

(140) Pra um ateu você conhece bem as historinhas da Bíblia.

Em termos da ativação do *frame* (gerador de rol de expectativas sobre ateus) e posterior contraposição de um dos quesitos dentro do rol de expectativas sobre ateus, observa-se essa relação em ambas as estruturas. A informação é a mesma em (139) e em (140). No entanto, pragmaticamente, a estrutura “ATÉ QUE PARA X, Y” marca mais enfaticamente (e anuncia de antemão, com ar de notoriedade) que está sendo assumido um conflito entre X e Y. Assim, de acordo com o princípio da não-sinonímia entre construções, a alteração da forma, entre CCCAS e CCCAE, não parece afetar o polo semântico (informação veiculada), mas afeta o polo pragmático (relevância da informação). Em linhas gerais, a CCCAS marca contraexpectativa. A CCCAE marca, além da contraexpectativa, uma noção de notoriedade e ênfase.

### 6.3.1.1 O papel de partículas enfáticas em CCCAS e CCCAE

Nos dados da CCCAS, não obtivemos ocorrências em que houvesse alguma partícula de ênfase na contraparte PARA X. No entanto, o recurso de ênfase ocorre fortemente na contraparte Y. Treze das dezenove ocorrências continham algum tipo de partícula intensificadora (por exemplo: **bem** constrangida; **muito** dinheiro; **tão** difícil; **completamente** tosco e infantil). Também foi verificada a presença de “*até que*” na contraparte Y de três ocorrências, como a (141), a seguir:

(141) Pra Quem Já Mordeu Um Cachorro Por Comida, **Até Que** Eu Cheguei Longe  
(Blog:/Rap original/ 2009/392)

---

<sup>150</sup> Vale ressaltar que a definição dicionarizada, de que ateu é “**indivíduo que não crê na existência de Deus**” (cf. versão *online* do Dicionário Michaelis), não contempla toda a ativação de conceitos relacionados a um ateu. A visão (ainda que superficial) da leitora Sheila ilustra uma concepção de ateu como pessoa avessa à leitura de textos religiosos. No entanto, muitas vezes tais textos são lidos e estudados com finalidades histórico-filosóficas.

A ocorrência (144) é o título de álbum do *rapper* Emicida, em que o cantor utiliza a estrutura da construção para marcar uma superação de adversidades vividas por ele. As expectativas de sucesso para pessoas que passaram fome são geralmente baixas. O uso, possivelmente figurativo, de “*já mordeu um cachorro por comida*” situa o *rapper* em situação precária. Ao afirmar “*até que cheguei longe*” (como indicativo de sucesso profissional), o autor marca fortemente a discrepância depreendida na relação: extrema pobreza Vs. sucesso. É importante ressaltar que, na postagem do blog, a construção usada por Emicida é parafraseada pelo autor do blog ao final do texto:

(142) Enfim, pra quem já mordeu um cachorro por comida ele **realmente** está indo longe.  
(Blog:/Rap original/ 2009)

Na paráfrase, o autor substitui “*até que*” da ocorrência-base por “*realmente*”, que se assemelha semântico-pragmaticamente ao “*até que*” argumentativo, conforme estudado por Pires & Rocha (2011). Segundo as autoras, “seu sentido [de “*até que*”] poderia ser parafraseado por *realmente* ou *não é que...?*, sem maiores danos de significado” (PIRES & ROCHA, 2011, p. 235) (grifos das autoras). Além de atestar a contribuição de partículas de intensificação, essa instância é também importante por revelar um caso de produtividade da estrutura PARA X, Y.

Nos dados da CCCAE, também foram constatados casos em que a contraparte Y apresentou a construção “*até que*”, mesmo a contraparte ATÉ QUE PARA X já apresentando tal partícula. Vejamos (143):

(143) E **até que**, para quem achava que ia passar o feriadão na clausura, **até que** eu socializei **bastante** nesses dias. (Blog: Cinediário/2009/018)

A ocorrência (143) marca a oposição entre as expectativas de isolamento social no feriado e a socialização efetivamente ocorrida. O autor Ailton Monteiro, que usa suas postagens para comentar filmes por ele assistidos, relata sua socialização no feriado prolongado de sete de setembro. O autor narra ter se encontrado com amigos para assistir ao filme *Os Normais - 2* e, em seguida, sair para se encontrar com outras pessoas e fazer outro programa. A socialização de Ailton é concebida por ele como algo notável: (i) pelo uso da construção CCCAE; (ii) pela inclusão de “*até que*” em Y, como reforço da relação de contraexpectativa; e (iii) pelo uso de intensificador “*bastante*”, que marca o teor de socialização como um valor alto na escala de expectativa de atividades.

A partir de instâncias especialmente como (143), fica clara a interação e a contribuição de vários elementos para o sentido global da estrutura, corroborando a discussão de Dancygier & Sweetser (2005) sobre a dificuldade em se atribuir algum aspecto do significado a um único elemento. Por fim, como observado em (141) e (143), o “*até que*” parece fazer parte das partículas enfáticas e factuais, citadas por König (1985), que atuam na composição de algumas construções concessivas como forma de asseverar a **verdade** das situações e o **contraste** entre elas.

### 6.3.1.2 A composição *até + que* + PARA X, Y

No tratamento das ocorrências que retornaram da busca do bloco ATÉ QUE PARA X, foram observados alguns casos em que a composição “*até + que*” ocorre como parte de complemento verbal (de verbos do dizer e/ou do pensar). As ocorrências (144), (145) e (146) são ilustrativas dessa situação:

- (144) Tá doooooooooooida, que trabalhão...a colcha ficou linda demais e **acho até que pra quem crochitou só a noite foi rápido até demais** (Blog: Jud Artes/2011)
- (145) Não que tenha deixado para lá. absolutamente. **Acredito até que para uma primeira obra, tive a imensa sorte de gostarem, comprarem e promoverem gentilmente em diversas mídias, uma felicidade.** (Blog: Camélia de Pedra/2012)
- (146) Não sou mais virgem e sexo já foi um tabu durante muito tempo pra mim. **Acho até que para uma pessoa que foi molestada quando criança, eu sou alguém muito normal.** (YR: Solteiros e Namorando/ 2010)

Em (144), a leitora Anita marca sua surpresa com a agilidade da produção artesanal da autora, que havia produzido uma colcha de 330 quadrados, considerando-se o pouco tempo dedicado ao trabalho (só à noite). Em (145), a autora de livro, Camille, usa a construção para marcar a contraexpectativa entre divulgar uma obra pela primeira vez e fazer sucesso, e considera-se com sorte pela aceitação do livro em sua primeira participação na Bienal do Livro de São Paulo. Em (146), a usuária do YR produz a construção para marcar contraexpectativa positiva e superação, ao contrapor o fato de ter sido molestada quando criança ao fato de ser, atualmente, “*alguém muito normal*”.

A construção “*até*”, nesses casos, parece ter como escopo os verbos “*acho*” e “*acredito*”, **não** estando intrinsecamente ligada ao “*que*” em formação de uma unidade argumentativa. Diferentemente, em (147), que é uma instância de CCCAE, há a

particularização de duas extensões: *acho* + “*que*” complementizador, de um lado; e a construção CCCAE, de outro:

(147) Já vi algumas meninas dizerem que isso é uma fase do sleeve, **acho que até que** pra quem tem apenas 2 meses e uns dias de operada , tô comendo bem ....mas o problema que tenho vontade de comer somente frutas bem geladinhas (Blog: Fazendo as pazes com a balança/2011/054)

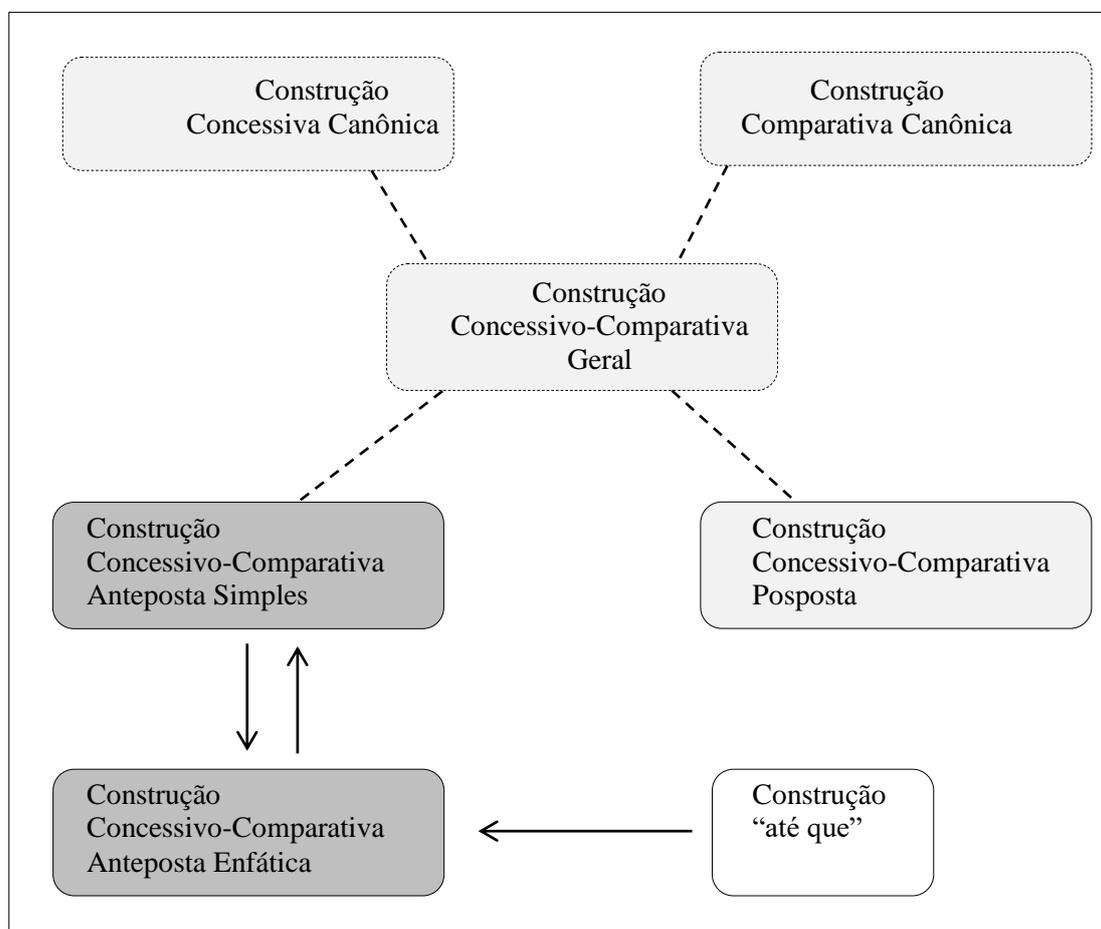
Em (147), a autora pontua a relação entre a expectativa (baixa) de apetite para pessoas recentemente submetidas a uma cirurgia bariátrica e sua situação, afirmando estar se alimentando bem. A estrutura “**até que pra quem**”, neste caso, ocorre como o complemento oracional de “*acho que*”, sinalizando a independência sintática da construção ATÉ QUE PARA X, Y.

Por questões de rigor metodológico, as ocorrências com a estrutura <<verbo (do dizer e/ou pensar) + *até* + “*que*” complementizador + PARA X, Y>>, como (144), (145) e (146), não foram contabilizadas nos dados. Tais ocorrências surgiram na busca pelo bloco “ATÉ QUE PARA X”. No entanto, estruturalmente, são instâncias da CCCAS. Estudos mais pormenorizados poderão apontar se há, de fato, uma relação gradativa, estando essas ocorrências em uma área fronteira entre CCCAS e CCCAE. Essas estruturas do tipo <<verbos do dizer ou pensar + *até* + “*que*” complementizador + PARA X, Y>> (exemplares de CCCAS) podem ser investigadas, inclusive, como possíveis ambientes motivadores para a consolidação de CCCAE.

Poderia ser objetado que há uma única construção (PARA X, Y) que, em momentos oportunos, seria acrescida de uma estrutura (ATÉ QUE) que atuaria tão somente para evidenciar a relação de ênfase. No entanto, os resultados da trajetória metodológica nos mostram não ser esse o caso. A construção “*até que*”, por seu caráter factual, assevera e marca fortemente a estrutura “PARA X, Y” como uma construção concessivo-comparativa, configurando-a como “ATÉ QUE PARA X, Y”. Tal marcação é percebida pela visível discrepância de obtenção de dados. A sequência “PARA X, Y” atuou como CCCAS em 0,4% dos casos coletados na busca Google para as expressões “*para/prá + alguém/quem/um/uma*” (sendo que os sentidos mais frequentemente atribuídos a essa sequência foram os de Direção e de Beneficiário). Diferentemente, a sequência “ATÉ QUE PARA X, Y” configurou-se como uma CCCAE em 48,12% dos casos coletados para as expressões “***até que*** + *para/prá + alguém/quem/um/uma*” – levando-se em consideração, inclusive, o alto índice de repetições de casos potencialmente válidos (atribuídos à classificação Outros).

### 6.3.2 Um panorama da rede construcional concessivo-comparativa

Propomos situar CCCAS e CCCAE, ainda que de forma rudimentar, em um quadro mais amplo, referente a uma rede construcional concessivo-comparativa, mais abrangente e esquemática. A figura 15, a seguir, ilustra a rede construcional proposta:



**Figura 15: Diagrama da rede construcional concessivo-comparativa**

Os balões que representam a Construção Concessiva Canônica, a Construção Comparativa Canônica e a Construção Concessivo-comparativa Geral são marcados com linhas tracejadas para sinalizar o caráter mais genérico e abrangente dessas estruturas.

As linhas tracejadas unindo as construções servem para marcar que, entre elas, podemos depreender uma relação implícita. Segundo o aporte da Gramática das Construções, uma construção motiva outra quando há relação **estrutural e semântica** entre ambas. No caso de haver apenas uma relação semântica (e não formal) entre elas, a motivação é depreendida implicitamente.

É postulado que as Construções Concessivas Canônicas e as Construções Comparativas Canônicas motivam, implicitamente, o tipo de estrutura esquemática compreendido pela Construção Concessivo-comparativa Geral. Os sentidos concessivo e comparativo desta são apreendidos na informação, e não linguisticamente marcados. A CCCG, por sua vez, também motiva implicitamente as estruturas das CCCAS e CCCAE. As construções CCCAS e CCCAE relacionam-se reciprocamente, como é evidenciado no esquema por meio de setas contínuas. Diferenciando as duas construções, está a construção “até que”, que se relaciona com a CCCAE por meio de uma relação semântico-pragmática de ênfase e notoriedade.

Não faz parte do escopo deste trabalho estabelecer qual seja o elo construcional entre a CCCAS e a CCCP, visto que essa proposta requereria maior aprofundamento em ambas as construções. Em nossa abordagem, consideramos a CCCP tão somente como um dos nódulos da rede construcional concessivo-comparativa.

Para fins ilustrativos, apresentamos, a seguir, descrições sucintas das CCCG e CCCP:

### **I- Construção Concessivo-comparativa Geral (CCCG)**

Propomos que essa atribuição seja aplicada aos diversos casos em que a configuração entre uma contraparte PARA X [SN DEFINIDO/INDEFINIDO/NÃO-MARCADO] e uma contraparte Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO] permita uma leitura concessivo-comparativa, de forma mais direta ou minimamente inferida. A CCCG seria, portanto, uma estrutura mais abrangente e esquemática e abarcaria (implicitamente) as estruturas mais específicas de nosso objeto, bem como estruturas semelhantes. As ocorrências listadas a seguir são contempladas na CCCG.

- (148) “Acho que ele (Haddad) é um pouco imodesto. **Para alguém que foi um fracasso como ministro da Educação, haja imodéstia**”, disparou Serra nas visitas a unidades da AMA. (Abril: Exame/ 2012/ 387)
- (149) **Até que para um veículo de “estrito nível intelectual” (segundo um outro blog) a Veja vai bem, obrigado.** (Abril: Veja-Reinaldo Azevedo/ 2006/ 103)
- (150) Assim como o Sérgio D, também acho que **o Marcos Valério está muito tranquilo pra alguém que tem medo de ser morto.** Afinal, nem ele nem ninguém anda com seguranças. (Abril: Ricardo Setti/2012)
- (151) Mas diz aí, **pro primeirão até que não passei vergonha**, né? (Blog: Inventando casa/2011)

As ocorrências (148) e (149) são instâncias da CCCAS e CCCAE, respectivamente. A ocorrência (148) é a fala reportada de José Serra em crítica à falta de modéstia do então candidato à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, em pretender ganhar as eleições apesar de ter sido “*um fracasso como ministro da Educação*” na opinião do também candidato José Serra. Em (149), o leitor emite comentário em que faz um elogio à revista *Veja*, retomando, entre aspas, posicionamento pejorativo sobre a revista veiculado em um blog, para, então, contrapor a ideia em Y.

As ocorrências (150) e (151) são ilustrativas de construções não contempladas em nosso trabalho. Em (150), o leitor contrapõe duas situações conflitantes entre si: tranquilidade (em Y), em contraposição a um sentimento de temor de morte (em PARA X). Em (151), a autora Ana Paula, em sua postagem, relata o processo de ter feito um organizador de bolsa pela primeira vez. A autora, ainda na parte inicial da postagem, usa estrutura bastante semelhante à construção por nós estudada, com uso de Artigo Definido (em detrimento de um Artigo Indefinido) em X. Em oposição, estão duas situações: de um lado (PARA X<sub>[SN DEFINIDO]</sub>), estão expectativas (possivelmente baixas) em torno da qualidade do resultado de um primeiro artefato feito pela autora; de outro (em Y<sub>[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]</sub>), a constatação de que a autora teve êxito, depreendida pela avaliação “*até que não passei vergonha*”. É interessante ressaltar o emprego de “*até que*” em Y, como meio de destacar a ênfase dada à quebra de expectativas.

## II- Construção Concessivo-comparativa Posposta (CCCP)

Refere-se aos 52 casos obtidos na busca pelo bloco PARA X (cf. seção 5.4.3 deste trabalho) – não abordados neste trabalho –, de estrutura Y PARA X. Nesses casos, a contraparte PARA X (adjuntiva), que consolida a leitura concessivo-comparativa, ocorre em posição posterior à chamada oração principal. Atua, assim, como um adendo ao comentário de Y, que é reanalisado como comentário contrário a partir da apreensão holística da estrutura.

A CCCP se assemelha aos casos em que, conforme Neves (1999), a construção atua como um adendo; ou, segundo Verhagen (2005), é enfraquecida. Para Verhagen (2005), considerando as duas contrapartes (principal e concessiva), a posposição do segmento concessivo pode atuar como efeito de retração da afirmação inicial do falante, enfraquecendo o teor argumentativo de alguma forma. A ocorrência (150), retomada como (152), é ilustrativa dessa construção:

(152) Assim como o Sérgio D, também acho que **o Marcos Valério está muito tranquilo pra alguém que tem medo de ser morto**. Afinal, nem ele nem ninguém anda com seguranças. (Abril: Ricardo Setti/2012)

Em (152), após uma matéria do articulista da revista Veja sobre rumores de que Marcos Valério temeria represálias de adversários políticos, o leitor Hélio manifesta sua incredulidade na possibilidade de temor de Marcos Valério, utilizando, para isso, a construção com a configuração Y PARA X. Apesar da alta semelhança dessa estrutura com aquela por nós estudada, seguimos a premissa de não-sinonímia pragmática na relação entre construções. A inversão da ordem entre X e Y traz, certamente, alterações relevantes que carecem de estudo aprofundado, como o desbotamento argumentativo.

### 6.3.3 Os subtipos das CCCAS e CCCAE

Estipulados através do processo de busca de dados, como formas particularizadas para se chegar às construções, os subtipos de cada construção delinearam as configurações das construções. A CCCAS e a CCCAE subdividem-se em quatro subtipos cada uma, a saber:

I- CCCAS-ALGUÉM	↔	CCCAE-ALGUÉM
II- CCCAS-QUEM	↔	CCCAE-QUEM
III- CCCAS-UM	↔	CCCAE-UM
IV- CCCAS-UMA	↔	CCCAE-UMA

Os subtipos CCCAS-ALGUÉM/CCCAE-ALGUÉM, CCCAS-QUEM/CCCAE-QUEM, CCCAS-UM/CCCAE-UM, CCCAS-UMA/CCCAE-UMA apresentam comportamentos muitas vezes distintos. O quadro 17, a seguir, exhibe a diferença quanto ao número de ocorrências obtido em cada subtipo, a preferência de configuração e diferenças ou semelhanças em relação a alguma peculiaridade no uso do subtipo:

SUBTIPO	<i>Exemplo</i>	Qt.	Configuração mais frequente	Peculiaridade de uso
CCCAS-ALGUÉM	<i>Acho que pra alguém que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro.</i> (Abril: Veja/2012/389)	(04)	Prevalece Configuração <b>com</b> correferencialidade <sup>151</sup>	Avaliar figura pública
CCCAE-ALGUÉM	<i>Até que para alguém que defende o comunismo e uma distribuição de renda justa ele é bem capitalista.</i> (YR: Governo e Política/2011/006)	(07)	Prevalece Configuração <b>com</b> correferencialidade	Avaliar figura pública

<sup>151</sup> As diferentes configurações de correferencialidade serão discutidas na seção 6.4.

CCCAS-QUEM	<i>Para quem combatia a "imprensa golpista"...</i> (Blog: Blog do PPS/2012/391)	(06)	Há configurações diversas	Usos diversos
CCCAE-QUEM	<i>Até que pra quem não assiste vc conhece bem os comodos da casa hein!</i> (YR: Religião e Espiritualidade/2010/095)	(92)	Prevalece Configuração <b>com</b> correferencialidade	Aciona sentido de incredulidade
CCCAS-UM	<i>Pra um jornalista que não entende nada de direito, até que tá razoável.</i> (Abril: Veja-Reinaldo/ 2012/399)	(06)	Há configurações diversas	Usos diversos
CCCAE-UM	<i>Até que pra um avô você ainda está em forma, hein, Oswaldo?</i> (Blog: Badarock única/2006/213)	(195)	Prevalece Configuração <b>com</b> correferencialidade	Aciona estereótipos sociais
CCCAS-UMA	<i>Pra uma noitada...até que você apareceu bem</i> (Blog: Notícias Cabana/ 2012/402)	(03)	Há configurações diversas	Usos diversos
CCCAE-UMA	<i>Até que pra uma loira ela tá bem inteligente...</i> (YR: Piadas e Charadas/2010/378)	(91)	Prevalece Configuração <b>com</b> correferencialidade	Aciona estereótipos sociais

**Quadro 17: Relação quantitativa e qualitativa de ocorrências nos subtipos**

No quadro 17, a coluna “Exemplo” serve tão somente para ilustrar o subtipo. A coluna “Qt” apresenta a quantidade total de ocorrências em cada subtipo. A coluna “Configuração mais frequente” ilustra, quando existente, qual a configuração que mais se destaca. Por fim, a coluna “Peculiaridade de uso” assinala algum aspecto de destaque no uso do subtipo.

Como é visto no quadro, em relação à CCCAS, o único subtipo que apresentou padrão foi CCCAS-ALGUÉM, prevalecendo uma configuração **com correferencialidade** e tendo como uso típico a avaliação de figuras públicas. Os subtipos CCCAS-QUEM, CCCAS-UM e CCCAS-UMA têm configurações estruturais diversas e usos diversos. Não foi possível depreender algum aspecto peculiar associado a nenhum desses subtipos, dado o número reduzido de ocorrências de CCCAS.

Na relação CCCAS-ALGUÉM/CCCAE-ALGUÉM, houve um acréscimo mínimo de ocorrências em CCCAE-ALGUÉM (de 04 para 07 ocorrências). Qualitativamente, há uma preferência desse subtipo para avaliar figuras públicas, tanto na CCCAS como na CCCAE. Conforme consta no quadro, são avaliados, respectivamente, o cantor Luan Santana e o político Lula.

Na relação CCCAS-QUEM/CCCAE-QUEM, é aproximadamente 15 vezes maior o número de ocorrências em CCCAE-QUEM (de 06 para 92 ocorrências). A configuração atípica da estrutura (com Y **não imediato**), que consta no quadro como “*Para quem combatia a ‘imprensa golpista’...*”, foi verificada apenas no subtipo CCCAS-QUEM. Houve duas

ocorrências com essa configuração, o que corresponde a 33%. Na CCCAE, aproximadamente 17% das ocorrências do subtipo CCCAE-QUEM parecem imprimir uma postura de incredulidade do falante em relação às situações apresentadas. A relação de conhecer bem os cômodos da casa do *Big Brother* (conhecido *reality-show* da Rede Globo) e afirmar não assistir ao programa é marcada como **não** crível na ocorrência ilustrativa da CCCAE-QUEM.

Na relação CCCAS-UM/CCCAE-UM, é aproximadamente 32 vezes maior o número de ocorrências em CCCAE-UM (de 06 para 195 ocorrências). Enquanto em CCCAS-UM houve considerável proporção de ocorrências **sem correferencialidade** entre X e Y (67%), em CCCAE-UM a proporção foi inversa: 80% das ocorrências foram **com correferencialidade** entre X e Y. Isso se verifica em ocorrências como a que consta no quadro. Outra tendência do subtipo CCCAE-UM é acionar relações entre estereótipos. Em pelo menos 49 ocorrências, há ativação de estereótipos sociais, como se percebe na relação contrapositiva entre ser “*avô*” e ainda estar em forma.

Na relação CCCAS-UMA /CCCAE-UMA, é 30 vezes maior o número de ocorrências em CCCAE-UMA (de 03 para 91 ocorrências). É também alta a proporção de ocorrências **sem correferencialidade** entre X e Y (67%) em CCCAS-UMA. Inversamente, a proporção em CCCAE-UMA é de 77% de ocorrências **com correferencialidade** entre X e Y. Isso se verifica em ocorrências como a que consta no quadro. O subtipo CCCAE-UMA também tende a acionar relações entre estereótipos. Em pelo menos 27 ocorrências, há ativação de estereótipos sociais, como se percebe na relação contrapositiva entre ser “*loira*” e estar inteligente.

#### 6.3.4 Algumas particularidades entre os dois conjuntos de subtipos

Os subtipos CCCAS-ALGUÉM/CCCAE-ALGUÉM e CCCAS-QUEM/CCCAE-QUEM formam um grande conjunto cujas expressões apontam essencialmente para elementos conceptualizados como humanos, com um significativo direcionamento para figuras públicas<sup>152</sup> no subtipo CCCAS/CCCAE-ALGUÉM (por exemplo: figuras artísticas, como Katy Perry, Luan Santana, Dado Dolabella; e políticos, como Lula e Fernando Haddad). A expressão QUEM aponta, de acordo com os dados da CCCAE, preferencialmente para o próprio produtor da instância da construção – o que foi verificado em 53% dos casos.

---

<sup>152</sup> Os diferentes alvos da avaliação na CCCAS e CCCAE foram agrupados em: (a) Autor avalia a si mesmo; (b) Autor avalia seu interlocutor; (c) Autor avalia uma figura pública; (d) Autor avalia uma terceira pessoa; (e) Autor avalia um grupo de pessoas; (f) Autor avalia um personagem fictício; (g) Autor avalia uma entidade ou evento. Na seção **6.8.5**, haverá maior detalhamento.

Entre as 99 ocorrências na CCCAE referentes aos subtipos CCCAE-ALGUÉM e CCCAE-QUEM, a representatividade da expressão QUEM foi fortemente superior a ALGUÉM (92 e 07 ocorrências, respectivamente). Esse aspecto, embora não seja escopo de nossa discussão, sustenta a hipótese de que QUEM seja um pronome pessoal indefinido de uso mais abrangente (do que ALGUÉM), inclusive por exercer inúmeras outras funções sintático-semânticas (como pronome interrogativo, relativo) – o que pode lhe atribuir caráter mais generalizado. Há, nesse aspecto, uma ocorrência peculiar que se destaca nos dados. Vejamos:

(153) domingo, maio 28, 2006

Thoiry

**Até que pra quem nao prometia muito, esse feriado foi bem divertido.**

Fizemos muitas coisas, mas eu vou começar colocando as fotos da “viagem” que fizemos ontem.

Fomos para o Zoo de uma cidade chamada Thoiry, nao é muito longe de Paris, uma hora de carro, mais ou menos. (Blog: Conexão Paris/2006/061)

Em (153), o pronome “*quem*” pode, numa primeira leitura, mais canônica, relacionar-se aos autores da postagem (o casal que passa o feriado prolongado em Thoiry). Outra possibilidade interpretativa é associar “*quem*” ao próprio evento, que, por sua vez, gerava expectativas baixas por envolver uma viagem de curta distância.

Ao relatar um feriado prolongado em Paris, com passeios e visita a zoológico, a autora da postagem elabora a construção de tal forma que “*quem não prometia muito*” possa também se remeter a “*esse feriado* (sic)”. O uso de QUEM para elemento não-humano pode indicar idiomaticidade da expressão “**X**<sub>[entidade não-humana]</sub> **promete**” – usada popularmente para expressar expectativas positivas em relação a eventos<sup>153</sup> – envolvida na instância da construção.

Em relação aos subtipos CCCAE-UM e CCCAE-UMA, as expressões UM e UMA apontam majoritariamente para elementos conceptualizados como humanos (62% e 59% respectivamente, na CCCAE). Em ambas as expressões, aproximadamente 40% foram empregadas para acionar entidades ou eventos, conforme ilustrado em (154) e (155):

(154) Até que pra **uma salada**, essa aí ficou bem gostosinha! (Blog: Temperinhos/2009/361)

<sup>153</sup> Em uma busca informal feita no Google, em 30/04/2016, encontramos expressões como: “*o casamento promete ser cheio de surpresas*” (bolsademulher.com.br); “*Essa viagem promete 90 pessoas a bordo!*” (Facebook); “*A próxima festa promete!*” (Facebook); “*Evento promete emoção em Miguel Pereira*” (tatame.com.br); “*SHOW PROMETE EM VÉSPERA DE FINAL DE ANO*” (bezerroshoje.ne10.uol.com.br). Esses usos, típicos de linguagem coloquial, parecem corroborar a interpretação semântico-pragmática dessa expressão.

(155) Até que para **um final de ano** o meu foi calmo, milagre... (Blog: O sonho se realizando/2009/132)

No contexto da ocorrência (154), a autora da postagem havia comentado ter feito uma salada de rúcula com camarão. Na parte de comentários, o leitor Fábio, em comentário curto, produz a construção para marcar contraexpectativa positiva a respeito do sabor da salada. Essa instância marca a concepção sociocultural de associação entre salada e comida sem sabor agradável. Em (155), a construção lida com o estereótipo de (festas de) final de ano. Há uma relação de quebra de expectativa entre a concepção compartilhada de fim de ano, como um momento agitado, e o final de ano vivido pela autora Taíla.

Entre as 286 ocorrências na CCCAE referentes aos subtipos CCCAE-UM e CCCAE-UMA, a representatividade da expressão UM foi pouco mais que o dobro de UMA (195 e 91 ocorrências, respectivamente). No entanto, devido à forte semelhança sintático-semântica entre “um” e “uma” (ambos pronomes indefinidos, distinguidos pelo gênero), o comportamento desses dois subtipos foi bastante semelhante, inclusive em relação à configuração central da construção, que será discutida na seção **6.4**, a seguir.

#### **6.4 Plausibilidade psicológica da abordagem: Estrutura radial da construção**

A partir de uma análise construcionista ancorada na plausibilidade psicológica da abordagem, podemos incorporar a noção de radialidade para organizar as construções. A estrutura radial das categorias (cf. LAKKOF, 1987) assume que, em posição **central**, situam-se os membros considerados prototípicos (os exemplares típicos), e, na **periferia** da estrutura, estão os membros considerados menos prototípicos na categoria.

Aplicando essa noção para as CCCAS e CCCAE, percebemos que algumas configurações dessas construções exibem efeitos de prototípicidade, enquanto outras configurações assumem um caráter mais periférico e fronteiro. A noção de centralidade, dentro do par CCCAS e CCCAE, está relacionada ao nível de **correferencialidade sintático-semântica** apresentada entre X e o elemento citado em Y.

##### **6.4.1 Níveis de correferencialidade entre X e Y**

Verificamos cinco diferentes tipos de correferencialidade (ou correspondência): divididos entre os que apresentam correferencialidade e os que não apresentam correferencialidade entre X e Y, conforme o quadro a seguir:

Há correferencialidade entre X e Y	Sem correferencialidade entre X e Y
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Correferencialidade direta</li> <li>➤ Correferencialidade indireta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sem-correferencialidade (média)</li> <li>➤ Sem-correferencialidade (alta)</li> <li>➤ Y não imediato</li> </ul>

**Quadro 18: Cinco tipos de nível de correferencialidade entre X e Y**

Dentre os casos de **correferencialidade** entre X e Y, há dois tipos que, somados, correspondem a 58% das ocorrências totais da CCCAS e 83,2% das ocorrências totais da CCCAE.

**1- Correferencialidade direta:** referente a 21% dos casos da CCCAS e a 68,7% dos casos da CCCAE. Contempla as situações em que o elemento X aciona um *frame*, relacionado a uma categoria, e, no comentário de Y, está contido um elemento (indivíduo ou entidade) que é concebido como **um membro menos prototípico da categoria acionada por X**. O elemento em Y pode ser ligado a X por uma relação um-a-um (como SN ou pronome pessoal), ou por um pronome possessivo. São ilustrativos dessa correspondência casos como (121), aqui retomado como (156), da CCCAS; e (157), (158) e (159), da CCCAE. Como forma de destaque gráfico, os elementos referentes a X e o elemento contido em Y estão sublinhados.

(156) Ele nem sabe cantar. Acho que **pra alguem que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro**. Prova que aqui nesse país o talento não faz diferença, o que importa é comprar espaços na TV, em gravadoras e pagar para rádios tocarem sua música. (Abril: Veja/2012/389)

(157) **Até que para quem escreveu de improviso, levando-se em consideração o seu grau de instrução, Lula conseguiu se sair razoavelmente bem**. (Abril: Veja-Augusto Nunes/2011/009)

(158) **Até que pra alguem que ta com saudades da manicure suas unhas** estão super bem feitas! Parece feita em salão! (Blog: Tofu colorido/2011/003)

(159) Esse passo 4 eu li numa revista, pode ser que te ajude bastante!!

Fonte(s): **Até que para um Ignóstico, a minha resposta foi boa kkk'**  
(YR: Religião e Espiritualidade/ 2012/254)

Em todas essas instâncias, observamos a relação direta entre o elemento contido em Y e o elemento disparado em X. Assim, no texto jornalístico em (156), “*ele*” [Luan Santana] liga-se diretamente a “*alguém que não sabe cantar*”, como um membro (não prototípico) do grupo de pessoas que não sabem cantar. No comentário em (157), “*Lula*” compartilha as expectativas de pessoas que escrevem de improviso. No comentário feito em (158), as “*unhas*” bem feitas são ligadas (por meio do possessivo “*suas*”) a Livia (autora da postagem), que, por sua vez, liga-se ao grupo de pessoas que estão há muito tempo sem frequentar manicure. Na resposta dada em (159), o usuário Guilherme liga-se ao grupo de pessoas agnósticas por meio do pronome possessivo “*minha*”.

**2- Correferencialidade indireta:** referente a 37% dos casos de CCCAS e a 14,5% dos casos totais de CCCAE. Contempla as situações em que a relação um-a-um entre o elemento contido em Y e o elemento disparador de *frame* em X é depreendida por **marcas linguísticas** em Y. Há basicamente três tipos:

- 2- (a) o verbo em Y tem forma não conjugada
- 2- (b) Y representa uma parte do elemento de X
- 2- (c) X representa um tipo caracterizado de Y

A **correferencialidade indireta (2-a)** é assinalada nos casos em que, por exemplo, o verbo em Y estiver na forma infinitiva, e, no entanto, for possível depreender que o elemento (não instanciado) que domina semanticamente o verbo seja um membro de X. Essa correspondência é percebida em casos como (135), aqui retomado como (160), e (161):

(160) A Anônimo, vc não concorda que **pra uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação como você vir até o meu blog e basicamente dizer que eu não gosto de piercing pq SOU GORDA é, no mínimo, completamente tosco e infantil da sua parte?** (Blog: Cintia disse/2012/403)

(161) Olá amoresss, **até que pra quem estava sumida, fazer três posts num dia é muita coisa né? rrsrrs Pois bem, é que eu estou fascinada com a Revista Minha Casa!** (Blog: Casal 2010/ 2010/077)

Em (160), a pessoa que vai até o blog dizer que a autora não gosta de *piercing* por ser gorda **é a mesma pessoa** acionada em X pela estrutura “*uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação como você*”. Em (161), a pessoa que faz três posts em um dia **é a mesma pessoa** acionada em X pela estrutura “*quem estava sumida*”. Para exemplificar a situação, propomos que (161) se realizaria como (162) caso fosse explicitado o elemento que comanda o verbo “*fazer*”:

(162) **até que pra quem estava sumida, eu fazer três posts num dia é muita coisa né?**

A **correferencialidade indireta (2-b)** refere-se aos casos de meronímia e é percebida em ocorrências como (163):

(163) **Até que para um capítulo que demorou tanto, ficou bem pequeno o final**, né não, pessoas? (Blog: Jemi Believe in me/2012/109)

Em (163), subentende-se que a autora se refere, em Y, ao final do capítulo de sua narrativa. O quesito “final” faz parte do esquema conceptual de “capítulo” (que, como uma estrutura textual, tem início, meio e fim como partes constitutivas). Assim, embora não se esteja falando exatamente da mesma coisa em X e em Y, percebe-se uma relação intrínseca de parte-todo, que atua como uma correspondência.

A **correferencialidade indireta (2-c)** é percebida em casos como (164):

(164) Sufoco total numa terça feira a noite!rsrs  
**Até que pra um improviso ficou uma gracinha neh!**  
 Espero que Peu tenha super curtido o niver dele... (Blog: Valsa das cores/2012/212)

Em (164), para se referir à festa de aniversário do menino Peu, a leitora Jamile caracteriza a festa como “um improviso”. A festa (inferida como sujeito de “ficou”) é acionada **na condição de ser um** improviso. Uma paráfrase aproximada da ocorrência (164), que deixaria explícita a correferencialidade entre X e Y, seria (165):

(165) **Até que pra uma festa de improviso, a festa do Peu ficou uma gracinha neh!**

Os casos de **sem-correferencialidade** entre X e Y são situações em que não é depreendido (por meio de alguma forma codificada) nenhum tipo de correspondência

sintático-semântica entre X e Y. Para que seja estabelecida a relação concessivo-comparativa, é necessário um processo de inferência ainda mais dependente do contexto sócio-histórico e sociocultural envolvido. Ou seja, é preciso que mobilizemos outros conceitos, relacionados aos que são efetivamente relatados na expressão (ATÉ QUE) PARA X, Y. Dentre os casos sem-correferencialidade entre X e Y, há dois tipos principais que, somados, correspondem a 31,5% das ocorrências totais da CCCAS e 16,5% das ocorrências totais da CCCAE.

**3- Sem-correferencialidade (média):** correspondente a 10,5% dos casos da CCCAS e a 10% dos casos da CCCAE. Contempla as situações em que os elementos em X e Y, apesar de não-correspondentes, relacionam-se a conceitos semânticos próximos. As ocorrências (166) e (167) ilustram esse tipo:

(166) **Até que para um primeiro outdoor o novato** se deu bem, né? Vamos aguardar o que vem por aí! (Blog: All very beautiful/2011/153)

(167) Então pessoas, eis a fotinho tirada hoje às 06:10 da manhã antes de ir trabalhar! **Até que para quem entrou na maré vermelha hoje, a santa protetora das gordinhas aflitas** não foi tão maldosa assim rrsrsr.Brincadeirinha! Mas foi pouco em relação à última segunda-feira, mas acredito que seja por causa do inchaço menstrual.... (Blog:Fabi sereia/2009/021)

Em (166), a autora da postagem divulga que o modelo Patrick Schwarzenegger, de apenas dezessete anos, havia feito sucesso em sua primeira aparição em *outdoor* de divulgação da marca *Hudson Jeans*. Para estabelecer uma relação de contraexpectativa, a autora situa os dois termos “*um primeiro outdoor*” e “*o novato se deu bem*” na estrutura da CCCAE. A combinação desses segmentos, no contexto concessivo-comparativo, faz acionar a inferência de que se trata do primeiro *outdoor* em que Patrick Schwarzenegger aparece. Em (167), para expressar que está fisicamente bem, apesar do inchaço menstrual (anunciado previamente, em X, pela expressão “*entrou na maré vermelha*”), a autora Fabi Sereia aciona uma entidade fictícia – “*santa protetora das gordinhas*”. Ao associar os conceitos “alguém estar inchada” e “haver uma santa bondosa protetora de gordinhas” por meio de uma estrutura concessivo-comparativa, a autora sugere a interpretação de que esses conceitos passem a se relacionar numa relação de quebra de expectativas. Nas ocorrências como (166) e (167), os segmentos em X e Y, isoladamente, não mantêm relações semânticas apriorísticas entre si. É a estrutura concessivo-comparativa, aliada a um empenho inferencial do falante, que faz emergir o sentido *a posteriori* de relação entre os conceitos.

**4- Sem-correferencialidade (alta):** referente a 21% dos casos da CCCAS e a 6,5% dos casos da CCCAE. Contempla as situações em que os elementos em X e Y referem-se a conceitos absolutamente distintos e estão dispostos numa relação de relativização. São casos em que é estabelecida uma adequação de Y exclusivamente ao conceito acionado por X. Esses casos são mais fronteirios e acionam um sentido de conformidade restrita/exclusiva. Ocorre, assim, uma relativização do que é afirmado em Y, sendo o comentário em Y condicionado a X. As ocorrências (168), da CCCAS, (169) e (170), da CCCAE, ilustram esse tipo:

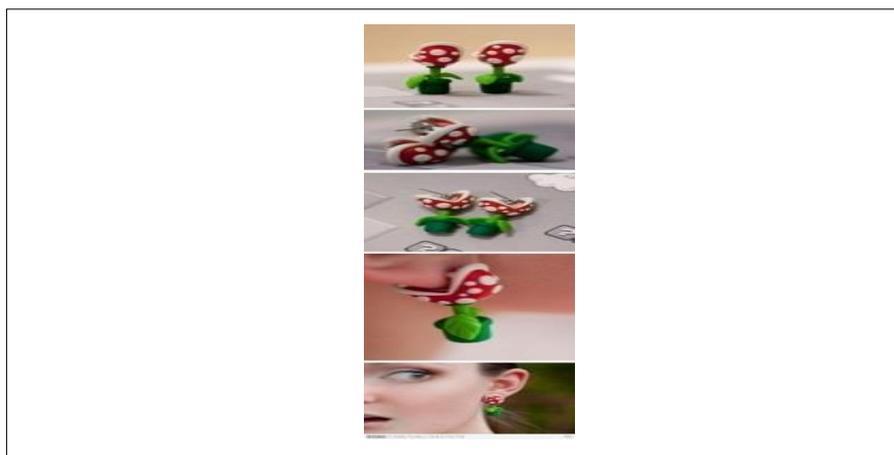
(168) Nessas condições, as partículas ficam com massa 20 vezes maior e vivem dez vezes mais tempo. **Para um múon, tipo de partícula que vive só dois milionésimos de segundo, isso é pouco.** Mas se fosse possível manter um ser humano a essa velocidade ele teoricamente viveria quase 1 000 anos! (Abril: Mundo Estranho/?/397)

(169) **Até que para um jantar sem reserva, em pleno sábado à noite, esperei pouco.** Uns 45 minutos. Acompanhada de um bom vinho, de uma entradinha na medida e de uma conversa para lá de especial. (Abril: Viaje Aqui/2009/102)

(170) Bem bobinho, mas **até que para uma menina\* moderninha e estilosa esse brinco de planta carnívora compõe um look bem cute...**  
\* mas só para as bem novinhas, nada de fazer a garotinha da 3ª idade. Rs (Blog: Fashion Uber/2012/335)

Na ocorrência (168), o jornalista relata experiências de aplicação da Teoria da Relatividade feitas com uma partícula chamada múon, que, em determinadas condições, pode ter a duração de sua existência prolongada dez vezes. No entanto, essa duração (retomada por “isso”) é relativizada levando-se em conta a existência efêmera de tal partícula. Assim, viver dez vezes mais tempo passa a ser considerado pouco, atendidas essas condições. Em (169), uma espera de 45 minutos – relativa ao fato de se tratar de famoso restaurante em São Paulo (Maní), em um dia de semana agitado, e sem reserva – passa a ser considerada pouca.

Em (170), em uma postagem sobre moda, a autora divulga imagens de um brinco em formato de planta carnívora, que parece morder a orelha, conforme é percebido na figura 16, a seguir:



**Figura 16: Brinco em formato de planta carnívora**<sup>154</sup>

A autora relativiza que a composição visual fica bonita (“*compõe um look bem cute*”) exclusivamente se o brinco for utilizado por uma menina jovem. Exclui, portanto, a possibilidade de adequação de uso do brinco por mulheres mais velhas, como consta no final da postagem: “*mas só para as bem novinhas, nada de fazer a garotinha da 3ª idade*”. Esse final da postagem promove a reanálise da instância como uma construção concessivo-comparativa, uma vez que, aprioristicamente, a relação entre “*brinco de planta carnívora*” e “*menina moderninha*” não é conflituosa para se compor um “*look bem cute*”. A noção de contraste se consolida no reforço de adequação do brinco “*só para as bem novinhas*” e não para “*garotinha da 3ª idade*”. Assim, o material circunvizinho é responsável por possivelmente enquadrar a construção como concessivo-comparativa.

Em linhas gerais, (168) e (169) relativizam a noção de duração tempo, respectivamente, na relação entre uma partícula efêmera e um ser humano, e na relação entre satisfação ou insatisfação acerca de uma espera de 45 minutos para um jantar. Já em (170), a noção de adequação de um tipo específico de brinco é restrita à sua utilização por uma menina (adolescente).

**5- Y não imediato:** correspondente a 10,5% dos casos da CCCAS e a 0,3% dos casos da CCCAE. O quinto tipo verificado nos dados refere-se a uma configuração atípica e contempla ocorrências que só apresentaram a contraparte (ATÉ QUE) PARA X (sem a contraparte Y

<sup>154</sup> Disponível em: <<<http://fashionuber.blogspot.com.br/2012/04/uber-cute-brincos-de-planta-carnivora.html>>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

imediatamente), seguida por reticências. As ocorrências (171), da CCCAS, e (172), da CCCAE, são ilustrativas dessa situação:

(171) **Pra quem tem medo de SP...!**

Passamos um feriado excelente em São Paulo. Boa parte porque temos amigos sensacionais que nos deram uma atenção maior do que poderíamos querer. (Blog: Carioca Kids/2012/393)

(172) E ai ?Ate que para **uma caixa de bolo ....**mas ainda estou aqui olhando pra ela e pensando onde utiliza-la ,ela esta muito bonitinha para ficar dentro do armário, não acha?? (Blog: Elis Bianchi/2011/329)

Na ocorrência (171), a instância ocorre no título da postagem, como parte independente, conforme é visto na figura 17, a seguir:



**Figura 17: Título de postagem com a contraparte “PARA X”**

A autora Cristiana inicia o texto e anuncia que ela e sua família estiveram em São Paulo a passeio. Infere-se que a autora se inclui no grupo de pessoas que têm receio de optar por São Paulo como destino de viagem de turismo, pelo uso de “*quem tem medo de SP*”. Ao longo do texto, elenca diversos lugares turísticos que foram visitados. Como essa ocorrência é o título da postagem, provavelmente esse seja um fator propício a uma configuração atípica da construção, que propositalmente deixa em suspenso o complemento da contraparte PARA X, aberto à interpretação do interlocutor.

Em (172), a autora Elisana faz postagem sobre seu trabalho artesanal de reciclagem de uma caixa de bolo, em que relata os passos. Ao final da postagem, por meio do uso da

expressão “ATÉ QUE PARA X...”, a autora parece sugerir que fará uma relação de contraexpectativa, em relação às expectativas baixas de qualidade artesanal para uma caixa de bolo. Em seguida, ao comentar que “*ela está muito bonitinha para ficar dentro do armário*”, como sinal de elogio, a autora sinaliza que as possíveis expectativas contrárias à qualidade do produto foram superadas.

Diante dessa discussão, e tomando como base um **forte** empenho de processos inferenciais apoiados tanto em conhecimentos enciclopédicos como nas pistas textuais e cotextuais, consideramos que (173) e (174) seriam enunciados candidatos a possíveis paráfrases de (171) e (172), respectivamente:

(173) Pra quem tem medo de SP, eu e minha família passamos um feriado excelente em São Paulo.

(174) Até que para uma caixa de bolo, ela está muito bonitinha para ficar dentro do armário.

#### 6.4.2 Centralidade das configurações

Os tipos assinalados como **correferencialidade direta** e **correferencialidade indireta** são considerados os tipos que assinalam a configuração central de CCCAS e CCCAE. Para tanto, adotamos dois critérios: quantitativo e qualitativo.

- a) Em termos **qualitativos**: o sentido concessivo-comparativo da estrutura se **impõe** nos casos de correferencialidade (direta e/ou indireta), uma vez que, nesses casos, o esforço inferencial do falante parece ser menos dependente da mobilização de conhecimentos extralinguísticos para a atribuição de sentido. Buscamos evidenciar esse critério a partir da discussão detalhada das ocorrências ilustrativas de cada tipo de correferencialidade.
- b) Em termos **quantitativos**: os tipos de correferencialidade direta e correferencialidade indireta totalizam, juntos, o maior número de ocorrências tanto em CCCAS como em CCCAE. As configurações consideradas nucleares representam 58% das ocorrências de CCCAS e 83,1% das ocorrências de CCCAE.

As tabelas 17 e 18, a seguir, resumem as ocorrências em termos quantitativos:

CCCAS		
Nível de correferencialidade	Quant. ocorrências	Percentual
1- Correferencialidade direta	<b>04</b>	<b>21%</b>
2- Correferencialidade indireta	<b>07</b>	<b>37%</b>
3- Sem-correferencialidade (média)	02	10,5%
4- Sem-correferencialidade (alta)	04	21%
5- Configuração: X (Y não imediato)	02	10,5%

**Tabela 17: Configurações de correferencialidade em CCCAS**

CCCAE		
Nível de correferencialidade	Quant. ocorrências	Percentual
1- Correferencialidade direta	<b>264</b>	<b>68,6%</b>
2- Correferencialidade indireta	<b>56</b>	<b>14,5%</b>
3- Sem-correferencialidade (média)	39	10%
4- Sem-correferencialidade (alta)	25	6,5%
5- Configuração: X (Y não imediato)	01	0,3%

**Tabela 18: Configurações de correferencialidade em CCCAE**

Como se pode observar pelas tabelas 17 e 18, a distribuição percentual entre as cinco configurações de correferencialidade é regularmente gradativa na CCCAE, e marca mais fortemente a discrepância quantitativa das duas configurações consideradas centrais em relação às demais.

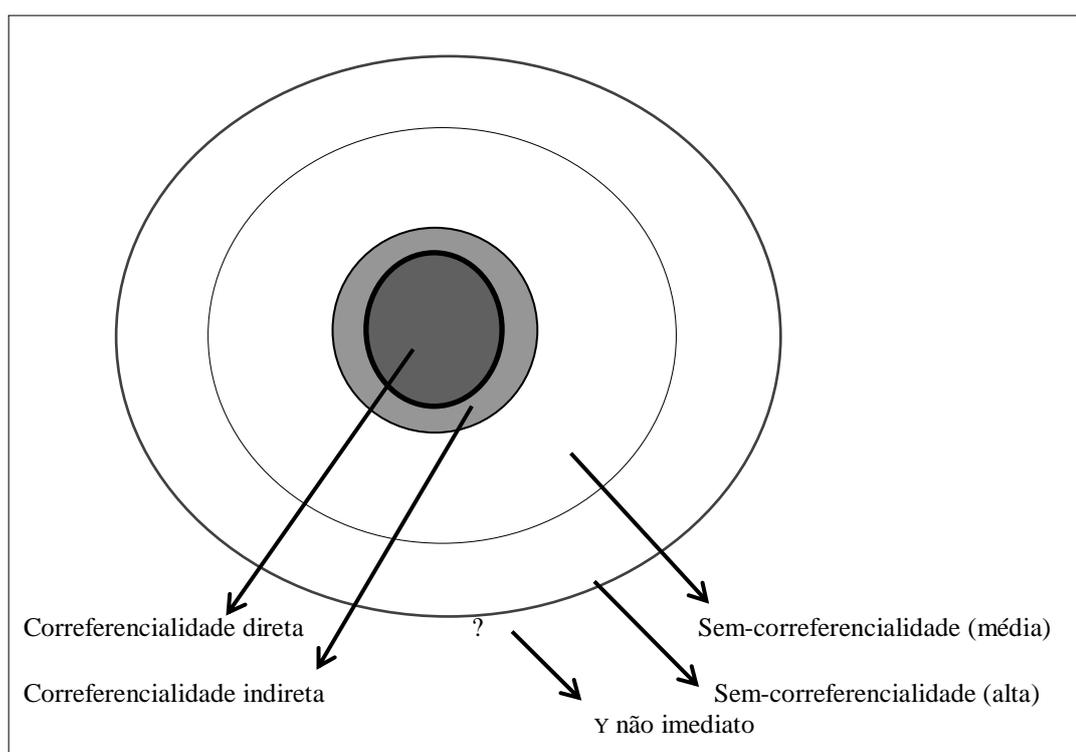
Com foco na manifestação das configurações centrais, apresentamos, no quadro 19, a seguir, os percentuais das configurações centrais em cada subtipo das construções:

Subtipos CCCAS		Subtipos CCCAE
CCCAS-ALGUÉM 04 totais 04 centrais (100%)	↔	CCCAE-ALGUÉM 07 totais 07 centrais (100%)
CCCAS-QUEM 06 totais 04 centrais (67%)	↔	CCCAE-QUEM 92 totais 87 centrais (94%)
CCCAS-UM 06 totais 02 centrais (33%)	↔	CCCAE-UM 195 totais 157 centrais (80%)
CCCAS-UMA 03 totais 01 central (33%)	↔	CCCAE-UMA 91 totais 70 centrais (77%)

**Quadro 19: Porcentagem de configurações centrais nos subtipos das construções**

A porcentagem de configurações centrais é sempre alta (acima de 77%) em todos os subtipos da CCCAE. Isso confere maior homogeneidade na distribuição das configurações centrais na CCCAE. Já na CCCAS, a distribuição das porcentagens é bastante irregular. Por contar com apenas dezenove ocorrências, essa construção não favorece a postulação de generalizações.

Visto que a CCCAE apresenta maior regularidade na distribuição das configurações consideradas centrais, e guiados pelos critérios qualitativo e quantitativo, propomos um diagrama que represente, graficamente, a relação radial de centralidade para essa construção:



**Figura 18: Estrutura radial de centralidade da CCCAE**

No núcleo da construção, estão a **Correferencialidade direta** e a **Correferencialidade indireta**, que situam a estrutura concessivo-comparativa numa relação um-a-um. São consideradas os “bons exemplares” da construção, que geram efeitos de prototipia. Em uma posição intermediária, está a configuração **Sem- correferencialidade (média)**, que relaciona conceitos semanticamente próximos na relação de contraexpectativa.

A configuração **Sem-correferencialidade (alta)** está em posição mais periférica, uma vez que requer maior dependência contextual para acionar a relação de contraexpectativa. Está em posição fronteira com o sentido de conformidade restrita/exclusiva. Por fim, a configuração atípica **Y não imediato**, que, devido à sua estrutura díspar, requer alta

dependência inferencial, está em posição indefinida no diagrama de radialidade. O baixo número obtido de casos desse tipo gera para uma maior dificuldade em se obter um padrão de ocorrências e, conseqüentemente, estabelecer qual seja seu papel nessa estrutura radial.

Tomando a **Correferencialidade direta e/ou indireta** como a configuração central, temos o seguinte esquema:

(175) (ATÉ QUE) PARA X [SN INDEFINIDO- CATEGORIA QUE DISPARA FRAME] Y [SV/ORACÃO- COMENTÁRIO CONTRÁRIO/ELEMENTO EM Y É UM MEMBRO NÃO PROTOTÍPICO DE X]

Assim, em sua configuração mais emblemática, as CCCAS e CCCAE assumem que entre X e Y há (direta ou indiretamente) uma correferencialidade. Y é um membro não prototípico de X, uma vez que se instaura como elemento que quebra as expectativas acionadas pelo *frame* disparado por X.

As diferentes configurações dos níveis de correferencialidade e sem-correferencialidade entre X e Y endossam a proposta de que, em maior ou menor medida, o falante que estrutura seu enunciado como uma CCCAS ou uma CCCAE conta com a cooperação interpretativa de seu interlocutor para depreender, daí, que duas situações estão sendo assumidas como dissonantes. Dessa forma, podemos pensar em um alinhamento com a proposta de Traugott (2004) e Traugott & Dasher (2004), sobre o papel de inferências convidadas pelo falante/produzidor textual para construir sentidos não necessariamente convencionalizados a determinada estrutura. Parece-nos que os tipos marcados por **correferencialidade direta** e **correferencialidade indireta** caminham mais fortemente para a convencionalização do sentido concessivo-comparativo das estruturas “(ATÉ QUE) PARA X, Y”.

### 6.5 Relação entre CCCAS/CCCAE e a evocação de *frames*

A CCCAS e a CCCAE relacionam-se com a evocação de *frame* de pelo menos três maneiras:

- I- O *frame* disparado por X, por meio do membro de categoria;
- II- O *frame* acionado no comentário envolvido em Y, por meio do tipo de cena evocado no comentário avaliativo;
- III- A aproximação com o *frame* Evaluative\_comparison (comparação avaliativa) a partir de uma depreensão holística da estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”.

### 6.5.1 Os *frames*<sup>155</sup> disparados por X

Como tem sido discutido, na estrutura “(ATÉ QUE) PARA X”, o elemento X aponta para uma categoria. Essa categoria, por sua vez, evoca um *frame* com um rol de expectativas em potencial. Considerando nossos dados, são bastante variados os *frames* evocados em X nas diversas ocorrências. Em algumas vezes, são modelos já cristalizados socialmente, em relação a estereótipos.

Tomando a CCCAE como ilustração, uma vez que apresentou maior número de ocorrências, temos, por exemplo, *frames* cristalizados (ao menos em parte da sociedade brasileira), que são acionados por nomes (substantivos), como: “baiano”, “crente”, “ateu”, “velho”, “argentino”, “gay”, “virgem”, “dopado<sup>156</sup>”, “loira”, “negra”. No quadro abaixo, exibimos esses léxicos evocadores de *frame*, na primeira coluna, e, na segunda, uma possível expectativa depreendida a partir do *frame* social e culturalmente ancorado:

Léxico/ <i>frame</i>	Uma expectativa (num rol de expectativas possíveis)
Baiano	<i>É preguiçoso</i>
Crente	<i>É ingênuo</i>
Ateu	<i>Desconhece textos sagrados</i>
Velho	<i>Não tem vigor físico/corporal</i>
Argentino	<i>É presunçoso</i>
Gay	<i>É liberal</i>
Virgem	<i>É sexualmente inexperiente</i>
Dopado	<i>Tem o raciocínio comprometido</i>
Loira	<i>Não é inteligente</i>
Negra	<i>Não é apresentável</i>

**Quadro 20: *Frames* (acionados por léxico simples) e expectativas geradas**

As ocorrências a seguir ilustram os casos, na CCCAE, em que são frustradas as expectativas geradas a partir de *frames* evocados por léxicos simples:

(176) até que pra um baiano vc é bem “agitadinho”!  
(YR: Solteiros e namorando/2011/284)

(177) até que para um crente vc é espertinho  
(YR: Religião e Espiritualidade/2010/259)

<sup>155</sup> A noção de *frame*, aqui, está sendo tomada num sentido amplo, como um conjunto de conceitos organizados capazes de gerar expectativas. A noção de *frame* do ponto de vista mais teórico-metodológico, como a que é empregada no projeto FrameNet, será abordada nas próximas subseções: 6.5.2 e 6.5.3.

<sup>156</sup> Um adjetivo (formado pelo particípio do verbo “dopar-se”), que pode atuar como substantivo.

- (178) Até que pra um Ateu vc é bem entendido de Bíblia!  
(YR: Religião e Espiritualidade/2010/288)
- (179) “Patrício, até que pra um coroa você ta bem enchuto”.  
(Blog: Basquete municipal/2010/230)
- (180) Até que para um Argentino você é modesto... Senna foi o melhor!  
(YR: Automobilismo Fórmula 1/2008/268)
- (181) Até que pra um gay, vc está se saindo bem cabecinha fechada heim . . .  
(YR: Religião e Espiritualidade/2009/286)
- (182) até que pra um virgem ele sabia muita coisa  
(YR: Solteiros e namorando/2008/294)
- (183) Até que pra alguém dopado o Dado pensou direitinho.  
(Blog: Coisas de Lily/2009/005)
- (184) Até que pra uma loira ela tá bem inteligente...  
(YR: Piadas e Charadas/2010/378)
- (185) a mamãe disse que até que para uma negra vc esta bem arrumada(!)  
(Blog: Escreva Lola escreva/2012/303)

Em (176), a leitora Lena Lee demonstra espantar-se com o fato de o autor ser agitado, apesar de ser baiano. Em (177), o leitor Mistério comenta que o autor, apesar de sua religião (crente), é esperto por perceber que ateus ridicularizam os evangélicos. Em (178), a leitora Viviane comenta que o autor, apesar de ser ateu, conhece bem a Bíblia, por citar passagens do antigo testamento. Em (179), Patrício reporta a fala de sua aluna que o considera em forma, pelo uso da gíria “*enchuto*” (sic), apesar de ele ser visto como um coroa pela aluna. Em (180), o leitor Lucas assume que o autor da pergunta seja modesto, apesar de ser argentino, uma vez que este elege Senna como o melhor piloto de Fórmula 1, desconsiderando as rivalidades esportivas entre Brasil e Argentina. Em (181), o leitor Silvio critica o autor Leo por ter pensamentos conservadores sobre expressão de homossexualidade, apesar de ser homossexual. Em (182), leitora Didy se surpreende com seu namorado por ele ter bom desempenho sexual, apesar de ser virgem. Em (183), a autora elogia o ator Dado Dolabella por ter tomado decisão acertada em um programa de competição, apesar de possivelmente estar sob efeito de drogas. Em (184), o leitor elogia o desempenho de uma personagem de piada por ter agido com perspicácia e inteligência, apesar de ser loira. Em (185), a leitora Rebecca reporta um diálogo em que a mãe de um rapaz elogia a boa aparência de sua colega em baile de formatura, apesar de a garota ser negra.

Por outro lado, observamos também *frames* menos cristalizados e mais circunscritos contextualmente. Esses conceitos são socialmente ancorados e construídos textualmente. Esses *frames* são percebidos em Sintagmas Nominais mais complexos, como “uma pessoa que viu a morte de perto”, “uma pessoa que foi incompetente no cargo político ocupado”, “uma pessoa que não gosta de determinada marca de vinho”, “uma pessoa que escreve de improviso”, “uma pessoa que não sabe descrever perfume”, “uma pessoa que nunca trocou fraldas”. No quadro abaixo, também exibimos, na primeira coluna, os SNs complexos evocadores de *frame*; e, na segunda coluna, uma possível expectativa depreendida do *frame* social e culturalmente ancorado e construído textualmente:

SN complexo	Uma expectativa (num rol de expectativas possíveis)
Pessoa que viu a morte de perto	<i>Está debilitada</i>
Pessoa que foi incompetente no cargo político ocupado	<i>Não tem intenções de voto nas eleições</i>
Pessoa que não gosta de determinada marca de vinho	<i>Evita comprar tal vinho</i>
Pessoa que escreve texto de improviso	<i>Não consegue escrever bem</i>
Pessoa que não sabe descrever perfume	<i>Não tem o que escrever</i>
Pessoa que nunca trocou fraldas	<i>Não desempenha bem a tarefa</i>

**Quadro 21: Frames (acionados por SN complexo) e expectativas geradas**

As ocorrências a seguir ilustram os casos, na CCCAE, em que são frustradas as expectativas geradas a partir de *frames* textualmente instaurados por Sintagmas Nominais complexos:

- (186) mas até que para alguém que viu a morte de tão perto, ele está bem... (Batalhou um violentíssimo câncer na língua) (Blog: Boa Vida/2011/002)
- (187) Até que, para alguém que foi um incompetente ministro da educação (?) de um analfabeto moral e funcional, pode-se dizer que tem um percentual bem significativo, semelhante ao da votação de Tiririca! (Blog: Políbio Braga/2012/001)
- (188) Até que pra quem não é muito chegado em um Casillero, você pagou bem, hein? (Blog: Wine Leaks Brasil/2011/062)
- (189) Até que para quem escreveu de improviso, levando-se em consideração o seu grau de instrução, Lula conseguiu se sair razoavelmente bem. (Abril: Veja-Augusto Nunes/2011/009)
- (190) Até que para quem não sabia descrever um perfume eu escrevi bastante (Blog: Modernetes/2011/028)
- (191) até que pra quem nunca fez isso não fomos tão mau (Blog: Imagine directioners/2011/069)

Em (186), a autora alega que o *chef* de cozinha Grant Achatz aparenta-se bem, apesar de ter enfrentado um câncer na língua. Em (187), Fernando Haddad apresenta significativo percentual de intenções de voto para eleições municipais de São Paulo, apesar de ter sido considerado incompetente como ministro, segundo o autor. Em (188), o leitor estranha o fato de o autor da postagem pagar 36 dólares canadenses pelo vinho chileno, apesar de não ser grande apreciador de tal vinho. Em (189), o leitor considera que Lula tenha escrito bem no “Livro de Ouro” da Universidade Federal de Viçosa, apesar de ter sido de improviso. Em (190), a autora faz autocrítica positiva por ter descrito com detalhes o perfume *Amor Amor Tentation*, da Cacharel, apesar de alegar não saber descrever perfume. Em (191), a personagem adolescente se dirige ao personagem Justin Bieber e se surpreende com o fato de eles terem sido relativamente bem sucedidos na tarefa de trocar fraldas de bebês, apesar de serem iniciantes nessa área.

Para fins ilustrativos, o quadro 22, a seguir, exhibe os *frames* mais frequentes acionados por X dentre os subtipos da CCCAE:

SUBTIPO	<i>Frames</i> mais frequentes	Exemplo:	Quant
CCCAE-ALGUÉM	Não há número mínimo de repetição <sup>157</sup> .	—	—
CCCAE-QUEM	Inexperiente/ iniciante	Até que pra <b>quem fez pela primeira vez</b> me saf bem não é? (Blog: By Austriches/2012/058).	12 casos
	Desdenhoso	Enfim, até que pra <b>quem tava sem a menor vontade de encarar o episódio</b> , eu fui surpreendida com algo gostoso de se ver (Blog: Series musica filmes etc/ 2010/071).	11 casos
	Debilitado	acho que até que pra <b>quem tem apenas 2 meses e uns dias de operada</b> , tô comendo bem .... (Blog: Fazendo as pazes com a balança/2011/054).	05 casos
CCCAE-UM	Material/ produção ruim	até que pra <b>um programinha chulo</b> , ele é bem legalzinho. (Blog: Apenas uma sombra/ 2012/235)	24 casos
	Inexperiente/ Iniciante	Até que para <b>um iniciante</b> me saf bem. (Blog: Felicidades pra você/ 2008/188)	20 casos
	Pessoa não inteligente	Até que para <b>um imbecil</b> , você não é tão incompetente. (Blog: Desempregado ocupado/ 2010/154)	12 casos

<sup>157</sup> Dentre as sete ocorrências, cada uma acionava um *frame* distinto. Por exemplo: X: *incompetente, comunista, entidade imaginária*. Não foi possível, portanto, depreender tendências.

	Pessoa pela religião	e até que para <b>um budista passífico</b> o shaka teve uma saída bem tumutuada! (Blog: Cdz comics/2010/164)	11 casos
	Pessoa velha	É John, até que pra <b>um trintão acabado</b> você está bem hoje. (Blog: Notas cinzas/2007/197)	07 casos
CCCAE-UMA	Inexperiente/Iniciante	Até que para <b>uma estreante</b> ela não atuou tão mal. (YR: Celebridades/2007/372)	12 casos
	Material/produção ruim	“Até que para <b>uma 3x4</b> ficou razoável” pensa, toda feliz. (Blog: Comentando/2004/316)	09 casos
	Dia/ocasião	“Até que pra <b>uma segunda feira</b> foi divertido,bjs(;)” (YR: Yahoo Cadê/2012/382)	08 casos

**Quadro 22: Frames mais frequentes em X, separados por subtipos da CCCAE**

### 6.5.2 Os frames disparados por Y

Os comentários feitos em Y, por sua vez, acionam cenas. Fizemos, então, um levantamento de quais as cenas mais frequentemente evocadas no comentário avaliativo em Y, com o objetivo de apontar as tendências de situações avaliativas na relação de contraexpectativa envolvida em CCCAS/CCCAE.

#### 6.5.2.1 O comentário Y em CCCAS

Dentre as 19 ocorrências de CCCAS, duas apresentaram a configuração de Y **não imediato**. A variação de *frames* evocados nas 17 ocorrências restantes (que apresentaram explicitamente o comentário em Y) é alta, com raras repetições de ocorrências evocando um mesmo *frame*. Isso dificultou a postulação de quaisquer generalizações. A tabela 19, a seguir, ilustra os *frames* evocados em Y e a referida quantidade de ocorrências:

<i>Frames</i>	Quant. de <i>frames</i>	Quant. de ocorrências
Competition <sup>158</sup>	01	01
Desirability	01	<b>02</b>
Difficulty	01	01
Earnings_and_losses	01	01
Emotion_directed	01	01
Expectation	01	01

<sup>158</sup> A busca por *frames* considerou os *frames* já disponíveis na plataforma FrameNet (voltada para a lexicografia da língua inglesa). Por ser um veículo em constante expansão, é esperado que não estejam descritos todos os *frames* possíveis. Apesar das limitações já previstas, associações foram, na maioria das vezes, satisfatórias ao nosso propósito.

Justifying	01	01
Make_agreement_on_action	01	01
Mental_property	01	01
Obviousness	01	01
Social_interaction_evaluation	01	<b>02</b>
Stimulus_focus	01	01
Success_or_failure	01	01
Sufficiency	01	01
Using	01	01
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>17</b>

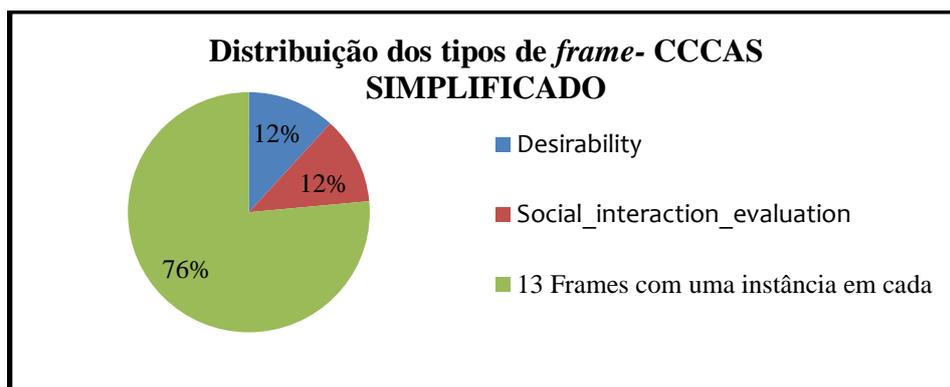
**Tabela 19: Frames acionados nos comentários em Y - CCCAS**

As definições sucintas dos *frames* apresentados encontra-se no Anexo 2, que acompanha este trabalho. Como se vê, as 17 ocorrências da CCCAS se dividiram entre 15 *frames*, formando quase uma relação um-a-um. Com sutil destaque entre os demais, os *frames* Desirability e Social\_interaction\_evaluation se sobressaem. Com isso, foi minimamente mais frequente a avaliação de elementos contidos em Y em termos de desejabilidade e também em termos de interação social, como vemos em (192) e (135), retomado como (193), respectivamente:

(192) Pra um jornalista que não entende nada de direito, **até que tá razoável....** (Abril: Veja- Reinaldo Azevedo/ 2012/399)

(193) Anonimo, vc não concorda que pra uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação como você vir até o meu blog e basicamente dizer que eu não gosto de piercing pq SOU GORDA é, no minimo, **completamente tosco e infantil da sua parte?** (Blog: Cintia disse/ 2012/ 403)

Em (192), o leitor considera que a argumentação de Reinaldo Azevedo sobre julgamento de Roberto Jefferson seja desejável, apesar de se tratar de um jornalista que, *a priori*, não domina a área do Direito. Em (193), a autora Cintia avalia o comportamento social do leitor anônimo, ao chamar seu comportamento de tosco e infantil. Esses *frames* são, por si só, avaliativos, pois evocam julgamento de valor. Cada qual representou 12% das ocorrências, conforme é visto no gráfico 13, a seguir:



**Gráfico 13: Distribuição (simplificada) dos *frames* na CCCAS**

### 6.5.2.2 O comentário Y em CCCAE

Dentre as 385 ocorrências da CCCAE, uma apresentou a configuração de Y **não imediato**. A variação de *frames* evocados nas 384 ocorrências restantes também foi alta. Houve, no entanto, mais repetições de ocorrências evocando um mesmo *frame*. Isso permitiu a postulação de algumas generalizações. A tabela a seguir ilustra os *frames* evocados em Y e a referida quantidade de ocorrências:

<i>Frames</i>	Quant. de <i>frames</i>	Quant. de ocorrências
Aesthetics	01	27
Desirability	01	83
Mental_property	01	13
Social_interaction_evaluation	01	17
Stimulus_focus	01	14
Success_or_failure	01	48
Text_creation	01	18
Expertise	01	09
Familiarity	01	09
Experiencer_focus	01	10
<b>Subtotal</b>	<b>10</b>	<b>248</b>
10 <i>Frames</i> com três, quarto ou seis instâncias em cada	10	37
24 <i>Frames</i> com duas instâncias em cada	24	48
51 <i>Frames</i> com uma instância em cada	51	51
<b>Subtotal</b>	<b>85</b>	<b>136</b>
<b>Total</b>	<b>95</b>	<b>384</b>

**Tabela 20: *Frames* acionados nos comentários em Y - CCCAE**

Na tabela, os **dez frames** com três, quarto ou seis instâncias em cada são (em ordem alfabética): (1) Body\_description\_holistic; (2) Dynamism; (3) Grasp; (4) Ingestion; (5) Mental\_stimulus\_stimulus\_focus (com três instâncias cada); (6) Accomplishment; (7) Competition; (8) Self\_control; (9) Suitability (com quatro instâncias cada); (10) Experiencer\_obj (com seis instâncias cada).

Os **24 frames** com duas instâncias em cada são (em ordem alfabética): (1) Activity\_start; (2) Capability; (3) Come\_together; (4) Conduct; (5) Daring; (6) Existence; (7) Expensiveness; (8) Finish\_competition; (9) Importance; (10) Individual\_history; (11) Intentionally\_create; (12) Judgement; (13) Memory; (14) Mental\_activity; (15) Obviousness; (16) Occupy\_rank; (17) Operate\_vehicle; (18) Performers\_and\_roles; (19) Progress; (20) Questioning; (21) Social\_desirability; (22) Surpassing; (23) Thriving; (24) Usefulness.

Os **51 frames** com uma instância em cada são (em ordem alfabética): (1) Accompaniment; (2) Arriving; (3) Attention\_getting; (4) Being\_active; (5) Causation; (6) Cause\_to\_make\_progress; (7) Cause\_to\_start; (8) Change\_event\_time; (9) Change\_position\_on\_a\_scale; (10) Chemical-sense\_description; (11) Clothing; (12) Commerce\_pay; (13) Communication\_manner; (14) Compatibility; (15) Contacting; (16) Creating; (17) Damaging; (18) Dead\_or\_alive; (19) Departing; (20) Deserving; (21) Detaching; (22) Difficulty; (23) Duration\_relation; (24) Earnings\_and\_losses; (25) Examination; (26) Filling; (27) Getting; (28) Imitating; (29) Intentionally\_act; (30) Level\_of\_force\_resistence; (31) Manipulation; (32) Means; (33) Money; (34) Morality\_evaluation; (35) Observable\_body\_parts; (36) Opinion; (37) Perception\_experience; (38) Popularity; (39) Reasoning; (40) Receiving; (41) Recording; (42) Self\_motion; (43) Size; (44) Social\_event; (45) Speed\_description; (46) Spelling\_and\_pronouncing; (47) Temperature; (48) Using; (49) Visiting; (50) Waiting; (51) Work.

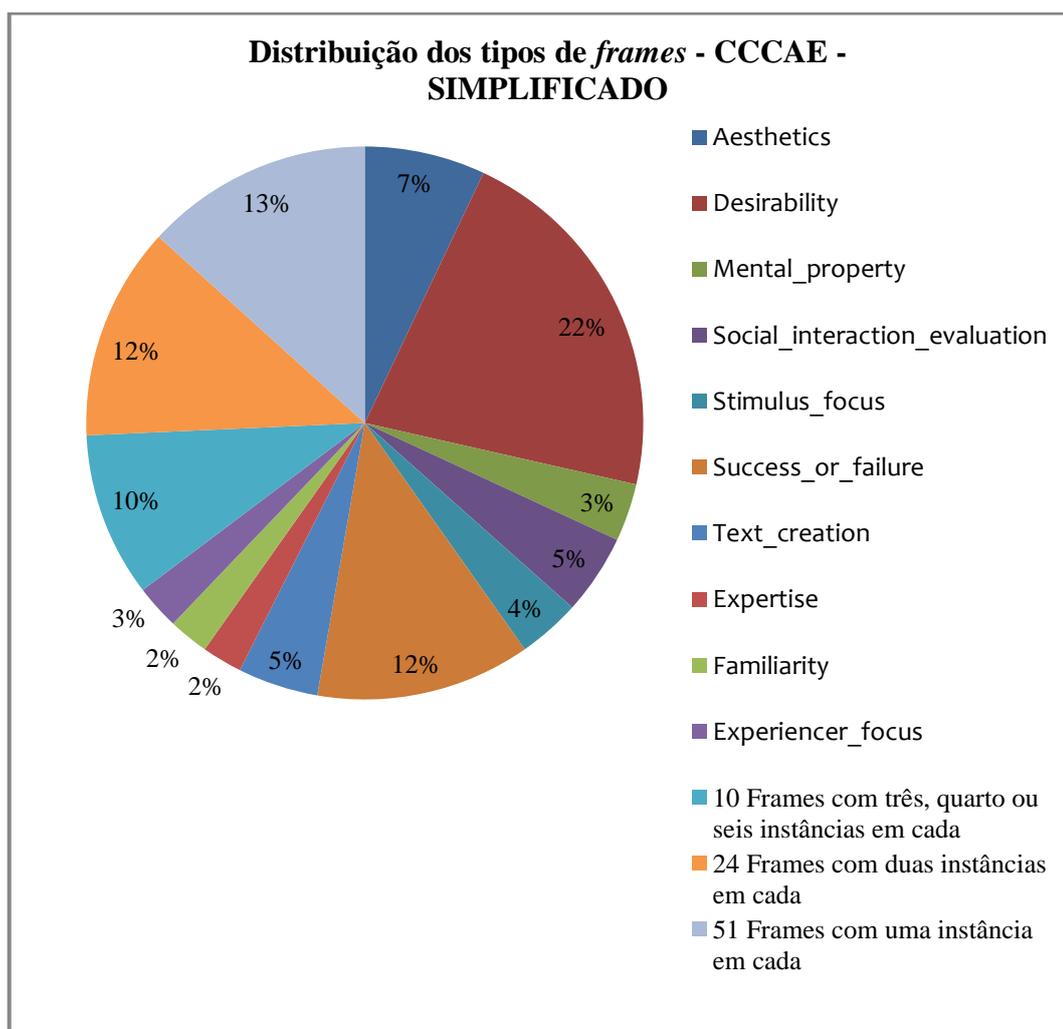
Como se percebe pela tabela 20, em 35% desse banco de dados a variação foi bastante alta, havendo 136 ocorrências distribuídas entre 85 diferentes *frames*. No entanto, a maior parte das ocorrências se distribui de forma mais padronizada. Há 248 ocorrências distribuídas entre 10 *frames*, que tiveram entre 09 e 83 ocorrências cada um.

Os *frames* mais frequentes foram Desirability (desejabilidade), Success\_or\_failure (sucesso ou fracasso) e Aesthetics (estética), que, juntos, respondem por 41% dos casos totais

da CCCAE. As cenas contempladas nesses *frames* são ilustradas em (194), (195) e (196), a seguir:

- (194) Até que para um réles (sic) macaquinho que rabisca algumas coisas num blog, **foi uma semana fantástica**. (Blog: O Vítor Palmeiras/2010/144)
- (195) Até que, pra quem já foi obreiro da minha igreja, **R.R. Soares tem se saído muito bem como presidente do império Graça**. (Blog: Doa a quem doer gospel/2010/065)
- (196) Tadinha, até que para quem só gastou R\$35 **ela está bonitinha**. (Blog: Blogueira shame/2011/026)

Em (194), a qualidade da semana do autor é avaliada como fantástica, apesar de este acreditar ser considerado um sujeito sem prestígio social. Em (195), é evocada uma cena de sucesso e ascensão de carreira de R.R. Soares, que passou de obreiro a presidente. Em (196), o leitor expressa uma quebra de expectativas do ponto de vista estético, após ver foto de uma mulher que gastara relativamente pouco dinheiro e estava relativamente apresentável para festa. O gráfico 14, a seguir, ilustra a proporção dos *frames* na CCCAE:



**Gráfico 14: Distribuição (simplificada) dos *frames* na CCCAE**

Listamos, para fins ilustrativos, sete ocorrências que exemplificam os *frames* que têm entre 2% e 5% de representatividade na CCCAE:

- (197) Social\_interaction\_evaluation (Avaliação da interação social): Até que para uma petista **não sou tão má assim**, não é, chê? (YR: Ciências Humanas/ 2007/375)
- (198) Text\_creation (Criação textual): Até que pra quem tá com preguiça **eu digitei bastante coisa**. (Blog: Talitalitalita/2008/072)
- (199) Mental\_property (Propriedade mental): [...] mas até que para um historiador marxista, **Eric Hobsbawn é bem mais lúcido do que a maioria dos seus contemporâneos** (Abril: Veja-Caio Blinder/2011/101)
- (200) Stimulus\_focus (Foco no estímulo): mas, até que para um filme infantil, **ele não é de todo irritante** (Blog: Nuvem do caos/2010/175)

- (201) *Experiencer\_focus* (Foco no experienciador): Até que pra quem nunca ligou pra greNAL... **vcs tão muito interessado**, neh ? (YR: Futebol brasileiro/2012/096)
- (202) *Expertise* (Especialidade): Até que para uma evangélica, pura, ungida e casta, **vc está bem entendida hein???** (YR: Religião e Espiritualidade/2012/366)
- (203) *Familiarity* (Familiaridade): Ué, até que pra quem não gosta de carnaval **eu conheço as marchinhas**, hein? (Blog: Cris Vou Nessa/2010/066)

Como se percebe também na CCCAE, esses *frames* lidam, direta ou indiretamente, com a avaliação de atividades e indivíduos. Isso ocorre por meio de reação a impacto, como em (200); pela avaliação do campo afetivo, como em (201); e por meio de julgamento de indivíduos principalmente quanto a capacidades intelectuais.

### 6.5.3 A cena de comparação como uma ideia geral disparada por CCCAS/CCCAE

Holisticamente, em diversas ocorrências a estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y” se aproxima do *frame* *Evaluative\_comparison* (Comparação avaliativa). Considerando-se os três Elementos de *Frame* Nucleares, a saber: ATRIBUTO, ITEM\_PERFILADO e ITEM\_PADRÃO, em CCCAS/CCCAE, são reconhecidos os Elementos de *Frame* ATRIBUTO e ITEM\_PERFILADO (identificados na contraparte Y). Já em relação ao ITEM\_PADRÃO, a correspondência não é direta nas instâncias da construção.

Na cena evocada pelo *frame* *Evaluative\_comparison*, a relação de comparação é **entre dois entes** (ITEM\_PERFILADO e ITEM\_PADRÃO) relativamente a algum atributo. Diferentemente, em CCCAS/CCCAE, a expressão linguística que se refere ao ITEM\_PADRÃO ocorre aparentemente como um referente individualizado, mas aciona um grupo, uma categoria geradora de expectativas. A comparação passa a ser, portanto, entre o ente (Y) e sua categoria (X). Assim, o papel do sintagma em X tem uma dupla possibilidade de referência. Consideremos o enunciado (204), em que, no texto de uma peça teatral que retrata uma cena de julgamento, a personagem “Juíza” se dirige à testemunha, “Pedrinho”:

- (204) Juíza: Hum!... Que estranho! Aqui consta que o Sr. é menino de rua. Até que para um menino de rua o Sr. Está bem apresentável!... (Blog: Profe Neiva Ester/2012/160).

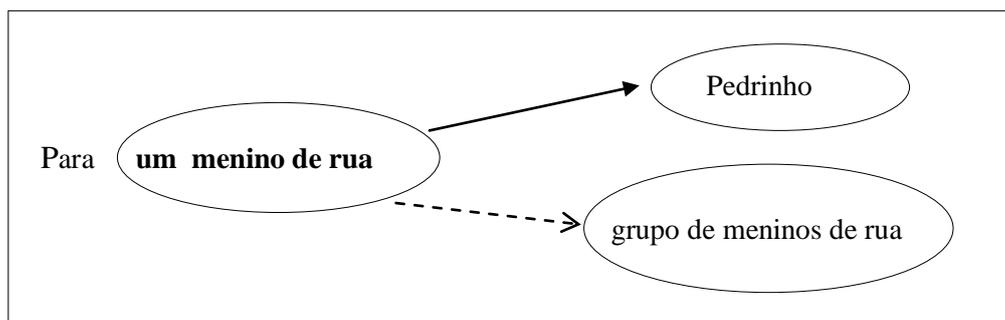
No plano do material linguisticamente expresso, a descrição em termos do *frame* *Evaluative\_comparison* pode ser pensada da seguinte forma: Pedrinho (o SN “o Sr.”) alinha-se ao ITEM\_PERFILADO na cena de comparação. Afinal, é ao Pedrinho que se refere a cena. O

ATRIBUTO avaliado é “*apresentável*”, que, como um atributo graduável, ocorre com o GRAU (*bem*) que o situa em um nível alto em uma escala. O Sintagma Preposicional “para+SN” liga-se ao ITEM\_PADRÃO, que é considerado o padrão comparativo. A descrição é feita em (205); e, em (206), evidencia-se o Elemento de *Frame* GRAU:

(205) [Para um menino de rua ITEM\_PADRÃO], [Pedrinho ITEM\_PERFILADO] *está* [bem apresentável ATRIBUTO].

(206) [Para um menino de rua ITEM\_PADRÃO], [Pedrinho ITEM\_PERFILADO] *está* [[bem GRAU] [apresentável ATRIBUTO]].

No plano conceptual, “*para um menino de rua*”, inicialmente marcado como ITEM\_PADRÃO, passa a ser avaliado como uma **categoria**. Ocorre uma espécie de *mismatch* no sentido de que a configuração sintática do elemento (“*um menino*”) está no singular (e, por *default*, seria aplicada a um indivíduo), mas direciona-se a um conjunto, a um grupo de indivíduos. A expressão “*para um menino de rua*” seria então interpretada como “para um membro (qualquer) da classe dos meninos de rua”. O diagrama a seguir ilustra essa articulação:



**Figura 19: Mismatch na contraparte (ATÉ QUE) PARA X**

Nesse sentido, a Teoria dos Espaços Mentais traz uma noção importante: o Princípio de Acesso, acionado pelo indefinido “um”, permite essas duas leituras concomitantes. Ao mesmo tempo em que “*um menino de rua*” liga-se diretamente a “*Pedrinho*”, aponta, também, para um conjunto maior, do “*grupo de meninos de rua*”, abarcando expectativas geradas para esse conjunto.

Assim, a contraparte X assemelha-se, dentro do *frame* Evaluative\_comparative, ao Elemento de *Frame* Extra-temático CONJUNTO\_DE\_COMPARAÇÃO, que é um tipo de Elemento geralmente apresentado em estruturas sintáticas como “*among the X*” (dentro os X). No caso do exemplo apresentado, seria uma configuração próxima em sentido de: “*dentre os meninos*

*de rua, Pedrinho está bem apresentável*”. Uma nova descrição seria, portanto, como em (207):

(207) [Para um menino de rua CONJUNTO\_DE\_COMPARAÇÃO], [Pedrinho ITEM\_PERFILADO] *está* [bem apresentável ATRIBUTO].

No entanto, o fato de esse Elemento de *Frame* ser Extra-temático significa que ele **não** é central na definição da cena evocada por esse *frame*. Substituir um Elemento Central por um Extra-temático estaria na contramão da configuração do *frame* e contrariaria a base da proposta lexicográfica da FrameNet.

Diante dessa discussão, entendemos que a Construção Concessivo-comparativa Anteposta (Simples ou Enfática) evoca um *frame* **bastante semelhante** ao Evaluative\_comparative, mas não propriamente **esse frame**. Para evitar acrobacias analíticas, caminho sensato é assumir que a estrutura do *frame* Evaluative\_comparison, apesar de bastante próxima à estrutura de CCCAS e CCCAE, não dá conta de descrever plenamente as instâncias das construções, uma vez que a abordagem lexicográfica não é suficiente para descrever o significado holístico que emerge de “(ATÉ QUE) PARA X, Y”.

## 6.6 Proposta de configuração das CCCAS/CCCAE inspirada no projeto *Constructicon*

Como foi demonstrado na seção 6.5, a abordagem lexical não dá conta de contemplar como a relação concessivo-comparativa é disparada pela estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”. Não há um único léxico ou conjunto lexical que atue como unidade de sentido (uma Unidade Lexical particular) responsável por acionar o sentido global de concessividade-e-comparação. Assim, a esquematização de uma configuração linguística particular que aciona um sentido particular pode ser facilitada pela forma como a proposta *Constructicon* descreve construções (de variados níveis gramaticais).

Tomando a proposta de Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), a Construção de Realização do Qualificador de Grau apresenta uma estrutura semelhante à de nosso objeto. Nesta construção MÃE, formada por duas FILHAS, F1 apresenta um adjetivo (ou advérbio) modificado em grau e F2 apresenta um qualificador da modificação do grau (cf. discutido na seção 2.1.5).

Considerando-se “(ATÉ QUE) PARA X” como o papel do qualificador da modificação de grau e Y como o papel da modificação de grau, foram levantados os casos em que a

contraparte Y lida com a modificação de grau de adjetivos ou advérbios. As tabelas a seguir ilustram os dados:

	TOTAL - Adjetivo em Y	<b>com Modificação de grau Advérbio + Adjetivo</b>	Somente adjetivo
	07	<b>06</b> Ex: “a cantora ficou <b>bem</b> <i>constrangida</i> ”	01 Ex: “até que tá <i>razoável</i> ”
	TOTAL - Advérbio em Y	<b>com Modificação de grau Advérbio + Advérbio</b>	Somente advérbio
	03	—	03 Ex: “...até que você <i>apareceu bem</i> ”
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>06</b>	<b>04</b>

**Tabela 21: Quantificação de ocorrências com adjetivo ou advérbio em Y- CCCAS**

Como é visto na tabela 21, em dez ocorrências, a estrutura de Y envolve casos que focalizam um adjetivo ou advérbio. Desse total, **seis** ocorrências (32% da CCCAS) apresentam modificação de grau (de adjetivo), assemelhando-se à F1 da Construção de Realização do Qualificador de Grau. Situação semelhante ocorre na CCCAE, como é visto na próxima tabela:

	TOTAL - Adjetivo em Y	<b>com Modificação de grau Advérbio + Adjetivo</b>	Somente adjetivo
	180	<b>93</b> Ex: “ela tá <b>bem</b> <i>arrumadinha!!!</i> ”	87 Ex: “tô <b>bonita</b> ”
	TOTAL - Advérbio em Y	<b>com Modificação de grau Advérbio + Advérbio</b>	Somente advérbio
	114	<b>36</b> Ex: “estás escrevendo <b>muito bem</b> ”	78 Ex: “eles jogaram <b>bem</b> ”
<b>TOTAL</b>	<b>294</b>	<b>129</b>	<b>165</b>

**Tabela 22: Quantificação de ocorrências com adjetivo ou advérbio em Y- CCCAE**

Como é visto na tabela 22, em 294 ocorrências, a estrutura de Y envolve casos que focalizam um adjetivo ou advérbio. Desse total, **129** ocorrências (32% da CCCAE) apresentam modificação de grau (de adjetivo ou advérbio), assemelhando-se à F1 da Construção de Realização do Qualificador de Grau. Em ambas as construções, há semelhança em um terço dos dados totais.

Nesse sentido, poderíamos supor que tanto CCCAS quanto CCCAE seriam versões em que há, primeiro, a qualificação da modificação do grau e, em seguida, a modificação de grau de algum adjetivo (ou advérbio). Uma adaptação (forçada) para a descrição construcional nesses termos seria (208):

(208) {<sup>CRQG</sup> [Qualificador para um menino de rua] [<sup>Modificador de grau</sup> o Sr. Está bem apresentável!]}

Entretanto, a linearidade F1 e F2, própria da Construção de Realização do Qualificador de Grau, não estaria sendo respeitada<sup>159</sup> em CCCAS/CCCAE. Partindo do **princípio da não-sinonímia**, a alteração formal existente leva à postulação de nova construção. Assim, com base no esquema proposto por Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), propomos as descrições para CCCAS e CCCAE em (209) e (210), respectivamente:

(209) {<sup>CCCAS</sup> [Aciona *frame* X para um menino de rua] [<sup>Comentário contrário a X</sup> o Sr. Está bem apresentável!]}

(210) {<sup>CCCAE</sup> [Enfatiza/Aciona *frame* X até que para um menino de rua] [<sup>Comentário contrário a X</sup> o Sr. Está bem apresentável!]}

A descrição informal (em prosa) da CCCAS é oferecida no quadro 23, a seguir:

---

<sup>159</sup> Apresentar primeiro o atributo modificado em grau e, depois, apresentar o qualificador do grau é um tipo de configuração mais próximo da construção que chamados de Construção Concessivo-comparativa Posposta, como em “o Marcos Valério está {[<sup>Modificador de grau</sup> muito tranquilo] [<sup>Qualificador</sup> pra alguém que tem medo de ser morto]}.

Nome	Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples
M	Oração com adjunção anteposta.
F1	Sintagma Preposicional, formado por “para” + Sintagma Nominal Indefinido Singular + (complemento nominal de acordo com a valência <sup>160</sup> ).
F2	Oração.
Interpretação	O elemento em F1 (pronome ou SN) aciona uma categoria que evoca um <i>frame</i> , gerando expectativas. O comentário avaliativo feito em F2 é analisado como contrário a ao menos um aspecto dentre o rol de expectativas geradas pelo elemento citado em F1. O comentário em F2 é comparativo em relação ao <i>frame</i> evocado em F1, e, no caso de haver atributos graduáveis em F2, estes são situados numa escala <sup>161</sup> em nível superior ou inferior (não igual) à expectativa de F1. Em sua configuração mais prototípica, F2 apresenta um elemento que funciona como membro (não prototípico) da categoria evocada em F1.

**Quadro 23: Representação da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples**

A estrutura da CCCAE é bastante próxima à CCCAS, diferenciando-se no nível pragmático, conforme visto no quadro 24:

<sup>160</sup> Conforme ilustrado na seção 6.1.1, o pronome “alguém” apresenta possibilidades específicas de valência para seu complemento: pode ocorrer adjetivo, oração relativa. O pronome “quem” somente aceita a estrutura verbal. Os Sintagmas formados por “um/uma + substantivo” admitem uma variedade de valências: adjetivo, locução prepositiva, oração relativa.

<sup>161</sup> A relação escalar será apresentada na seção 6.10.

Nome	Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática
M	Oração com adjunção anteposta.
F1	Sintagma Preposicional, formado por estrutura argumentativa “até que” + preposição “para” + Sintagma Nominal Indefinido Singular + (complemento nominal de acordo com a valência).
F2	Oração.
Interpretação	O elemento em F1 (pronome ou SN) aciona uma categoria que evoca um <i>frame</i> , gerando expectativas. O comentário avaliativo feito em F2 é analisado como contrário a ao menos um aspecto dentro o rol de expectativas geradas pelo elemento citado em F1. O comentário em F2 é comparativo em relação ao <i>frame</i> evocado em F1, e, no caso de haver atributos graduáveis em F2, estes são situados numa escala em nível superior ou inferior (não igual) à expectativa de F1. Em sua configuração mais prototípica, F2 apresenta um elemento que funciona como membro (não prototípico) da categoria evocada em F1.
Pragmática	A estrutura argumentativa factual “até que” dá ênfase à informação de F1. O comentário contrário em F2 é, então, assumido como ainda mais discrepante das expectativas geradas em F1.

#### Quadro 24: Representação da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática

A ativação do *frame* evocado em F1 elege tacitamente os bons representantes das categorias acionadas, por meio de efeito de prototipia. Os elementos contidos em F2 **não** são bons representantes das categorias, uma vez que a posição em que estão situados em uma escala (de atributos, por exemplo) marca o distanciamento da categoria. Ampliando-se o contexto do exemplo (204), percebemos, na continuação do diálogo, que o distanciamento entre F1 e (as expectativas de) F2 é justificado textualmente:

(211) Juíza: Hum!... Que estranho! Aqui consta que o Sr. é menino de rua. **Até que para um menino de rua o Sr. Está bem apresentável!...**

PED: Sra. Juíza, há um engano no seu relatório. Agora eu sou um “ex-menino de rua” - há um bom tempo já não vivo mais na rua... (Blog: Profe Neiva Ester/2012/160)

Por meio da construção, é inferido que o personagem Pedrinho se distancia das expectativas em torno da categoria “menino de rua”. Devido a condições socioeconômicas altamente desfavoráveis, meninos de rua geralmente se apresentam subnutridos e mal vestidos. Pedrinho é visto como um membro não prototípico exatamente por estar “bem apresentável”. A discrepância entre o personagem e a categoria é evidenciada ao

percebermos, textualmente, que Pedrinho, de fato, **não** é membro da categoria, em sua resposta à Juíza: “*Agora sou um ‘ex-menino de rua’*”.

## **6.7 CCCAS e CCCAE são construções avaliativas: contribuições da Teoria da Avaliatividade**

Conforme discutido ao longo do trabalho, CCCAS e CCCAE são construções fortemente avaliativas. Dessa forma, encontramos nas propostas da Teoria da Avaliatividade um meio prático de descrever as instâncias avaliativas quanto aos três tipos de Atitude discutidos por Martin & White (2005), a saber: Afeto (que avalia emoções), Julgamento (que avalia comportamento social e ético) e Apreciação (que avalia coisas e eventos). Nas próximas subseções, apresentaremos o levantamento das atitudes avaliadas nas ocorrências, partindo do agrupamento inicialmente feito por meio do critério dos *frames* acionados na contraparte Y (cf. subseção 6.5.2 deste trabalho). A relação com os *frames* elencados tem por objetivo verificar em que medida pode haver alguma correlação do *frame* acionado na cena da avaliação com os tipos de avaliação ocorridos.

É também elucidativo analisar a avaliação quanto à sua origem e endereçamento e também quanto à intensidade como é marcada; e, por tal razão, discutiremos, também, o papel do Engajamento e da Gradação nas construções que estudamos.

### **6.7.1 Os tipos de avaliação da atitude na CCCAS**

Na CCCAS, dentre as dezessete ocorrências que apresentaram a contraparte Y, houve 15 diferentes realizações<sup>162</sup> de atitude, distribuídas entre os 15 diferentes *frames* acionados. Em termos de Julgamento, que representa aproximadamente 53% dos casos, pessoas foram avaliadas quanto à capacidade, normalidade e tenacidade, direta ou indiretamente, dentro de um conjunto de estima social. Quanto à Apreciação, houve avaliações sobre o impacto, complexidade ou valor de produtos ou atividades. A avaliação em termos de Afeto apenas ocorreu uma vez, sendo o indivíduo avaliado no quesito insegurança.

Devido à grande variedade de *frames*, torna-se forçoso propor qualquer tipo de generalização entre a avaliação feita e o esquema conceptual evocado. Observamos, no entanto, algumas correlações semântico-pragmáticas, vistas nos exemplos a seguir:

---

<sup>162</sup> Cada Atitude (**Afeto**, **Julgamento** e **Apreciação**) apresenta uma subdivisão, conforme mostrado na Tabela 1 da seção 4.2. As avaliações atitudinais também podem se realizar no âmbito positivo ou negativo. Além disso, os recursos avaliativos podem ser expressos de forma linguisticamente direta ou como *tokens* avaliativos.

- (212) Anônimo, vc não concorda que pra uma pessoa tão cheia de possibilidades de argumentação como você **vir até o meu blog e basicamente dizer que eu não gosto de piercing pq SOU GORDA é, no mínimo, completamente tosco e infantil da sua parte?** (Blog: Cintia disse/2012/403)
- (213) Pra Quem Já Mordeu Um Cachorro Por Comida, **Até Que Eu Cheguei Longe** (Blog: Rap original/2009/392)
- (214) Katy Perry está acostumada a todo tipo de infantilidades. Mas, para alguém que se apresenta ao lado de gente fantasiada de cupcakes, **a cantora ficou bem constrangida com uma "surpresa" feita pela equipe do programa Mais Você** (Abril: Veja/2012/386)

Em (212), o leitor do blog é avaliado como “*tosco e infantil*” (– *capac*), e esse julgamento comportamental evoca, por sua vez, uma cena de avaliação da interação social (*frame* Social\_interaction\_evaluation). Em (213), o *rapper* Emicida se autoavalia indiretamente como pessoa perseverante (t + *tenac*), inserindo essa avaliação num esquema conceptual de sucesso e/ou fracasso (*frame* Success\_or\_failure). A avaliação é vista como indireta devido ao fato de que a estrutura “*cheguei longe*” é interpretada como atitude de obstinação, tenacidade. Inspirados nos preceitos de Martin & White (2005), poderíamos supor que uma avaliação direta, nesse caso, empregaria como recurso linguístico uma relação atributiva, como: “*para quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu fui obstinado*”. Nesses dois casos, parece haver um alinhamento entre a avaliação feita e o *frame* acionado.

O exemplo (214) ilustra um caso de fluidez entre os tipos de avaliação atitudinal. Diretamente, a cantora Katy Perry é avaliada na questão de insegurança (– *seg*), em uma cena que evoca uma emoção sendo direcionada (*frame* Emotion\_directed). No entanto, dada a fluidez interpretativa impulsionada pelo contexto de uso, é feita, de forma subjacente, uma avaliação da cantora como pessoa infantil, sinalizando para uma avaliação negativa da capacidade. Esses casos se assemelham às realizações avaliativas aparentemente híbridas, discutidas por Martin & White (2005), e reafirmam a visão de formas linguísticas como instruções parciais e subdeterminantes (FAUCONNIER, 1994).

Por fim, a marcante heterogeneidade da CCCAS, também percebida nas realizações de avaliação atitudinal, aliada à escassez de dados, dificulta que sejam feitas maiores generalizações. Em contrapartida, a CCCAE, discutida na próxima subseção, permite alguns levantamentos mais pontuais.

## 6.7.2 Os tipos de avaliação da atitude na CCCAE

Numa visão global, dentre as 384 ocorrências que apresentaram a contraparte Y, a CCCAE apresentou quinze diferentes tipos de realização de Julgamento (concentrando-se nos julgamentos da estima social, realizados de forma indireta); quatorze diferentes tipos de realizações de Apreciação (concentrando-se na reação a uma qualidade e na valoração); e nove tipos de realizações de Afeto (concentrando as avaliações nos campos da segurança e da felicidade).

As realizações de avaliação atitudinal das ocorrências podem ser discutidas em relação aos *frames* nos quais se agruparam, distribuídos da seguinte forma:

- a) O *frame* Desirability (que representa 22% do total de ocorrências)
- b) O *frame* Success\_or\_failure (que representa 12% do total de ocorrências)
- c) O *frame* Aesthetics (que representa 7% do total de ocorrências)
- d) Conjunto de sete *frames* que representam, cada um, entre 2% e 5% do total (Social\_interaction\_evaluation; Text\_creation; Mental\_property; Stimulus\_focus; Expertise; Familiarity e Experiencer\_focus)
- e) Conjunto de 85 *frames* variados que têm entre uma e seis instâncias cada

### 6.7.2.1 O *frame* Desirability

Dentro do *frame* mais numeroso dos dados, as avaliações atitudinais concentraram-se, em 91% das vezes, na região da **Apreciação**, a qual apresentou dez diferentes realizações. A maior parte da avaliação apreciativa diz respeito ao tipo de reação à **qualidade** de produtos e pessoas. Quando as entidades ou pessoas são descritas em termos de desejabilidade, há, portanto, uma tendência de que o recurso linguístico avaliativo seja o de Apreciação. Vejamos os seguintes exemplos:

(215) Ponto Negativo:

Consumo, com uma observação: Até que para um carro 2.0 **o consumo não é tão ruim**, depende muito da maneira de dirigir, já chegou a fazer 7,5 km/l na cidade com o ar ligado. (Blog: De zero a cem/2011/135)

(216) Eu, que acabara de ler a nova biografia do chef Grant Achatz, levei um baita susto com sua magreza - mas até que para alguém que viu a morte de tão perto, **ele está bem...**

(Batalhou um violentíssimo câncer na língua) (Blog: Boa vida/2011/002)

(217) -Bem, não seja por isso... –Afastei-me dela e me ajoelhei, pegando sua mão em seguida. –Eu não tenho um anel aqui comigo agora, mas providenciarei um em breve, prometo. Isabella Swan, aceita ser minha esposa pra sempre, me aturar pra sempre e ir para Londres viver comigo para sempre? –Ela riu alto e eu ri também. Okay, até que pra um pedido de improviso, **esse saiu bem**. –Enfim, aceita casar comigo? (Blog: Bellice Fanfics/2012/206)

Em (215), o artefato (carro Vectra) é avaliado em termos da qualidade de seu consumo de combustível. A realização da avaliação é marcada como “neg – qualid”, uma vez que há uma negação de um atributo do âmbito negativo (“*não é ruim*”). Indiretamente, o consumidor avalia positivamente a qualidade. Apesar de mais voltada para a avaliação de produtos e eventos, a Apreciação também se aplica às entidades humanas, desde que contempladas do ponto de vista estético, e não comportamental. Assim, em (216), a aparência do *chef* é descrita em termos de uma escala de desejabilidade, daí o acionamento do *frame* Desirability. A avaliação atitudinal é em termos de Apreciação estética da qualidade, de forma positiva.

Já em (217), percebemos um caso em que a avaliação parece híbrida entre referir-se diretamente à qualidade positiva do evento (o pedido de casamento) e, de forma subjacente, referir-se à competência do noivo, em termos de uma capacidade positiva.

Em raros casos, a descrição de desejabilidade ocorreu como uma avaliação da região do Afeto, como se observa em (218):

(218) O Esperanto se encontra na mesma situação, numa curva exponencial normal a qualquer movimento que, devagar, mas inexoravelmente caminha. Pode verificar a curva de crescimento do Esperanto estamos agora entrando na subida da exponencial. (...) Até que pra quem não teve apoio oficial **estamos muito bem obrigado**, a vitória final ainda não chegou, mas você esta argumentando da mesma forma que se dissemos que a HONDA não teve sucesso porque muito gente compra FIAT. (Blog: Rodrigo Constantino/2010/081)

Nessa ocorrência, o leitor, incluindo-se no grupo de esperantistas, demonstra satisfação (+ satisf) com a atual situação (desejável) da língua Esperanto.

### 6.7.2.2 O *frame* Success\_or\_failure

As ocorrências inseridas no *frame* Success\_or\_failure tiveram a avaliação concentrada na região do Julgamento (em 87% dos casos). O tipo de Julgamento mais frequentemente usado para avaliar o comportamento das pessoas nesse *frame* é a capacidade positiva (depreendida indiretamente), e, em raros casos, a tenacidade positiva. Na região da

Apreciação, houve alguns casos de avaliação quanto à valoração. A atribuição de mais avaliações de capacidade é condizente com as expectativas geradas por um *frame* que descreve cenas de conquistas pessoais e êxito de resultados. Vejamos os exemplos:

(219) Marcadores: **ATÉ QUE PRA QUEM NUNCA TINHA ANDADO EM AVIÃO, FOI BEM LONGE ESTE PIÁZINHO** (Blog: Caio Spack/2011/084)

(220) Primeiro Bazar Québec

Até que para quem esta na cidade e nao conhece praticamente ninguém, **o nosso bazar numero 1 foi um sucesso total.** :) (Blog: Choque térmico/2007/043)

(221) Ciro Cormack Jr. - 5/2/2011 às 10:20

Até que para quem escreveu de improviso, levando-se em consideração o seu grau de instrução, **Lula conseguiu se sair razoavelmente bem.**

Queria ver o nobre deputado federal Tiririca (deputado federal mais votado do país) fazer o mesmo.

Na Era da Mediocridade, o Chalita é Machado de Assis. O que o Lula escreveu um aluno de Jardim de Infância escreve muito melhor. (Abril: Veja-Augusto Nunes/2011/009)

Houve um caso de avaliação positiva da tenacidade, em forma de *token* avaliativo (t – tenac), que é percebido em (219), quando o autor avalia que o fato de ter feito uma viagem para um país distante – Angola – denota sua obstinação. Em (220), avalia-se diretamente o bazar, marcando uma avaliação de valoração positiva (+ valor). De forma subjacente, é possível, no entanto, inferir que a avaliação é um elogio aos produtores de tal evento.

(221) é ilustrativo de um caso de ironia. Numa primeira leitura, observa-se uma avaliação positiva à habilidade de escrita de Lula. O fato de ele “*se sair razoavelmente bem*” é interpretado como um *token* avaliativo de capacidade positiva (t + capac). No entanto, ao se avançar a leitura, é possível observar que o leitor Ciro desconstrói seu elogio, quando diz: “*O que o Lula escreveu um aluno de Jardim de Infância escreve muito melhor*”. Dessa forma, desqualifica as habilidades antes atribuídas ao ex-presidente.

### 6.7.2.3 O *frame* Aesthetics

As ocorrências que se inseriram em um *frame* que contempla a estética concentraram-se totalmente na avaliação de Apreciação. Dentre as 27 ocorrências, em uma a avaliação apreciativa envolveu a questão do equilíbrio; e, nas 26 restantes, a avaliação foi sobre a qualidade positiva, de forma direta. Vejamos os exemplos:

- (222) Ele saiu me puxando da sala e fomos para o quarto dele até que pra um quarto de homem **era bem arrumado** mais do que o meu. (Blog: Cyrus porta/2011/236)
- (223) Ao chegar do salão...  
Tem horas que penso em adotar o liso, fica tão profissional, adulta, bonita, magra...até que para quem vai fazer 40...**tô bonita!** Lógico, que como toda mulher, vejo os mil defeitos em sonho em estar linda... (Blog: Casa da Ceu/2012/030)
- (224) Como sou fã do Romero Brito, resolvi procurar uns quadros dele na internet, para fazer uma releitura, já que não sou uma artista para criar minha própria obra. Sendo assim, surgiu esse peixinho que levou muitos esbarrões aqui em casa e ficou um pouquinho borrado. Mas até que para uma primeira tela, **ele ficou bonitinho né?** (Blog: Vovó que ensinou/2011/306)

Em (222), a entidade avaliada positivamente é o quarto do personagem masculino da narrativa, em termos de sua organização – o que ilustra a única ocorrência de avaliação estética positiva sobre o equilíbrio (+ equil). Em (223), a autora do blog se autoavalia como bonita após adotar o cabelo liso, ilustrando um dos vários casos neste *frame* em que uma pessoa é avaliada em termos de qualidade positiva.

A ocorrência (224) indica, numa primeira leitura, uma apreciação à qualidade estética da primeira tela pintada pela autora do blog. Depreende-se, implicitamente, que haja também uma avaliação judicativa em relação à habilidade criativa da autora enquanto artesã, simbolizando uma avaliação de capacidade positiva, depreendida indiretamente.

#### 6.7.2.4 – Conjunto de sete *frames* (Social\_interaction\_evaluation; Text\_creation; Mental\_property; Stimulus\_focus; Experiencer\_focus; Expertise; Familiarity)

A maioria das ocorrências envolvidas no *frame* Social\_interaction\_evaluation concentrou-se em avaliações da região do Julgamento, tanto da esfera da estima quanto da sanção social. Dentre as avaliações de estima social, a mais recorrente envolvia a normalidade, como (225), em que o usuário do YR enfatiza o bom humor do autor da pergunta, ateu, ao fazer o jogo de linguagem com o adjetivo “*ESPIRITUOSO*” (+ norm):

- (225) P.S.: RONIS, gostei da sua resposta aí em cima, até que para um ATEU **você é muito ESPIRITUOSO!** rrsrsrs  
sergio m • 8 anos atrás (YR: Religião e Espiritualidade/2007/265)

Inseridas no *frame* Text\_creation, todas as ocorrências foram voltadas a avaliar positivamente a capacidade de alguma pessoa, depreendida indiretamente como *token* avaliativo (t + capac). Vejamos (226):

(226) Até que pra uma bebida **vc ta digitando bem hein**, cuidado c.ú de bebado não tem dono...^^ (YR: Solteiros e Namorando/2012/377)

Num primeiro momento, é percebida a avaliação de capacidade positiva como *token* avaliativo, exaltando-se a habilidade de escrita da autora, que alega estar embriagada. No entanto, é inferido que o usuário do YR descrê na possibilidade de que a autora pudesse estar efetivamente bêbada. Assim, a avaliação passa a julgar, no âmbito da sanção social, que a autora estivesse mentindo. De forma subjacente, há uma avaliação negativa de veracidade (t – verac).

De acordo com nossos dados, o *frame* Mental\_property teve um caráter mais homogêneo e concentrou todas as suas ocorrências em diferentes realizações de capacidade. Tal configuração é condizente com a própria caracterização do *frame*, voltado a descrever pessoas em termos de suas habilidades cognitivas. Vejamos o exemplo a seguir:

(227) Puxa Caio...”mais que uns milhares de Hobsbawms”!... mas até que para um historiador marxista, **Eric Hobsbawn é bem mais lúcido do que a maioria dos seus contemporâneos, he,he...** (Abril: Veja-Caio Blinder/2011/101)

A ocorrência (227) ilustra uma situação, em comentário ao texto do articulista Caio Blinder, em que o historiador Hobsbawn é avaliado em termos de capacidade positiva direta (+ capac), com o uso do atributo “*lúcido*”.

O *frame* Stimulus\_focus, por descrever cenas em que o elemento que tem papel de estímulo é sintaticamente focalizado, concentrou suas ocorrências em avaliações da região da Apreciação, mormente em casos de impacto positivo (com 57%). Esse é o caso do exemplo a seguir:

(228) Foi isso, não valeu para os anais do CLUBE, mas até que pra uma segunda-feira **foi divertido**, e pude exercitar maneiras alternativas de entrar no Parque São Jorge em casos de portões fechados. (Blog: Jogos perdidos 2/2005/355)

Em (228), o autor avalia a sua vivência da segunda-feira como um dia “*divertido*” (+ imp), configurando, assim, uma avaliação de impacto positivo feita diretamente.

O *frame* *Experiencer\_focus* concentra suas avaliações na região do **Afeto**. As atitudes mais frequentes envolvem avaliar as pessoas em termos de felicidade e inclinação positiva. A ocorrência (229) exemplifica a avaliação afetiva de inclinação positiva:

(229) Até que pra quem nunca ligou pra greNAL...  
**vcs tão muito interessado**, neh ? (YR: Futebol brasileiro/2012/096)

Em (229), dirigindo-se aos colegas, a usuária faz crítica ao interesse (+ incl) daqueles que se dizem não interessados no clássico de futebol do Rio Grande do Sul – Grêmio Vs. Internacional.

O *frame* *Expertise*, por sua vez, também tem um caráter homogêneo, concentrando suas avaliações na região do Julgamento, direcionadas principalmente à capacidade positiva. O exemplo (230) é ilustrativo dessa situação:

(230) AS 20 PIORES FRASES QUE PODEMOS OUVIR...  
 (...)  
 - Até que para um imbecil, **você não é tão incompetente**. (Blog: Desempregado ocupado/2010/154)

Em (230), a estrutura linguística da avaliação é “neg – capac”, no sentido de que o avaliador nega um atributo visto como negativo: a incompetência. Porém, é possível inferir que a avaliação seja negativa, devido ao fato de que o avaliado é considerado incompetente em alguma medida.

Por fim, o *frame* *Familiarity*, também homogêneo, teve todas as avaliações realizadas segundo a configuração “t + capac”, como *tokens* avaliativos de capacidade positiva. Vejamos (231):

(231) Ué, até que pra quem não gosta de carnaval **eu conheço as marchinhas**, hein? (Blog: Cris Vou Nessa/2010/066)

Em (231), a leitora elogia sua habilidade cognitiva em ter familiaridade com marchinhas de carnaval, mesmo não sendo apreciadora de tal festa popular.

### 6.7.2.5 – Conjunto de 85 *frames* variados - entre uma e seis instâncias cada

No agrupamento de 85 *frames* diversos que abrigam 136 ocorrências, foi também bastante heterogênea a configuração das atitudes avaliadas. Pouco mais de 55% dos casos se referiam a Julgamento, distribuídos em seis tipos de realizações dentre os tipos de estima social: normalidade, capacidade e tenacidade. Aproximadamente 26% das ocorrências foram avaliações de Apreciação, distribuídas em treze tipos de realizações entre os tipos: qualidade e impacto (avaliando-se a reação), equilíbrio e complexidade (avaliando-se a composição), e valorização. Em relação à avaliação de Afeto, houve somente duas ocorrências, representando, respectivamente, inclinação e satisfação. Vejamos dois exemplos:

(232) Melhor resposta: Até que pra um ateuista comunista petista fanático radical de esquerda, **você conseguiu se desvincular um pouco de religião e espiritualidade**. E o que você vai fazer hoje no réveillon? Abçs!  
Bruno • 5 anos atrás (YR: Religião e Espiritualidade/2010/285)

(233) Lembro da época de lançamentos deste livro, as críticas que se levantaram, que seria somente mais uma produto de marketing da versátil Hilary Duff. Mas até que, para uma pessoa que esperava pouca coisa deste livro, **ele me surpreendeu muito**. (Blog: Até a última página/2012/296)

Em (232), o usuário Bruno avalia, indiretamente, a tenacidade (t + tenac) positiva do autor, descrita numa cena de separação (*frame* Detaching). De acordo com a instância da construção, conseguir se desvincular do tema “Religião e Espiritualidade” é visto como um feito heroico, que indica determinação do autor da pergunta.

A ocorrência (233) está inserida numa cena que evoca o experienciador como objeto (*frame* Experier\_obj). A autora do blog avalia, diretamente, a sua satisfação (+ satisf) em relação à leitura livro *Elixir*, de Hilary Duff. De forma subjacente, avalia positivamente a qualidade do livro.

### 6.7.3- Panorama da realização de avaliação atitudinal na CCCAE

Na tabela 23, a seguir, pode ser visualizada a distribuição total dos tipos de avaliação atitudinal na CCCAE:

Categoria	Positiva		Negativa		Total	%
	Direta (+)	Token (+)	Direta (-)	Token (-)		
Julgamento: normalidade	10	18	02	02	<b>32</b>	8,3%
Julgamento: capacidade	19	118	01	02	<b>140</b>	37%
Julgamento: tenacidade	02	12	01	02	<b>17</b>	4,4%
Julgamento: veracidade	--	--	--	--	<b>--</b>	--
Julgamento: propriedade	02	02	--	01	<b>05</b>	1,3%
Afeto: desejo (des/inclinação)	04	--	--	--	<b>04</b>	1%
Afeto: in/felicidade	02	01	01	--	<b>04</b>	1%
Afeto: in/segurança	01	02	--	--	<b>03</b>	0,8%
Afeto: in/satisfação	04	01	01	--	<b>06</b>	1,5%
Apreciação: reação: impacto	12	07	01	--	<b>20</b>	5,2%
Apreciação: reação: qualidade	82	29	02	--	<b>113</b>	29%
Apreciação: comp.: equilíbrio	01	04	02	04	<b>11</b>	3%
Apreciação: comp.: complexidade	02	01	--	--	<b>03</b>	0,8%
Apreciação: valoração	11	15	--	--	<b>26</b>	6,7%
<b>Total</b>	<b>152</b>	<b>210</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>384</b>	100%

**Tabela 23: Todas as avaliações atitudinais em CCCAE**

De uma maneira geral, as avaliações de todas as três regiões (Julgamento, Afeto e Apreciação) concentram-se no âmbito positivo sob o ponto de vista dos recursos linguísticos empregados explicitamente. Na CCCAE, a avaliação é feita, em sua maioria, de forma indireta, como *tokens* avaliativos, e não usando recursos linguísticos tais como adjetivos, que marcariam a avaliação de forma mais categórica.

Como se observa na tabela, apesar de ser possível avaliar a honestidade da pessoa de forma subjacente (como uma inferência convidada, por exemplo), a atitude judicativa **veracidade** não ocorre nos dados. A avaliação judicativa do tipo propriedade, também da esfera da sanção social, ocorre preferencialmente na forma positiva, aparecendo como negativa apenas como *token* avaliativo, de forma indireta. Isso sinaliza que a CCCAE não é tipicamente escolhida para se avaliar, **diretamente**, comportamentos morais ou éticos. Tais avaliações ocorrem preferencialmente de forma subjacente, contando com a contribuição interpretativa do interlocutor.

A avaliação do **Afeto** é pouco representativa nos dados (ocorrendo em 4,3% dos dados). Quanto à **Apreciação**, a avaliação mais recorrente é a da **qualidade** (29%), diretamente e também como *token*. De forma mais específica, podemos afirmar que avaliar positivamente uma **qualidade**, de forma direta, é um dos usos frequentes da CCCAE – e representa um quinto de todo o uso avaliativo desta construção (21,3%, ou 82 ocorrências).

Contemplando 51% dos dados, a avaliação linguisticamente codificada como **Julgamento** é a mais empregada pela CCCAE. Isso se deve principalmente à forte expressividade da avaliação em relação à **capacidade**, que, na forma positiva e indireta (como *token* avaliativo), representa 30,6% dos dados (118 ocorrências). Assim, inteligência, habilidade, competência e produtividade são questões frequentemente avaliadas na CCCAE.

Após apontarmos as contribuições da avaliação em termos de Atitude, comentaremos, nas duas próximas subseções, as contribuições dos outros subsistemas: Engajamento e Gradação.

#### 6.7.4 Engajamento: comprometimento do produtor textual com a fonte da avaliação das CCCAS/CCCAE

A noção de Engajamento pode ser trazida sob dois prismas: (i) o engajamento como atribuição de autoria da instância da construção; e (ii) o engajamento em termos do sentido holístico concessivo-comparativo da construção.

Podemos associar o Engajamento à atribuição da fonte da avaliação feita na instância da construção. De acordo com os dados das CCCAS e CCCAE, foram verificadas três formas de atribuição de autoria. Assim, a avaliação, depreendida pela própria instância da construção, pode ser atribuída:

(a) à pessoa que escreve o texto (seja como autor de alguma postagem ou como usuário que visita alguma página e emite seu comentário). São os casos de discursos que seriam aparentemente **monoglóssicos**, como os discutidos por Martin & White (2005), em que o discurso se apresenta como uma informação tomada como verdade. Por exemplo, em (234), a avaliação sobre a qualidade do desenho é marcada como uma informação tomada como verdadeira, sem explicitação direta da autoria na instância da construção:

(234) Hoje a química cerebral esta a meu favor. Nessa minha inconstante vida bipolar, hoje foi um bom dia! Como estou preparando um link SHOW para amanhã, só estou postando o desenho pra não passar em branco. **(até que pra um treino o desenho ficou bom)** (Blog: Usina das Letras/2010/237)

(b) a uma terceira pessoa, por meio de uma fala reportada, num tipo de discurso marcadamente **heteroglóssico**. Em (235), por exemplo, a avaliação negativa da capacidade do candidato Fernando Haddad é apresentada como um discurso expansivo

para **atribuir reconhecimento**. O produtor textual (jornalista Ricardo Chapola) se engaja com outras vozes trazidas para seu discurso, como a de José Serra, cujo discurso é potencializado pelo uso de “*disparou*” atuando como verbo do dizer:

- (235) São Paulo - O candidato do PSDB à Prefeitura de São Paulo, José Serra, avaliou na quinta-feira (18) que a gestão do adversário Fernando Haddad (PT) à frente do Ministério da Educação no governo Lula foi “um fracasso”. Na quinta-feira (18), Haddad insinuou que o tucano não tinha competência para governar a capital. “Acho que ele (Haddad) é um pouco imodesto. **Para alguém que foi um fracasso como ministro da Educação, haja imodéstia**”, disparou Serra nas visitas a unidades da AMA. (Abril: Exame/2012/387)

(c) a um enunciado genérico, que se aproxima de um discurso heteroglóssico expansivo de **entretenimento**. Em (236), ao se referir aos dizeres ofensivos a mulheres conhecedoras de futebol, a autora Sah apresenta-os como “*piadas infames e expressões*”, sem atribuição precisa de qual seria o enunciador concreto. Dessa forma, o discurso é atribuído ao senso comum, proveniente provavelmente de ambientes machistas:

- (236) O que me embitece de verdade é que por causa do grupo aí de cima todas as outras mulheres ( do grupo das que amam/gostam de futebol de verdade ) sofrerem com piadas infames e expressões “nossa, **até que pra uma mulher você entende de futebol**”, com e-mails super mega machistas e por aí vai. (Blog: S coisas e coisinhas/2010/356)

De forma global, tomando-se o sentido holístico concessivo-comparativo da construção, as instâncias configuram-se como discursos **heteroglóssicos contrativos** usados para **contrariar** posições e, portanto, promover a contraexpectativa. O produtor textual, ao estabelecer a relação concessivo-comparativa entre X e Y, descreve, na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”, uma situação da qual demonstra discordar, em Y. Em (237), a relação de contraexpectativa é apresentada entre duvidar de “*Nosso Senhor e salvador Jesus Cristo*” e, concomitantemente saber “*muita coisa sobre a Bíblia*”:

- (237) **Até que para um cara que tem dúvidas sobre o poder de Nosso Senhor e salvador Jesus Cristo, você sabe muita coisa sobre a Bíblia,**  
Pra mim você é quase um Crente de verdade, só precisa passar pela olaria de Deus, para ser quebrado, amassado e por fim transformado em um Vaso novo.  
Abraços e Jesus te Ama.  
Johnny C • 7 anos atrás  
(YR: Religião e Espiritualidade/2009/256)

O discurso que motiva a elaboração da relação de concessividade pelo usuário Johnny C é a pergunta feita pelo usuário “O que é?”, transcrita parcialmente em (238):

(238) A PERGUNTA QUE NÃO CALA: Jesus é Deus ou, simplesmente um Sub-Deus ?  
 Afinal o que faz alguém pensar que Jesus era Deus ?  
 Algumas referências bíblicas que narradas, parecem soarem à dizer-nos que Jesus fosse o próprio Deus-absoluto; quando na verdade e por outro ângulo, a bíblia diz que “Deus amou o mundo de tal maneira que enviou seu único filho para morrer pela humanidade ?” Como único filho, e os anjos não seriam filiados a Deus ? E se Jesus fosse o próprio Deus-absoluto, como ELE morreria e depois ressuscitaria sendo ELE-DEUS-ABSOLUTO e imensurável na sua onipresença ? (YR: Religião e Espiritualidade/2009)

Para fundamentar sua pergunta, o autor se baseia em narrativas bíblicas. Isso parece ser interpretado pelo usuário Johnny C como contraposição à alegada descrença do autor da pergunta. Assim, o discurso de “O que é?” é trazido por Johnny C para a instância da CCCAE para ser colocado em xeque.

### 6.7.5 Gradação: avaliação graduada em escala

A Gradação, vista como fenômeno de graduar os sentimentos avaliativos, intensificando-os ou atenuando-os, é um subsistema avaliativo bastante participativo nas CCCAS e CCCAE, uma vez que há o emprego de intensificadores (geralmente advérbios) em mais da metade das ocorrências nas duas construções.

Por meio das tabelas 21 e 22 (apresentadas na seção 6.6), é possível perceber que as instâncias das CCCAS e CCCAE apresentam, respectivamente, 53% e 53,7% de algum tipo de gradação na contraparte Y. Vejamos a tabela a seguir:

Recurso de intensificação em Y	CCCAS	CCCAE
Advérbio como modificador de Adjetivo	06	93
Advérbio como modificador de Advérbio	--	36
Advérbio como modificador de Verbo	03	78
<b>Total de modificação em Y</b>	<b>09</b> (dentre as 17 instâncias com a contraparte Y)	<b>207</b> (dentre as 384 instâncias com a contraparte Y)

**Tabela 24: Recursos de intensificação em Y- CCCAS/CCCAE**

Nesses casos, a Gradação é codificada como **força**, para intensificar ou atenuar os recursos graduáveis. Em algumas vezes, a própria palavra que aciona a gradação é reforçada, por meio de recursos gráficos, como (239) e (240):

(239) Dizem que Sextas-feiras que caem em dia 13, sempre são de má sorte e panz, **até que pra um dia assim meu dia foi beeeeeem calmo** ;X (Blog: Kaah s2 s2/2010/224)

(240) **Até que para uma pessoa que nunca gostou de escrever dividindo seu dia a dia, você escreve MUIIIITO bem!** É super dinâmica, nada prolixa e ENGRAÇADÍSSIMA!! (Blog: Casamento econômico/2008/331)

Em (239), há repetição de letra dentro da palavra intensificadora, uma vez que “*beeeeeem*” é usado para intensificar a calma da sexta-feira 13 vivida pela autora do blog. Em (240), por meio do uso de letras em caixa alta, a leitora reforça sua surpresa com a habilidade de escrita da autora, elogiando-a por escrever “*MUIIIITO bem*”.

Quando codificada como **foco**, para aguçar ou abrandar recursos não-graduáveis, a Gradação pode ser usada para reforçar a noção de pertencimento do elemento em Y à categoria acionada em x. Como exemplo, citamos a ocorrência (241), feita em resposta à pergunta: “*O que você~e achou do jogo do palmeiras contra o ituano?*” no YR:

(241) Melhor resposta: **até que pra um palmeiras da vida, jogou como time de verdade**  
GuInHO-#Luto Rock sz guinho • 4 anos atrás  
(YR: Futebol/2012/283)

Em (241), o meio escolhido pelo leitor para avaliar positivamente a atuação do Palmeiras é compará-lo a um “*time de verdade*”. Entende-se que jogar “*como um time de verdade (joga)*” seja a forma preferível de se jogar futebol e assemelha-se a jogar “muito bem” ou “satisfatoriamente bem”. O efeito de sentido dado em (241) é, portanto, o de depreciar o Palmeiras, uma vez feita a inferência de que a sua atuação satisfatória vai contra as expectativas.

A noção de Gradação está entrincheirada em CCCAS/CCCAE. É, inclusive, uma das duas condições citadas por Pacagnini (2012) para que as estruturas pró-concessivas do espanhol por ela estudadas possam ser interpretadas como concessivas. Uma das condições é que haja algum tipo de pausa melódica entre a contraparte concessiva e a principal. Essa condição se aplica às CCCAS e CCCAE, uma vez que a referida pausa é muitas vezes marcada com vírgula ou reticências. De fato, “(ATÉ QUE) PARA X” e “Y” demonstram ser

unidades específicas nas construções (sendo os construtos F1 e F2, na configuração proposta pelo projeto *Constructicon*).

A segunda condição prevê que haja **preferencialmente** um quantificador/intensificador na principal (Y), o que ocorre, nas CCCAS/CCCAE, em aproximadamente metade dos casos. Há, no entanto, alguns casos em que **não** é empregado recurso de intensificação, como os exemplos (132) e (236), aqui retomados como (242) e (243), respectivamente:

(242) **Até que para um ex-Arena, ex-PFL e atual Dem, ele tem discernimento.** Vcs concordam ? (YR: Governo e Política/ 2010/250)

(243) “nossa, **até que pra uma mulher você entende de futebol**”, com e-mails super mega machistas e por aí vai. (Blog: S coisas e coisinhas/2010/356)

Apesar de exprimirem concessividade, (242) e (243) situam, respectivamente, o discernimento político de Claudio Lembo e o entendimento futebolístico da mulher em termos absolutos e não graduáveis. Assim, apesar de bastante próximas das chamadas estruturas pró-concessivas estudadas por Pacagnini (2012), as CCCAS e CCCAE apresentam particularidades. A ausência de um intensificador em Y, nesses casos, parece fazer surtir efeito fortalecedor da relação de contraexpectativa, reforçando a distância em que as expectativas (X) e a realização contrária (Y) são colocadas na escala comparativa.

#### 6.7.6 Os principais alvos da avaliação na CCCAE

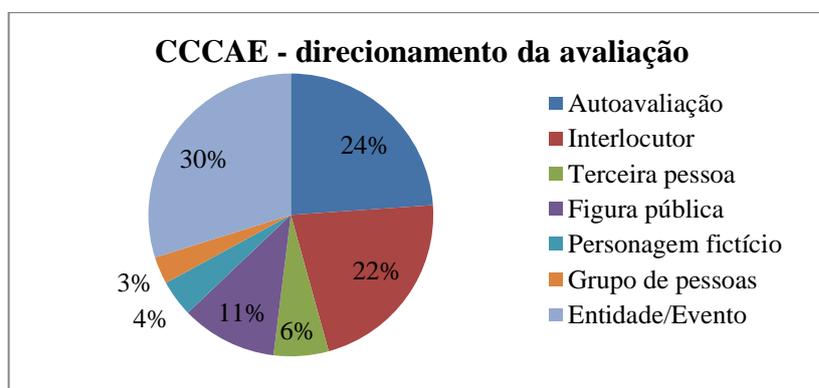
Com o objetivo de compreender a atuação pragmática da avaliação feita por meio da CCCAE, realizamos um levantamento de quais sejam os alvos da avaliação quando esta construção é utilizada para estabelecer uma relação de quebra de expectativas.

Por meio de forma mais direta, ou indiretamente (inferida pelas pistas textuais), a CCCAE se destina à avaliação:

- ❖ **do próprio produtor textual.** Ex: “*Até que, para quem odeia o BBB, eu estou bem informado, não?*” (Blog: Tony goes/2010/023)
- ❖ **do interlocutor do produtor.** Ex: “*até que pra uma baixinha você é bem bonita*” (Blog: Todos os meus sonhos/2010/345)
- ❖ **de uma terceira pessoa comum.** Ex: “*Até que pra um papai de primeira viagem ele foi bem, né?*” (Blog: Mama e musa/2012/192)

- ❖ **de uma figura pública.** Ex: “*Até que para alguém que defende o comunismo e uma distribuição de renda justa ele é bem capitalista*” [Lula] (YR: Governo e Política/ 2011/006)
- ❖ **de um personagem fictício.** Ex: “*Até que pra um primeiro dia, Finn se saiu bem*” [personagem da série americana *Glee*] (Blog: Séries música filmes/2012/193)
- ❖ **de um grupo de pessoas.** Ex: “*Até que para quem dizia que essa copinha era série B da América eles estavam bem interessados antes de o Inter papar.*” (Blog: Mestre Celso Roth/2008/038)
- ❖ **ou de uma entidade ou evento.** Ex: “*até que para uma Pale Lager a cerveja é interessante*” (Blog: Recbrew/2010/321); “*Olha até que pra uma baladinha de escola isso aqui ta legal!*” (Blog: Jemi uma história sem fim/2010/347)

No gráfico 15, a seguir, pode ser vista a distribuição das avaliações entre os diferentes alvos na CCCAE:



**Gráfico 15: Direcionamento da avaliação na CCCAE**

Considerando-se os subtipos individualmente, e agrupando-os em dois conjuntos (CCCAE-ALGUÉM e CCCAE-QUEM, de um lado, e CCCAE-UM e CCCAE-UMA, de outro), é possível perceber algumas correlações.

No conjunto CCCAE-ALGUÉM e CCCAE-QUEM, os três primeiros tipos de alvo de avaliação são comuns aos dois subtipos: um produtor textual concentraria o uso da construção em avaliar a si mesmo, avaliar seu interlocutor ou avaliar uma figura pública. Vejamos o quadro 25:

Ordem	CCCAE-ALGUÉM	CCCAE-QUEM
1º	Fig. pública (72%)	Si mesmo (53%)
2º	Si mesmo (14%)	Interlocutor (14%)
3º	Interlocutor (14%)	Fig. pública (12%)

**Quadro 25: Os três principais alvos da avaliação – Subtipos CCCAE-ALGUÉM e CCCAE-QUEM**

Há uma discrepância em relação às posições ocupadas por esses três tipos de alvo, sendo que, com o subtipo CCCAE-QUEM, o uso da construção é maciçamente voltado para a autoavaliação, em 53% dos usos. Avaliações ao interlocutor e a figuras públicas correspondem, respectivamente, a 14% e 12% dos dados de CCCAE-QUEM. Há, ainda nesse subtipo, raros direcionamentos de avaliação a terceira pessoa, personagens, grupos e entidades/eventos.

Com o subtipo CCCAE-ALGUÉM, a construção é exclusivamente voltada para avaliação de figuras públicas. Avaliações a si mesmo e ao interlocutor correspondem, cada uma, a 14% dos dados de CCCAE-ALGUÉM.

Em relação ao conjunto CCCAE-UM e CCCAE-UMA, também os três primeiros tipos de alvo de avaliação são comuns aos dois subtipos: um produtor textual concentraria o uso da construção em avaliar entidades/eventos, avaliar seu interlocutor, ou avaliar a si mesmo. Vejamos o quadro 26:

Ordem	CCCAE-UM	CCCAE-UMA
1º	Entidade/Evento (38%) ← →	Entidade/Evento (41%)
2º	Interlocutor (24%) ← →	Interlocutor (26%)
3º	Si mesmo (14%) ← →	Si mesmo (15%)

**Quadro 26: Os três principais alvos da avaliação – Subtipos CCCAE-UM e CCCE-UMA**

Esses direcionamentos representam, em ambos os subtipos, aproximadamente 80% do direcionamento total. Nesse conjunto, há uma correlação direta dos alvos avaliados entre os subtipos. Percebe-se que apresentam um comportamento bastante semelhante e holístico.

## 6.8 A gradação de sentido da avaliação da CCCAE<sup>163</sup>

Partindo da premissa de que o comentário feito em Y marca uma relação de quebra de expectativas quanto ao *frame* disparado em “ATÉ QUE PARA X”, serão apresentadas algumas das variações observadas no significado dos comentários em Y.

De forma geral, os tipos de comentários avaliativos em Y variam em um espectro de cinco possíveis sentidos, a saber:

<sup>163</sup> Devido à escassez de exemplos da CCCAS, os levantamentos dos diferentes sentidos da relação contraexpectativa foram propostos apenas para a CCCAE.

- 1- Contraexpectativa positiva (plena)
- 2- Contraexpectativa positiva mitigada
- 3- Contraexpectativa (plena ou mitigada) com ironia
- 4- Contraexpectativa para marcar inconsistência ou incredulidade
- 5- Contraexpectativa para marcar crítica (negativa)

**1- Contraexpectativa positiva (plena):** o comentário em Y é interpretado como uma contraexpectativa positiva plena, ou um tipo de elogio, quando a relação estabelecida entre X e Y é marcada positivamente, exaltando-se algum aspecto em Y. Linguisticamente, os comentários são marcados pela presença de um intensificador (geralmente advérbio de intensidade), e expressões semanticamente reconhecidas como favoráveis. Nesse tipo de relação, o falante expressa que assume a contraexpectativa entre X e Y como uma surpresa positiva. Os exemplos a seguir, (244) e (245), ilustram a contraexpectativa positiva por meio do intensificador “ *muito* ”, em Y:

(244) este papo já esta gasto, com estudo ou sem ele os que são idiotas continuarão a ser, os incapazes também, e os desonestos idem, portanto **até que para quem tem pouco estudo ele se saiu muito bem**, foi até melhor que muitos catedráticos. Olha se estudo fosse sinal de capacidade o serviço publico não seria o que é. (YR: Política Governo/2009/087)

(245) **Até que para uma pessoa que nunca gostou de escrever dividindo seu dia a dia, você escreve MUIIIITO bem!** É super dinâmica, nada prolixa e ENGRAÇADÍSSIMA!! (Blog: Casamento econômico/2008/331)

Em (244), o aspecto positivo da contraexpectativa é marcado pela intensificação adverbial “ *muito bem* ”. O usuário luizcas critica o tipo de assunto da pergunta do YR, que relaciona o então presidente Lula não ter estudo em contraponto à profissão de gari, que requer escolaridade mínima. Em sua resposta, o usuário defende que Lula supera as adversidades, tornando-se, inclusive, “ *melhor que muitos catedráticos* ”. Em (245), o recurso de intensificação adverbial é reforçado pelo uso de letras maiúsculas e repetição de vogal. A leitora Di inicia seu comentário à postagem de sua amiga, considerada uma pessoa que não gosta de escrever sobre si, e marca, por meio da construção, sua contraexpectativa positiva sobre a amiga escrever “ *MUIIIITO bem* ”.

Já o exemplo (246), a seguir, não apresenta intensificação adverbial. No entanto, contém marcas lexicais que assinalam a surpresa como positiva:

(246) Mas **até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva**. Ele fica macio por dentro e crocante mesmo por fora. Além disso, ele é maior que o nugget da Sadia, do que o Tekitos, gostei mesmo. (Blog: Eu experimento/2010/166)

Em (246), ao dizer que o Max Croc “*surpreendeu de uma forma positiva*”, a autora do blog enfatiza que o empanado de frango superou positivamente as expectativas.

Também a contraexpectativa positiva pode ser reforçada quando, em “ATÉ QUE PARA X”, usa-se um termo que situe as expectativas para o *frame* numa escala de valores baixos. As ocorrências (247) e (248) ilustram essa situação:

(247) Toco violão meia boca e voce?

Nossa eu sou um troço ; mais **até que pra quem ta aprendendo sozinha sem ninguém ajudando ninguém mesmo eu to começando bem** só não faço aula por que ta caro neeh “ e sou estagiaria e ganho esmola rsrs” (YR: Yahoo Entretenimento e música/2011/093)

(248) conheço... o som dessa banda é massa.

**até que para um baterista que só tem um braço, ele manda bem.** (YR: Yahoo Música rock e pop/ 2009/267)

Em (247), para enfatizar que as expectativas para seu desempenho em tocar violão sejam bastante baixas, a autora declara que está aprendendo a tocar “*sem ninguém ajudando*”, e reforça ao repetir “*ninguém mesmo*”. Já em (248), o usuário do YR situa as expectativas sobre o desempenho profissional do integrante da banda Def Leopard com um valor baixo na escala, ao mencionar que o baterista “*só tem um braço*”. O acionamento de uma escala com valores baixos em (247) e (248) pode ser visto como um recurso linguístico para abaixar o valor de expectativas na escala, em “ATÉ QUE PARA X”, e então promover uma ênfase em Y, extrapolando as expectativas marcadamente baixas. Alinha-se, dessa forma, ao tipo de relação escalar discutido por Fauconnier (1980) e Fillmore, Kay & O’Connor (1988), por exemplo, no sentido de que elementos marcados com valores extremos nas escalas promovem a inferência associada a probabilidades. A marcação extremamente baixa em X (**ninguém** ajudar a tocar violão, em (248); e, em (248) um baterista ter **só um** braço) faz com que a realização (bem sucedida) em Y seja vista como menos provável de acontecer.

**2- Contraexpectativa positiva mitigada:** o comentário em Y é interpretado como uma contraexpectativa positiva atenuada quando há marcas linguísticas de rebaixamento da

contraexpectativa positiva. Isso pode ser observado em (249), em que é empregado um léxico de sentido positivo fraco do ponto de vista avaliativo:

(249) Precisando renovar a carteira de identidade, a Mévia se prepara para a foto: cabelo escovado, batonzinho discreto, uma roupinha transada e tal. **“Até que para uma 3x4 ficou razoável”** pensa, toda feliz. (Blog: Comentando/2004/316)

Em (249), para caracterizar a foto 3x4, o atributo “*razoável*” sinaliza que a qualidade da foto, apesar de desejável (e melhor que “péssima”, por exemplo), não chega a ser “boa” ou “ótima”.

Outra forma de marcar a atenuação da contraexpectativa positiva é usar a negação de um atributo desfavorável, como é visto em (250):

(250) Resumo do Galvão no jogo: Repetiu três vezes que era a estréia do Brasil na Copa; Repetiu duas vezes: “Prepare o seu coração, a Copa vai começar”; Quando foi citar os jogadores da “seleção internacional do Brasil” (sic), já começou errando: “Lá vai Roque Júnior, do Milan”; Repetiu seis vezes que quarta-feira tem Brasil x Equador em Manaus; Chamou Diego de Diogo; A melhor de todas: “Tem que gravar uma fita do Rivaldo e mandar pro técnico dele, o Ancelotti, lá na Roma”.  
Bem, **até que pra um primeiro jogo de Eliminatórias, ele não foi tãããã mal assim...** (Blog: Eu odeio Galvão Bueno/2003/195)

Em (250), para se referir ao desempenho do narrador Galvão Bueno, o autor nega um atributo desfavorável, e o faz com uso de intensificador (reforçado graficamente pela repetição de vogal). Dizer que Galvão Bueno “*não foi tãããã mal assim*” não impede que ele tenha ido mal de alguma forma. A sequência de gafes cometidas pelo narrador, listadas no texto, são indícios de que a avaliação que o autor faz não é efetivamente positiva.

**3- *Contraexpectativa marcada por uma relação de ironia:*** nesta gradação de sentido, o produtor textual conta com o empenho do seu interlocutor em perceber a violação da máxima da Qualidade (que postula dizer a verdade nos enunciados). A ironia pode ser percebida no comentário em Y ou no acionamento de expectativa em “ATÉ QUE PARA X”. Percebemos, ao menos, três formas de ironia em CCCAE:

**3- (a) *Desconstrução de um elogio:*** marcar uma contraexpectativa positiva (um elogio, por exemplo), e, em seguida, desconstruí-la textualmente, como é percebido em (251) e (252):

(251) Porra, a coisa mais ruim é não ter o que postar, muito menos criatividade para criar algo, sei lá nas férias todos ficamos preguiçosos (...). Então quando isso acontecer de novo grite um palavrão ~~não perto da sua mãe~~ sua dor irá melhorar, senão melhorar e você tiver gritado o palavrão e sua mãe ouviu, ai você se fudeu duas vezes (ou não).

**É até que pra alguém que não tinha o que postar esse post ficou bom (ou não).**

(Blog: Bandaid here/2011/004)

(252) nós ridicularizamos e debochamos do que pensam.... como você diz, **até que para um crente vc é espertinho... mas não muito né?** ainda acredita em Deus (YR: Religião e Espiritualidade/2010/259)

Em (251), o autor anuncia que o tema de sua postagem é exatamente sobre não saber o que postar. Ao final do texto, após escrever sobre diversos assuntos, o autor sinaliza que se surpreende positivamente com o resultado, ao dizer que “*esse post ficou bom*”, mas, em estilo irreverente, complementa com “*(ou não)*”. Expressões como “*ou não*” e “*só que não*” (“*sqn*”) podem ser tomadas como marcadores de ironia. Assim, o uso de “*ou não*”, pelo autor, atua para desconstruir seu elogio antes sugerido.

Em (252), numa primeira leitura, a contraexpectativa é positiva atenuada, depreendida pelo uso de atributo favorável (esperto) mitigado pelo emprego no diminutivo (“*espertinho*”). Na pergunta do YR, o autor Victor III questiona o tratamento de ateus a cristãos e comenta: “*Tudo o que fazem e debochar e ridicularizar os que pensam e suas ideias*”. Em resposta, o usuário “Mistério” parafraseia o comentário do autor e produz a construção, fazendo um suposto elogio, com o comentário: “*vc é espertinho*”. Em seguida, pode-se inferir desconstrução do elogio (já atenuado), ao dizer “*mas não muito né? ainda acredita em Deus*”. Assim, o próprio enunciado passa a ter estilo de deboche.

**3- (b) Elogio-Crítica:** fazer um elogio que, no contexto sociocultural, é depreendido como crítica. Casos desse tipo são percebidos em (253) e (254):

(253) Na festa dela de formatura,ela gastou tubos para alisar o cabelo e um “amigo dela” branco falou:nossa ,a mamãe disse que **até que para uma negra vc esta bem arrumada(!)**

E acreditem,ela acha o auge,o fato que até para a mãe racista do amigo ela estava bem vestida. (Blog: Escreva Lola escreva/2012/303)

(254) 1º - Ele NÃO é bonito

2º - A voz dele é de menina... Fazer o que, conheço sete pessoas que quando ouviram uma música dele pela primeira vez acharam que ela uma menina. O pior foi a minha mãe, tava tocando a música na rádio e ela falou: “Filha, não sei qual é o seu problema com essa garota, **até que pra uma criança ela canta razoavelmente bem.**” (YR: Celebidades/2010/383)

Em (253), há, numa primeira leitura, uma contraexpectativa positiva plena (“*bem arrumada*”), que passa a ser reinterpretada como ofensa racial quando contemplada sob a ótica sócio-histórica e cultural. Na postagem, a autora Lola enfatiza sua posição de que mulheres devam aceitar os cabelos crespos. Na parte de comentários, a leitora Rebecca relata episódios vividos por uma amiga negra com problemas de aceitação. A leitora reporta a fala de uma “*mãe racista do amigo dela*” (da amiga), que fora realizada como uma instância de CCCAE. Na construção, o suposto elogio proferido à amiga negra aciona expectativas baixas para mulheres negras na relação estética. Ao dizer: “*E acreditem, ela acha o auge, o fato que até para a mãe racista do amigo ela estava bem vestida*”, a leitora sugere estupefação por considerar não crível que a amiga em questão tenha se sentido elogiada.

A relação **elogio-crítica**, em (254), pode ser analisada sob o ponto de vista do acesso a diferentes espaços mentais: de crença ou da realidade do falante. Tomando-se a instância da construção de forma isolada, há, inicialmente, a interpretação do elemento “*ela*” preferencialmente como uma **referência opaca** na fala reportada da mãe, por se referir a suas crenças de que se tratasse de uma cantora mirim. Quando o enunciado é trazido para o contexto do YR, em resposta à pergunta sobre o cantor Justin Bieber, a interpretação de “*ela*”, passa a ser vista como uma **referência transparente**, da enunciativa. Considerando-se padrões de gênero, o elogio (da mãe, a uma menina) passa a ser avaliado como crítica negativa (ao cantor, por abordá-lo como se fosse do sexo feminino).

**3- (c) Ironia em X:** fazer uma avaliação em Y, tomando X como algo desfavorável, sendo que, na verdade, o produtor textual demonstra considerar o contrário. Os exemplos (255) e (256) são ilustrativos desse tipo de ironia:

(255) **Até que para quem ia afugentar todos os investidores do país, fazer a economia declinar, “trazer o comunismo de volta” e o país entrar numa guerra civil, dentro de sua visão pequena, o aluno se tornou melhor que o mestre!** O neoliberalismo defendido por FHC está em decadência nos EUA e na Europa. já está mais do que provado que esse sistema só privilegia uma minoria. O PT fez alianças e buscou um caminho diferente, onde pessoas como você possui dificuldades para entender. Tudo bem, ninguém é perfeito, inclusive o Lula e o FHC... (Blog: Transparência Angra/2012/017)

(256) **Bom, até que pra uma bandinha mais ou menos eles tem uma história razoável não?**

Estas informações eu trouxe da Wikipédia, o que qqr idiota como eu pode fazer, antes de falar besteira, agora gostar ou não isso sim é uma coisa muito particular e o Asia

não é minha banda preferida e nunca foi, mas são músicos maravilhosos (Blog: Som mutante/2010/351)

Para reforçar seu comentário, o leitor, em (255), aciona uma série de elementos negativos do ponto de vista político e econômico, relacionados ao então presidente Lula, na contraparte “ATÉ QUE PARA X”. Esses elementos parecem ser trazidos de discursos alheios aos do leitor, o que é percebido pelo emprego de aspas em um dos trechos: “*trazer o comunismo de volta*”. Assim, o leitor reforça o sentido global da construção como um elogio à superação de Lula, ao colocar Lula e FHC numa relação de aluno e mestre, respectivamente.

Em (256), numa primeira leitura, depreende-se que seja feita uma contraexpectativa positiva atenuada em relação à banda Asia, ao considerar sua história “*razoável*”. Na postagem, o autor, em defesa da referida banda de rock, faz desabafo: “*mas dizer que o Asia dá asia (que trocadilho horrível), que são hippyes retornando do passado como zumbis ou que não estão tão bons??????*”. Ao usar a construção, a ironia do autor consiste em dois momentos: (i) no uso do diminutivo “*bandinha*”, que aciona um valor baixo na escala de expectativas, na contraparte “ATÉ QUE PARA X”; e (ii) no uso de uma suposta contraexpectativa positiva atenuada, em Y. Afinal, o autor diz que a banda tem “*uma história razoável*”, logo após elencar uma vasta discografia de 1982 a 2010.

As menções negativas em X demonstram marcar polifonia. Os produtores textuais tanto de (255) como de (256) apresentam, em X, um posicionamento do qual não parecem compartilhar, e o fazem para enfatizar sua avaliação como positiva, contando com a perspicácia do leitor em interpretar o acionamento em “ATÉ QUE PARA X” como irônico.

**4- A contraexpectativa marca incompatibilidade da situação ou incredulidade do falante:** o comentário em Y pode indicar que o produtor textual assume as duas situações (x e Y) como incompatíveis ou, ainda, pode sinalizar que, dada a informação em Y, o produtor textual descrê na informação veiculada em X.

**4- (a) Incompatibilidade:** o comentário em Y é dado sem recurso de intensificação. Dessa forma, a disparidade entre X e Y é colocada em absoluto. Vejamos (257):

(257) Gente, eu acho esse tipo de coisa tão estúpida, tão normal para adolescentes, já que é nessa fase que as pessoas tem uma necessidade gigantesca de se encaixar em um grupo. Isso é natural e esperado nesta fase da vida. O que me embitchece de verdade é que por causa do grupo aí de cima todas as outras mulheres ( do grupo das que amam/gostam de futebol de verdade ) sofrerem com piadas infames e expressões

“**nossa, até que pra uma mulher você entende de futebol**”, com e-mails super mega machistas e por aí vai. (Blog: S coisas e coisinhas/2010/356)

Em (257), a autora Sah escreve críticas sobre a relação entre mulheres e futebol e estabelece que há um grupo de mulheres que não gosta de futebol e “*falam como se entendessem do assunto*”. Segundo ela, devido à postura de mulheres desse grupo “*todas as outras mulheres*” sofreriam com “*piadas infames e expressões*”, como a que é exemplificada pela CCCAE. Como não há palavra intensificadora em Y, o entendimento (sobre futebol) é dado em absoluto, sem acionar um nível (alto ou baixo) numa escala de expectativas. Disso decorre que, de acordo com a forma como a instância é configurada, a expectativa de entendimento de futebol é nula. A relação de contraexpectativa supostamente positiva (entender de determinado assunto) e surpresa sobre o fato de uma mulher entender de futebol se baseia em concepção cultural sobre interesses e conhecimentos ditos femininos ou masculinos, sendo acionada uma incompatibilidade tácita na relação mulher Vs. futebol.

Ainda que com pouca aparição nos dados, as ocorrências sem nenhum tipo de intensificador na Oração de Y, como a (257) e a já comentada (132) – em que é dito que “*Até que para um ex-Arena, ex-PFL e atual Dem, ele tem discernimento*” –, contribuem fortemente para reforçar o sentido concessivo da CCCAE, por estabelecerem que a dissonância entre “ATÉ QUE PARA X” e Y atinge o nível de uma relação de tudo-ou-nada.

**4- (b) Incredulidade do produtor textual:** algum dispositivo textual ou contextual sinaliza que as situações em X e Y são tão conflitantes entre si que acionam a ideia de falsidade do que é mencionado em X. Exemplos são vistos em (258) e (259):

(258) Boa, Fofuxa!!

**Até que, pra quem teve amnésia, vc lembrou de muita coisa!!!**

Domingão é nós!!

Beijosssssssssssssssss (Blog: Andarilhos do Riso/2012/048)

(259) **Até que pra uma criancinha de 7 aninhos, vc escreve bem explicadinho hein...**Pergunta idiota tolerância Zero!!! Mas já ganhei 2 pontos...ahsuahsua (YR: Saúde e Beleza/2009/384)

A ocorrência (258) é produzida como comentário a uma postagem que relata o fim de semana de voluntários “doutores da alegria” em visita a hospitais. No relato bem humorado, a autora Dra. Fofuxa pede desculpas pela demora em publicar o relato no blog e diz que a animação da visita “*deixou os doutores todos com crise de amnésia*”. Apesar disso, a autora

descreve, com detalhe, diversos fatos ocorridos na visita. Possivelmente decorrente do conflito estabelecido entre alguém ter amnésia e lembrar-se de fatos, o leitor, em tom amistoso, sugere incredulidade sobre a amnésia da doutora.

Em (259), a incredulidade do usuário YR é sobre a idade alegada pela autora de uma pergunta. A autora Juliana se faz passar por uma criança de sete anos que ainda usa fraldas, e pergunta aos usuários “*Porque minha mae coloca fralda em mim?*”. Nas respostas, a usuária Linda inicia seu comentário instanciando uma CCCAE, para marcar, aparentemente, a contraexpectativa positiva em relação às habilidades de escrita da autora, levando em conta sua suposta idade. Em seguida, critica a qualidade da pergunta, taxando-a de “*idiota*”. Infere-se, pois, que a usuária coloca em xeque a veracidade da idade informada pela autora. Em outra resposta, a usuária “manaus” corrobora a ideia de incredulidade, ao dirigir-se à autora da pergunta com a afirmação: “*vc não conseguiu ser engraçada, lamento*”.

Situações como as descritas em (257), (258) e (259) – em que a relação de contraexpectativa marca incompatibilidade da situação ou incredulidade do falante – assemelham-se ao sentido de “incompatibilidade pragmática” acionado nas relações concessivas, discutido por Fretheim (2001). Devido à incompatibilidade pragmática entre as situações descritas em “ATÉ QUE PARA X” e em Y, falante ou interlocutor podem não esperar que X e Y possam ser, ambos, verdadeiros num mesmo contexto.

**5- Crítica (negativa):** o comentário avaliativo em Y é negativo. Atua como uma crítica negativa, de forma direta, como pode ser visto em (260) e (261):

(260) **Até que pra um gay, vc está se saindo bem cabecinha fechada heim . . .** ou vc seria um desses gays que participam de cultos evangélicos . . .

Menos preconceito meu amigo, deixe que Deus julgue, isso não compete à você! (YR: Religião e Espiritualidade/2009/286)

(261) **Olha, até que pra uma feminista essa daí não entende nada de mulher!**

Uma mulher feminina, (e não feminista) até aconselharia as amigas: ó, se você tá muito gordinha, só fica por cima se estiver meia luz, gata! Senão o negócio vira a visão do inferno! rs

Era só o que faltava, nego agora praticar sexo politicamente correto! Burocratizar e politizar a coisa!

Parece até que o casal vai pra cama pra brigar por poder, ora bolas! (Blog: Elise salada mista/2011/346)

Em (260), a relação de contraexpectativa é admitida como negativa acionando-se um conhecimento compartilhado de que *gays* sejam pessoas esclarecidas e liberais, e não

conservadoras – e assumindo-se o conservadorismo como aspecto negativo. Na pergunta, o autor Leo critica a presença de religiosos em “*boates GLBT*”. Na parte de respostas, o usuário Silvio Biker inicia sua resposta usando a construção para repreender a atitude do autor, taxando-o do termo pejorativo “*cabecinha fechada*”.

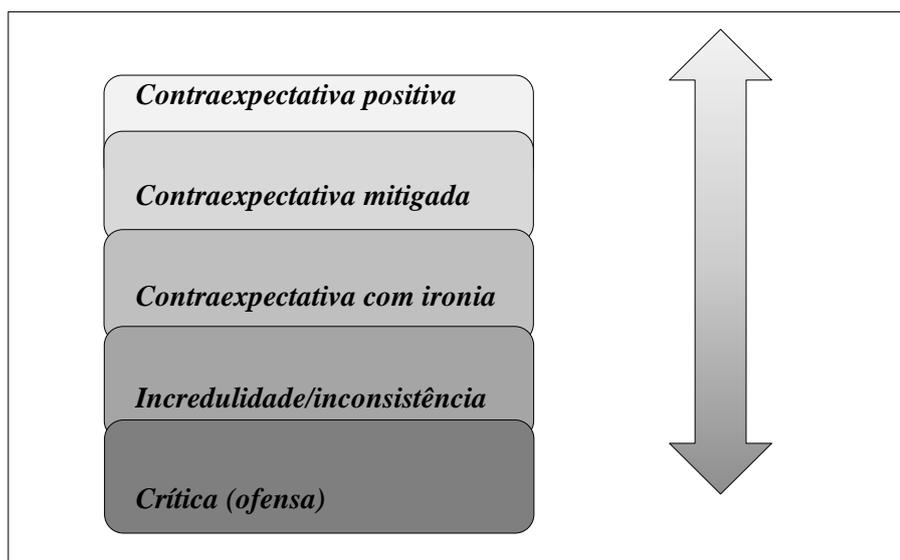
Em (261), a autora Elise faz uma postagem com críticas a um suposto discurso de uma feminista sobre posição sexual não recomendada às mulheres, divulgado em artigo de internet. Ao final da postagem, autora produz a construção para marcar relação de contraexpectativa negativa e inconsistência acerca do que é esperado de uma mulher feminista, que, segundo a autora, não condiz com incentivo à prática de “*sexo politicamente correto*”. A crítica é marcada pelo acionamento escalar de nível mínimo de entendimento sobre mulheres. Assim, se uma feminista “*não entende nada de mulher*”, é descaracterizada em sua posição ideológica.

A discrepância entre as concepções reconhecidamente feministas e aquelas contidas em suposto discurso feminista é comprovada quando, em um dos comentários, um leitor afirma que o referido artigo da internet é falso.

### 6.8.1 Fluidez dos sentidos

As gradações de sentido são fluidas e não excludentes entre si. As ocorrências que ilustram um dos sentidos não têm a interpretação estanque. Dentre os cinco sentidos, há uma concentração maior nos dois primeiros, sendo que aproximadamente 60% das ocorrências foram interpretadas como relações de contraexpectativa linguisticamente marcada como positiva (de forma plena ou atenuada). Uma ocorrência pode, por exemplo, ser interpretada como um caso de contraexpectativa positiva (atenuada ou não) e, ao se considerar o contexto, passar a ser vista como caso de ironia ou incredulidade.

Por outro lado, os casos linguisticamente marcados como crítica ou ofensa representam menos de 4%, o que sinaliza que a CCCAE é uma construção que privilegia marcar o elogio (relativizado num parâmetro recortado, não absoluto). A figura 20, a seguir, ilustra a disposição dos cinco diferentes sentidos da contraexpectativa acionada na construção.



**Figura 20: Gradação dos sentidos da contraexpectativa**

Como se pretende mostrar, os sentidos se interpenetram, variando entre o elogio e a crítica negativa ou ofensa. CCCAE, como construção altamente ancorada no uso, é ajustável, permitindo que haja uma penumbra não especificada entre o elogio e a ofensa.

### **6.9 CCCAS e CCCAE acionam pressuposição: contribuições da Teoria dos Espaços Mentais (I)**

Por serem construções altamente ancoradas no desdobramento discursivo, CCCAS e CCCAE recebem significativa contribuição dos conceitos discutidos na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), como, por exemplo, a pressuposição.

A pressuposição, disparada linguisticamente por meio de diversas estruturas, é uma informação difícil de ser refutada, pois é assumida como informação dada, subjacente. Como visto anteriormente, a pressuposição também pode ser acionada na concessividade, tratada como causa frustrada, segundo Verhagen (2000,2005), que desenvolve estudo relacionando as concessivas (do tipo: *although p, q*) aos Espaços Mentais. Nessa relação, ao promover um enunciado concessivo, o conceptualizador supõe que seu interlocutor possa acionar, paralelamente, uma pressuposição que leva em conta as expectativas sobre generalizações (inspiradas num *topos*) de causa-e-efeito.

Nos casos de CCCAS/CCCAE, a pressuposição pode ser assumida como um tipo de inferência convidada. Tomando-se o enunciado (246), aqui retomado como (262), temos que, uma vez que a configuração da CCCAE instanciada remete a uma contrariedade subjacente, o

leitor do blog é convidado a pressupor que empanados de frango (*nuggets*) não sejam um tipo de alimento que surpreende positivamente o paladar:

(262) Mas **até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva**. Ele fica macio por dentro e crocante mesmo por fora. Além disso, ele é maior que o nugget da Sadia, do que o Tekitos, gostei mesmo.

(...)

Postado por NumFróid às 22:11 Um comentário (Blog: Eu experimento/2010/166)

Poderia ser objetado que a alegada relação de contraexpectativa não se suportaria se se partisse do pressuposto de que o *nugget* é um alimento de prestígio (o que, na prática, irá depender das aptidões e preferências gustativas individuais ou condicionadas culturalmente). Uma dentre as possibilidades de expectativas acionadas pelo *frame* nominal *nugget* (empanados congelados de frango) é a de um alimento pouco saudável, como é visto no trecho de um site chamado “Melhor com saúde”:

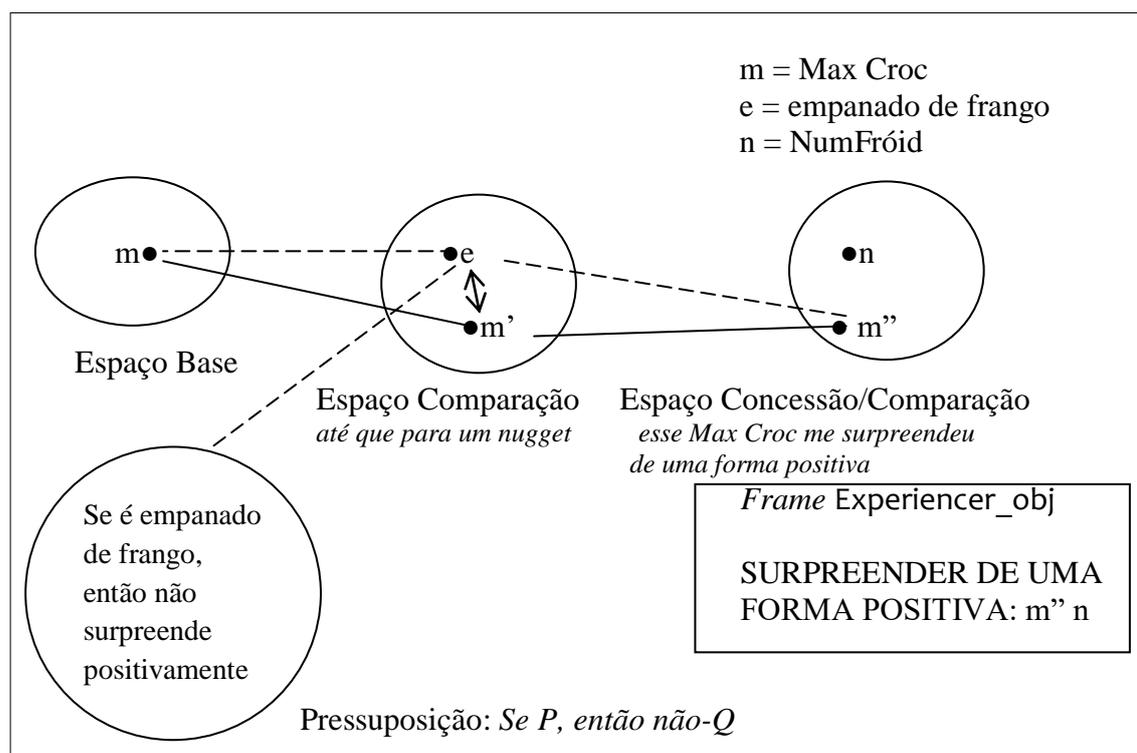
(263) Como são feitos os nuggets de frango?

O recheio com o qual são feitos os tão deliciosos nuggets de frango que costumamos comer como uma alternativa aos hambúrgueres parece uma espécie de iogurte de morango congelado, ou uma goma de mascar gigante. Na realidade, é uma pasta cor de rosa, consequência da trituração dos frangos inteiros separados mecanicamente. É isso que revela em seu blog, *Early Onset of the Night*, o americano Michael Kindt.<sup>164</sup>

Provavelmente por assumir a pertinência de uma pressuposição do tipo “nuggets não surpreendem positivamente”, a autora NumFróid estrutura seu enunciado usando uma construção concessivo-comparativa. O diagrama a seguir pretende ilustrar a operação feita em termos de espaços mentais construídos:

---

<sup>164</sup> Disponível em: <<<http://melhorcomsaude.com/voce-sabe-que-sao-feitos-os-nuggets-de-frango/>>>. Acesso: 15 mai. 2016.



**Figura 21:** Diagrama de “até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva”

No diagrama da figura 21, o alimento Max Croc, inicialmente na Base, é tomado em comparação ao seu pertencimento ao grupo de “empanados de frango (nuggets)”. No espaço que consolida a relação Concessão/Comparação, o Max Croc é avaliado como alimento que surpreendeu positivamente a degustadora Num Fróid, inserido no *frame* Experiencer\_obj.

A informação do tipo “não surpreende positivamente” é pressuposta para a noção associada a “um nugget”, que atua como um termo generalizado. A pressuposição é percebida pela seta que liga o elemento “e” (empanado de frango) ao espaço mental da Pressuposição. Isso indica que a autora NumFróid demonstra assumir que **qualquer nugget** gera, em potencial, o efeito de não surpreender positivamente. Essa pressuposição é (ao menos parcialmente) cancelada no apanhamento holístico da construção concessivo-comparativa, uma vez que é afirmado que **o Max Croc** a surpreende positivamente. Além disso, a autora reforça seu posicionamento positivo quando, em seguida à instância da construção, elenca qualidades do empanado e afirma: “gostei muito”. O diagrama reafirma as CCCAS e CCCAE como construções concessivas, uma vez que, no exemplo, é indiretamente informado que: **apesar de** ser membro dos empanados de frango (*nuggets*), o Max Croc quebra positivamente as expectativas.

Considerando-se as contrapartes “(ATÉ QUE) PARA X” e “Y” como espaços mentais interdependentes, podemos considerar que a avaliação de Y é pragmaticamente condicionada às expectativas levantadas na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”. A verdade do comentário em Y não é uma verdade absoluta, mas relativizada ao pertencimento do elemento citado em Y ao grupo de expectativas acionado em “(ATÉ QUE) PARA X”.

Assim, a afirmação “até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva” não é tomada em absoluto. O elogio é interpretado como um recorte enviesado da realidade. Expandindo-se o contexto da instância (262), percebemos que a atribuição positiva dada ao Max Croc é marcadamente relacionada à sua condição de ser empanado. Vejamos (264):

(264) Olha, não me decepcionei, **por favor não esqueçam que estamos falando de empanados então não esperem que isso seja um frango fresco da vovó porque não será nunca**. Mas até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva. (Blog: Eu experimento/2010/166)

Ao solicitar que **não** seja acionada a expectativa de que “isso seja um frango fresco da vovó”, a autora anuncia a relativização que será feita na construção. No diagrama a seguir, propomos ilustrar a relativização do comentário em Y, envolvida na instância da CCCAE:

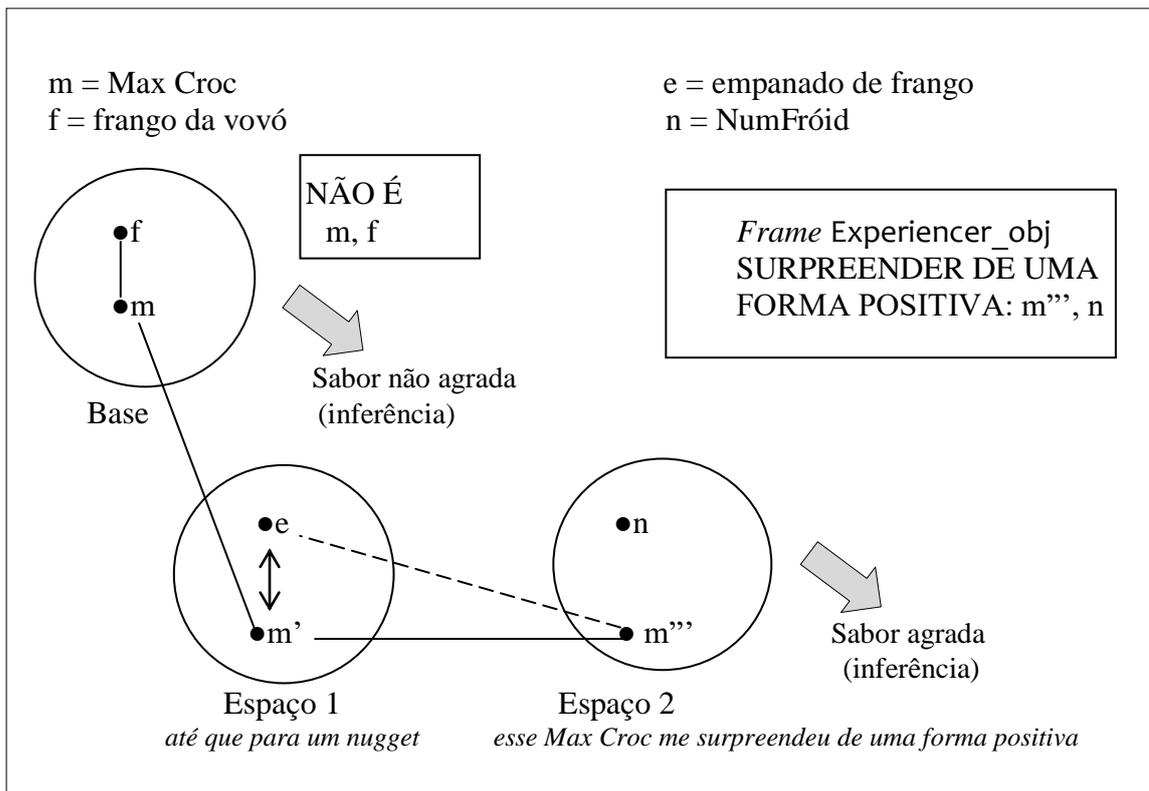


Figura 22: Diagrama da relativização do comentário em Y

Infere-se, dessa forma, que o sabor do Max Croc surpreende positivamente (e, conseqüentemente, agrada) **somente** na condição de ser um empanado. Observado na totalidade de um alimento, o Max Croc não é o frango fresco da vovó e, portanto, sugestivo de ter um sabor não plenamente satisfatório. Nesse sentido, a situação apresentada no comentário em Y é alternativa e paralela à realidade, construída a partir da forma como uma situação concreta (no caso, o sabor do alimento) é percebida pela falante. Ainda que esteja configurada como uma construção que sinaliza haver uma contraexpectativa positiva linguisticamente marcada como plena, a instância (264), ao ter seu contexto de produção ampliado, demonstra relativizar a positividade antes marcada. Daí o fato de ser considerado que a pressuposição (de surpreender positivamente) não é **totalmente** cancelada discursivamente: Max Croc surpreende, mas com ressalvas.

#### **6.10 O processo de Mesclagem ou CCCAS/CCCAE como “a certain kind of awkward compliment”<sup>165</sup>: contribuições da Teoria dos Espaços Mentais (II)**

Quando comenta que a manipulação do contexto linguístico pode atuar para enfraquecer um argumento, Ducrot (1987) discute que uma sequência inicialmente positiva, apreciativa, surte efeito oposto após manipulação do material linguístico. A diferença obtida por meio da manipulação linguística pode ser vista nos pares (265) e (266), que expressam, respectivamente, uma afirmação e uma reformulação enunciativa:

(265) Ela dança bem.

(266) Ela não dança muito bem, ela dança bem.

Nesses casos, é analisado que o mesmo segmento linguístico “*ela dança bem*”, em (265) e em (266), faz surtir efeitos pragmáticos distintos quanto à avaliação que é feita da dançarina; sendo (266) um caso de enfraquecimento argumentativo. De igual maneira, há claramente uma distinção nos pares (267) e (268):

(267) Você escreve direitinho.

(268) Até que para um corintiano, você escreve direitinho.

---

<sup>165</sup> Conforme consta no exemplo (72) da seção 3.5.1 deste trabalho, “a certain kind of awkward compliment” (certo tipo de elogio estranho) é o termo usado pela *designer* britânica Karen Jane para explicar a expressão usada para dar nome a seu blog: “*Not bad for a girl*”. Essa estrutura guarda semelhanças com as construções por nós estudadas.

Um enunciado como “*Você escreve direitinho*”, em (267), é potencialmente entendido como um elogio, uma vez que, isoladamente, no contexto *default*, é uma avaliação positiva à habilidade de escrita. Considerando-o imerso em ambiente argumentativo, no sentido de orientação à conclusão *r* (nos termos da argumentação linguística), nota-se um enfraquecimento de caráter argumentativo de (268) em relação a (267), por conta da ressalva concessiva de (268). Isso não invalidaria (mas enfraqueceria) uma conclusão do tipo: “você merece dez pela sua redação”. O enunciado (268) é instanciado nos dados como (269), a seguir:

(269) Gostei!!! **Até que para um corinthiano vc escreve direitinho...** rs...Brincadeira tá??? (Blog: Debates futebol/2010/167)

A relação estabelecida é entre ser torcedor corinthiano e saber escrever. Essa instância faz referência a um conhecimento compartilhado (de forma preconceituosa) por certas pessoas interessadas na esfera esportiva brasileira, a respeito de torcedores corinthianos serem associados a pessoas iletradas e vândalos. A postagem de Hugo Oliveira é um longo texto sobre a história da Copa de Futebol FIFA de 1954, sediada na Suíça. Após o texto, na área de comentário, uma leitora faz um elogio de quebra de expectativa, ao associar o pertencimento do autor ao grupo de corinthianos e sua habilidade de escrita como situações díspares.

Como visto, a contraparte “(ATÉ QUE) PARA X” manipula o contexto de tal forma que o segmento em Y ganha notoriedade a partir da presença dessa contraparte. O que corrobora o sentido de enfraquecimento argumentativo dado ao suposto elogio como um todo é a necessidade de retratação por parte da leitora, ao dizer “*Brincadeira tá???*”. Se o que foi dito pela leitora foi reavaliado como brincadeira (não verdadeiro), isso sinaliza para o fato de que, em sua concepção, o uso da configuração CCCAE não seria o mais adequado para fazer um elogio **sem** ressalvas. A expressão “*Brincadeira tá???*” é usada como pedido de desculpas para restabelecimento de ambiente amistoso.

### 6.10.1 CCCAS/CCCAE alteram a escala pragmática

Como tem sido discutido, CCCAS e CCCAE reforçam o sentido de mitigação de uma avaliação positiva, uma vez que o comentário em Y é condicionado às expectativas geradas na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”.

Como um exemplo de CCCAS, (121), com seu contexto de instanciação ampliado em (270), ilustra a relativização feita pelo leitor Carlos ao comentar o ganho financeiro do cantor Luan Santana:

(270) Carlos

23 de fevereiro de 2012 às 09:19

Ele nem sabe cantar. Acho que pra alguém que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro. Prova que aqui nesse país o talento não faz diferença, o que importa é comprar espaços na TV, em gravadoras e pagar para rádios tocarem sua música. Só isso já dá retorno. A voz dele é metalizada (...) Ele não atinge notas musicais, ele grita. (...) É Luan, antes você nadava de braçada, sem concorrentes, agora não é mais assim. Sem falar que o Michel Teló passou com um jumbo sobre a cabeça dele e do patrão dele. (Abril: Veja Radar/2012/389)

O diagrama na figura 23 é uma proposta de representação da conceptualização feita pelo leitor Carlos, inspirada na proposta de mesclagem conceptual discutida por Fauconnier & Turner (2002). Nessa concepção, Luan Santana surge em uma mescla que comprime expectativas sobre os cantores que sabem e os que não sabem cantar:

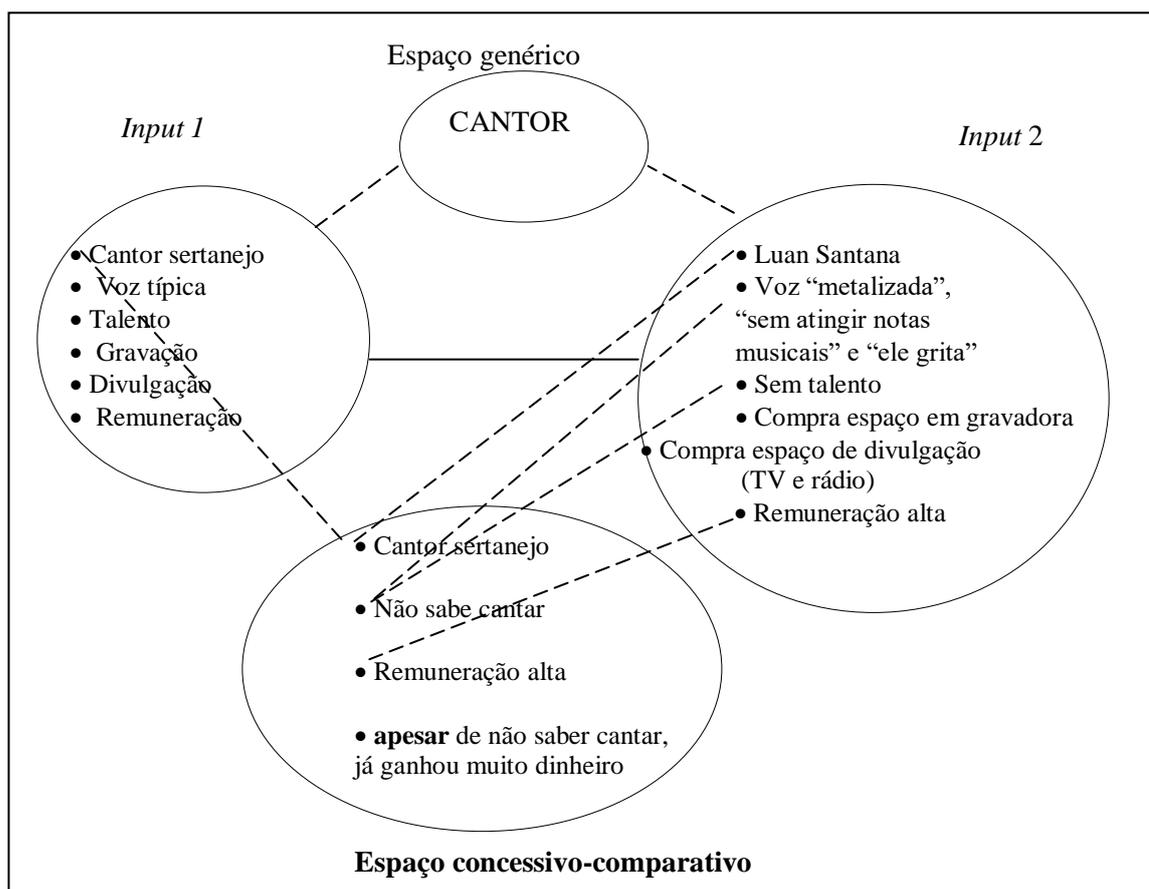


Figura 23: Mesclagem em “*pra alguém que não sabe cantar ele já ganhou muito dinheiro*”

Na conceptualização do leitor, Luan Santana é um cantor sertanejo (*Input 1*), que, no entanto, não sabe cantar e já ganhou muito dinheiro (*Input 2*). O *Input 1* comporta as expectativas geradas para cantores talentosos. Já o *Input 2* traz (des)qualificações de Luan Santana, como pessoa com “voz *metalizada*”, mas também como artista de alta remuneração, depreendido pela expressão: “já ganhou muito dinheiro”. Como estrutura emergente, surge uma espécie de contrafactualidade, como um cantor que não sabe cantar, mas que recebe alta remuneração como se o soubesse.

É interessante notar que a noção de “ganhou muito dinheiro” é relativizada se considerarmos que a afirmação do leitor é um comentário a uma matéria que traz um título sugestivo (*Queda livre*). Nela, o jornalista comenta exatamente o processo de queda nas vendas de CDs, ao dizer que o referido cantor “vem perdendo fôlego”, como é visto em (271):

(271) Queda livre

Por: Da redação 23/02/2012 às 7:01

Luan Santana conseguirá manter uma carreira sólida?

Luan Santana definiu a tiragem do novo CD que lançará em março – serão 100 000 cópias, metade da quantidade colocada à venda inicialmente do seu álbum do ano passado.

Depois de um início arrasador, Luan Santana vem perdendo fôlego no mercado fonográfico. Para quem toca a carreira do cantor, “2012 será um ano decisivo”. (Abril: Veja Radar/2012/389)

A instância parece, portanto, sinalizar, que o cantor ganhou mais dinheiro que o esperado por não saber cantar, mas não afirma que a quantidade ganha seja significativa.

O exemplo a seguir explicita o uso da CCCAE como recurso para rebaixar uma avaliação positiva. Em (272), o autor Cláudio faz uma postagem que, segundo ele, refere-se a suas impressões “ao ler algumas críticas americanas de alguns filmes brasileiros”. Vejamos seu posicionamento:

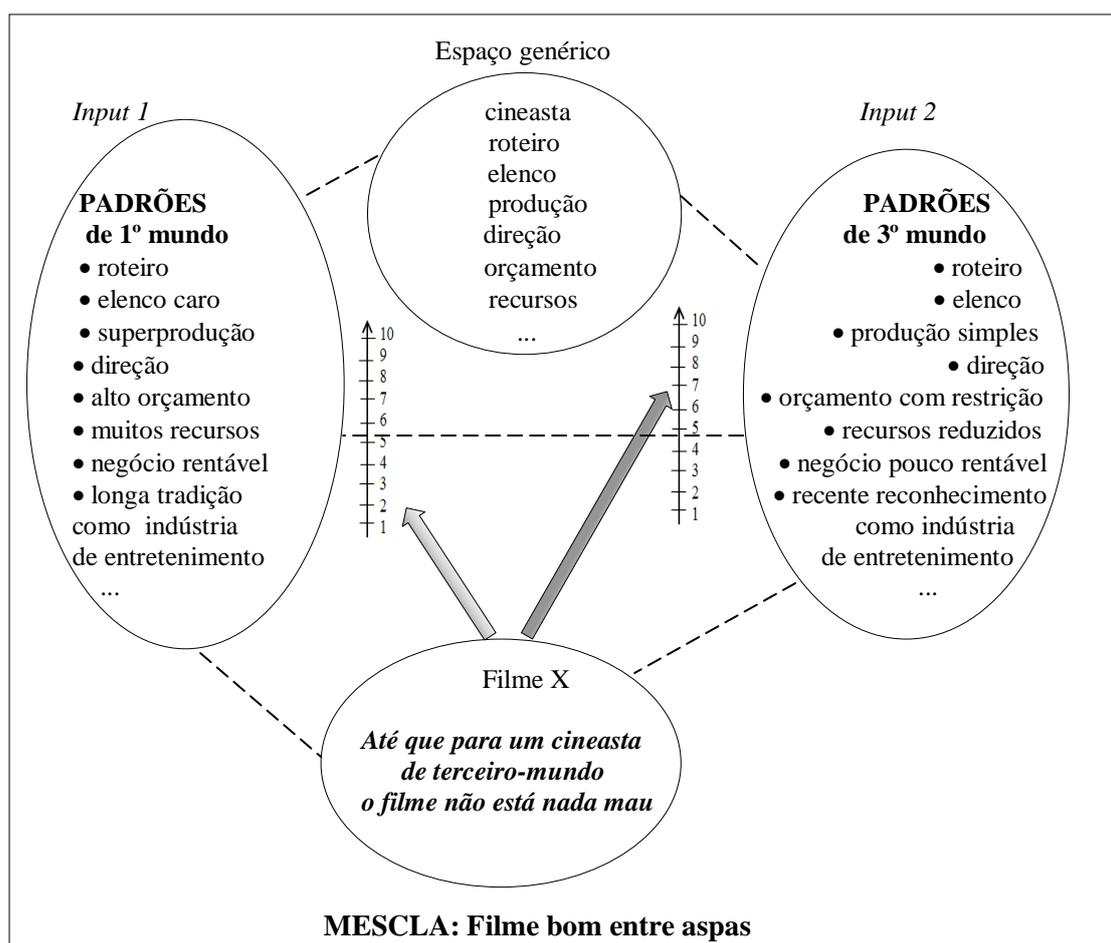
(272) Se eu fosse cineasta brasileiro eu iria ficar muito p-da-vida com o tratamento que a crítica do primeiro mundo trata os filmes brazucas: **é como se eles baixassem a barra** para que nós, coitadinhos, pudéssemos pulá-la.

Algo tipo: “Tadinho. **Até que para um cineasta de terceiro-mundo o filme não está nada mau.**”

Ou, exagerando: “Olha que bonitinho: o selvagem sabe fazer filminho.”

No meu tempo de moleque **a gente chamava isso de café-com-leite**: pirralhos que entravam na brincadeira para fazer número mas dos quais não podíamos exigir muito. (Blog: Reality is out there/2006/170) (grifos nossos)

A postagem é sobre o descontentamento do autor em relação à forma como a crítica internacional estaria lidando com filmes brasileiros e discute o olhar estrangeiro sobre cineastas de países de terceiro mundo por meio da avaliação dos filmes produzidos por tais cineastas. Segundo é ilustrado pelo autor, na visão da crítica americana de cinema, um enunciado que expressasse o poder pragmático de baixar a barra (no sentido de abrandar o rigor avaliativo) para criticar filmes brasileiros teria, na CCCAE, uma das possibilidades de manifestação. Vejamos o diagrama na figura 24, a seguir:



**Figura 24:** Mesclagem em “*Até que para um cineasta de terceiro-mundo o filme não está nada mau*”

O exemplo (272), ilustrado na figura 24, corrobora a tese de mesclagem conceitual, com atenuação da escala pragmática, evidenciada no trecho que ocorre imediatamente antes da construção: “*é como se eles baixassem a barra para que nós, coitadinhos, pudéssemos pulá-la*”. O ato de **baixar a barra** simboliza a operação conceitual da construção.

Em Y, há uma contraexpectativa positiva atenuada por meio do uso de negação de atributo desfavorável: “*não está nada mau*”. No plano semântico estritamente formal, é equivalente a “*está bom*”. Após a instância da construção, é reforçado o caráter de rebaixamento, quando o autor associa o suposto elogio à atitude “*café-com-leite*” dos mais fortes aos mais fracos.

Partindo-se de dois padrões diferentes, do cinema de primeiro e do cinema de terceiro mundo, representados respectivamente pelos *Inputs 1* e *2*, tem-se diferentes concepções do que seja um tipo de filme desejável. Assim, um filme X seria considerado “*nada mau*” num espaço mental criado para expectativas próprias de produções cinematográficas de terceiro mundo. Na escala que está atrelada ao *Input 2*, o nível de qualidade do filme seria razoável. Já na escala pertencente ao *Input 1*, o nível de qualidade do filme seria baixo, uma vez que, comparado aos padrões americanos, o filme seria o equivalente ao que um selvagem consegue produzir, conforme é dito no desabafo do autor do blog.

Assim, avaliado sob o viés da mesclagem conceptual, o teor avaliativo da CCCAE é entendido como a projeção de uma mescla que funciona pragmaticamente como a expressão <<entre aspas>> (que sinaliza uma realidade paralela). Dessa operação, que constrói uma categoria *ad hoc*, surge, portanto, a mescla equivalente a: “*Filme bom entre aspas*”.

### 6.10.2 A relatividade de um “6”

Com o objetivo de verificarmos a relativização efetuada nas CCCAS/CCCAE, vejamos outro enunciado, (273), em que o autor do blog Profissão Cinéfilo, Caio Amaral, faz crítica sobre o filme *A Troca*:

(273) O filme também sofre de um excesso de sub-tramas e a gente sai com a sensação de que foram enfiadas 3 histórias num filme só. **Vou dar nota 6. Mas não é o 6 que daria pra um filme como “Zohan”** por exemplo, que significa: **até que para um filme trash eu me diverti bastante. É um 6 que diz: pra um filme de primeira linha, até que esse tem defeitos demais.** (Blog: Profissão Cinéfilo/2009/130) (grifos nossos)

Como é visto, são empregadas duas instâncias de construção concessivo-comparativa. A primeira, contabilizada nos dados, é uma CCCAE usada para estabelecer uma relação de contrariedade entre expectativas baixas para filmes *trash* de comédia, como *Zohan*, e a imprevista diversão proporcionada pelo filme. A segunda instância, uma CCCAS não contabilizada nos dados, é usada pelo autor para afirmar uma relação de contraexpectativa

negativa para o filme resenhado, *A Troca*, tendo como efeito uma crítica ao filme de drama, ressaltando seus problemas.

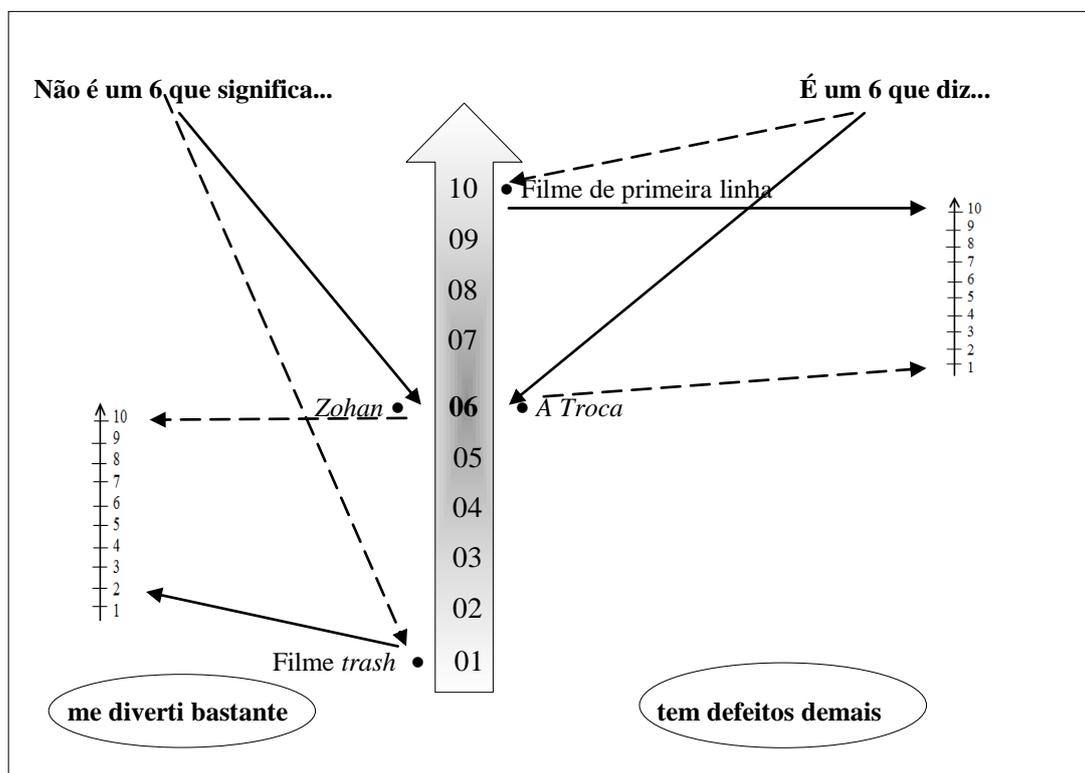


Figura 25: Relativização da nota "6"

Em relação à configuração do diagrama, temos, ao centro, uma escala genérica de atribuição de nota aos filmes. Os números nessa escala pretendem representar os valores absolutos das notas de 01 a 10 na avaliação de uma crítica cinematográfica.

O primeiro enunciado de Caio Amaral é representado ao lado esquerdo do diagrama, sobre a nota "6" que ele atribuiu a um tipo de filme considerado *trash*: *Zohan*. Acionando conhecimentos compartilhados sobre classificação de filmes, entendemos que filmes *trash* (pela própria definição da palavra *trash*, que significa "lixo" em inglês) são filmes de má qualidade. As expectativas mais comumente associadas a filmes *trash* são baixas. Assim, a escala paralela que surge no canto esquerdo da figura simboliza uma escala particular de avaliação de filmes ruins. Nessa escala (de filme ruim), o "6" (da escala absoluta) atribuído a *Zohan* recebe um status de "10", uma vez que é dito que o crítico se divertiu "*bastante*" com o filme.

Já o segundo enunciado, representado ao lado direito do diagrama, relativiza a nota "6" a partir da perspectiva de quem parte de expectativas altas. O filme *A Troca*, seja pela

direção (Clint Eastwood) ou pela atriz principal (Angelina Jolie), é previamente classificado como um filme de primeira linha. Em relação a filmes considerados muito bons, espera-se notas altas. Nesse sentido, a nota “6” (da escala absoluta) atribuída ao filme *A Troca* recebe um status de “01” na escala particular de avaliação de filmes muito bons, no lado direito da figura, levando-se em consideração a avaliação negativa feita por Caio Amaral, ao afirmar que o filme “*tem defeitos demais*”.

### 6.10.3 “*but a compliment all the same*”<sup>166</sup>

Em casos assinalados como contraexpectativa positiva (plena), as CCCAS/CCCAE podem ser usadas para elogiar. Quando produzem (274) ou (275), os enunciadores demonstram fazer elogios: ao *rapper* Emicida, devido ao sucesso de seu álbum, em (274); e ao papai de primeira viagem, Rafael, pelo desempenho satisfatório em competição de chá de bebê, em (275):

(274) A mixtape é o resultado de materiais produzidos durante quase uma década de improviso, letras, estudos, etc. “PRA QUEM JÁ MORDEU UM CACHORRO POR COMIDA, ATÉ QUE EU CHEGUEI LONGE...” traz 25 faixas com parcerias realizadas ao longo destes anos, seja com o parceiro inseparável DJ Nyack, com o seu irmão de sangue Fióti, com nomes consagrados da cena como MC Marechal, Slim Rimografia, Nave e Damien Seth e ainda a banda Projeto Nave, o produtor canadense Lou p entre outros. O material foi gravado durante o primeiro trimestre de 2009, as rimas vão do amor ao ódio, literalmente, sem se tornar redundante. Enfim, pra quem já mordeu um cachorro por comida ele realmente está indo longe. (Blog:/Rap original/ 2009/392)

(275) Elas elegeram algumas letras do alfabeto (iguais para os dois) e tínhamos (junto com outras pessoas escolhidas) de escrever o maior número de itens de bebês que lembrássemos em 2 minutos. No final, eu escrevi 25 itens contra 19 do Rafael. Até que pra um papai de primeira viagem ele foi bem, né? Olhem meu pai ajudando (Blog: Mama e musa/2012/192)

Em (274), após apresentar uma extensa lista de artistas reconhecidos no meio musical do *rap* como participantes do álbum de Emicida, o autor corrobora o sucesso profissional do cantor. Em (275), após anunciar que o marido havia acertado dezenove itens de bebês, seis a menos que ela, a autora elogia o desempenho de seu marido, inserindo-o no grupo de pais iniciantes.

<sup>166</sup> Segundo a *designer* britânica Karen Jane, “*Not bad for a girl*” é “*a certain kind of awkward compliment*” (certo tipo de elogio estranho), “*but a compliment all the same*” (mas um elogio ainda assim).

Importante salientar que, tanto em (274) como em (275), subjaz um acionamento de expectativas baixas. Assim, o sucesso de se chegar longe é relativizado se comparado a uma pessoa que figurativamente já mordeu cachorro por comida; de igual modo, o elogio feito a Rafael parte do estereótipo de pai iniciante, do qual pouco se espera a respeito de conhecimento sobre itens de bebês; daí a menção à ajuda recebida, evidenciada no comentário final: “*Olhem meu pai ajudando*”.

Conforme discutido na seção 6.7.2, sobre avaliatividade na CCCAE, na maior parte das vezes, comentário em Y é linguisticamente codificado como uma avaliação positiva. Assim, a CCCAE (e possivelmente também a CCCAS, desde que seja possível abordar maior quantidade de dados para generalizações) indica ser uma proposta voltada para atuar como elogio de fato. Uma vez codificada como elogio, intensifica-se a sutileza para criticar: o que, em última instância, é o efeito pragmático que se perpetua na construção, tornando-a um instrumento sutil de depreciação.

Vista sob esse viés, a abordagem de CCCAS/CCCAE corrobora o fato de que essas construções (e similares, como foi o caso da construção em língua inglesa – “*Not bad for a girl*”) podem ser percebidas pelo interlocutor como uma espécie de “*elogio estranho*”.

Contemplado isoladamente em sua manifestação em Y, nos casos de contraexpectativa positiva, o comentário avaliativo pode ser interpretado como elogio. No entanto, ele não é dado em absoluto. Há uma relativização anunciada na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”, que torna o elogio condicionado à comparação a um determinado grupo de expectativas. É justamente essa relativização que, gestalticamente, pode, de forma mais ou menos sutil, depreciar o elemento avaliado.

## 6.11 Questões para desdobramentos futuros

Antes de tecermos as considerações finais do trabalho, pontuaremos, nesta seção, algumas questões que nos parecem pertinentes para aprofundamentos futuros, elencadas a seguir:

### 6.11.1 Os papéis das contrapartes X e Y

Percebemos uma interdependência entre as contrapartes “(ATÉ QUE) PARA X” e Y no estabelecimento da relação concessivo-comparativa. Surge, entretanto, uma hipótese de que a contraparte “(ATÉ QUE) PARA X” desempenhe mais fortemente um papel de gatilho para a

relação concessivo-comparativa se consolidar, o que parece sinalizar para uma possível atribuição de Elemento Evocador da Construção à contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”. Há dois casos peculiares que motivam tal hipótese. O primeiro deles é visto em (276):

(276) Conquistadoras do Reino disse...

Tõ boba com vc Diva..

se o richardo lesse isso..rsrs

**até que pra quem nao gostava de discutir ..olha só hein..rs**

7 de maio de 2009 22:24 (Blog: Karileny/2009/080)

Em (276), a leitora deixa seu comentário à autora do blog, Diva, demonstrando surpreender-se com sua habilidade de discussão (uma vez esperado que Diva não gostasse de discutir). A expressão “*olha só hein*” parece ser a materialização de um comentário contrário, embora, em sua estrutura, seja uma expressão coloquial de surpresa. Outro caso peculiar é (277):

(277) Carlos Barretto disse...

Mas, Lafa.

Eu como “retratista de meia tigela” ou vulgarmente conhecido como “lambe-lambe”, também estou tentando acertar com as fotos.

Veza por outra, a gente tem que conseguir, não é verdade?

Rssss

quinta-feira, dezembro 10, 2009 2:24:00 PM

Lafayette disse...

**É, até que para um “metido a besta”, estás bem besta mesmo!** rrsrsrsrs

sexta-feira, dezembro 11, 2009 5:38:00 PM (Blog: Blog Flanar/2009/182)

Em (277), é ilustrada uma interação entre o autor do blog, Carlos Barretto, e o leitor, Lafayette, na parte de comentários do blog. Para elogiar o trabalho como fotógrafo e criticar, em estilo amistoso, a falsa modéstia do amigo<sup>167</sup> e autor do blog, Lafayette dirige-se a Carlos chamando-o de “*metido a besta*” (esnobe). Por ter acionado expectativas sobre um “*metido a besta*”, em “(ATÉ QUE PARA X)”, é esperado que o comentário em Y, proferido por Lafayette, fosse contrário a tais expectativas. Uma possível relação seria: esnobe Vs. humilde. No entanto, nesse caso, **excepcionalmente** o comentário em Y não é contrário às expectativas, pois reafirma (e repete) a informação dada em “(ATÉ QUE PARA X)”. O efeito – cômico – de tal

---

<sup>167</sup> Depreende-se a relação próxima entre autor e leitor pelo uso do apelido “*Lafa*”, usado pelo autor – o que demonstra intimidade entre eles.

reformulação parece gerar uma quebra de expectativas a respeito da relação de sentido esperada para a CCCAE, cujo gatilho se deu na contraparte “ATÉ QUE PARA X”.

Essas situações, aliadas àquelas em que o Y é **não imediato**, reforçam o sentido concessivo-comparativo da construção, ainda que a configuração efetivamente materializada não forneça todas as pistas linguísticas para tanto.

### 6.11.2 Estruturas formulaicas

Foram observadas algumas instâncias de CCCAE que empregam expressões formulaicas, do tipo: “PARA UM/UMA [ocupação efetiva], X É UM BOM [outra ocupação, mais adequada]”. Essas instâncias, exemplificadas nas ocorrências a seguir, podem exprimir avaliações de caráter positivo, como (278) e (279); ou avaliações de caráter negativo, como (280) e (281):

(278) Dione,  
disse tudo, menina! **Até que para uma advogada a sra tá me saindo uma boa nutricionista!**... :-) (Blog: HerbaBuga/2007/326)

(279) Gisele6 de janeiro de 2010 06:36  
Por fim se renderam ao hostel, hein?? As fotos estão lindas e os relatos tb, **até que pra um advogado vc é um ótimo jornalista**, hahahaha!! (Blog: Marcos Juliana/2009/210)

(280) **Até que para um entrevistador ele é um excelente humorista ultrapassado!**  
Allan C • 9 anos atrás (YR: Música e televisão/2006/277)

(281) Chacon  
Maio 30, 2010 às 9:57 pm  
**Até que para um jornalista, Kennedy se sai um excelente Petralhista.** Kennedy não lê o Estadão online, porque é da concorrência. Esse petistas não poderiam fazer isso nunca, ler o que faz os que eles são contra? Jamais!!! Então Kennedy perde a oportunidade de não escrever tal pérola, e perde a oportunidade de nos privar de sua visão estrábica do que se passa no Brasil. (Abril: Veja- Reinaldo/2010/104)

Em (278) e (279), são avaliados positivamente dois advogados que, de acordo com os respectivos enunciados, desempenham bom papel nas funções próprias de nutricionista e jornalista, respectivamente. O aspecto elogioso das avaliações é verificado contextualmente. Quanto à ocorrência (278), o elogio se deve ao fato de que a leitora Dione havia feito comentários pertinentes sobre dieta e metabolismo. Em (279), o autor Marcos é elogiado pela qualidade do texto de seu relato de viagem, aproximando-o de uma escrita jornalística.

Já em (280) e (281), as avaliações são negativas. A eficiência de Jô Soares como entrevistador é questionada em (280), em que o usuário Allan assume considerá-lo “*humorista ultrapassado*”, desqualificando-o de sua profissão efetiva. Em (281), o leitor Chacon critica o colunista do Jornal Folha de São Paulo, Kennedy Alencar, por uma crítica feita a José Serra. Para tanto, o leitor formula uma mesclagem lexical que une “petralha” (designação pejorativa para petista – simpatizante do PT) e “jornalista” para formar “*petralhista*”, que seria o jornalista que usa seu papel profissional para fazer campanha partidária para o PT. Um empenho investigativo futuro deverá analisar a riqueza pragmática dessas ocorrências, que compartilham uma estrutura formulaica semelhante, mas empenham-se em propósitos distintos: elogiar ou criticar.

### 6.11.3 Ocorrências feitas por um mesmo produtor textual

Durante a organização dos dados, obtivemos ocorrências distintas atribuídas a um mesmo produtor textual em diferentes postagens. Apresentamos, em (282) e (283), as ocorrências produzidas pela usuária “Bext4 S2 Ivy”, na categoria “Futebol brasileiro”, do YR; e, em (284), (285) e (286), as ocorrências feitas por Ailton Monteiro, em seu blog Cinediário:

(282) **Até que pra quem se contentava em ser as viúvas de Pelé...  
tão bem marrento!**

Bext4 S2 Ivy • 4 anos atrás (YR: Futebol brasileiro/12/11/11/091)

(283) **Até que pra quem nunca ligou pra greNAL...  
vcs tão muito interessado, neh ?**

Bext4 S2 Ivy • 4 anos atrás (YR: Futebol brasileiro/26/02/12/096)

(284) **Quem sabe no próximo fim de semana, se o filme continuar em cartaz. E até que, para quem achava que ia passar o feriadão na clausura, até que eu socializei bastante nesses dias.** (Blog: Cinediário/07/09/09/018)

(285) **Se é para o bem do filme, que venham as mentiras e os exageros. Aliás, até que para um filme assumidamente classificado como melodrama, até que Muccino fez um trabalho bastante contido.** (Blog: Cinediário/03/02/07/128)

(286) (...) mas esse interesse vem da obra original, o romance "As Pelejas de Ojuara", de Nei Leandro de Castro, que não é transposto para o cinema de modo muito acertado. Mas **até que para um diretor que tem no seu currículo os filmes do Padre Marcelo Rossi, da Xuxa e da Angélica, até que houve alguma evolução.** (Blog: Cinediário/03/10/07/131)

Tanto em (282) como em (283), a usuária “Bext4 S2 Ivy” usa uma estrutura parecida de formatação textual: as contrapartes “ATÉ QUE PARA X” e Y são separadas por reticências e dispostas em linhas diferentes. Provavelmente, essa disposição textual serve, em (282), para reforçar o uso da construção para marcar **ironia em X**, quando a usuária supostamente inferioriza os jogadores do time Santos, chamando-os pela expressão popular “*viúvas de Pelé*”. Em (283), infere-se que o emprego da contraexpectativa sirva para marcar a **incredulidade do produtor textual**. Neste caso, “Bext4 S2 Ivy” demonstra não acreditar no suposto desinteresse dos usuários do YR pelos jogos entre Grêmio e Internacional.

Já nos exemplos (284), (285) e (286), percebemos uma sistematicidade no emprego da construção pelo autor Ailton Monteiro. Em suas postagens, o autor empregou “**até que**” em Y, muito provavelmente como estratégia de reforçar a relação de quebra de expectativas das ocorrências. Em (284), reforça sua surpresa em ter se socializado num período em que sua expectativa seria de isolamento social. Em (285), reforça o talento do diretor Gabriele Muccino por seu trabalho no filme dramático “*À procura da felicidade*”. Em (286), atribui evolução ao trabalho do diretor Moacyr Góes, por seu trabalho no filme “*O homem que desafiou o Diabo*”. A sistematicidade de instanciação da CCCAE observada em enunciados como os desses dois produtores textuais poderá render futuros estudos sobre o papel de possíveis preferências enunciativas dos sujeitos.

#### 6.11.4 Coocorrência de CCCAS e CCCAE

Em alguns casos, a busca por ocorrências de CCCAE resultou na aparição de instâncias de CCCAS, que não foram contabilizadas nos dados por questões metodológicas. Assim, situações como a apresentada em (287) ilustram casos em que houve, no **cotexto**, alguma instância de CCCAS (em sublinhado) quando a busca visava à obtenção de dados de CCCAE (em negrito):

(287) Na Estrada

Menino sentado com a roupa suja de terra na lateral da estrada, com um olhar cabisbaixo, riscando a poeira com um graveto.

Surge um vigário em um cavalo, devagar até parar na frente do garoto e diz:

- Você aí menino, para onde vai essa estrada?

O menino olha desconfiado, protegendo os olhos do sol para observá-lo e diz:

- Ela não vai não, nós é que vamos nela.

(...)

O menino muito esperto, já pensando em aprontar com o vigário, diz:

- Gostaria de um pouco de suco?

E o vigário responde:

- Claro!

Os dois saem em caminhada até uma simples casa na beira da estrada, o garoto Zé entra e rapidamente aparece com uma cuia em suas mãos. O vigário cheio de sede bebe e diz:

- Pra quem gosta de fazer tantas gracinhas até que seu ato foi bem generoso.

O menino com cara de “sabichão” diz:

**-Até que para um vigário o senhor é pouco inteligente.**

O vigário já confuso pergunta:

-Como assim pouco inteligente?

O menino Zé com um sorriso maroto no rosto diz ao vigário:

-Está vendo essa cuia? Pois é, eu a uso para fazer xixi.

O vigário irritado grita:

-Ah moleque! Vou quebrar essa cuia na sua cabeça.

Zé sem perder a piada complementa:

-Calma Sr. Vigário, quem vê suco não vê mijão.

Geração Y

Escrito por: Rafael Biazão em 31.8.10 2 comentários (Blog: Agência Geração Y/2010/169)

O texto da postagem de Rafael Biazão, apresentado em (287), faz intertextualidade com o famoso “*Continho*”, do escritor mineiro Paulo Mendes Campos, ao parodiar os diálogos entre o vigário (assumido como pessoa astuta) e o menino Zé, que se mostra mais astuto. As instâncias de CCCAS e CCCAE evidenciam quebras de expectativas em relação a dois estereótipos: (i) de menino levado, em relação à generosidade (*Pra quem gosta de fazer tantas gracinhas até que seu ato foi bem generoso*); e (ii) de vigário, em relação à falta de astúcia (*Até que para um vigário o senhor é pouco inteligente*). As instâncias de CCCAS e CCCAE ocorrem num intervalo de espaço textual muito curto. Assim, estudos mais aprofundados poderão verificar a possível produtividade de uso de uma estrutura não-canônica concessivo-comparativa, em decorrência da presença de outra estrutura não-canônica semelhante.

Exemplos como o apresentado em (287) instauram uma frutífera oportunidade de aprofundar estudos sobre a possível relação existente entre os usos das CCCAS e CCCAE – como ironia e deboche – e um dos gêneros literários mais propícios e convidativos à brincadeira, à ironia e ao deboche: a paródia.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nossas considerações sobre os percursos metodológico e analítico empreendidos.

Devido à já relatada dificuldade metodológica para obtenção de um número representativo de dados sobre a CCCAS, a pesquisa concentrou-se nas instâncias da CCCAE. No entanto, tal dificuldade metodológica não deve sublimar o potencial representativo da CCCAS como opção legítima e corriqueira para estabelecer relação concessivo-comparativa. Esse exemplo recente de uma ocorrência de CCCAS reafirma a atualidade e pertinência da construção:

(288) Engraçado, né? Pra alguém que morreu carbonizado, você tá inteirinho, hein?<sup>168</sup>

Em um diálogo na cena final do capítulo exibido em 08 de março de 2016, da novela “*A Regra do Jogo*”, da Rede Globo, o personagem Zé Maria (Tony Ramos) dirige-se a Romero Rômulo (Alexandre Nero), que havia supostamente morrido em incêndio. Ao surpreendê-lo em uma sauna, Zé Maria produz seu enunciado utilizando uma instância de CCCAS.

Na cena descrita, a contraexpectativa promovida pela construção marca a incredulidade do falante, ao situar duas situações biologicamente incompatíveis: morrer e estar vivo. Este e diversos usos argumentativos da CCCAS poderão ser mais explorados contanto que tenhamos acesso ostensivo a dados.

Em relação à CCCAE, o fato de haver mais ocorrências em blogs (tanto nas postagens como nos comentários) e no YR (na parte de respostas dos usuários – que são espaços para expressar opiniões – e menos no domínio Abril – que é um ambiente jornalístico e de linguagem mais formal – é um forte indício de que as construções concessivo-comparativas elegem ambientes menos controlados e de maior informalidade. Duas hipóteses de motivação para tal fato: (i) a estrutura não canônica usada para fazer relação concessivo-comparativa, que populariza essas expressões em ambientes informais; e (ii) o estilo subjacente de sarcasmo, que, ao elogiar criticando, permite uma penumbra avaliativa entre o dito e o quase dito.

---

<sup>168</sup>Link de acesso ao vídeo:<<<http://gshow.globo.com/novelas/a-regra-do-jogo/capitulo/2016/03/08/atena-planeja-ir-reuniao-que-elegera-o-novo-pai-da-facao.html#video-4869580>>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

De acordo com os dados, CCCAS e CCCAE demonstram ser construções do deboche, do sarcasmo e da ironia; construções do cotidiano e da informalidade. Instanciam situações que, em diversas vezes, acionam estereótipos, cristalizados ou circunscritos, numa relação que oscila entre uma leitura **complacente**, ao corroborar a existência do estereótipo, naturalizando-o, e uma leitura **resistente**, ao quebrar as expectativas já estereotipadas.

Esperamos ter demonstrado, ao longo deste trabalho, que as estruturas “PARA X [DISPARA FRAME/EXPECTATIVAS], Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” e “ATÉ QUE PARA X [DISPARA FRAME/EXPECTATIVAS], Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” são construções concessivo-comparativas, instanciadas respectivamente como CCCAS e CCCAE. Essas duas (tendo sido a última mais detalhadamente estudada) imprimem um sentido holisticamente depreendido como concessivo, que se assemelha, em certa medida, às relações de concessividade canonicamente expressas por “**embora p, q**”. Como vimos, o comentário avaliativo feito em Y ganha notoriedade a partir da contraparte “(ATÉ QUE) PARA X”, uma vez que essas contrapartes passam a ser assumidas como situações conflituosas.

Apesar de estrutural e semanticamente muito próximas, CCCAS e CCCAE são consideradas, pelo princípio de não-sinonímia, construções próprias, porém, interdependentes. Os subtipos dessas construções (CCCAS-ALGUÉM/CCCAE-ALGUÉM, CCCAS-QUEM/CCCAE-QUEM, CCCAS-UM/CCCAE-UM, CCCAS-UMA/CCCAE-UMA) apresentaram particularidades já esperadas devido às configurações sintático-semânticas, formando dois grandes conjuntos (ALGUÉM-QUEM e UM-UMA) de possibilidades de instanciação das construções.

A partir da noção de radialidade para tratar a centralidade de configurações construcionais, assumimos que as situações que denotam uma correferencialidade (direta ou indiretamente reconhecida) entre X e o elemento avaliado em Y são as mais centrais (em termos qualitativos e quantitativos). Nesses casos, a relação concessivo-comparativa parece se impor mesmo em situações que, *a priori*, não são reconhecidas como conflituosas.

No percurso descritivo e explicativo de CCCAS e CCCAE, a Semântica de *Frames* contribuiu fortemente com este estudo, uma vez que as noções de concessividade e comparação das construções estão atreladas às expectativas geradas pelos esquemas conceptuais (circunscritos ou compartilhados) em X e as cenas descritas em Y. O levantamento dos *frames*<sup>169</sup> acionados por X, ainda que de forma incipiente, permitiu vislumbrar algumas tendências e estereótipos sobre os quais são geradas expectativas.

---

<sup>169</sup> O levantamento dos *frames* acionados por X foi, conforme dito, conduzido de forma não técnica. O que chamamos de *frames* acionados por X assemelha-se aos conceitos entendidos como MCIs, que são os modelos cognitivos idealizados de pessoas e/ou produtos, compartilhados socialmente por um grupo maior ou menor de pessoas. As propostas de postulação e descrição de *frame* pela FrameNet seguem um tipo de sistematização não realizada neste trabalho.

Conforme visualizado no quadro 22, a CCCAE é muitas vezes usada para se falar de pessoas desdenhosas, ou iniciantes, ou pouco inteligentes, ou de materiais ou produções ruins.

Por viabilizar a descrição de construções em todos os níveis, a proposta descritiva desenvolvida pelo projeto *Constructicon* contribuiu como forma de esboçar a configuração das CCCAS/CCCAE (que não são casos de Construções de Estrutura Argumental) como construções que, embora bastante similares às de Realização do Qualificador de Grau, têm emparelhamento próprio. Certamente, um aprofundamento futuro, nos termos descritivos da SBCG (como é proposto em *Constructicon*), irá contribuir para, inclusive, fomentar nossas discussões sobre as diferentes configurações (**com** ou **sem** correferencialidade entre X e Y) propostas para as CCCAS e CCCAE.

Uma vez reconhecidas como construções eminentemente avaliativas, CCCAS e CCCAE receberam forte contribuição da Teoria da Avaliatividade, que forneceu uma instrumentalização para a descrição dos níveis de avaliações feitas. Ainda que incipiente, a proposta de relacionar os *frames* acionados em Y aos tipos de avaliações trazidos por Martin & White (2005) demonstra ser promissora em estudos futuros. Outra situação a ser aprofundada sobre a contribuição da Teoria da Avaliatividade diz respeito aos casos assinalados como aqueles “*sem-correferencialidade (alta)*”, discutidos na relação de centralidade da construção. São os casos que apresentam em X e em Y elementos de áreas semânticas mais distantes – como a relação de (in)adequação entre um brinco de planta carnívora e a usuária de tal brinco. Muito possivelmente, esses casos são reconhecidos como CCCAS/CCCAE devido à fluidez avaliativa, que, mesmo em avaliações diretamente apreciativas sobre **qualidade** de produtos, pode sinalizar, em última instância, uma avaliação subjacente ao **juízo** do comportamento humano.

Dentro de uma abordagem sensível aos dados, foi verificado que a avaliação promovida por CCCAS e CCCAE é comumente associada à marcação de uma contraexpectativa positiva (no plano da explicitação de recursos linguísticos). Observa-se, entretanto, que essa marcação não é estanque. Há uma gradação do nível avaliativo que vai de avaliações de contraexpectativa positiva (plena) até a crítica explícita. Essas construções são, portanto, ajustáveis, e demonstram operar num *continuum*, estabelecendo-se na penumbra entre o elogio e a crítica.

Por fim, ancorados na Teoria dos Espaços Mentais, propusemos que CCCAS e CCCAE estabelecem uma relação de cancelamento (ao menos parcialmente) de pressuposições, que atuam como inferências convidadas, sobre as categorias acionadas em “(ATÉ QUE) PARA X”, a partir da avaliação feita em Y. Essa avaliação, seja positiva ou

negativa, é sempre relativizada à comparação feita entre o elemento inserido em Y (não prototípico) e a categoria à qual pertence (em X). Dessa forma, CCCAS/CCCAE demonstram promover um processo conceptual de mesclagem que funde duas escalas pragmáticas de avaliação do elemento: uma escala que avalia o elemento como um todo; e uma escala que relativiza sua avaliação a uma comparação circunscrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. “O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística”. *Calidoscópio*. Vol. 4, n. 3, p. 156-178, set/dez 2006.
- BOAS, Hans. “Comparing constructions across languages”. In: \_\_\_\_\_ (Ed). **Contrastive studies in construction grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. pp: 1- 20.
- BOCHNAK, Michael Ryan. **Cross-linguistic variation in the semantics of comparatives**. Tese (Doutorado em Filosofia). University of Chicago: Chicago, 2013. Disponível em: <[http://linguistics.berkeley.edu/~bochnak/Home\\_files/Bochnak\\_dissertation.pdf](http://linguistics.berkeley.edu/~bochnak/Home_files/Bochnak_dissertation.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2015.
- BRONZATO, Lucilene Hotz. “O enquadre gramatical da interdição ou ‘Para bom entendedor meia palavra basta’”. IN: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Orgs.). **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- CARBONELL-OLIVARES, Maria. “A corpus-based analysis of the meaning and function of although”. IN: **IJES- International Journal of English Studies**. Universidad de Murcia. 2009. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br>>>. Acesso em: 18 out. 2013.
- COULSON, Seana. **Semantic Leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CREVELS, Mily. “Concessives on different semantic levels: A typological perspective”. IN: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds). **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse Perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Mental spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- DIEMER, Stefan. “Corpus Linguistics with Google?”. In: Proceedings of the 2<sup>nd</sup> Conference of the International Society for the Linguistics of English. International Society for the Linguistics of English. Boston, 2011.  
Disponível em:  
<<http://www.bu.edu/isle/files/2012/01/Stefan-Diemer-Corpus-Linguistics-with-Google.pdf>>  
Acesso em: 13 jan. 2016
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. [Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães]. Campinas, SP: Pontes, 1987 [1984].

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. “Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação”. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, p.7-18, jan/mar. 2008.

FAUCONNIER, Gilles. “Pragmatic entailment and questions”. IN: SEARLE, John; KIEFER, Ferenc; BIERWISCH, Manfred. **Speech act theory and pragmatics**. London: D. Reidel Publishing Company, 1980.

\_\_\_\_\_. **Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind’s hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. “Linguística Cognitiva: Pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares”. In: \_\_\_\_\_ (Org). **Espaços Mentais e Construções Gramaticais: do Uso Linguístico à Tecnologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

FILLMORE, Charles. J. “Frame Semantics”. In: **Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL-1981**. Seoul, Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O’CONNOR, Mary Catherine. “Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*”. IN: **Language**, Vol 64, No 3, 1988. (pp. 501-538)

FILLMORE, Charles; JOHNSON, Christopher; PETRUCK, Miriam. “Background to FrameNet”. In: **International Journal of Lexicography**. v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.

FILLMORE, Charles; LEE-GOLDMAN, Russel; RHOMIEUX, Russel. “The FrameNet Constructicon”. In: BOAS, Hans; SAG, Ivan. (Eds). **Sign-based construction grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012.

FRETHEIM, Thorstein “Interpreting concessive adverbial markers in English and Norwegian discourse”. IN: **Reports of the project Language in Contrast**. 2001. Disponível em: <<<http://www.hf.uio.no/ilos/forskning/prosjekter/sprik/pdf/fretheim.pdf>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

GATTO, Maristella. **The Web as Corpus: theory and practice**. London/ New Delhi/ New York/ Sydney: Bloomsbury, 2014.

GAWRON, J. M. “**Frame Semantics**”. 2008. Disponível em: <[http://www.hf.uib.no/forsknerskole/new\\_frames\\_intro.pdf](http://www.hf.uib.no/forsknerskole/new_frames_intro.pdf)> Acesso em 20 jan. 2010.

GOLDBERG, Adele. **Construction: A construction grammar approach to argument structure**. The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: The Oxford University Press, 2006.

HASEGAWA, Yoko et al. "On expressing measurement and comparison in English and Japanese". In: BOAS, Hans. (Ed). **Contrastive studies in construction grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

HILPERT, Martin. "Comparing comparatives: a corpus-based study of comparative constructions in English and Swedish". In: BOAS, Hans (Ed). **Contrastive studies in construction grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

HUANG, Shu-Ling; SHIH, Yueh-Yin; CHEN, Keh-Jiann. "Knowledge representation for comparative constructions in Extended-HowNet". In: **Language and Linguistics** 9.2. 2008. pp: 395- 413. Disponível em: <[http://ckip.iis.sinica.edu.tw/CKIP/paper/Knowledge\\_Representation\\_for\\_Comparative\\_Constructions\\_in\\_Extended-HowNet.pdf](http://ckip.iis.sinica.edu.tw/CKIP/paper/Knowledge_Representation_for_Comparative_Constructions_in_Extended-HowNet.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2015.

ITEN, Corinne. "Although revisited". IN: **UCL Working Papers in Linguistics**, v. 12. 2000. Disponível em: <<<http://www.phon.ucl.ac.uk/home/PUB/WPL/00papers/iten.pdf>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

IZUTSU, Mitsuko Narita. "Contrast, concessive, and corrective; toward a comprehensive study of opposition relations". IN: **Journal of Pragmatics**, n. 40. 2008. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

KENNEDY, Christopher. "Modes of comparison". To appear in the **Proceedings of CLS 43**. Disponível em: <<http://www.semanticsarchive.net/Archive/GMyNmMyY/modesofcomparison-cls43.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

KIM, Yong-Beom. "Concession and Linguistic Inference". IN: **Language, Information, and Computation: Proceedings of The 16th Pacific Asia Conference: January 31 - February 2 2002**, Jeju, Korea: The Korean Society for Language and Information, 2002. Disponível em: <<<http://aclweb.org/anthology-new/Y/Y02/Y02-1018.pdf>>>. Acesso em: 09/maio/2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1993.

KÖNIG, Ekkehard. "On the history of concessive connectives in English. Diachronic and synchronic evidence". IN: **Lingua**. V. 66. 1985. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

\_\_\_\_\_. "Grammatical semantics- concessive clauses" (s/d). No prelo.

KÖNIG, Ekkehard; SIEMUND, Peter. "Causal and concessive clauses: Formal and semantic relations". IN: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds). **Cause**,

**condition, concession, contrast:** cognitive and discourse Perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things:** what categories reveal about the mind. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LIGATTO, Dolores. “Discourse criteria in the selection of mood in Spanish: concessive clauses. IN: **Hispania**, v. 85, n. 1. 2002. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

LÜDELING, Anke; EVERT, Stefan & BARONI, Marco. “Using Web data for linguistic purposes”. In: HUNDT, Marianne; BIEWER, Caroline & NESSELHAUF, Nadja (Eds.). **Corpus Linguistics and the Web**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.

MARCONDES, Danilo. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MARTIN, James. “Introduction”. In: **TEXT** 23 (2). 2003. Pp. 171-181.

MARTIN, James; WHITE, Peter. **The language of evaluation:** appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MEYER, Charles F. et al. “The World Wide Web as linguistic corpus”. In: **Corpus Analysis. Language Structure and Language Use** [Language and Computers: Studies in Practical Linguistics 46]. LEISTYNA, Pepi & MEYER, Charles F. (eds), 241–254. Amsterdam: Rodopi, 2003. Disponível em: <<[http://www.lancaster.ac.uk/fass/projects/corpus/ZJU/xpapers/Meyer\\_Web\\_corpus.pdf](http://www.lancaster.ac.uk/fass/projects/corpus/ZJU/xpapers/Meyer_Web_corpus.pdf)>> Acesso em: 13 jan. 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. “As construções concessivas”. IN: \_\_\_\_\_ (Org.). Gramática do Português Falado. V. 7, 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PACAGNINI, Ana. M. J. “Estructuras proconcessivas con *por/para* + infinitivo”. IN: **Sintagma**. V. 24. 2012. Disponível em: <<[http://www.sintagma.udl.cat/export/sites/SintagmaNou/documents/articles\\_24/pacagnini.pdf](http://www.sintagma.udl.cat/export/sites/SintagmaNou/documents/articles_24/pacagnini.pdf)>>. Acesso em: 18 out. 2013.

PIRES, Gabriela da Silva. “**O desenvolvimento da Plataforma FrameNet Brasil:** descrição de algumas Unidades Lexicais dos frames Fechamento e Movimento corporal.” Juiz de Fora, 2010. 249 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. 249 fl.

PIRES, Gabriela da Silva; ROCHA, Ana Paula Antunes. “A gramaticalização de Até Que” IN: **Gláuks- Revista de letras e artes**. Vol. 11, nº 1. Viçosa: UFV; DLA, 2011.

PIRES, Robledo Esteves Santos. **Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho**: a configuração de uma construção hiperbólica do Português. Tese (Doutorado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/PIRES-Robledo-Esteves-Santos-2013-TESE.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

PETRUCK, M. “Frame Semantics”. University of California, Berkeley. 2008. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/papers/miriamp.FS2.pdf>> Acesso em 20 jan. 2010.

RETT, Jessica. **Degree modification in natural language**. Tese (Doutorado em Filosofia). The State University of New Jersey: New Jersey, 2008. Disponível em: <<https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/24864/pdf/1/>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

ROCHA, Ana Paula Antunes. **Gramaticalização das conjunções adversativas em português**: em busca da motivação conceptual do processo. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9754/9754\\_1.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9754/9754_1.PDF)>. Acesso em: 05 ago. 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Expressão da concessividade em construções do português do Brasil**. Rio de Janeiro, 2012. 271f. Tese (Doutorado em Línguas Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em: <<<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/RosarioIC.pdf>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

RUPPENHOFER, J.et al. **FrameNet II**: Extended theory and practice. Disponível em: <<[http://framenet.icsi.berkeley.edu/index.php?option=com\\_wrapper&Itemid=126](http://framenet.icsi.berkeley.edu/index.php?option=com_wrapper&Itemid=126)>> Acesso em 20 jan. 2010.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. “Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico”. IN: **Veredas**- revista de estudos linguísticos. v. 6, n. 1. jan/jun.2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

\_\_\_\_\_. “Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua”. IN: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). **Construções do português do Brasil**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SANTOS, Silvio César. **As construções comparativas superlativas disfêmicas**: uma análise sociocognitiva. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SantosSC.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

SARANGI, Srikant. “Editorial- Evaluating evaluative language- Srikant Sarangi”. In: **TEXT** 23 (2). 2003. Pp. 165- 170.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SQUARTINI, Mario. “Evidentiality in interaction: the concessive use of Italian Future between Grammar and discourse” IN: **Journals of Pragmatic**. 2012. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

SWEETSER, Eve; FAUCONNIER, Gilles. “Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory”. IN: FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (Eds). **Spaces, Worlds, and Grammars**. Chicago University Press: Chicago, 1996.

THOMAS, Jenny. **Meaning in interaction**: an introduction to pragmatics. London: Longman, 1995.

TOMASELLO, Michael. [1999] **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. “Historical Pragmatics”. IN: HORN, Laurence; WARD, Gregory (Eds.). **The handbook of pragmatics**. Malden/Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2004.

\_\_\_\_\_. **Constructions of intersubjectivity**: discourse, syntax, and cognition. New York: Oxford University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change** (Cambridge Studies in Linguistics, 97). Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VERHAGEN, Arie. “Concession implies causality, though in some other space”. IN: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds). **Cause, condition, concession, contrast**: cognitive and discourse Perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

\_\_\_\_\_. **Constructions of intersubjectivity**: discourse, syntax, and cognition. New York: Oxford University Press, 2005.

VIAN Jr., Orlando. “Avaliatividade, engajamento e valoração”. In: **DELTA** 28 (1). 2012. pp:105- 128.

VIEIRA, Amitza Torres. A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 178f.

VOGT, Carlos. **O intervalo semântico**. São Paulo: Ática, 1977.

WIECHMANN, Daniel; KERZ, Elma. “The positioning of concessive adverbial clauses in English: assessing the importance of discourse-pragmatic and processing-based constraints.” IN: **English Language and Linguistics**, v. 17, n. 1. Cambridge University Press. 2013. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

ZAMPRONEO, Silvana. “O papel dos satélites concessivos na estrutura subjacente da frase”. IN: NEVES, Maria Helena de Moura. **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/ UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

**APÊNDICE - 1:**  
**Localização da CCCAS nos textos**

ABRIL- Tipos de revistas:

	<b>ABRIL – Bloco PARA X (CCCAS)</b>	<b>Texto</b>	<b>Comentários</b>	<b>Total</b>
<b>1</b>	Veja	01	01	02
<b>2</b>	Veja/Blog Político	Ricardo Setti	01	02
		Reinaldo Azevedo	-	02
<b>3</b>	Exame	01	-	01
<b>4</b>	Quatro Rodas	01	-	01
	Mundo Estranho	01	-	01
<b>Total</b>		<b>05</b>	<b>04</b>	<b>09</b>

BLOG- Tipos de blogs:

	<b>BLOG – Bloco PARA X (CCCAS)</b>	<b>Texto</b>	<b>Comentários</b>	<b>Total</b>
<b>1</b>	Jornalismo e Política	03	-	03
<b>2</b>	Relato Pessoal	02	01	03
<b>3</b>	Variedades	01	-	01
<b>Total</b>		<b>06</b>	<b>01</b>	<b>07</b>

YAHOO - Categorias YR:

	<b>YAHOO – Bloco PARA X (CCCAS)</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>	<b>Total</b>
<b>1</b>	Futebol Brasileiro	01	-	01
<b>2</b>	Governo e Política	01	-	01
<b>3</b>	Solteiros e Namorando	01	-	01
<b>Total</b>		<b>03</b>	<b>-</b>	<b>03</b>

**APÊNDICE – 2:**  
**Localização da CCCAE nos textos**

ABRIL- Tipos de revistas:

	<b>ABRIL- Bloco</b> ATÉ QUE PARA X (CCCAE)	<b>Texto</b>	<b>Comentários</b>	<b>Total</b>	
<b>1</b>	Veja/Blog Político	Reinaldo Azevedo	-	06	06
		Augusto Nunes	-	01	06
		Blog Caio Blinder	-	01	06
<b>2</b>	Capricho/Blog do Jerri	-	01	01	
<b>3</b>	Viaje Aqui. Blog Quatro Rodas	01	-	01	
<b>4</b>	Veja. Notícia	01	-	01	
<b>Total</b>		<b>02</b>	<b>09</b>	<b>11</b>	

BLOG- Tipos de blogs:

	<b>BLOG – Bloco</b> ATÉ QUE PARA X (CCCAE)	<b>Texto</b>	<b>Comentários</b>	<b>Total</b>
<b>1</b>	Artesanato	09	05	14
<b>2</b>	Beleza, Dieta e Moda	20	04	24
<b>3</b>	Cinema, Tv, Séries e Entretenimento	21	06	27
<b>4</b>	Economia	02	-	02
<b>5</b>	Esporte	19	05	24
<b>6</b>	Estórias de Adolescentes	21	01	22
<b>7</b>	Jornalismo e Política	02	09	11
<b>8</b>	Livros	03	03	06
	Estórias de Adultos	09	-	09
	Conto erótico	03	-	03
<b>9</b>	Relato Pessoal	84	21	105
<b>10</b>	Religião	06	02	08
<b>11</b>	Tecnologia e Jogos	06	05	11
<b>12</b>	Variedades	14	13	27
<b>Total</b>		<b>219</b>	<b>74</b>	<b>293</b>

YAHOO- Categorias YR:

	<b>YAHOO - Bloco</b> ATÉ QUE PARA X (CCCAE)	<b>Pergunta</b>	<b>Resposta</b>	<b>Total</b>
<b>1</b>	Entretenimento e Música	01	17	18
<b>2</b>	Família e Relacionamentos	-	02	02
<b>3</b>	Futebol brasileiro	-	08	08
<b>4</b>	Governo e Política	01	06	07
<b>5</b>	Produtos Yahoo	-	04	04
<b>6</b>	Religião e Espiritualidade	-	20	20
<b>7</b>	Solteiros e Namorando	-	04	04

8	Outros/Diversos	Educação e Referência	-	02	02
		Grupos e Cultura- GLBT	-	02	02
		Livros e Autores	-	02	02
		Carros e Transportes	-	02	02
		Biologia	-	01	01
		Ciências Humanas	-	01	01
		Filosofia	-	01	01
		Filosofia Verde	-	01	01
		Fórmula 1	-	01	01
		Saúde e Beleza	-	01	01
		Sociedade e Cultura	-	01	01
9	Outros/Eletrônicos	Internet	-	01	01
		Videogames e acessórios	-	01	01
		Videogame e Jogos	-	01	01
<b>Total</b>			02	80	<b>81</b>